
A Faeriewalker Novel
shadowspell
jenna black

shadowspell

O Misterioso Reino de Avalon

Jenna Black

Sinopse

Magia, ilusão, ameaças... Dana descobrirá o preço da liberdade O reino de Avalon nunca mais será o mesmo. Um grupo de caçadores bárbaros liderados pelo poderoso Erlking está a caminho do reino e promete causar a destruição total do único lugar em que humanos e feéricos convivem em harmonia. Porém, nem tudo está perdido. Dana Hathaway, uma faeriewalker com a capacidade rara de viajar entre os dois mundos e a única pessoa que pode levar magia ao mundo humano e tecnologia ao reino de Faerie, é obrigada a selar um pacto sombrio com o Erlking, que pode colocar a perder todos os seus poderes, deixando-a vulnerável perante um inimigo sedutor. Magia, sedução e muito suspense estarão presentes na vida de Dana, que nunca mais será a mesma...

1

Ter um encontro com um guarda-costas carregado no ombro é um saco.

Bem, tecnicamente, não era um encontro de verdade. Pelo menos, era o que eu continuava dizendo a mim mesma. Ethan era só um amigo. Um totalmente atrativo e sexy amigo, que fazia meus hormônios dançarem de felicidade, no entanto, era só um amigo. E sabia que era o que me convinha, continuaria sendo assim.

Depois de um par de desagradáveis traições, que tinham doído mais do que eu chegaria a admitir, Ethan tinha arriscado sua vida para me salvar e eu tinha concordado em apagar tudo e começar do zero. O problema é que não era tão fácil reconstruir a confiança quebrada, especialmente quando ainda tenho tantas razões para não confiar nele por completo.

Três semanas depois de ter salvado minha vida, tentei manter distância, mas isso não pareceu dissuadi-lo. Ligou, enviou e-mails e mandou mensagens instantâneas um bilhão de vezes me convidando para sair com ele e eu finalmente cedi. Ele queria que a gente fosse jantar e ver um filme. Isso parecia muito com um encontro, assim o fiz baixar a oferta para só um filme.

Enquanto estava sentada no escuro cinema ao lado dele, compreendi que minhas habilidades para negociar precisavam de treinamento. O jantar teria sido muito mais seguro que o cinema. Tentei ser sutil enquanto conferia sobre o meu ombro para ver o quão perto estava Finn, meu guarda-costas, me observando.

Para meu alivio, vi que tinha feito a cortesia de se sentar três fileiras atrás, o suficientemente longe para me dar a ilusão de privacidade, mas o suficientemente perto como para que ele pudesse vir me resgatar se fosse necessário.

Não estava surpresa de ver que tinha toda a atenção de Finn, a pesar da distração do filme. Ele era um Cavaleiro de Faerie, e tomava seu trabalho muito, muito seriamente. O qual era algo bom, porque as duas rainhas de Faerie me queriam morta.

Girei para voltar a estar de frente. Ethan estendeu o pacote de pipoca, e eu peguei um pouco, conseguindo encher meus dedos de sal e manteiga.

— Guardanapo? — perguntei, estendendo minha outra mão.

— Desculpa. — disse, mas o canto da sua boca se levantou formando seu sorriso de marca registrada. — Esqueci de trazer guardanapos.

Dei meu melhor olhar desagradável, sem acreditar na expressão inocente que estava me dando. Talvez ele pudesse desfrutar me vendo lamber os dedos, mas não ia dar a ele essa satisfação. Teria ido à entrada para conseguir meus próprios guardanapos, só que teria que passar por três pessoas para chegar ao corredor. Ainda mais, o filme já tinha começado. Não é como se eu estivesse prestando atenção. Com um pequeno grunhido de resignação, agarrei outro punhado de pipoca e afundei um pouco mais no meu lugar.

De alguma forma, o braço de Ethan tinha chegado a rodear meus ombros. Tentei tirá-lo de cima (ainda que parta de mim tivesse preferido me apoiar nele).

— Este não é um encontro, lembra? — disse entre dentes, tentando soar brava em vez de sem ar. Tinha sido muito clara sobre isso quando tínhamos falado por telefone e Ethan tinha aceitado meus termos. Claro, só porque tinha estado de acordo não queria dizer que o tinha planejado cumprir.

Inclusive na escuridão do cinema, o sorriso de Ethan era devastador.

— Me lembro. Mas nunca disse que não poderia flertar contigo.

— Shh! — alguém disse na fila atrás da gente antes que eu tivesse a oportunidade de contestar.

Lancei faíscas quando o braço de Ethan se acomodou rodeando meus ombros.

Seria muito mais fácil resistir se ele não fosse tão...

irresistível. Era ardente inclusive para ser um Fae, com longos cabelos loiros e bonitos olhos verde-azulados. A pequena saliência no seu nariz sugeria que alguma vez tinha sido quebrado era o único impedimento para que não parecesse muito perfeito e o tornava mais sexy ainda.

Lembrei pra mim mesma que não tinha muito que ele pudesse conseguir, com Finn ali atrás nos observando como um falcão. Um guarda-costas com um lado de dama de companhia. Ethan era incrivelmente

desafiante, mas sempre tinha mostrado um saudável respeito pelo Cavaleiro.

Mastiguei as pipocas e tentei prestar atenção ao filme. Ethan não ajudou a melhorar a situação quando começou a acariciar ociosamente meu ombro com seus dedos. Sentia como se devesse lhe dizer para parar, mas eu estava gostando da forma com que sua carícia me fazia sentir arrepios. Apoiou-se mais perto de mim e senti o cheiro de uma picante loção pós barba mesclada com pipoca e manteiga. Antes que eu soubesse, estava descansando minha cabeça no seu ombro.

Se eu estava tratando passar a mensagem de “não é um encontro”, estava fazendo um péssimo trabalho.

Tinha perdido por completo o apetite pelas pipocas e não protestei quando Ethan baixou o pacote no chão. Não era capaz de limpar as mãos nos meus jeans, mas lamber os dedos seria muito...

vulgar. Ainda mais porque já tinha decidido que não ia dar a Ethan essa satisfação.

Ethan resolveu meu problema ao alcançar minha mão, para pegá-la e levá-la a sua boca. Estava suficientemente distraída para não ter ideia do que ele estava a ponto de fazer até que sua boca se fechou sob meu dedo. Fiz um barulho entre chiado e suspiro.

Meu cérebro disse a minha mão que se sacudisse se afastando da boca de Ethan.

Minha mão não escutou.

Ethan chupou gentilmente meu dedo indicador, sua suave e quente língua lambendo a manteiga e o sal. Minha boca secou, eu estava com dificuldade para levar ar para meus pulmões. Tinha pensado que ter um cara com quem nem sequer estivesse saindo colocando meu dedo dentro de minha boca fosse nojento. Isso demonstrava o pouco que eu sabia.

Ethan terminou com meu dedo indicador e continuou com meu outro dedo. Sentime como se fosse ter uma combustão espontânea. Meu rosto estava corado, quase febril e meu coração batia em algum lugar na minha garganta. Minha convicção de que isto não deveria parecer bem, estava desaparecendo rapidamente.

A desagradável parte desconfiada do meu cérebro, que dizia que nunca poderia voltar a confiar em Ethan depois de que uma vez tinha tentado usar em mim uma espécie de feitiço como as drogas que usam para a violação, se colocou em alerta máximo, buscando sinais de que minha reação era causada pela magia em vez de meus próprios desejos. Mas apesar de que minha pele formigasse com uma estranha sensação, era uma ardência prazerosa daquelas que te faziam curvar os dedos dos pés, não o choque elétrico do ardor da magia.

Ethan soltou minha mão e me encontrei girando a cabeça para ele, com a esperança de que me beijasse. Seus lábios estavam brilhantes pela manteiga e eu sabia que praticamente me afogaria em seu sabor. Com os lábios separados, se inclinou para mim.

Mas antes que seus lábios pudessem chegar a me tocar, um pedaço de pipoca bateu na ponta de seu nariz. Nós dois nos giramos para olhar para trás, não tinha notado que Finn foi comprar pipoca, de alguma forma, isso parecia algo estranho para que um Cavalheiro Fae fizesse, mas ele estava segurando outro punhado de pipoca como advertência e estava nos dando um olhar severo.

Suponho que ele não tinha visto o que Ethan estava fazendo antes do quase beijo, o mais provável seria que já estivéssemos enterrados em pipocas neste momento.

Minhas bochechas ardiam vermelhas, mas Ethan somente riu suavemente e voltou a encostar-se em seu lugar. Suponho que os mísseis de pipocas não poderiam o ter parado se ele realmente quisesse me beijar, mas sim arruinaram o ambiente.

Isso é algo bom, lembrei a mim mesma. Já tinha deixado que Ethan invalidasse meu senso comum e isso tinha me queimado. Ele afirmou que gostava de mim realmente, mais ainda estava difícil de acreditar. Um cara como ele não tinha nenhum problema em atrair garotas muito mais bonitas (e mais dispostas) que eu. Não tinha nenhum sentido que ele quisesse sair comigo entre todas as pessoas. A menos que tivesse motivos ocultos.

Há muito tempo, tinha pensado que era uma garota comum, ainda que minha mãe alcoólatra tivesse feito quase impossível ser tão comum como eu gostaria. Tinha enchido seu alcoolismo e fugi de casa, vindo para Avalon (o

único lugar onde Faerie e o mundo mortal se conectavam) para conhecer a meu pai Fae. Foi então quando descobri que era uma Faeriewalker, um individuo raro que podia viajar livremente entre Faerie e o mundo mortal, com a "vantagem" de poder trazer magia ao mundo mortal e tecnologia ao interior de Faerie. O ultimo Faeriewalker que tinha existido antes de mim, tinha morrido há setenta e cinco anos e encontrei a mim mesma enlaçada em um jogo de guerra política. Com Ethan e seu pai em um dos extremos desse laço.

Assim, era algo bom que Finn estivesse atuando tanto como dama de companhia como de guarda costas. A última coisa que precisava era me apaixonar por Ethan, sem importar o quão tentador que ele fosse. Não sem ter certeza de que era o que ele realmente queria de mim.

Passei o resto do filme me esquivando dos sutis avanços de Ethan. Seus olhos brilhavam com humor enquanto eu o fulminava com meu olhar e compreendi que isso tinha se tornado um jogo pra ele. O que ele poderia conseguir? O que poderia fazer sem que Finn visse? Deveria estar ofendida por não querer levar um "Não" como resposta, se não estivesse tão consciente dos sinais contraditórios que eu estava enviando. Sim, o esquivava, mas ele não podia deixar de notar que sempre parecia levar um tempo pra eu fazer isso.

— Você está se comportando como um imbecil. — disse chegado a um ponto enquanto agarrava seu pulso e movia sua mão tirando da minha coxa. A *parte superior* da minha coxa. Minha voz estava um pouco ofegante demais para ser convincente, e tinha o deixado mover sua mão muito mais acima do que era minha intenção.

Seu braço, o qual permanecia rodeando firmemente meus ombros, me deu um aperto.

— Estou sendo um perfeito cavaleiro. — sussurrou no meu ouvido. — Não vou fazer nada que você não queira que eu faça.

Bom, esse era o problema. Queria coisas que não tinha nenhum direito a desejar.

O que pelo menos não era prudente que as desejasse. E tudo o que permitia que ele conseguisse, dava a ele ainda mais razões para voltar a tentar

cada vez que o parava.

Quando o filme terminou, estava tão excitada, que era um milagre que não tivesse começado a arrancar minha roupa em publico. Se Finn não tivesse estado ali atrás, eu teria feito. Tinha a sensação de que estava perdendo a cabeça por Ethan, mas não sabia o que fazer a respeito.

Saímos do cinema de mãos dadas. Tenho certeza que Ethan teria me acompanhado a minha casa se ele pudesse, mas eu estava vivendo em uma casa de segurança subterrânea no coração da montanha, sobre a qual a cidade de Avalon estava construída. Podia contar nos dedos da mão o numero de pessoas que sabiam onde eu estava e Ethan não estava nessa lista.

Ele levantou minha mão até sua boca e beijou meus dedos quando paramos debaixo da proteção de um toldo. Estava caindo uma ligeira chuva e o asfalto brilhava pelo reflexo da luz das lâmpadas da rua.

Ethan soltou minha mão, e eu imediatamente senti falta do calor de seu tato enquanto me ajudava a colocar meu casaco. Olhou por cima da minha cabeça, suponho que a Finn, que estava perambulando atrás de mim.

— Me esmagaria se eu desse a ela um beijo de despedida?

— Provavelmente. — disse Finn secamente. Não era muito conversador.

Eu poderia ter dito a Finn nesse momento que parasse. Não era meu pai e “dama de companhia” não era realmente a descrição de seu trabalho. Não acredito que ele gostasse muito de Ethan, mas tinha certeza de que eu o agradava, então um beijo de despedida era relativamente inocente. Mas já tinha deixado que Ethan saísse com do que devia e era o momento de me manter firme.

— Isso não é um encontro. — disse pela milionésima vez. — Não chegaria a me dar um beijo de boa noite nem que Finn te esmagasse.

Ethan me mostrou um triste e cético sorriso.

— Certo. — disse — Continuo esquecendo. Não é um encontro. Entendido. — Estendeu sua mão e subiu o capuz do meu casaco. Seu dedo acariciou “acidentalmente” um lado do meu rosto quando afastava a mão. Não pude evitar tremer de prazer.

— Talvez pudéssemos resolver isso da próxima vez. — sugeriu — Quer ir comigo na festa de Kimber?

Kimber, a irmã da Ethan, era minha melhor amiga. A festa de seu aniversário seria na sexta à noite e eu a estava ansiando mais do que podia dizer.

— Boa tentativa, Romeu. — disse, ainda que duvido que soasse tão sofisticada como era minha intenção. — Kimber será o centro das atenções na sua festa e não você.

Ethan rodou os olhos.

— Obviamente, você nunca foi a uma festa da família Leigh. Mas entendo. Só me reserve uma dança, de acordo? — me deu outro sorriso. — Aos amigos sempre é permitido dançar juntos, certo?

Internamente, eu gemia. Tinha o pressentimento de que dançar com ele seria outra batalha de vontades (o anjo em mim versus meu demônio).

— Claro. — disse. — Enquanto mantenha suas mãos quietas.

Ele levantou uma sobrancelha e lembrei o quão mal que tinha feito em cumprir essa regra durante a noite. Acredito que voltei a ruborizar, mas enfrentei seu olhar desafiador tão valente como pude.

Com malicia piscando em seus olhos, me deu uma piscada, beliscando meu nariz como se fosse uma garotinha, logo caminhou para a chuva, sem que parecesse importar que não tivesse um casaco nem tampouco um guarda chuva. Observei-o, sem poder desviar o olhar, até que deu a volta na esquina no final da quadra.

2

Ethan era um problema para mim, mas se fosse o único problema com o qual eu tinha que lidar agora que vivia em Avalon, estaria certa de que poderia ter lidado com ele sem muito esforço.

Eu tinha vindo aqui sob a errônea impressão de que a vida com meu pai estaria mais perto da normalidade do que a vida com a minha mãe. Que piada! Estava em Avalon apenas algumas poucas semanas e já estava me lembrando dos dias em que eu tinha sido a babá de minha mãe com algo quase como saudades. Eu realmente havia pensado que era horrível na época.

Eu tinha sido uma total solitária na escola, não porque fosse minha inclinação natural, mas sim porque minha mãe nos fez mudar a cada um ou dois anos para impedir que meu pai nos encontrasse e porque eu não podia me arriscar a deixar que meus companheiros de classe e potenciais amigos, soubessem que minha mãe era uma bêbada. Eu tinha aprendido da maneira mais dura em uma das escolas que eu menos gostava, onde havia sido ridicularizada implacavelmente.

Também tinha que agir como adulta em nossa família, porque minha mãe estava sempre muito embriagada para se preocupar com as pequenas coisas como pagar contas ou comprar comida. E nem sequer vamos falar do quão perto eu tinha que vigiá- la para me assegurar de que ela não se colocasse diante do volante quando estava bêbada!

Nem em um milhão de anos eu teria imaginado a mim mesma relembrando essa vida com nostalgia. Mas então, não havia um só aspecto de minha vida em Avalon que cumprisse as esperanças e expectativas que eu havia tido quando eu decidi vir.

Em vez de viver em uma casa agradável e normal na bela cidade de Avalon, eu vivia no que era basicamente uma impressionante caverna, que se encontrava no centro da montanha. Minha casa de segurança tinha todas as comodidades, tais como eletricidade, água corrente e uma conexão de internet. Tinha uma bonita decoração e podia superar a falta total de janelas, podia-se inclusive dizer que era confortável. Mas ainda parecia uma prisão para mim, com um quarto de guarda que se encontrava entre minha suíte e a porta de entrada.

Acho que meu pai teria preferido que eu ficasse em minha casa de segurança horas, sete dias por semana, mas (graças a Deus) ele pareceu entender que eu ia ficar louca se não me deixasse sair regularmente. Nunca poderia sair sozinha, sempre tinha que ter papai ou Finn ao meu lado, mas pelo menos não era uma prisioneira de tempo integral. No entanto, ainda passava a metade do tempo me sentindo neuroticamente afetada pela longa reclusão. Eu entendia a preocupação de meu pai e eu não queria arriscar que me matassem, mas odiava viver em isolamento. Às vezes era difícil não odiar meu pai por isso, não importando o quão bem eu entendesse.

Sentimentos contraditórios ou não, quando meu pai se apresentou inesperadamente em um domingo ao meio dia para pegarmos minha mãe e irmos almoçar, eu estava tão feliz ante a perspectiva de sair, que poderia tê-lo abraçado.

Refreei o impulso, no entanto. Ele se portou com a típica reserva gélida dos Fae mais velhos, o que significava que uma palmadinha no ombro era uma mostra de afeto em seu livro. Ele podia não saber o que fazer com um abraço.

Minha mãe era outra história. No momento em que ela me viu, jogou os braços ao meu redor e me abraçou como se não tivesse me visto há anos. Havia na verdade, passado apenas três dias desde a última vez que ela havia me visitado, mas minha mãe era tão prisioneira do meu pai quanto eu, já que ele tinha subornado ou manipulado os tribunais de Avalon de forma que a declararam legalmente incompetente. Tinha sido uma maldita artimanha, mas tinha resultado algo definitivamente bom. Enquanto minha mãe estava sob o polegar de meu pai, ele não lhe permitia acesso ao álcool. Este era o tempo mais longo em que ela havia estado sóbria que eu podia me lembrar, e me pareceu difícil estar irritada com meu pai pelo que ele havia feito.

Ele nos levou a um dos melhores restaurantes de Avalon, nos reservando uma mesa no balcão. Pela primeira vez, era um dia calmo e bonito em Avalon e a vista da nossa mesa era espetacular. Pelo menos teria sido se eu estivesse disposta a olhá-la.

Devido a eu ser uma Faeriewalker, quando olho através das fronteiras de Avalon, vejo uma desorientada e nauseante imagem dupla (chamada Glimmerglass) do campo inglês e dos bosques Faerie. Portanto mantive o

olhar estritamente dentro das fronteiras, que eram suficientemente bonitas.

As pitorescas ruas e casas de Avalon se estendiam sob mim. A estrada principal em forma espiral desde a base da montanha até seu ponto mais alto era de um asfalto muito moderno, mas quase todas as ruas laterais estavam asfaltadas. As lâmpadas estavam feitas para se parecerem com antigos lampiões a gás, e muitos dos edifícios haviam permanecido, mais ou menos, em sua forma atual durante séculos, dando a cidade um ar antigo apesar das ocasionais cadeias de lojas.

A montanha estava densamente povoada, os moradores de Avalon tinham se amontoado em edifícios tanto quanto era possível no aspecto limitado e no entanto conseguiam ser exuberantes e verdes. Aqui todo mundo parecia ter jardineiras nas janelas, cheias de flores e a erva aproveitava todos os pedaços de terra para fincar raízes e subir pela fachada do edifício mais próximo. Praticamente cada centímetro da cidade era um postal a espera de se produzir.

Devido a minha visão sem obstáculos, eu podia ver abaixo claramente o fosso que rodeava Avalon, atravessado pela ponte que conduzia para a Porta Ocidental. Do alto, o fosso parecia tão pitoresco como qualquer outra coisa, apesar de sua cor marrom barro.

No entanto, há algumas semanas, minha tia Grace havia me jogado nesse fosso e eu tinha descoberto que ele era habitado por Bruxas Aquáticas, desagradáveis e malévolos monstros. Eu nunca seria capaz de olhar no fosso de novo sem me lembrar da sensação de ser agarrada e arrastada para baixo. Não acho que tia Grace estivesse realmente tentando me matar quando me atirou lá dentro. Ela tinha idealizado algum tipo de plano de loucos para usar meus poderes para assassinar Titânia, a Rainha da Corte Seelie e quando seus planos se frustraram, me jogou na água como distração enquanto fugia para Faerie.

Meu pai tinha um grande gosto para restaurantes. A comida era fantástica. A conversa...

nem tanto. Eu sabia que meus pais tinham se amado uma vez, mas isso foi há muitos anos. Mesmo que papai entendesse porque minha mãe havia me mantido em segredo para ele, não parecia poder perdoá-la por isso. E mamãe não podia perdoar papai por inúmeras coisas, não sendo menos importante

sua sobriedade forçada. Neste ponto, eles não podiam estar de acordo em que o céu era azul, e muito menos concordarem sobre algo importante, como o tema atual do debate.

Mamãe queria que eu fosse para a escola no outono como uma garota normal.

Papai decretou que a escola era um risco de segurança grande demais e que eu deveria ser educada em casa. Para nenhum dos dois parecia importar o que eu pensava, nem sequer se incomodaram em me perguntar. Mas eu sabia que, no final, a palavra do meu pai seria lei. Ele era meu tutor, além de tudo. Não é que mamãe tivesse nenhuma intenção de admitir o ponto.

Eu estava atenta aos dois, tentando aproveitar a comida, o clima e a vista.

Continuei percebendo que meus olhos eram atraídos para o fosso e o ponto que se estendia sobre ele, apesar das lembranças desagradáveis que isso desenterrava.

Continuava me obrigando a olhar para outro lado, mas meu olhar sempre parecia voltar.

Eu estava olhando mais uma vez para o fosso quando vi alguém fugindo da guarita do guarda em uma corrida frenética. Era um homem Fae, vestido com uma túnica verde e meias como um extra em um filme de Robin Hood. Mesmo na distancia, eu podia ver o terror no rosto do homem e o sangue que escorria por sua testa. A visão me fez dar um grito afogado e outros ao meu redor seguiram meu olhar, já que um murmúrio começou entre os comentários no balcão.

O Fae havia percorrido um terço da ponte, ainda correndo precipitadamente.

Abrindo caminho entre os transeuntes mais lentos, quando finalmente eu vi *porque* ele corria. Uma porta alta se abriu e uma figura de pesadelo apareceu.

Completamente vestido de preto, com o rosto oculto sob uma grotesca mascara negra com um olhar lascivo, boca com presas e malvados chifres afiados. Todo seu corpo estava coberto com uma armadura negra brilhante,

salpicada de pontas selvagens. Montava um enorme cavalo negro, também coberto com placas de armadura.

Talvez fosse uma espécie de ilusão ótica, mas poderia ter jurado que vi um brilho ocasional de chamas brotando da narina do cavalo.

Ao redor de mim, as cadeiras caíram para trás quando as pessoas as afastaram e o murmurinho havia aumentado para um forte zumbido de alarme. O cavaleiro sacou uma reluzente espada de uma bainha coberta sobre suas costas e o zumbido se fez mais alto.

— Oh, não! — pensei ouvir meu pai dizer, mesmo sendo impossível ouvi-lo sobre as vozes em constante aumento dos outros comentários.

Atrás do homem de preto, muitos cavaleiros mais surgiram da porta, a qual eu percebi, devia ser a entrada para Faerie, cada um vestido com uma versão ligeiramente moderada da vestimenta de seu líder. Colocaram-se em um V e galoparam pelo posto atrás dele. Havia vários veículos no posto, mas os cavaleiros Fae não pareciam se importar, seus cavalos se esquivavam ao redor a uma velocidade sobrenatural, ou simplesmente saltando sobre eles como se fossem brinquedos, quando os freios assobiavam e clarinetes soavam.

— A Caça Selvagem! — alguém gritou.

— O Erlking...

— disse outra pessoa, com a voz fria de medo.

Eu estava de pé. Agarrando-me a borda do balcão sem me lembrar de que eu me levantei. Estava consciente de que meu pai me chamava, mas estava muito absorta com o que estava vendo para responder.

O líder dos cavaleiros estava se aproximando continuamente do Fae que fugia.

Em todas as partes, as pessoas pulavam fora de seu caminho e não havia sinal de que a patrulha da fronteira estivesse fazendo sequer um gesto simbólico para detê-lo ou ao restante dos cavaleiros. O homem de preto alcançou o Fae. Levantou-se no alto sobre os estribos, facilmente mantendo o equilibrio apesar da velocidade vertiginosa de seu cavalo. Alguém gritou

quando a espada brilhou sob o sol e começou a se balançar para o homem Fae.

Não vi o que aconteceu depois porque minha mãe chegou até mim e colocou sua mão sobre os meus olhos. Mas os gritos e exclamações ao meu redor me deram uma ideia muito boa sem ter que vê-lo com meus próprios olhos.

Mamãe me virou para que minhas costas ficassem contra a coluna. Papai jogou um punhado de dinheiro em nossa mesa, depois agarrou tanto o braço de minha mãe como o meu e começou a nos levar aos puxões.

— Temos que ir. — disse com urgência e eu não pude dizer quão terrível era ver o medo em seus olhos. Pelo que eu sabia, meu pai não tinha medo de nada e se *tinha*, era um mestre em não deixar que aparentasse. O que significava que eu poderia ver o medo nele agora?

As pessoas do interior do restaurante estavam saindo aos tropeços do balcão para ver o que estava acontecendo. Meu pai abriu caminho através da multidão reunida, usando máfia de algum tipo para tirar as pessoas de nosso caminho. Poderia ter objetado pela manipulação brusca, mas ao me lembrar do cavaleiro preto com a espada no alto, me deu vontade de correr e me esconder.

Meu pai fez um milhão de chamadas pelo telefone enquanto me levava à força de volta para casa de segurança. Mamãe caminhava ao meu lado com seu braço ao redor dos meus ombros. Seu rosto estava mortalmente pálido e seus olhos muito abertos.

— O que esta acontecendo? — perguntei enquanto meu pai continuava com suas chamadas. — Quem eram aqueles caras? — eu realmente esperava que dessem a volta e galopassem de volta para Faerie depois de que haviam...

tentei não pensar no que havia acontecido.

Minha mãe balançou a cabeça. — Aquela era a Caça Selvagem. — disse em um sussurro sem alento, como se dizer as palavras em voz alta, de alguma maneira fizesse que aparecessem do nada.

Esperei que se explicasse, mas não o fez. Talvez se esperasse que eu soubesse de repente o que era a Caça Selvagem, mas havia muitas coisas que eu não sabia sobre Faerie. Mamãe nasceu e se criou em Avalon e, algumas vezes, esquecia que Avalon não era como outros lugares.

— O que é a Caça Selvagem? — perguntei.

Havíamos entrado no sistema de túneis para começar a caminhada de regresso para a minha casa de segurança e acho que papai deve ter perdido seu sinal, já que finalmente guardou seu telefone celular.

— Eles são o pesadelo de Faerie. — disse ele em um tom tenso e cortado. — Um grupo de cavaleiros que vivem apenas para caçar e matar os Fae. Seu líder, o Erlking é o único homem a quem as Rainhas de Faerie temem.

— Esse seria o cara com a espada? — perguntei-lhe em voz baixa.

Papai baixou o queixo em um gesto brusco. — Sim. Todos os Caçadores são perigosos, mas nenhum mais do que ele.

Franzi o cenho, tardiamente ouvindo os matizes do que meu pai havia dito.

— Espera um minuto. Você disse que as Rainhas de Faerie o temem, plural. Mas ele é Unseelie, não? — Faerie se divide em duas Cortes, cada uma com sua própria Rainha. A Corte Seelie tinha a reputação de serem os bons (ainda que já que a tia Grace era Seelie, é obvio que a reputação nem sempre é certa). A Corte Unseelie é a Corte dos monstros e caras maus, mas isso era uma generalização, também. Ethan e Kimber eram Unseelie e eram muito decentes na maior parte do tempo. O Erlking parecia encaixar no estereotipo Unseelie perfeitamente. — Se ele é Unseelie, sem dúvida, a Rainha Unseelie não o teme.

— Ele não é nem Seelie nem Unseelie. — disse meu pai. — Ele esta

fora das Cortes por completo, um poder em si mesmo. Considera-se um Rei, apesar de ele não ter um reino real.

— E simplesmente se permite cavalgar em Avalon cada vez que lhe dá vontade e matar as pessoas em plena luz do dia? — havia visto provas de que a fronteira entre Avalon e Faerie era perigosamente porosa, mas pelo menos tinha a esperança de que a protegeriam melhor do que isso.

— Não. Não lhe permitem caçar em Avalon. É só que se alguém a quem ele está caçando em Faerie vem através da fronteira, lhe permitem perseguilo.

Nós estávamos nos movendo tão rápido que eu estava começando a ficar sem fôlego, então decidi guardar minhas perguntas por enquanto. Quando passamos da seção povoada dos túneis e entramos no caminho sem luz que me levava a casa, papai lançou algum tipo de feitiço que criou uma bola de luz, que pairava sobre nossas cabeças e nos mostrava o caminho. Meu pescoço continuava formigando e eu me mantive olhando para trás. Não é que eu realmente estivesse esperando ver o Erlking vindo para mim em seu terrível cavalo negro, mas estava completamente assustada.

Nunca o admitiria, mas estava feliz de que minha mãe tivesse coberto os meus olhos. Já havia visto coisas suficientes em Avalon que atormentavam meus sonhos. Não precisava de mais uma.

Quando finalmente chegamos à casa de segurança, papai pediu a minha mãe que preparasse um pouco de chá para todos nós, enquanto ele e eu esperávamos no quarto da guarda até que Finn chegasse. Saiu soando mais como uma ordem do que um pedido, mas minha mãe não se opôs.

O quarto de guarda não era tão acolhedor como a sala de estar em meus aposentos, mas havia uma área de descanso bastante confortável. Deixei-me cair pesadamente no sofá, mas papai estava muito agitado para se sentar.

— Certo. — eu disse. — Qual é a história exclusiva sobre o Erlking? Por que tivemos que voltar para as montanhas tão logo você o viu? Você disse que não era permitido caçar em Avalon.

— É complicado. Soltei um suspiro.

— Como se alguma coisa neste lugar fosse simples. Vamos papai. Diga-

me o que esta acontecendo. Não tenho direito de saber?

Ele deixou escapar um suspiro de frustração, o que pareceu liberar parte de sua tensão. Ficou olhando o chão enquanto falava e tinha a mandíbula apertada tensamente.

— Há muito tempo atrás, o Erlking e sua Caça Selvagem foram o flagelo de Faerie.

Isto foi há muito, muito tempo. Eles caçavam os membros de ambas as Cortes, sacrificando-os a vontade. Aqueles que não mataram foram obrigados a se unir a Caça, escravos da vontade de Erlking. Às vezes, a Caça chegava a Avalon e causava estragos entre os mortais que viviam aqui. Os mortais que entravam na Caça Selvagem, invariavelmente morriam, seus corpos eram empurrados até o limite, já que tentavam manter o implacável ritmo da Caça.

Minha mãe entrou no quarto de guarda, carregando uma bandeja com o chá. Eu era mais uma garota de café, mas as pessoas em Avalon, aparentemente, não podiam viver sem seu chá. Eu estava aprendendo a tolerá-lo para ser côrtes. Mamãe colocou a bandeja sobre a mesa de café, depois o derramou em três xícaras quando meu pai continuou: — Com o tempo, as Rainhas de Faerie foram capazes de fazer um trato com o Erlking, um acordo que selaram com magia. O Erlking concordou em que já não caçaria aos membros de nenhuma Corte sem a permissão da Rainha da dita Corte.

Desde então, ele e sua Caça Selvagem foram assassinos e velhacos das Rainhas Faerie.

Continuam sendo um pesadelo, mas um pesadelo *contido*. Franzi o cenho enquanto reconsiderava.

— O que o Erlking ganhou com este acordo? — Papai mexeu o chá com intensidade calculada.

— Ele ganhou o privilégio de caçar os marginais das Cortes. Minha careta se aprofundou.

— Mas ele já estava caçando-os, não é?

Meu pai não respondeu.

— Acho que há outra parte do trato. — minha mãe disse, surpreendendo-me. — O Erlking vive para a caça. É parte de sua natureza Elemental e, no entanto, permitiu que as Rainhas lhe colocassem limites. Ele *deve*ter ganhado alguma vantagem disso.

Mas parece que os Fae que tem idade suficiente para lembrar, estão submetidos a um *Geis* para não falar disso.

— O que é um *Geis*?

— É uma restrição que é imposta por magia. O feitiço foi lançado pelas duas Rainhas e ata a todos os membros de suas Cortes. Os Fae que tem idade suficiente para se lembrar, literalmente, não *podem* falar disso.

Papai continuou mexendo o chá, voltas e voltas. Olhei dele para mamãe e vice versa.

— Você é bastante velho para se lembrar? — perguntei para meu pai.

Ele concordou com a cabeça, mas não disse nada.

— E não lhe é permitido falar disso?

Ele virou a cabeça e me olhou, mas ainda não falou. Nem sequer assentiu ou negou com a cabeça.

— Deve ser um *Geis* muito poderoso. — disse minha mãe. — Nem sequer podem dançar ao redor da verdade. Simplesmente não podem falar disso, absolutamente. Nem mesmo podem admitir que um *Geis*exista, apesar de todo mundo saber.

— E ninguém tem ideia do que estão escondendo? — Mamãe negou com a cabeça.

— Há muitas, muitas teorias, mas eu não acredito que alguma seja mais provável do que outra para ser verdade.

Digeri tudo por um tempo, frustrada porque não pude conseguir a história completa. Obviamente, eu tinha visto a evidência mais do que suficiente de que o Erlking era um tipo de medo. Mas ainda não entendia porque papai tinha reagido como se o tipo fosse uma ameaça direta para mim.

— Se o Erlking não pode caçar em Avalon. — eu perguntei ao meu pai.

— Porque você está tão preocupado?

Papai finalmente tomou um gole de seu chá bem mexido.

— Não pode *caçar* em Avalon. Isso não quer dizer que ele não pode matar. Ou pior. Há um *Geis* sobre ele que lhe impede de atacar a qualquer pessoa dentro das fronteiras da cidade, com exceção das pessoas que ele persegue até aqui desde Faerie. O *Geis* não lhe impede de se defender, no entanto, ele é livre para fazer o que quiser com alguém idiota o suficiente para atacar ele e seus Caçadores.

— Ainda não entendo. — eu disse. — Quem seria tão estúpido para atacá-lo quando sabem que lhe é permitido matá-los? — certamente não eu, o que deveria dizer que ele não era uma ameaça para mim, absolutamente. — Além do mais, não lhe basta voltar para Faerie agora que sua...

eh...

Caça terminou? — mais uma vez, eu tive que lutar com a imagem desse cavaleiro negro em seu cavalo negro levantando sua espada para matar um indefeso homem desarmado.

— O Erlking tem uma capacidade única para provocar as pessoas a agir contra seus próprios interesses. E não, duvido muito que ele vá voltar para Faerie. Cada vez que alguém é perseguido em Avalon, ele fica pelo menos algumas semanas. Inclusive, ele mantém uma casa aqui.

Balancei a cabeça. Havia um monte de coisas sobre Avalon que eu gostava, embora com alguma relutância, mas os detalhes estranhos de seu acordo com Faerie não estava entre elas.

— Porque você, em primeiro lugar, o deixou entrar na cidade? — perguntei-lhe.

— Você não deixaria que os Spriggans e outros monstros Unseelie cruzassem a fronteira e de alguma maneira ele parece mais aterrador do que qualquer um deles.

O sorriso de papai ficou irônico.

— De fato é assim. Que é a razão pela qual a cidade teve que fazer um acordo com ele. Era ou concordar com os termos pelos quais podem se dar ao

luxo de vir a Avalon, ou ir para a guerra contra ele. A maioria dos Fae são imortais, portanto nunca vão morrer de causas naturais. Mas pelo que qualquer pessoa pode dizer, o Erlking é *literalmente* imortal. Nos dias quando não havia guerra aberta entre ele e as Cortes, um Cavaleiro Seelie realmente havia conseguido decapitá-lo na batalha. O Erlking recolheu sua cabeça, colocou-a de novo em seu pescoço e matou o Cavaleiro. As pessoas de Avalon preferem não ter como inimigo um homem que não pode ser morto.

Vi sentido nisso, mas não podia dizer que me agradava. Pareceu-me que tinha que ter uma solução melhor. Não importa que eu não possa imaginar qual era. Supus que, considerando quão poderoso é o Erlking, tínhamos a sorte de que ele aceitasse que algumas limitações lhe fossem impostas.

Que diabos as Rainhas Faerie havia lhe dado para convencê-lo que parasse de caçar o seu povo? Fosse o que fosse, tinha que ser enorme. E eu duvidava que fosse algo bom.

Papai deixou sua xícara de chá e se virou para mim no sofá. Ele não tinha o rosto mais expressivo do mundo, mas eu tive uma imediata sensação de "uh-oh" mesmo antes que ele abrisse a boca. Minha mão apertou a xícara de chá e eu segurei a respiração.

— Não é impossível que uma ou ambas as rainhas pudessem ter enviado o Erlking para te matar. — meu pai me disse e a parte inferior do meu estômago se desprendeu.

Bem, eu já sabia que as Rainhas queriam me ver morta. Eu quero dizer, Titânia, a Rainha Seelie, cuja Corte eu estava tecnicamente afiliada (eu me recusava a dizer que *pertencia* a ela) teria ficado satisfeita se eu tivesse deixado Avalon para não voltar jamais. Mas já que Mab, a Rainha Unseelie, me caçaria até o final de meus dias se eu ficasse ou se eu fosse embora, meu pai teria decretado que era melhor que eu ficasse.

Preocupava-lhes meus poderes como Faeriewalker, como por exemplo, minha capacidade de portar uma pistola que funcionava em Faerie, o que era um perigo para seus tronos. Tendo em conta que minha tia Grace tinha querido me usar para assassinar Titânia e roubar seu trono, as Rainhas não estavam apenas paranoicas.

Mas ainda sabendo que as Rainhas me queriam morta, continuava sendo

um choque saber que poderiam ter enviado essa terrível criatura imortal e sua manada de Caçadores atrás de mim. Eu era apenas uma menina, pelo amor de Deus! É como usar um canhão para matar um pássaro.

Infelizmente, meu pai não tinha terminado.

— Sei que isto será um...

incomodo, mas acho que é melhor para todos se você permanecer na casa de segurança durante o tempo que durar a permanência do Erlking.

— Não! — a palavra saiu antes que eu tivesse a oportunidade de pensar ou baixar o tom de minha reação. Coloquei-me de pé e coloquei um pouco de distância entre meu pai e eu.

— Seamus. — minha mãe disse, tentativamente. — Talvez devêssemos...

— sua voz sumiu, apagada com o olhar frio que ele lhe deu. Estava começando a parecer que a fortaleza que ela tinha estava alimentada pelo álcool. Justo neste momento, eu teria gostado que voltasse a parte bêbada e teimosa.

Balancei a cabeça e cruzei os braços sobre meu peito.

— De maneira alguma você me manterá presa aqui durante todo o tempo em que o Erlking decida andar por aí! — me controlei para me manter sem gritar, mas escassamente.

— É para sua própria segurança. — ele disse, me testando com o mesmo olhar frio que tinha usado apenas em minha mãe.

Minha vontade sempre foi mais forte do que a dele e precisaria mais do que um olhar para me fazer retroceder.

— De forma alguma! — repeti. — Você mesmo disse que ele não pode atacar as pessoas a menos que lhe ataquem primeiro. Se você acha que eu vou atacar esse homem, você está louco. Ele não pode me fazer mal e você não pode me trancar neste calabouço como uma prisioneira.

Ira brilhou em seus olhos, mas sua voz permaneceu no mesmo nível.

— Posso e farei. — ele se levantou, elevando-se sobre mim. — Quando

você tiver tempo de se acalmar, vera que é o melhor.

— Com o inferno que o farei! — geralmente, faço um trabalho melhor do que este, mantendo meu temperamento sob controle perto dele. Em parte porque sempre era fácil me acalmar e em parte porque ele tinha muito poder sobre mim para que eu corresse o risco de contrariá-lo. Mas isto era demais.

— Você mesmo disse que não terá nenhum poder legal sobre mim quando eu fizer dezoito anos. — eu disse. — E que quer que eu fique em Avalon pelo resto da minha vida. Se me mantiver presa aqui, eu te juro que vou estar fora de Avalon no segundo que eu tenha a maioridade.

Eu não sou muito de chorar, mas eu não estava acima de um pouco de manipulação. Em vez de piscar as lágrimas que queimavam meus olhos, como faço normalmente, deixei que escorressem umas poucas pela minha bochecha. Papai tinha feito tudo em seu considerável poder para fazer da minha casa de segurança um lugar acolhedor e confortável. Mas o certo é que era um maldito calabouço e nenhuma quantidade de belas decorações podia esconder completamente a realidade.

Desde já, eu não queria morrer. Não sou uma total idiota. Portanto não me queixei (pelo menos não muito) por ter que viver aqui. E não me queixei (muito) de quase sempre ter um guarda costas por perto. Mas honestamente não acho que possa suportar se papai me obrigar a ficar aqui até que o Erlking decida que é hora de voltar para casa, e eu não acreditava que o Erlking fosse uma ameaça para mim.

Meu pai não é precisamente a pessoa mais fácil para se negociar. Teve séculos (pelo menos) de prática e tem tanta confiança em si mesmo e em suas decisões que, uma vez que tome uma posição, não tem a intenção de recuar. Nunca.

Olhou-me durante muito tempo e eu quase podia ver os pensamentos rebatendo ida e volta em sua cabeça. Talvez estivesse se perguntando se havia um argumento perfeito que poderia usar para me fazer mudar de opinião. Ou talvez estivesse se perguntando se realmente eu quis dizer o que disse.

Por último, ele deixou escapar um suspiro alto e claro e deixou os ombros caírem.

— Muito bem. — ele disse, soando como se as palavras estivessem sendo arrastadas para fora dele sob tortura. — Não vou insistir em sua estadia na casa de segurança constantemente. Mas vou insistir em que não saia daqui sem pelo menos dois poderosos guardiões e que sempre me consulte primeiro antes de fazê-lo.

Eu estava começando a relaxar, pensando que tinha ganhado a batalha, quando meu pai soltou uma bomba.

— No entanto, acho que dadas as circunstâncias, você terá que esquecer a festa de aniversário da sua amiga. Seria um risco de segurança muito grande.

Apertei os dentes para reprimir o protesto que queria entrar em erupção em minha boca. Eu sabia que papai nunca havia se emocionado com a ideia de que eu fosse à festa de Kimber. Não só porque Kimber era um membro da Corte Unseelie, enquanto que meu pai era Seelie, era também a filha de Alistair Leigh, o principal rival político de meu pai. Avalon é governada por um Conselho integrado por seis humanos e seis Fae. O décimo terceiro membro do Conselho (o Cônsul) vota para desempatar e portanto é, em muitos aspectos, a pessoa mais poderosa de Avalon. O Consulado mudava de mãos, dos Fae para as humanas a cada dez anos e tanto meu pai como o pai de Kimber esperavam ganhar a posição. Meu pai pensava que se eu comparecesse a sua festa, poderia ter implicações políticas e tinha deixado claro que preferiria que eu não fosse. Eu tinha deixado igualmente claro que eu não a perderia por nada desse mundo. Agora, parecia que a estúpida Caça Selvagem dava a papai a desculpa que precisava para que eu não fosse.

Ele estava esperando o meu protesto. Pude ver em seus olhos, na maneira dura que os mantinha. O instinto me disse que ele tinha cedido tudo quanto faria; que era de fato quase um milagre que ele, absolutamente, tivesse cedido.

Com papai, eu sabia que tinha que escolher minhas batalhas e tentava pegar apenas aquelas as quais eu tinha esperança de ganhar.

— Talvez a Caça tenha desaparecido até sexta-feira à noite. — eu disse, tentando soar otimista, mesmo que ultimamente, eu não esperasse que minha vida fosse tão fácil.

Note que falhei em aceitar explicitamente seus termos...

Papai relaxou e eu supus que ele não havia captado meu desvio verbal.

— Podemos esperar isso então. — ele disse em um tom que exteriorizou que não havia nenhuma esperança no inferno.

Mal o escutei, porque eu já estava começando a planejar como iria à festa de Kimber ainda que sem a permissão de meu pai.

3

Tão logo Finn chegou para me proteger, meu pai se foi, dizendo que precisava fazer planos adicionais de segurança. Eu esperava que ele levasse minha mãe com ele, mas não o fez.

— Voltarei para te buscar em algumas horas. — ele disse. — Penso que você e Dana irão querer passar um pouco de tempo juntas sem me ter olhando sobre seu ombro.

Mamãe inclinou a cabeça para ele com desconfiança.

— Oh? Tem certeza que não esta me deixando aqui para manter o seu cabelo?

Papai quase sorriu, mas a expressão foi tão rápida que eu a teria perdido se tivesse piscado.

— Isso também. — curvou a cabeça para cada uma de nós, sua versão de um adeus, depois conjurou sua pequena bola de luz e se dirigiu para dentro dos túneis.

Coloquei-me de pé no meio do quarto da guarda, repentinamente desconfortável, agora que estávamos eu, minha mãe e Finn, sozinhos. Por um lado, seria bom ter um pouco de tempo com minha mãe. Papai normalmente estava por perto quando eu ia visitá-la e mesmo quando estávamos sozinhas, raramente durava mais que alguns poucos minutos. Mas não me agradava deixar Finn sozinho aqui no quarto de guarda.

Sim, ele era meu guarda costas e esse era o seu trabalho, mas não podia dominar completamente a habilidade de meu pai para lhe tratar como uma peça de mobília.

Finn era muito forte, mas do tipo silencioso, portanto não passávamos muito tempo conversando, mesmo assim, depois de estar perto de mim durante algumas poucas semanas, acho que ele estava começando a entender como eu penso. Sem uma palavra minha ou de minha mãe, ele estava se deixando cair em sua poltrona favorita e ligando a TV. Ele passava pelos canais até que encontrava um programa, então ele parava, deixando claro que podia manter a si mesmo entretido.

Mostrando-lhe um sorriso de gratidão, reuni os restos de nosso chá e conduzi minha mãe pelo pequeno, fortificado corredor e entramos em meu quarto. As capas de proteção entre o mundo exterior e eu eram quase ridículas, se você me perguntar. Se alguém quisesse me prender, teriam que encontrar seu caminho para cá através da escuridão do sistema de túneis, depois derrotar as proteções da entrada dianteira, depois abrir seu caminho através de Finn. E se conseguissem fazer tudo isso, eu ainda podia correr até meu quarto e bater no botão do pânico que baixaria três portas de aço separadas para bloquear o corredor. Eu estava mais segura do que o ouro em Fort Knox.

— Vou fazer um pouco de café. — anunciei para minha mãe quando levei a bandeja de chá até a minha cozinha. — Quer alguma coisa?

— Não, mas se você puder colocar a chaleira para esquentar, terei outra xícara de chá.

Agarrei a chaleira elétrica e chacoalhei um pouco para ter certeza de que tinha água suficiente ali, então a liguei antes de colocar um pouco de pó de café para preparar. Mamãe esperou em minha sala enquanto tinha prontos o chá e o café e então servi-los. O café cheirava divinamente e o gosto era ainda melhor. Graças a Deus pelo Starbucks! O chá era tão comum que praticamente caia do céu ao nosso redor, mas o bom café era difícil de adquirir.

Uni-me a minha mãe na sala. Como habitualmente, desde que papai a tinha forçado a parar de beber, ela estava inquieta. Seus dentes estavam tão apertados em seu lábio inferior que estava machucando-o, ela arrancou uma das pequenas bolinhas que havia formado em casaco de lã. Eu nem sequer sei se ela percebia o que estava fazendo.

— Então. — eu disse, olhando-a por cima da minha xícara. — O que esta fazendo?

Sem a bebida, quero dizer. Você esta...

bem?

— Estou bem. — ela disse terrivelmente pouco convincente. — Não sei por que você e seu pai estão fazendo uma montanha de um grão de areia. —

ela tomou um gole de seu chá, sem me olhar. — Talvez eu estivesse bebendo um pouco demais, mas não é como se eu fosse uma alcoólatra. É só que eu estava muito estressada.

Minha mão se contraiu espasmodicamente em minha xícara e eu apertei meus dentes contra a afiada resposta que instantaneamente pulou em minha língua. Tinha pensado que ela estava pretendendo passar que tinha um problema. Eu já sabia que era uma causa perdida, tentei argumentar com ela de todas as formas.

— Mamãe, você passou pelo D.T[1] quando parou de beber. Se isso não te faz uma alcoólatra, então o que faz?

Ela balançou uma mão como se não importasse. — Eu te disse que sei que estava bebendo demais, especialmente depois que você se foi. Mas agora que estou aqui com você, esta tudo bem. Sinto falta de ter uma bebida de vez em quando e não gosto de ser tratada como uma criança.

Minha garganta doeu e eu tive que engolir forte para tentar me livrar do repentino nó que se formou. Papai havia me dito que não podíamos curar o alcoolismo de mamãe a força. Ele a havia mantido presa e não a deixava ter álcool e isso a mantinha sóbria. Mas não a curaria.

Realmente, eu queria acreditar que ele estava enganado. Mas se ela ainda não estava pronta para admitir que tinha um problema, então eu tinha a forte suspeita de que papai tinha razão. Se ela considerava beber constantemente desde o momento em que acordasse até o momento em que deitasse ou desmaiasse, ter uma bebida uma vez ou outra, então ela ainda estava em uma massiva negação.

— Falemos sobre outra coisa. — disse ela com um tenso sorriso. — Você esta esperando começar a escola no outono?

Eu estava mais do que feliz por mudar de assunto, embora suspeitasse que ainda estivéssemos no território da negação.

— Acho que papai deixou bastante claro que eu não irei para a escola. — meu coração se oprimiu com o pensamento. Nunca tinha estado tão louca pela escola, desde nossa constante mudança, quero dizer que sempre conseguia ser a garota nova e todos sabem o quão divertido é. Mas depois de

tudo eu já tinha passado este verão, passando tempo com um monte de outros garotos e pretendendo não ter nada mais sério com que me preocupar do que um explosivo interrogatório que soava como um paraíso na terra.

— Se você quiser ir para a escola, irá para a escola. — ela disse e eu fiquei agradavelmente surpresa em perceber que ela atualmente se preocupava com o que eu queria. — Não pode culpar seu pai por querer te proteger, mas ele vai pelo caminho errado e eventualmente entenderá.

Desejei confiar nela. Ainda assim eu não podia dizer que conhecia meu pai tão bem, mas sabia que ele era mais teimoso e seguro de si mesmo. Se já tinha decidido que a escola não era segura, honestamente não via como, nem minha mãe e nem eu, podíamos persuadi-lo disso.

Contudo, o semestre de outono não começava até dentro de oito semanas ou algo assim. Sempre tinha uma chance para que ambas fossemos muito otimistas pensando que eu estaria viva quando chegasse esse momento.

* Minhas costas bateram no tatame com um som entre um caminhar e um ruído surdo. O impacto forçou o ar sair dos meus pulmões, então tudo o que eu pude fazer foi tombar sobre minhas costas como um animal morto e tentar respirar. Keane veio se destacando sobre mim, sacudindo a cabeça e frisando o lábio com desdém.

— Isso foi patético. — disseme. Muito bonito me pilhar nesse reforço positivo.

Estava lutando fortemente para respirar e lhe dizer o que pensava dele, mas estou certa de que ele podia ler em meus olhos. Havia me dito uma vez que se eu não queria bater em sua cara durante nossas sessões de treino, então ele não estava fazendo seu trabalho. Estava fazendo seu trabalho *muito* bem.

— Se eu fosse um cara mal, agora você estaria morta. — ele continuou.

Sim, jogue na cara, pensei quando finalmente tive êxito em tirar um pouco de ar de dentro dos meus pulmões. Eu odiava o som asqueroso de respiração que ele estava fazendo, mas aparentemente, eu não podia pará-lo.

Por que, oh, por que eu tinha pedido lições de autodefesa? Mesmo meus melhores movimentos seriam inúteis contra o tipo de inimigo que as Rainhas Faerie enviariam para me matar. Mas depois de Finn ter sido brutalmente

golpeado por um monte de Knights enquanto eu não podia fazer nada para lhe ajudar, tinha decidido querer pelo menos a ilusão de utilidade. Esse é o porquê eu comecei minhas lições com o filho de Finn, Keane, o qual eu lamentava constantemente.

Mesmo quando minha respiração finalmente começou a ser mais fácil, eu fiquei caída no chão, não olhando para outra rodada. Estávamos treinando no salão da minha casa segura, o mobiliário empurrado contra as paredes para colocar o tatame no cômodo. Teríamos tido mais espaço se tivéssemos feito nosso treino no quarto de guarda, mas também teríamos tido plateia, Finn. Keane teria ficado bem com isso, mas eu não.

Não era somente que eu não queria que Finn me visse sendo feita de idiota, também. Eu tinha que pedir um grande favor para Keane, algo que não deixaria os demais ouvir. Agora, se eu apenas pudesse encontrar coragem para perguntar...

— Você vai tirar um cochilo ou vai levantar seu rabo e voltar ao trabalho? — Keane perguntou.

Eu o olhei. Meu corpo doía por ser golpeado repetidamente no tatame e meus músculos estavam tremendo pelo cansaço. Keane estava agindo teoricamente bem comigo, mas não podia dizer pela maneira no qual eu me sentia.

— Nem sequer está cansado? — rosnei me levantando dolorosamente em uma posição sentada.

Ele bufou.

— Com quinze minutos não estou.

Esse era o tempo que tinha passado desde que começamos? Parecia pelo menos uma hora.

— Acho que precisamos trabalhar em sua resistência antes de tudo.

Sabia que ele estava fazendo o trabalho para o qual havia sido contratado, mas eu estava doente e cansada de sua aptidão. Tratava-me como se eu fosse algum tipo de idiota porque eu não podia lutar como um guerreiro treinado. Bem, perdoe-me, mas antes de ter ido para Avalon, brigar não tinha

sido uma grande parte da minha vida.

Uma insinuação de malicia acendeu-se em meu peito. Uma vez, apenas uma vez, eu queria conseguir uma mão superior sobre meu detestável e idiota professor. E se eu tinha que jogar sujo, bom, isso era bastante forte.

Fiz como se eu me levantasse, gemendo dramaticamente. Não esperava que Keane caísse por isso, normalmente é como se ele soubesse o que eu vou fazer antes que o faça, mas talvez depois de algumas poucas semanas destas lições, ele estivesse começando a conseguir satisfação. Podia ver em seus olhos que sua atenção tinha vagado e peguei a vantagem. Em vez de me levantar, me projetei para frente, batendo nas pernas de Keane e golpeando-as para fora.

Ele deu um pequeno assobio e eu tive algo como meio segundo para sentir uma refrescante vitória. Em contra partida eu deveria ter ido a ele pelos lados, assim eu não teria ficado debaixo dele quando ele caiu. Como foi, ele caiu em cheio sobre mim, amassando meu rosto no tatame quando, novamente, minha respiração saiu de uma só vez dos meus pulmões. Ele estava tão coordenado que podia ter parado sua queda com as mãos, mas não, ele deixou que seu peso todo viesse sobre mim, praticamente me achatando.

— Bonito movimento. — ele disse e nem mesmo estava respirando com dificuldade. — Realmente você melhorou sua situação. — para enfatizar seu ponto, usou suas poderosas pernas para cravar meus braços em minhas costas, depois agarrou meus tornozelos.

Retorci-me, retorci e pude respirar um pouco melhor fazer inclusive isso, mas não podia fazer muito já que estava pouco no tatame com meus braços e pernas cravados. Podia mover minha cabeça, o qual Keane tinha me ensinado a usar como arma, mas não podia alcançá-lo com ela, então não podia fazer nenhum dano.

Definitivamente tinha perdido esta batalha.

— Pode me soltar agora. — eu grunhi. — Conseguiu seu ponto.

— Talvez eu não queira te soltar ainda. — soava realmente divertido. Alegrava-me que ele estivesse tendo um grande momento em minhas costas.

Soltei um pequeno grunhido de frustração. Como pude possivelmente

pedir ajuda em alguma coisa para este idiota? E ainda, não havia ninguém mais em quem eu pudesse pensar que fosse capaz de me ajudar para ir à festa de Kimber sem a permissão de meu pai.

Ocorreu-me que na posição em que Keane estava ele estaria olhando diretamente para minha bunda. Estiquei minha cabeça em torno para ver se eu tinha razão e com certeza...

Meu rosto esquentou com um rubor que eu não pude evitar. Entretanto, não tinha tanto para ele olhar, minha herança Fae me dava um figura ligeiramente mais feminina do que essa de um garoto adolescente, mas ainda era vergonhoso. Pior, ele encontrou meus olhos quando olhei ao redor e ele estava sorrindo. Não me agradava o sorriso mais do que me agradava suas habituais caretas e sorrisinhos.

Queria dizer algo genioso e mundano, algo para cortar-lhe a avaliação e fazer-lhe se arrepender desse estúpido sorriso. Mas tudo o que eu podia imaginar para dizer pioraria as coisas. Mordi a língua e fechei os olhos, determinada a esperar que ele se fosse. Pegaria esse momento para descansar e quando ele finalmente decidisse que estava cansado de me comer com os olhos, ou o que fosse que ele estava fazendo, eu teria um pouco mais de energia para devolver a luta.

Acho que suas habilidades para ler a mente estiveram outra vez em linha, porque no mesmo instante ele me liberou, rolando de cima de mim. Maldição. Era muito ter um descanso. Com um suspiro de resignação, forcei-me a me colocar de pé mais uma vez.

Passamos outra meia hora ou algo assim treinando. Se é que se pode chamar minha bunda sendo chutada repetidamente, de treino. No fim da sessão, eu estava pronta para me dar por vencida e deixar a luta para os guarda costas. A quem eu estava enganando, de qualquer modo? Buffy, a caça vampiros poderia ter sido capaz de chutar o rabo aos dezesseis anos, mas eu não.

— Não fique tão envergonhada. — disse Keane quando começou a enrolar os tatames. Provavelmente deveria ter lhe ajudado, mas eu estava muito cansada e bem envergonhada. — Está fazendo isso de forma genial.

Obviamente ele e eu tínhamos uma definição diferente de “genial”. Caí

pesadamente no sofá, sem me importar que tivesse que escalar por cima da mesa de café para chegar a ele. Tinha movido o mobiliário de volta ao seu lugar anterior.

— Quero dizer isso, Dana. — disse Keane, empurrando o tatame enrolado para um lado e colocando-se de pé. Ele colocou a mesa de café para fora do caminho, depois se sentou ao meu lado no sofá.

Estava um pouco perto para ser cômodo, então deslizei para ficar mais longe. Ao ser Fae, ele era extremamente divino por nascimento. Não podia decidir se sua aparência garoto pseudogótico malvado lhe fazia mais ou menos amável. Digo pseudogótico porque ele não tinha aparência suficiente. Seu cabelo estava pintado de preto azeviche, sua orelha esquerda tinha milhões de brincos, seu guarda roupa inteiro parecia ser preto e algumas vezes ele pintava as unhas de preto. Mesmo assim, havia algo estranhamente...

saudável em sua aparência. Se os Jonas Brothers tivessem decidido ser góticos seria assim que pareceriam.

Eu não podia evitar gostar do envoltório, mas a personalidade sob isso eriçava meus nervos mesmo nos melhores momentos.

— Você realmente conseguiu me humilhar a chutes, não é? — perguntei, então desejei ter mantido minha boca fechada. Deveria pelo menos fingir que não estivesse tão mal.

Não o olhei, mas pude ouvi-lo encolher os ombros. — Preciso te motivar para lutar duro, mesmo quando é apenas um treino. Se você fosse um garoto, eu teria te motivado a bater muito mais forte. Gostaria mais disso?

Virei para olhá-lo.

— Eu já te disse que você é um total idiota?

Ele riu.

— Acho que você deve tê-lo mencionado uma ou duas vezes. — seu sorriso caiu, seus olhos verdes esmeralda perderam o brilho zombeteiro. Eu quis dizer o que disse.

Você tem se saído bem. Aprendi a lutar quase desde o momento em que

pude andar.

Não pode esperar me bater. E se pudesse me bater, então você precisaria de um professor melhor.

Cada vez que convencia a mim mesma a desprezar Keane para o meu bem, havia um desses inesperados brilhos de humanidade que me faziam pensar que talvez ele não fosse um garoto tão mal depois de tudo. E eu tinha que admitir, me agradava o fato de que ele não me tratasse nem como um animal raro, nem como uma frágil flor porque eu era a primeira e única Faeriewalker nascida nos últimos cem anos ou algo assim.

Também não queria me usar para promover alguma agenda política. Isso lhe fazia relativamente sem complicações e esse era o porquê de eu estar de acordo, teoricamente pelo menos, em pedir a sua ajuda.

Tomei uma profunda respiração para acalmar meus nervos, depois virei para enfrentá-lo no sofá.

— Tenho um favor para lhe pedir. — soltei antes que eu pudesse me acovardar.

— Conseguiu me surpreender mais uma vez.

Bati em seu ombro com o dorso da minha mão. Felizmente ele não levou isso como um ataque e saltou em mim. — Deixe para lá. Se continuar sendo um idiota, não vou te pedir.

— E aceitar isto seria algo ruim?

— Não importa. — soltei um grunhido de frustração e comecei a me levantar.

Keane agarrou meu braço para me impedir.

— Só estou brincando. — disse ele e esse estúpido sorriso voltou.

Meu queixo sobressaia teimosamente, mas voltei a me sentar. — Estou enjoada e cansada das suas piadas. Não são divertidas.

— Acho que sou divertidíssimo. É você que não tem muito senso de humor.

— Ter gente tentando me matar realmente não me inspira nojo. É uma surpresa!

A expressão do rosto de Keane ficou lisa, o brilho de diversão sumiu de seus olhos.

— O perigo não vai passar. — disse ele. — Você tem que aprender a viver a sua vida apesar disso.

Revirei os olhos. Keane era apenas dois anos mais velho que eu, o que não lhe dava o direito de ser todo conservador para cima de mim. Não importa que ele tivesse um ponto, no momento em que coloquei meus pés em Avalon, tinha mudado o curso da minha vida para sempre. Ainda estava tentando absorver a enormidade de consequências.

Engoli um comentário bobamente prudente, figurando quanto tempo mantive o ritmo das brigas, as muitas oportunidades nas que havia me dissuadido de pedir ajuda a Keane. Não podia evitar me lembrar da desilusão na voz de Kimber quando liguei para ela para dizer que meu pai não me deixaria ir à festa. Ela tinha tentado esconder o melhor que pôde e eu sabia que ela compreendia, mas ainda assim...

— Acho que poderia dizer que preciso da sua ajuda para viver a minha vida apesar de minha situação. — eu disse, esperando que Keane enxergasse desta maneira.

— Bom para você. Agora, o que é?

Juntei minhas mãos em minha cabeça e o olhei. Se Keane decidisse contar para todos sobre esta conversa, eu estaria em um grande problema. Não o tipo de problema com o que estava tentando viver de “Oh Deus meu, vou morrer”, e sim o tipo de problema que uma vez eu havia pensado que seria uma boa dose de normalidade de “Meus pais vão me matar”.

— Você sabe que sou amiga de Kimber Leigh, certo? — perguntei. Até agora, Keane não tinha entrado em contato nem com Kimber e nem com seu irmão Ethan, pelo menos não enquanto eu estava por perto, mas eu estava bastante segura de que ele sabia quem eles eram.

— Sua amiga Unseelie. — ele disse, me testando bem. Assenti.

— Sua festa de dezessete anos é sexta-feira. — eu disse. Keane sorriu.

— Deixe-me adivinhar: Seu pai não te deixará ir. Franzi o cenho.

— Não. Ele disse que é um risco de segurança muito grande agora que o Caçador Selvagem esta na cidade. — cruzei os braços sobre o meu peito e afundei mais em meu assento. Ainda estava furiosa com meu pai. Nem sequer podia me lembrar da última vez que tinha estado perto tempo o bastante para que todos eles me convidassem para uma festa de aniversario. Queria ir tão desesperadamente que eu podia saboreá-lo.

Keane franziu o cenho.

— Onde será o evento?

— No clube noturno chamado The Deep, embaixo do sistema de túneis. — Kimber disse ao seu pai que havia alugado o lugar inteiro para a festa. Esse era o porquê ele tinha feito com que Kimber convidasse todos os garotos, potencialmente seguidores políticos em Avalon, o que tornava inclusive, mais importante que eu estivesse lá.

Keane balançou a cabeça.

— Não vejo porque isso seria algo mais arriscado do que tudo o mais que você faz quando sai da casa de segurança. Você já tem um segundo guarda costas quando sai, certo?

Assenti. Em algum momento eu iria querer sair nestes dias, isto era uma grande produção. Tinha uma alucinante comitiva. Para que, se por acaso, tivesse uma pessoa fora de Avalon que estivesse sob a equivocada impressão de que eu era uma garota normal.

— Acho que papai esta usando isso como desculpa. — eu disse. — Ele acha que eu me mostrar na festa de Kimber poderia ser visto como algum tipo de declaração política, como se de alguma forma estivesse apoiando Alistair.

Keane encolheu os ombros.

— É a festa de Kimber, não de Alistair.

— Exatamente! Mas papai esta irredutível.

— Portanto, qual é o favor que você quer me pedir? — o brilho em seus olhos me disse que ele sabia exatamente qual era o favor.

— Chame-me de louca, mas você me parece o tipo de garoto que tem plena experiência em sair escondido durante a noite...

4

Eu não estava errada sobre o Keane e seu talento em se esgueirar para sair à noite. Embora, na verdade, eu não tenho certeza se esgueirar é a palavra para o que fizemos. Finn tinha que pensar que era estranho Keane vir para uma sessão de sparring em uma noite de sexta-feira. Normalmente, nós praticavamos na parte da manhã, principalmente porque Keane queria que eu lutasse com o estômago vazio. Eu não conseguia prender o café da manhã por muito tempo depois de começarmos, por isso que ele preferira a opção de estômago vazio. Deixe-me dizer-lhe, que donut não tem um gosto tão bom no seu caminho de volta. Tinha esperança que Finn não iria ficar muito desconfiado em relação a chegada inesperada de Keane à minha porta, nós dissemos a ele que estavamos tendo uma aula para me ajudar a manter minha mente fora do fato de que eu estava tomando partido de Kimber. Eu tinha certeza que ele não iria comprar, mas Finn era mais confiante do que eu. No típico jeito chato de Keane, ele se recusou a dizer-me qual era o plano de fuga. Tudo o que ele disse foi para embalar minhas roupas de festa e estar pronta para ir a qualquer momento.

Nós praticamos na sala da guarda dessa vez, bem debaixo do Nariz de Finn.

Keane disse que queria seu pai assistindo porque ele pudesse detectar qualquer erro que Keane não poderia ver porque ele estava diretamente envolvido. Finn estava cheio de dicas úteis e quanto mais tempo Keane e eu passamos treinando, mais eu pensava que eu era o engano nesta foto, ele nunca tinha planejado me ajudar, mas tinha me dito que iria me impedir de tentar qualquer coisa por minha conta. Eu estava dolorida, suada, e cansad e, no final da minha limitada paciência, quando Keane me jogou nas esteiras com um movimento espetacularmente desconcertante, em seguida, pousou em cima de mim, sua boca perto da minha orelha.

— Esteja pronta para ir a qualquer momento. — ele sussurrou, então saltou agilmente de pé e me deu um de seus condescendentes sorrisos. Eu não tinha ideia do que ele quis dizer e estava prestes a dar-lhe um pedaço da minha mente, quando eu finalmente percebi o que ele estava fazendo. Minha fortaleza subterrânea tinha dois banheiros, um fora no meu quarto, e um fora do quarto de guarda. Mesmo um Fae tem que atender a chamada da natureza.

Na minha visão periférica, eu vi Finn indo em direção ao banheiro e sabia que isso era o que Keane estava esperando. Tão logo a porta se fechou atrás de Finn, eu corri para o meu quarto e peguei a mochila ao lado da minha porta. Meu vestido para a festa foi cuidadosamente embalado dentro, e eu esperava que não estivesse ficando toda enrugado. Eu deslizei meus braços através das tiras e corri de volta para o quarto da guarda, onde eu encontrei Keane tranquilamente encostado na porta do banheiro. Eu esperava que ele usasse algum artifício mágico para nos tirar daqui, não o simples trancar a porta do banheiro. Eu realmente estava decepcionada com a simplicidade de tudo.

— Depressa. — Keane sibilou quando ele me puxou para abrir a porta da frente.

— Isso não vai segurá-lo por muito tempo.

Com um pico de adrenalina que era metade emoção, metade medo, eu segui Keane para fora do túnel enorme de Avalon. Nós começamos a descer o túnel, Keane iluminou nosso caminho com uma lanterna. Eu esperava que ele soubesse para que inferno estavamos indo. Eu tinha me perdido nestes túneis uma vez antes e não tinha sido nada divertido.

Viramos uma esquina na primeira intersecção. Eu ouvi um som fraco a distância que poderia ser Finn martelando a porta e um pequeno arrepio correu na minha espinha. Eu nunca tinha visto Finn louco, mas eu tinha um sensação de que ia mudar antes que a noite terminasse. Eu não estava ansiosa por isso. Demos mais um par de voltas e eu comecei a ir devagar, ficando sem ar. Keane agarrou meu braço e me puxou junto.

— Continue andando. — ele me incentivou. — Se meu pai tiver um palpite certo e nos seguir, ele vai nos alcançar muito rápido.

Eu não tinha o fôlego para argumentar, então eu forcei minhas pernas a se manter em movimento. Nossos passos soavam assustadoramente altos quando nós corremos, mas as paredes de pedra dos túneis reverberava o som de todas as direções de tanto que eu sabia que seria difícil julgar de onde veio. Minha casa é muito segura no fundo da montanha, longe do caminho para melhor defendê-lo, naturalmente. Eu não tinha certeza como conseguiram eletricidade e água corrente para baixo, não havia luzes em um lugar tão profundo na montanha, mas eu nunca tive curiosidade suficiente

para perguntar. O lugar poderia ser bem seguro, mas também deixou uma boa caminhada para chegar para a superfície. A profundidade é relativamente perto da superfície, em uma zona comercial subterrânea, que era lotado em uma noite de sexta-feira. A presença da Caçada Selvagem havia inspirado um monte de gente a ficar em casa atrás de portas trancadas.

Você poderia definitivamente dizer que havia uma nuvem sobre a cidade e o notíciario estava cheia de relatórios sobre turistas fugindo para a segurança da Inglaterra. Keane e eu diminuímos para um passeio informal, assim que nós entramos no primeiro túnel iluminado.

Como de costume, ele parecia relaxado e pronto para correr como o vento, enquanto eu estava ofegante e suando em bicas, meus músculos queimando com o esforço. Eu realmente esperava que Kimber apreciasse o esforço que custou para eu aparecer hoje à noite. Paramos brevemente em uma loja de chá, onde fui para o banheiro para colocar o meu vestido e lavar o suor do meu rosto. Eu nunca tinha ouvido falar de uma festa de aniversário de adolescente onde você tinha que usar um vestido, mas Kimber tinha sido inflexível: sua festa, suas regras. (Não importa que seu pai tinha meio que usurpou sua festa para convidar um monte de pessoas que ela não conhecia.) O vestido que eu usava era um que Kimber e eu tinhamos escolhido juntas. Era uma profunda seda azul lindo que valorizou a cor dos meus olhos e eu, imediatamente, me senti mais velha e mais sofisticada o coloquei. O decote era baixo o suficiente para ser sexy em uma garota que realmente não tinha nada em cima. Em mim, parecia um pouco mais no que pensar.

Eu terminei com a roupa e com brincos de strass. Eu deixaria Kimber me convencer a usar um vestido para esta coisa, mas de nenhuma maneira eu iria usar saltos! Sentime surpreendentemente autoconsciente e tímida quando eu sai fora do banheiro. Keane nunca tinha me visto vestida com qualquer coisa, alem de roupas de ginástica e se nunca tivesse occorrido que me importava com o que ele pensava, encontrei-me prendendo a respiração enquanto ele se afastou de uma caixinha de chá a granel e seu olhar se pegou em mim. Seus olhos se arregalaram um pouco e eu o vi me dar um longo olhar. Então, ele acenou para mim.

— Você limpa é até agradável.

Lembrei-me de respirar e resistir ao impulso de limpar as palmas das

minhas mãos suadas no meu vestido de seda. Achei que seria o único elogio que iria sair de Keane. Eu estava desagradavelmente surpresa ao descobrir que eu queria mais. Eu poderia ser mais patética em busca de aprovação?

— Isso faz com que um de nós esteja. — eu murmurei e Keane riu.

Ele não se preocupou em mudar suas roupas, mas já que ele não tinha exatamente que suar um pouco para me bater, ele estava, pelo menos, apresentável. Ok, ele estava mais do que apresentável. Aqueles olhos verdes esmeralda poderia tirar o fôlego dos meus pulmões não importa o que ele estivesse vestindo, especialmente com o volume de seus cilios e a perfeita sobrancelha. E vamos nem mesmo falar sobre o seu corpo, que ele gostava de mostrar debaixo de jeans apertados e ainda mais apertadas camisetas. Eu duvidava muito que Kimber se importaria de seu fracasso em vestir-se.

Keane estendeu seu braço para mim.

— Pronta?

Eu levantei minhas sobrancelhas. O que? Ele vai me acompanhar como em um casamento? O gesto pareceu curiosamente antiquado, especialmente para um bad boy como Keane. Eu encontrei-me serpenteando minha mão através da curva de seu cotovelo sem ter conscientemente decidido fazê-lo. Sangue aqueceu meu rosto quando ele me levou para fora da casa de chá em direção a escada que levava para o fundo.

Apesar do medo do meu pai de que a festa representasse um "Risco de segurança", Keane e eu fomos parados por um par de seguranças exigentes para ver o meu convite antes mesmo de chegar à porta do clube. Fiquei feliz que eu os tivesse trazido comigo, mas mesmo quando eu os mostrei que eram para Dana Hathaway e convidado, os seguranças não nos deixaram entrar porque eu não estava na "lista". Deixei escapar um pequeno gemido de frustração. Eu acho que quando eu disse a Kimber que eu não seria capaz de ir, meu nome tinha sido tirado da lista. Por sorte, os seguranças não foram totais idiotas. Um deles ficou na sala com Keane e comigo, enquanto o outro se desceu para dentro do clube com o meu convite em mãos para verificar com Kimber.

Eu mordia meu lábio enquanto esperávamos. Não havia como Finn não adivinhar onde estávamos indo, o que significava que não seria muito antes

dele aparecer aqui. Se nós estivéssemos dentro do clube, ele poderia ter um pouco de aborrecimento ficando preso pelos seguranças, depois ele realmente teria que nos encontrar antes que ele pudesse nos arrastar de volta. Mas se estivéssemos nos misturando emum salão como este...

— Você vai ter problemas com seu pai por causa disso? Eu perguntei a Keane.

— Eu sou um adulto! — disse ele com um sorriso arrogante. — Não é como se ele pudesse me enviar para o meu quarto sem minha ceia.

Ele tinha um ponto, pelo menos tecnicamente. Embora eu nunca tivesse estado lá, eu sabia que Keane tinha seu apartamento ou flat próprio, uma vez que ele realmente se sustentava sendo um instrutor de auto defesa. Mas apesar de tudo isso, apesar de suas tentativas para me fazer respeitá-lo como professor, eu frequentemente me encontrava pensando nele como um garoto um pouco mais velhos, não como um adulto. Assim como eu estava começando a pensar que não havia chance de entrar antes de Finn nos interceptar, a porta para o clube se abriu e Kimber praticamente dançou para o corredor.

— Dana, ela gritou. — seu rosto iluminando com prazer. — Eu estou tão feliz que você pode vir! — Ela me chocou, jogando seus braços ao meu redor e me dando um abraço exuberante. Os Fae eram conhecidos por sua reserva de calma, mas obviamente Kimber não se importava com a conformidade e o estereótipo. Eu não era a pessoa mais melosa, mas eu a abracei de volta.

— Esta é uma surpresa agradável. — disse ela enquanto puxava distância. — Pensei que você não poderia vir. — Eu abaixei a minha voz, não tenho certeza se os seguranças iriam me chutar se eles ouvissem.

— Sim, bem, nós meio que escapulimos.

Kimber piscou e pareceu notar Keane.

— Oh! — Ela tinha um rosto muito expressivo e eu poderia dizer imediatamente que ela gostou do que viu.

— Você deve ser Keane. — disse ela. — Dana me falou muito sobre você. — Seus olhos brilhavam com maldade, quando eu lhe dei um olhar

sujo. Na maioria das vezes que eu conversei com ela sobre Keane, era para me queixar sobre ele e sua irritante e muitas vezes dolorosas técnicas de treinamento. Eu provavelmente estava corando, mas o corredor não era iluminado, então eu esperava que ninguém pudesse dizer.

— Olha, podemos entrar agora? — eu disse. — Antes que Finn nos alcance?

— Claro! Venha, siga-me. — notei várias coisas ao mesmo tempo quando Kimber levou Keane e eu para o clube. Primeiro foi que a música estava tão alta que eu senti cque meus tímpanos poderiam explodir. Segunda, é que estava absolutamente cheio de gente, nem todos pareciam adolescentes. Terceiro foi que o lugar estava positivamente cheio de rosas. Para o Fae, a rosa vermelha indica uma associação com o Unseelie Court, e a rosa branca indica uma afiliação com o Tribunal Seelie. Aparentemente, este era um sistema integrado a festa, porque as rosas vermelhas e brancas foram arranjadas em toda parte. Havia arranjos enorme sobre as mesas. Havia guirlandas. Lá estavam as rosas alinhadas contra cada parede. Houve até flâmulas delas pendendo do teto. Eu dei um olhar interrogativo a Kimber. Ela encolheu os ombros e parecia infeliz.

— Adivinha quem escolheu a decoração? — ela gritou sobre a música. Mas claro que eu achei um exagero. Me enlouquecia ver que Alistair estava arruinando a festa de Kimber, tornando-a uma declaração política. Ele também me fez perceber que meu pai poderia ter estado certo em acreditar que minha presença aqui poderia ter implicações políticas. Deus, eu odiava a política! Eu queria não ter absolutamente nada a ver com toda a porcaria sobre como os candidatos Fae disputando pela posição, mas ser filha de um desses candidatos me arrastou para o meio das coisas de qualquer maneira.

— Vamos lá! — gritou Kimber, levando-me pela mão e me rebocando no meio da multidão.

— Vamos começar pegando algo para vocês beberem.

Eu verifiquei por cima do meu ombro para me certificar que Keane estava nos seguindo. Ele estava, mas o olhar no rosto disse que ele já não estava gostando desta festa. Ele não foi sarcástico, mas estava perto. Olhando em volta para a festa, eu podia ver o porquê. Quase todos estavam vestidos com suas melhores roupas e até mesmo na minha rápida olhada ao redor, eu

poderia dizer que isso era uma festa chic . Haviam adultos muito mais do que você esperava na festa de um adolescente, a maioria deles com a arrogância dos ricos esnobes imundos. Os adolescentes no meio da multidão pareciam tão altivos, como se tivessem se vindo direito de algum colégio interno exclusivo britânico. Eu sabia que Ethan e Kimber estavam longe de serem pobres, mas nenhum deles agiria como a "Eu sou bom demais para você" vibe que a maioria dessas pessoas faziam. Definitivamente não era a turma de Keane. Embora Knights são membros da aristocracia Fae, o resto das fadas os trata como servos glorificados e eu presumia que era verdade para os filhos dos Cavaleiros, como Keane. O Sidhe, especialmente os que nasceram em Faerie, os pensamentos de racismo e classismo ainda eram socialmente aceitáveis. Eu não estava surpresa que ele não estivesse se sentindo totalmente confortável aqui. Para dizer a verdade, não parecia muito com a minha turma tambem. Eu não pude deixar de notar que ninguém parou para falar com Kimber quando ela nos levou até o bar, eu me perguntava quantos deles sequer sabiam ou se importavma que ela fosse a aniversariante. Eu descobri com meu pai que a idade para beber oficial em Avalon era de dezoito anos, mas que a lei raramente era cumprida. O bar era a prova clara. Vi uma menina sentada em uma das extremidade do balcão que não poderia ter mais do que quatorze ou quinze anos, bebendo uma garrafa de cerveja sob o nariz do barman.

— É um bar aberto. — Kimber disse. — Assim peça o que vocês quizerem. Ela pediu um martini, o barman nem exitou e Keane pediu uma cerveja, mas eu fiquei com a Coca-Cola. Vivendo com minha mãe alcoolatra, qualquer coisa com álcool estava fora para mim. Kimber era a única pessoa que eu já disse sobre o que eu considerava o meu segredo vergonhoso, e acho que ela entendeu intuitivamente por que eu não pedi álcool. Keane foi outra questão.

— Coca-Cola? — ele me perguntou, incrédulo. — Você está falando sério? — eu estava corando novamente, mas estava muito escuro no clube para alguém notar. Por um lado, eu não queria parecer como um bebê. Por outro lado, eu não era muito conformista. Só porque todos ao meu redor estavam bebendo algo estúpido não significava que eu tinha que fazer.

— Você tem um problema com isso? — perguntei, olhando para ele. Meu sarcasmo tinha muita prática, quando Keane estava por perto.

— Deixe-a em paz. — disse Kimber, assustando-me vindo em minha defesa. — Ela pode beber o que quiser.

O bartender colocou um copo de Coca-cola no balcão. Apanhei-o e tomei um gole, fingindo ignorar Keane.

— Uma boa festa que você tem aqui. — disse Keane e até mesmo no nível de decibéis que ele estava gritando, eu podia ouvir o desdém em sua voz.

— Tem certeza que eles não se importam em respirar o mesmo ar que um plebeu humilde como eu?

Eu bati no ombro, pensando que eu deveria ter escapado de casa sozinha. Eu poderia ter lidado com o truque de fechar a porta. Claro, isso teria significado fazer o meu caminho para a festa só, que era uma má idéia porque A. com o meu senso de direção, eu teria ficado perdida em cinco minutos, e B. porque, Olá, as pessoas estavam tentando me matar. Keane pode não ser um guarda costas profissional como Finn, mas eu tinha visto como ele era um bom lutador, eu confiava nele para me proteger. Achei que ficar me esgueirando sem ele ao meu lado poderia ser um pouco irresponsável, mas não era completamente imbecil como seria correr pra fora sozinha.

— Você pode apenas tentar não ser um idiota por talvez quinze minutos em uma fila? — perguntei-lhe quando ele bebeu um gole de sua cerveja.

— Está tudo bem Dana. —Kimber disse com um sorriso. — Lembre-se, você me contou tudo sobre ele. Eu sabia que não devia esperar modos gentis. — o sorriso se transformou na segunda melhor expressão de Keane.

— Uau, você realmente sabe como insultar um cara, disse ele. — eu acho que ele estava tentando soar aborrecido, mas é difícil fazer som de entediado quando você está gritando sobre a música. Os olhos de Kimber brilhavam.

— Na verdade, eu faço, mas eu estou tentando ser uma anfitriã graciosa.

Keane deu-lhe um olhar lascivo. Ela parecia absolutamente fabulosa em um vestido vermelho e saltos. Mesmo que ele estivesse sendo deliberadamente grosseiro sobre isso, eu não pude deixar de notar a centelha

de apreciação masculina nos olhos de Keane. Senti uma pontada rápida de inveja. Ele me deu um olhar de aprovação quando ele teve a primeira visão de mim no meu vestido de festa, mas nada comparado como ele estava olhando para Kimber. Eu estava sendo uma idiota total sobre isso. Keane era certamente quente, ele era ocasionalmente um cara legal, mas eu não estava interessada nele, não dessa forma. E Kimber era uma Fae puro sangue, então é claro que ela estava mais bonita que eu. Eu não tinha nenhuma desculpa para estar com ciúmes.

— Parece que você tem toda a graça que o dinheiro pode comprar. — Keane disse a Kimber. — Aposto que suas roupas custam mais do que eu tiro em um ano. — abri minha boca para dizer-lhe para calar a sua, na esperança de Kimber um dia iria me perdoar por trazer este idiota para a festa de aniversário, mas ela é muito boa em colocar sua cara de cadela quando necessário. Aparentemente, agora ela achou que era necessário.

— Você está sugerindo que eu sou snob? — ela perguntou com um arco de uma sobrancelha. Ele lhe deu um "bem, duh" olhar, totalmente inapropriado.

— Um de nós está agindo esnobe agora, mas não sou eu. — eu "acidentalmente" pisei no pé de Keane antes que ele pudesse dar outra granada verbal.

— Por que você não senta aqui no bar e seja o superior. — eu disse a ele. — Kimber e eu estamos indo ao banheiro das mulheres. Era o único lugar que eu poderia pensar em ir onde Keane e sua atitude não seriam capazes de seguir.

— Nós estaremos de volta. Certo, Kimber? — ela riu e terminou seu Martini em um gole grande.

— Certo! — disse. — Mostre o caminho.

Keane parecia estar prestes a se opor, mas eu fui embora antes que ele tivesse a chance. Kimber assumiu a liderança depois de alguns metros, desde que eu não tinha idéia de onde o banheiro feminino estava. A música, a escuridão, e o cheiro das rosas combinados para faziam pulsar minha cabeça. Talvez eu devesse ter ficado em casa depois de tudo. A multidão se pressionou sobre nós, eu fui empurrada para longe passos. A maioria das

pessoas aqui eram Fae, o que significava praticamente todo mundo era mais alto do que eu e eu não podia ver qualquer coisa, somente as pessoas diretamente ao lado e na minha frente. Todos os corpos irradiavam uma grande quantidade de calor, especialmente os Fae, cuja temperatura do corpo eram superiores a dos seres humanos, e eu estava mais uma vez pingando de suor, meu cabelo colado na parte de trás do meu pescoço. Eu não ousava olhar para ver se meu vestido mostrava manchas de suor, porque eu tinha um sentimento que eu já sabia a resposta. Kimber e eu finalmente abrimos caminho no meio da multidão e entramos para o quarto das senhoras. Eu quase dei um suspiro de alívio, até que eu percebi que a situação não tinha melhorado. O Banheiro feminino estava quase tão lotado como o resto do club, e, embora fosse enfeitado com rosas assim como em qualquer outro lugar, não foi o cheiro de rosas que entupiu meu nariz. O ar estava tão espesso de fumaça que você poderia cortá-la com uma faca. Kimber deu um gemido pouco desanimado e se inclinou contra a parede, fechando os olhos.

— Este não é o tipo de festa que eu tinha em mente. — ela murmurou, e eu sabia que era verdade. Os ricos são os mesmos em todos os lugares, mesmo se forem Fae.

Kimber embora tivesse o dinheiro para encaixar com um clique, ele simplesmente não era o seu estilo. Tentando não tossir com a fumaça de cigarro e outros, eu prendi o ar, tirei a minha mochila do meu ombro e peguei algo de dentro.

— Eu trouxe um presente. — eu disse a Kimber, esperando para alegrá-la. Seus olhos se abriram e seu queixo caiu.

— Você trouxe?

— É claro que eu trouxe. — o convite tinha dito especificamente que não era para trazer presentes, mas eu percebi que era aplicado aos comparsas de Alistair e seus filhos, não para os amigos de verdade de Kimber. Eu retirei um pacote pequeno, bem embalado e entreguei a ela.

— Eu espero que goste.

— Eu amo ele já. — ela me assegurou. Seus olhos estavam brilhantes e seu lábio inferior tremeu perigosamente.

— Bem, abra. — insisti. Kimber mordeu o lábio e pegou na fita, retirando a caixinha tão cuidadosamente que ela provavelmente poderia reutilizar a embalagem de papel se ela quisesse. Ela levantou a tampa, em seguida, puxou afastado o preenchimento de algodão para revelar o conteúdo. O que você compraria para sua melhor amiga Fae que você só conhecia a algumas semanas e cujo pai é rico o suficiente para ela poder comprar tudo o que ela quizesse? Eu agonizei sobre a questão por dias, bisbilhotando no eBay na esperança de encontrar algo que ela iria pular em mim. O que eu eventualmente escolhi foi um pingente de vidro artesanal. Era um lindo dragão chinês azul, pendurado em uma fita de cetim preto. A cor tinha instantaneamente me lembrado dos olhos de Kimber, e o dragão tinha me lembrou de seu temperamento ardente e corajoso. Kimber levantou o pingente do algodão e seu lábio estava tremendo de novo. Desta vez, ela não foi capaz de impedir que um par de lágrimas transbordassem. Eu estava tão feliz que eu tinha decidido ignorar a coisa não-presentes.

— É lindo! — disse ela sem fôlego. — Aqui, segure isso. — ela empurrou a caixa e papel para mim para que ela pudesse colocar o pingente. Então ela verificou no espelho, a mão acariciando suas curvas elegantes. Não combinava com o vestido vermelho em tudo, mas ela obviamente não se importava. Pela segunda vez naquela noite, encontrei-me no caminho de receber um abraço exuberante.

— Muito Obrigada! — disse. Ela me soltou e limpou as lágrimas.

— Esta festa foi um pesadelo total até que você chegou. E este é o melhor presente que eu já ganhei. Minha garganta estava ficando um pouco apertada e meus olhos estavam ardendo. Mas que foi, provavelmente, por conta de toda a fumaça.

— Feliz aniversário. — seu sorriso radiante me deixou feliz por ter vindo.

5

Ficamos no banheiro das mulheres talvez durante cinco minutos, no máximo, antes que a fumaça nos levasse de volta ao clube. De onde estávamos paradas, não podia ver o balcão, mas assumi que Keane ainda nos estava esperando ali. Não tinha muita vontade de forçar meu caminho através da multidão de novo, mas apesar do idiota que estava sendo tinha, depois de tudo, feito o possível para que eu chegasse aqui em primeiro lugar. Ainda mais, ele era meu guarda costas durante a noite, e provavelmente seria inteligente manter meu corpo o suficientemente perto como para que ele o protegesse.

Kimber abriu o caminho uma vez mais e segui em seu encalço. Minha cabeça ainda palpitava, ainda por cima me sentia tonta, provavelmente por toda essa fumaça.

Estive a ponto de tropeçar em meus próprios pés, parei um momento para respirar um pouco de ar relativamente limpo. E foi quando minha noite se tornou um inferno.

Nos poucos segundos que parei, a multidão havia preenchido o espaço que Kimber tinha criado e já não pude vê-la. Fiquei na ponta dos pés para tentar encontrá- la. Um espaço se abriu entre a multidão que ficava entre mim e a pista de dança. Meus olhos se dirigiram a alguém com cabelo loiro e comprido ate os ombros como o de Kimber. Só que não era Kimber.

Ethan estava na pista de dança, se movendo ao compasso da musica, enquanto uma garota bonita Fae ruiva se empurrava e esfregava ao seu redor. Ela levava um curto e brilhante vestido preto que se ajustava a sua curvilínea figura para uma Fae, a língua de Ethan estava praticamente caindo de sua boca enquanto a olhava. Pela forma em que ela se movimentava, teria suposto que tinha um trabalho alternativo como stripper e não deixava de encontrar desculpas para se esfregar contra o corpo de Ethan.

Ele deu a ela o que eu só poderia descrever como um sorriso de quarto, logo deslizou seus braços ao redor da sua cintura.

Agora, para ser justa, eu havia dito a Ethan uma e outra vez que nós não estávamos saindo. Se não estávamos saindo, então era tecnicamente

impossível para ele me enganar. Portanto, estava totalmente bem para ele dançar provocativamente com alguém que não fosse eu.

Meu raciocínio não pode acalmar a dor que se infiltrou através de mim quando o vi sobre a pista de dança com outra garota, uma garota Fae, tão bonita como Kimber, e pelo seu aspecto mais perto da idade de Ethan que eu. Suponho que minha ingenuidade estava levantando sua feia cabeça uma vez mais. De alguma maneira havia me permitido imaginar que Ethan estava suspirando castamente longe de mim, esperando desesperadamente algum dia me conquistar. Que idiota!

As lágrimas fizeram picar meus olhos quando voltei às costas a vista repugnante e abri passagem na multidão que esperava fora a caminho do bar. Eu sabia que Ethan era um jogador, inclusive antes de saber exatamente como tinha jogado comigo. Ele parecia me achar atraente, era encantador e totalmente digno de me fazer babar por ele, mas apesar de que dificilmente tinha garotos caindo aos meus pés, sabia que o melhor era não me envolver com alguém como ele. Pelo menos em teoria, sabia que era o melhor a fazer.

Lutei ferozmente contra as lagrimas, não queria deixar que Ethan tivesse tanto poder sobre mim. Quase tinha conseguido manter minhas emoções sob controle, ao menos o suficiente para poder fingir que não nada acontecia, quando cheguei ao bar e tive minha segunda cota de más noticias.

Mais cedo tinha especulado que provavelmente veria Finn furioso antes que esta noite terminasse. Resulta que tinha razão e era um espetáculo o qual eu poderia ter ficado sem.

Ele deve ter me visto antes que eu o visse, porque me olhava com tal intensidade que podia sentir quase como se fosse uma força física. Sua expressão geralmente suave estava cheia de fúria e parecia se elevar sobre todos a seu redor, inclusive Keane, que era aproximadamente da mesma altura.

Finn tinha uma mão ao redor da parte superior do braço de Keane, e a careta de dor no rosto de Keane dizia que o agarre era o suficientemente apertado para machucar. Keane abaixou sua cabeça como um menino arrependido, com o olhar fixo no chão. Nunca antes tinha visto Keane intimidado por nada, mas supus que esta era uma noite de primeiras vezes desagradáveis. Junto a eles, Kimber tinha retrocedido contra o bar, com os

olhos muito abertos e seus dentes firmes mordendo seu lábio inferior.

Tive a tentação de dar a volta e me infiltrar de novo na multidão. Assim tão assustadora era a expressão de Finn. Realmente, definitivamente preferia que ele mostrasse essa cara aos caras maus, não pra mim. Mas eu sabia que teria consequências por escapar e era o momento de enfrentá-las. Engoli saliva e cruzei os últimos passos que me separavam do meu furioso guarda costas.

Esperava que ele gritasse, ou ao menos que me desse um sermão veemente. Ao contrario, só me paralisou com o olhar, mas logo agarrou a parte superior do meu braço e começou a arrastar a Keane e a mim até a porta principal. Ele tinha a aparência tão temível que de alguma maneira, a multidão lhe fez magicamente uma passagem, todo mundo lutando para ficar fora do seu caminho.

Olhei por cima do meu ombro a Kimber, pensando que deveria lhe dizer adeus ou algo assim, mas tendo em mente a rapidez com que Finn estava caminhando, estaria saindo pela porta antes que as palavras saíssem. Ela me deu um sorriso preocupado, logo levantou o colar e articulou “obrigada”. Eu ainda não queria enfrentar o que fosse acontecer depois, mas me lembrando quão feliz que tinha estado Kimber de me ver, não poderia encontrar, em mim mesma, arrependimento por ter vindo. Lógico, isso poderia mudar, dependendo de quais resultassem ser as consequências.

Nenhum de nós disse uma palavra enquanto fazíamos nosso caminho de volta a minha casa segura. Teria completado a noite se nós tivéssemos encontrado com a Caça Selvagem, mas apesar do medo de meu pai de que o Erlking estivesse disposto a me caçar, não tinha nem rastro dele.

Finn continuou segurando a Keane e a mim pelo braço enquanto estávamos na seção mais povoada do sistema de tuneis. Tratei de fazer caso omisso dos olhares curiosos dos pedestres. Quando estivemos longe das demais pessoas, Finn deu a Keane um empurrão pra frente, colocando-o na liderança. Logo me intercalou entre eles pelo resto da caminhada. Ele ainda não havia dito nada, cada momento de silencio estirava meus nervos cada vez mais tensos.

Eu esperava que a explosão viesse tão logo estivéssemos fechados a salvo no quarto de guarda, mas Finn não estava cumprindo com minhas

expectativas esta noite.

— Você. — disse, cravando-me com seu frio olhar verde — Senta. — sinalizou uma cadeira contra a parede. Não levantou a voz, mas suas palavras tinham bordas tão afiadas que era como se tivesse feito.

Com os ombros encurvados, fui até a cadeira e me sentei na borda. Não tinha nem ideia do que aconteceria a seguir, mas sabia que não seria divertido.

Finn virou seu olhar para Keane.

— Acredita que você é proteção suficiente para uma garota que a Rainha de Faerie marcou para morrer? — ele seguia sem levantar a voz, ainda que suas palavras contivessem um toque de grunhido.

Algo incendiou nos olhos de Keane. Seus ombros se endireitaram, seu lábio se curvou e encontro o olhar de seu pai com valentia. Aqui estava o Keane que eu conhecia e normalmente me desagradava.

— Pode ser que eu não seja um Cavaleiro. — disse. — Mas sou perfeitamente capaz de defender Dana se tiver que fazê-lo.

Minha pele se arrepiou com a distinta sensação de magia sendo reunida.

— Titânia enviou Cavaleiros atrás dela antes. — disse Finn a seu filho. — Levante seus escudos. Mostre-me o quanto pode se defender contra um Cavaleiro de Faerie.

A confiança de Keane vacilou visivelmente.

Keane virou os olhos como se pensasse que tudo isso era ridículo, mas me lembrei de como tinha parecido Finn quando falou pela primeira vez. Arrogante como era, não estava seguro de poder ganhar de seu pai. Suspeitava que a ideia o fizesse se retorcer tanto quanto a mim. Tinha dito a mim mesma que estava bastante segura com Keane, mas não me sentia tão segura disso agora.

Keane se aproximou das esteiras que ainda estavam no chão desde nossa sessão de treinamento anterior e Finn o seguiu. Pelas palavras de Finn e a atitude de Keane, sabia que Keane provavelmente seria declarado perdedor desta briga, mas esperava que pelo menos fosse capaz de aguentar durante

um tempinho. Estava equivocada.

Pensei que Keane “limpava o chão” comigo quando treinávamos, mas não sabia o que realmente era “limpar” o chão com alguém ate que Finn me mostrou. Keane golpeou as esteiras tantas vezes que teria pensado que era um tapete que Finn estava tentando tirar o pó a golpes. Cada vez que se levantava, era um pouco mais lento que a vez anterior. A magia formigou através de minha pele quando ambos lançaram feitiços entre si, mas era obvio que Keane estava ficando sem forças muito antes que Finn.

Quanto mais tempo a luta continuava, a cara de Keane ficava mais vermelha e não acredito que fosse só pelo esforço. De vez em quando, ele olhava pra mim, e me dei conta do humilhante que devia ser esta pequena demonstração na minha frente. Diabos, geralmente a gente praticava na sala porque eu não queria ninguém olhando enquanto Keane me chutava repetidamente o traseiro e não sou nem a quarta parte arrogante que ele era. Um par de vezes abri a boca para pedir a Finn que parasse, mas voltei a fechar rapidamente, sabendo que só pioraria as coisas.

Finalmente, Keane caiu com força e não se levantou de novo. Ele só ficou sobre suas costas, ofegante e pingando suor, com os olhos apertados no que tinha que ser dor.

Seus feitiços de escudo podiam evitar que sofresse lesões enquanto combatia, mas isso não significava que não doesse. Isso para não mencionar que acredito que seu escudo ficou sem forças até o final, porque Finn visivelmente tirou seus golpes.

Finn pairou sob Keane, cruzando os braços sobre o peito e parecendo como se pudesse continuar outros trinta minutos sem ficar ofegante.

— Assim é porque está lutando contra seu pai, que não esta a ponto de te fazer dano. Imagine se eu tivesse sido um Cavaleiro hostil disposto a te matar. E isso sem ter em conta a possibilidade de enfrentar Erlking e a Caça Selvagem. Então me diga outra vez que acredita que é capaz de proteger a Dana tão bem quanto um profissional.

Ele olhou entre nos dois, só para se assegurar de que ambos recebemos a mensagem. Recebemos.

Finn voltou-se pra mim enquanto Keane seguia deitado sobre as esteiras puxando ar.

— Não vou dizer a seu pai sobre a escapada desta noite, porque acredito que você tem uma cabeça boa e não faria um truque estúpido como esse outra vez. Estou certo?

Concordei docilmente. Finn estava me fazendo um favor monumental ao não me delatar. Se meu pai soubesse o que tinha feito, poderia não estar autorizada a sair de minha casa segura pelo resto da vida.

— Obrigada. — disse tentativamente. — E me desculpe.

Finn não aceitou a desculpa. Suponho que ainda estava bravo.

— Vá para a cama. — foi tudo o que disse.

Keane gemeu e se apoiou sobre seus cotovelos. Tinha a sensação de que Finn não tinha terminado de fazê-lo pagar pelo meu erro. Se tivesse acreditado que algo do que eu dissesse ajudaria, teria ficado e feito meu melhor esforço. Ao contrario, sentindo-me completamente miserável, deixei Keane sozinho com seu pai e fugi para o meu quarto.

6

Acordei no sábado de manhã sentindo tão ruim quanto eu estava quando tinha subido na cama e puxei os cobertores sobre minha cabeça na noite passada. Keane tinha praticamente recebido todo o castigo por mim e que droga. Não pensei que Finn o tivesse machucado tanto assim e considerando a escolha de profissão de Keane, ele tinha que ter uma tolerância alta para dor de qualquer maneira. Mas eu sabia que seu orgulho tinha levado uma surra e eu o conhecia bem o suficiente para perceber o quanto isso deve tê-lo machucado.

Não posso dizer que me arrependi indo para a festa, no entanto, apesar da minha consciência culpada. Se eu tentasse me convencer a me arrepender, minha mente conjurava uma imagem do rosto de Kimber enquanto abria o presente que eu tinha dado a ela, eu sabia que tinha valido a pena. (para mim, pelo menos. Keane deve discordar).

Normalmente, quando eu me levantava de manhã, eu tinha que fazer algum café para mim e um pouco de chá para Finn, que parecia funcionar muito bem sobre o que tinha de ser sobre três ou quatro horas de sono por noite, estava sempre acordado antes de mim. Ele tinha sua própria cozinha – mesmo menor que a minha – na sala de guarda, mas ele sempre pareceu apreciar o gesto.

Uma parte de mim queria renunciar este ritual esta manhã. Eu não queria muito enfrentar Finn depois de noite passada. Será que ele ainda estava com raiva de mim? Eu me sentiria culpada cada vez que olhasse para ele?

No final, eu decidi que provavelmente eu me sentiria pior se sentasse ao redor da minha suíte pensando sobre isso, então preparei o chá e o café, em seguida respirei fundo e me aventurei na sala de guarda.

Para meu intenso alívio, Finn agiu como se nada tivesse acontecido. Não havia nenhum indício de raiva em seu olhar enquanto ele olhava para mim e ele não meu deu nenhuma lição paternal. Não que ele fosse o que eu chamaria de falador.

— Preciso de alguns mantimentos. — eu disse a ele quando terminou seu chá e eu estava me preparando para tirar as louças para voltar para minha

cozinha.

Finn assentiu.

— Dê-me uma lista do que você precisa, pedirei ao seu pai para parar na loja em seu caminho do jantar esta noite.

Eu tinha totalmente esquecido que papai estava vindo esta noite, mas eu não estava disposto a deixá-lo ser meu menino de armazém. Eu tinha sido responsável pela compra de mantimentos desde que tinha dez anos. Além disso, uma viagem para o armazém me deixaria fora da caverna por enquanto. Eu podia ver o sol, respirar ar fresco.

— Prefiro comprar meus próprios mantimentos. — eu disse a Finn.

— Seria mais simples deixar seu pai fazer isso. — ele respondeu.

Fiz uma careta, percebendo que uma excursão oficial da minha casa segura era uma dor no traseiro esses dias.

— Meu acordo com meu pai era que eu poderia sair desde que eu tivesse um guarda costas extra.

Finn parecia como se estivesse prestes a discutir, me preparei para embaraçar a ambos alegando precisar de coisas que um homem não estaria confortável em comprar, mas ele cedeu antes que eu tivesse inclinada a mentir.

— Tudo bem. — ele disse. — Darei a Lachlan uma chamada e verei se ele está disponível.

Lachlan poderia ser considerado por alguns como uma escolha incomum para guarda costas. Ele tinha sido o namorado da minha tia Grace, antes que tia Grace surtasse completamente. Eu sabia que ele ainda a amava, às vezes

ele tentava me convencer que ela não era realmente uma má pessoa, que foi apenas um mal entendido.

Ele nunca ia me convencer disso, mas quando eu via a dor em seus olhos, eu não poderia culpá-lo por tentar. Eu também sabia que não importava como ele se sentia sobre Grace, ele não permitiria que ninguém me machucasse e apesar dele ser um ogro sob o feitiço do glamour que o fazia parecer humano, ele era um excelente protetor.

Meu pai estava tão convencido da confiança de Lachlan quanto eu. Entretanto, papai tinha feito a localização da minha casa segura em um segredo tão sombrio e profundo que além de mim, somente Finn, Keane e meus pais sabiam onde era.

Pessoalmente, eu pensava que podia confiar o segredo a Lachlan já que ele era confiável o suficiente para atuar como meu guarda-costas, mas papai tinha estado determinado que somente aqueles que absolutamente tinham que saber o paradeiro seria contado. O que significava que eu e Finn tínhamos que encontrar Lachlan em uma das seções mais populosas do complexo de túneis.

Finn me fez ficar para trás antes de virarmos a esquina final, mas então eu o ouvi cumprimentar Lachlan e acenar para mim. Eu odiava que tínhamos de passar por toda essa porcaria apenas para fazer uma parada na mercearia. Tentei me convencer que era apenas um inconveniente temporário, que eventualmente encontraríamos uma maneira melhor para eu viver com segurança em Avalon. Eu não estava inteiramente bem sucedida.

Quando eu me uni a Finn e Lachlan, os poucos cabelos dos meus braços formigaram com a distinta sensação de magia no ar. Eu me perguntei se minhas, até então, tentativas fúteis de aprender magia estavam tendo mais efeito do que eu imaginava. Eu sabia que Finn sempre tinha um escudo mágico erguido quando ele saía em público e Lachlan tinha seu glamour, mas eu não tinha realmente sentido que mágica passava. Eu realmente desejei que pudesse perguntar-lhes sobre isso, mas minha capacidade de sentir mágica era outro segredo sombrio e profundo. Quando eu disse a Ethan sobre isso, ele me disse que Faeriewalkers não tinham outras habilidades mágicas. Ele então me avisou que minhas potenciais habilidades mágicas poderiam pintar um alvo ainda maior em minhas costas, que eu deveria mantê-la secreta de

todos, até mesmo de meus pais.

As ruas estavam mais silenciosas que o normal, um claro sinal de que a Caça Selvagem ainda estava na cidade. Finn não estava exatamente relaxado, mas Lachlan parecia ainda mais tenso e vigilante. Ele era geralmente simpático e falante, mas hoje ele era tão falante quanto Finn. O que quer dizer de modo nenhum.

Eles não me sombrearam através dos corredores da pequena mercearia de bairro onde comprei meus mantimentos, provavelmente apenas porque havia cerca de três pessoas no local. Demorei mais do que estritamente necessário, mas perambulando os corredores sem meus guarda-costas me senti como uma fatia decadente de normalidade que eu não poderia saboreá-la.

Aquela coisa toda de normalidade foi direto para fora da janela assim que pus o pé fora da loja, flanqueada por Finn e Lachlan. O rugido distinto de motocicletas cortou o ar, e ambos Finn e Lachlan entraram em alerta vermelho. Magia engrossou ao redor de mim, a sensação como milhares de pequenos choques elétricos zunindo contra minha pele.

As motocicletas vieram voando da esquina e eu sabia tão logo quanto eu peguei um sinal deles apenas quem eram os ciclistas.

O Erlking andava um pouco a frente de seus Caçadores, que o seguiam dois por dois atrás dele. Como tinham sido quando os vi pela primeira vez, estavam todos vestidos em preto, as enormes motocicletas que viajavam eram negras como cavalos.

O Erlking veio parar diretamente em frente a mim, apesar das tentativas de Finn de me manter atrás dele, o resto dos Caçadores rapidamente nos cercou. Rodearam-nos em um uníssono perfeito, os Caçadores facilmente pulando o meio-fio quando necessário. As motos rugindo mesmo não indo terrivelmente rápidas.

Finn colocou sua mão em meu braço, aumentando a picada. Em um palpite, eu diria que ele estendeu seu escudo mágico sobre meu corpo. Lachlan ficou parado do meu outro lado. A rua e as calçadas ao redor de nós tinham esvaziado como se por magia.

O Erlking torceu o guidão de sua moto, fazendo-a rosnar ainda mais ferozmente.

Chamas explodiram do cano de descarga, lembrando-me como seu cavalo parecia cuspir fogo. Eu não poderia ajudar me encolhendo ao som da moto que religou novamente. Eu poderia ter me envergonhado cobrindo meus ouvidos se Finn não tivesse tido um forte agarro sobre meu braço. Eu podia ouvir o Erlking rindo mesmo sobre o rugido das motos.

Então de repente, todos os Caçadores pararam ao mesmo tempo, o rugido de suas motos acalmando para um rosnado preguiçoso.

Meu coração batendo em minha garganta, eu olhei ao redor para esses pesadelos de Fadas. Cada um dos Caçadores estava vestido de forma idêntica a uma simples equitação preta de couro. Capacetes pretos com viseiras reflexivas escondiam seus rostos, luvas pretas, ou talvez devesse chamá-las de manoplas, escondiam suas mãos para que nenhum pedaço de pele ou cabelo estivesse visível. Apenas o fato de que suas configurações estavam ligeiramente diferentes um do outro os impediu de parecerem como um bando de clones.

O Erlking era outra história. Seu couro preto estava fortemente adornado com tachas prata e metal, ele realmente tinha esporas prata ligadas a suas pesadas botas de motoqueiro. As esporas poderiam o ter feito parecer ridículo se ele não fosse tão assustador.

Ele também usava luvas, embora as suas tivessem terríveis metais de prata ao redor das juntas. Caramba! Seu capacete era de um formato estranho, chegando a um ponto na frente de seu rosto como se a partir de uma armadura, chifres de prata estavam pintados em cada lado da cabeça, lembrando-me de uma máscara grotesca que ele tinha estado usando quando o vi pela primeira vez. Mais assustador ainda, ele usava uma familiar bainha enrolada em suas costas, mas pelo menos ele não tinha tirado a espada.

Quando eu o tinha visto a distância, eu soube imediatamente que ele era um cara grande. De perto e pessoalmente como ele estava agora, eu vi que ele era enorme. Ele tinha pelo menos 1,95m de altura e, embora seu corpo estivesse bem escondido atrás daquele couro preto, eu poderia dizer pela maneira como ele enchia a roupa que ele era solidamente musculoso. Como se ele não fosse intimidador o suficiente caso contrário.

Eu não sei quanto tempo durou nosso empate de silêncio. Parecia para sempre, mas foram provavelmente apenas alguns minutos no máximo. Minha boca estava seca com o medo, mesmo sabendo que ele não poderia me machucar, meu coração disparou mais rápido, eu morreria de ataque cardíaco.

E então o Erlking estendeu a mão e tirou seu capacete.

Eu senti que a corrida do meu coração tinha de repente parado de bater enquanto eu o observava agitar seus cabelos e enganchar seu capacete no guidão de sua moto.

Não há tal coisa como um Fae feio. Pelo menos não entre os Sidhe, a aristocracia das Fadas. Seus rostos eram sempre de proporções perfeitas, suas peles sempre desprovidas de manchas, rugas ou sardas. Mesmo assim, nem todos os Fae eram criados iguais. Até este momento, Finn tinha estado no topo da minha lista das criaturas mais lindas que eu já tinha colocado os olhos. O Erlking estabeleceu um novo padrão.

Os Fae são geralmente loiros, com um pouco de ruivo jogado em variedade, mas o cabelo do Erlking era um profundo e brilhante preto e chegava até metade de suas costas. Seus olhos eram de um azul profundo, emoldurados por cílios pretos e grossos, sua boca parecia estar no dicionário ao lado da palavra sensual. Uma surpreendente tatuagem azul na forma de um cervo pulando curvava ao redor do lado de seu rosto um pouco acima de sua sobrancelha abaixo para sua bochecha.

Como todos os Fae, o Erlking não envelhecia, seu rosto pertencia a alguém em seus vinte e poucos, mas havia algo sobre seus olhos que o fazia parecer...

antigo. Havia profundidade de conhecimento naqueles olhos que me fizeram sentir como seu eu pudesse me afogar neles.

Forcei-me a lembrar da vista dele levantando sua espada para matar um homem desarmado e em fuga. A memória não o fez menos lindo, mas me impediu de encará-lo em o que eu suspeitava era um estado de temor embaraçoso.

— Dana, filha de Seamus. — o Erlking disse em uma voz que misturou com o barulho das motos. — Prazer em vê-la.

Ele colocou sua mão sobre o coração, então se inclinou em sua cintura. O gesto deveria ter parecido estranho enquanto ele se escarranchava em sua moto, mas não pareceu.

Calculei que mantendo minha boca fechada era a melhor opção quando encarando criaturas malévolas das Fadas. Os olhos do Erlking brilharam com humor um momento antes de ele voltar sua atenção para Finn.

— E Finn, de Daoine Sidhe. — ele não se curvou desta vez, mas ele assentiu com a cabeça com o que pareceu quase como respeito. — Um guardião digno para a joia mais preciosa de Avalon.

Eu não estava surpresa que Finn também optou por ficar calmo. Como eu disse, ele era o tipo forte e silencioso.

Eu esperava que o Erlking cumprimentasse Lachlan de alguma forma, como ele tinha feito comigo e com Finn, mas ele dispensou o ogro com não mais que um olhar superficial e um enrolar de seus lábios. Como eu tinha descoberto de meu pai, Sidhe era notoriamente classista, ogros eram considerados seres inferiores. Isso me irritou, mas eu não estava indo tentar ensinar maneiras ao Erlking.

O Erlking fixou-me com um olhar que senti como intenso pingente de gelo em meu coração. Minha respiração congelou em meus pulmões e meus instintos de voos lutadores desejaram correr. Meu corpo inteiro estava tremendo com a necessidade de fugir por minha vida, suor escorrendo em minha testa e sob meus braços enquanto meu sangue virava pura adrenalina. Quando consegui arrastar uma respiração, meus pulmões ofegaram com o esforço. Eu acho que se Finn não tivesse segurando meu braço, eu poderia não ter sido capaz de resistir ao instinto desesperado do meu corpo de fugir. Não que eu pudesse ter ido a qualquer lugar com os Caçadores nos cercando.

— Deixe-a em paz. — Finn ladrou.

O Erlking sorriu e afastou seu olhar de mim. A necessidade de correr desapareceu instantaneamente, eu sabia que ele tinha usado algum tipo de mágica contra mim para aumentar meu medo para terror. Lutei para me impedir de tremer enquanto eu tentava acalmar minha frequência cardíaca frenética. Seja qual for a magia que ele usou, eu não tinha sentido isso no ar.

O Erlking encontrou meus olhos novamente, mas desta vez não tentou nenhum truque.

— É raro para uma pessoa com sangue mortal ser capaz de resistir ao meu olhar.

Mesmo um Fae com sangue puro pode sentir os efeitos, mas apenas sob certas circunstâncias. Parece que há mais em você do que os olhos mostram.

O Homem Pesadelo então passou a piscar para mim, como se ele e eu estivéssemos em uma grande piada juntos. Engoli em seco. Eu não sabia como, mas tinha certeza que ele sabia sobre minha afinidade com magia. Talvez fosse a magia que tenha me impedido de me render ao pânico. Ele era perigoso o suficiente sem ele saber meu segredo.

O Erlking sorriu para mim. Em outra pessoa, aquele sorriso provavelmente teria parecido amigável, mas não nele.

— Não sou seu inimigo, Faeriewalker. — ele disse. — Não posso fazer justiça alegando ser seu amigo também. Entretanto, vou lhe oferecer um sinal de...

— ele bateu em seu queixo e franziu o cenho como se pensando muito, embora, eu tenha a sensação que ele estava apenas fazendo um show. — ...

Boa vontade.

Ele olhou para mim com expectativa. Eu ainda pensava que manter minha boca fechada perto desse cara era o mais inteligente. No entanto, eu não queria deixá-lo com a impressão que eu era um coelhinho assustado, tremendo de terror e esperando que o grande lobo mau não fosse me comer.

— Obrigada. — eu disse, e consegui obter algum sarcasmo em meu tom, apesar de soar com medo mesmo em meus ouvidos. — Mas não, obrigada. De alguma forma, eu não acho que aceitar provas de você seria uma ideia intensa.

O Erlking riu, e seus Caçadores o ecoaram em uníssono horripilante. O Erlking era aterrorizante, mas seus Caçadores eram simplesmente assustadores.

Eu não tinha ideia de o que eu disse fosse tão engraçado, mas apesar da

minha vontade de parecer indiferente, eu sabia que o sangue estava subindo em minhas bochechas. Gozação era algo que eu nunca tinha levado bem.

O riso parou tão abruptamente quanto tinha começado. O Erlking apanhou seu capacete. Eu esperava que isso significasse que ele e seus amigos estavam prestes a partir.

— Eu lhe darei a prova mesmo se o deseja ou não. — ele disse. Pela primeira vez, ele voltou toda a sua atenção para Lachlan, quem tinha estado tão quieto e silencioso que eu quase esqueci que ele estava lá.

— As coisas nem sempre são o que parecem, não é? — o Erlking perguntou a Lachlan com um sorriso.

Para minha surpresa, Lachlan empalideceu e deu um passo atrás, como se ele estivesse pensando em correr. O Erlking tinha sugerido que seu poder de terror não funcionava tão bem em Fae a menos que eles tivessem algum sangue mortal neles, o que eu tinha certeza que Lachlan não tinha. Eu nem mesmo sabia se ogros eram capazes de se reproduzir com humanos.

Finn estava dando a Lachlan um olhar engraçado também.

— Lachlan? — ele perguntou. — O que há de errado?

Eu praticamente pulei para fora da minha pele quando o Erlking de repente religou sua moto. Os Caçadores quebraram seus círculos, nos libertando enquanto se alinhavam em formação atrás de seu líder.

— Remova seu glamour, Finn de Daoine Sidhe. — o Erlking disse. — Então você entenderá porque meu olhar o afetou como o fez.

Com outra risada, ele colocou seu capacete novamente. O rugido das motos da Caça Selvagem foi ensurdecedor enquanto se afastavam.

Eu não me sentia exatamente segura agora que a Caça tinha nos deixado, mas pelo menos fui capaz de desviar minha atenção para qualquer outro lugar. Olhei para Lachlan, quem estava segurando suas mãos para cima em frente a ele no que parecia ser um gesto defensivo enquanto se afastava de Finn.

Magia cresceu no ar, derramando sobre Finn em ondas, o olhar em seu rosto não era promissor. Eu tinha um bom palpite do que ia acontecer quando Finn lançava qualquer magia que estava prestes a lançar, isso fez meu estômago dar uma reviravolta.

Finn lançou sua magia, isso bateu em Lachlan como um golpe físico, derrubando-o para trás, explodindo seu glamour. Sem seu glamour, ele deveria ter parecido um monstro: um ogro maciço e feio com dedos em garras e uma boca cheia de presas. Em vez disso, havia um homem musculoso de altura mediana com olhos erguidos de Fae, mas ostentava uma barba irregular que dizia que ele tinha uma boa dose de sangue humano nele.

Uma coisa era certa: isso não era Lachlan.

Finn me alcançou, sem dúvida, para me empurrar atrás dele e no momento em que ele tirou os olhos do impostor, o bastardo virou o rabo e correu.

— Pare-o. — eu gritei para Finn, mas eu sabia antes das palavras deixarem minha boca que ele não iria. Seu trabalho era me proteger, então ele não poderia perseguir o impostor. Mas se o impostor fugiu, então nós nunca saberemos quem o tinha enviado e o que ele tinha feito com o real Lachlan.

Em retrospecto, o que eu fiz em seguida foi o mais o estúpido possível. Keane poderia ter me treinado em auto defesa, mas eu ainda era uma iniciante, na melhor das hipóteses. Sou uma pessoa muito cautelosa, na filosofia olhar-antes-de-pular. Mas estar em Avalon, aprendendo a lutar, e constantemente estar em perigo estava me mudando em mais de uma maneira.

O falso Lachlan estava fugindo porque Finn tinha que tomar conta de mim, eu não queria o falso Lachlan fugindo. Então, deixei cair minha sacola de mantimentos e corri atrás dele.

Minha mudança imprudente pegou Finn completamente de surpresa, então ele foi derrotado muito lentamente quando ele tentou me alcançar e me agarrar. Eu o ouvi gritar meu nome enquanto eu me esquivava de seu alcance, mas eu o ignorei e continuei correndo. A chegada da Caça Selvagem tinha eficientemente limpado as ruas, então ambos o impostor e eu éramos capazes de correr a toda velocidade. Eu ouvi o som dos pés de Finn batendo na calçada atrás de mim, eu me permiti um pequeno sorriso de satisfação. Posso não ser páreo para o impostor, mas o cara não estaria correndo como se sua vida dependesse disso se ele achasse que poderia lidar com Finn.

O sorriso desapareceu quando o impostor de repente parou em seu curso, girando ao redor para me enfrentar. Tentei colocar o pé no freio, mas eu estava correndo apressada e não conseguiria parar a tempo.

Bati no corpo do impostor, meu impulso empurrando-o de volta alguns passos enquanto sua respiração saía. Mas aparentemente, ele tinha estado preparado para mim, porque ele recuperou seu equilíbrio muito mais rápido que eu; passou seus braços ao meu redor, girando-me para que minhas costas ficassem contra seu peito. Um de seus braços fixou o meu para meus lados, enquanto o outro braço veio ao redor do meu pescoço.

— Para trás! — ele gritou para Finn. — Chegue mais perto, e quebrarei o pescoço dela.

Finn parou muito mais graciosamente do que eu tinha e fitou os punhos em meu atacante.

Mas eu não tinha estado todas aquelas lições de autodefesa de Keane sem nenhuma razão, nós tínhamos praticado todos os números diferentes de escapar deste particular agarre, que era aparentemente um velho suplente para caras maus. Sem um momento de hesitação, eu fiz três coisas em rápida sucessão. Eu pisoteei para baixo tão forte quanto eu podia em seu pé direito. Então abaixei a cabeça e afundei meus dentes em seu antebraço. Ele gritou e começou a me deixar ir, foi quando eu bati minha cabeça para trás tão forte quanto eu podia.

Quem quer que ele fosse, o cara não era particularmente alto, e a parte de trás da minha cabeça fez contato satisfatório com o nariz. O som apertado me fez estremecer, assim como seu grito de dor. Mas ele me deixou ir rapidamente.

Fiquei me perguntando se eu deveria me virar e dar-lhe um bom pontapé no joelho para me certificar que ele não fugiria, mas antes que eu pudesse decidir, Finn puxou-me para longe e plantou seu punho no rosto do impostor. Cada músculo em seu corpo ficou mole de uma só vez e ele caiu no chão em um monte.

7

Apesar das minhas queixas frequentes sobre como os visitantes de Faerie, praticamente, podiam sair com os assassinos em Avalon, a cidade tem um sistema de justiça e uma força policial. No momento em que o imitador de Lachlan caiu fora de combate, a Caça Selvagem já havia ido há tempo suficiente para que as pessoas começassem a colocar a cabeça para ver se a barra estava limpa. Alguém deve ter visto o que aconteceu, porque antes que Finn tivesse tido a oportunidade de se aproximar de mim e me parabenizar pelo meu excelente desempenho. *Hey, podia acontecer!* Ouviu-se o som de sirenes se aproximando.

O olhar no rosto de Finn disse que ele estava considerando me carregar e correr, mas já tinha testemunhas suficientes para que os policiais nos rastreassem se tentássemos e isso não podia ser bom.

Finn meneou seu dedo em meu rosto.

— Não vai falar com a polícia, Dana. — disse. — Você é menor de idade e eles não podem te interrogar sem a permissão do seu tutor legal, portanto, mantenha a boca fechada.

Franzi o cenho para ele.

— Por quê? Não é como se tivéssemos feito algo errado. — pelo menos até onde eu sabia.

Finn me deu um longo e doloroso olhar.

— Você poderia fazer, apenas uma vez, o que eu digo sem as mil e uma perguntas?

— Bem, perdão por querer entender porque não tenho que falar com a polícia.

Finn não teve tempo de responder antes que a polícia caísse sobre nós.

Pela forma com que Finn tinha falado, eu quase esperava que a polícia nos arrastasse ou algo assim, mas quando Finn lhes disse o que aconteceu, eles aceitaram a sua palavra sem hesitar e colocaram as algemas no falso Lachlan. Quando os policiais me perguntaram se eu estaria disposta a

responder algumas perguntas, eu mordi a língua e lhes disse que eu queria esperar por meu pai. Não me agradava, mas Finn não teria me feito ficar em silêncio sem uma boa razão. Pensei que talvez a polícia ficasse irritada com isso, mas não pareceu se irritarem muito.

Apenas nos pediram para que fossemos à delegacia para dar declarações formais, ou pelo menos para que Finn desse uma declaração oficial enquanto tentavam contatar meu pai, quando meu pai fez uma aparição surpresa. Eu sabia que Finn não o havia chamado e a polícia não tinha tido tempo, então eu me perguntei como ele sabia onde me encontrar e que eu precisava encontrá-lo. Ele era Oficial do Conselho de União. A única coisa que eu sabia era que se tratava de algum tipo de posição do Governo e que lhe dava certo tipo de poder.

Não posso dizer com certeza o que aconteceu depois, mas minha suspeita é que um pouco de dinheiro mudou de mãos, ou meu pai moveu alguns pauzinhos. Qualquer que seja a razão, a polícia decidiu que Finn e eu não tínhamos que fazer uma declaração formal depois de tudo.

— Leve-a para casa imediatamente. — meu pai disse a Finn enquanto os policiais colocavam o falso Lachlan na parte traseira de um de seus carros. — Estarei lá tão logo possa e espero um relatório completo.

Finn recebeu suas ordens com um gesto formal.

— E sobre Lachlan? — perguntei. — Ele pode estar em problemas.

Papai fez um das suas caras de deboche que dizia que um Troll está abaixo das suas preocupações.

— Não vamos ser capazes de fazer nada por Lachlan até que possamos interrogar o impostor. Pelo que sabemos, ele é um cúmplice.

Abri a boca para dizer alguma coisa com raiva, mas meu pai me interrompeu antes que eu pudesse.

— Vamos chegar ao fundo disto. — ele prometeu. — E se Lachlan esta em problemas, eu vou fazer todo o possível para ajudá-lo. Agora depressa para casa. Você já teve um dia bastante cheio.

Eu poderia ter argumentado um pouco mais, mas ele se afastou de mim.

Eu não gostava de ser dispensada como uma criança chata, mas eu pensei que se Finn ia dar uma completa narração dos acontecimentos do dia para o meu pai, seria melhor eu ficar fora de seu alcance o maior tempo possível. Chame-me de louca, mas eu não acho que meu pai estaria feliz em saber que eu havia perseguido o impostor.

Quando Finn me levou para longe da cena do crime, olhei para trás por cima do ombro e vi o meu pai entrando no banco da frente de um dos carros de polícia. De alguma maneira, eu não acreditava que fosse o que um civil fazia. No entanto, ninguém parecia ter algo contra e ambos os carros se afastaram.

* Milagrosamente, minha sacola de comida ainda estava na calçada onde havia caído. Ainda melhor, nada havia derramado ou quebrado, ainda que eu suspeitasse que os pratos que eu tinha comprado para os meus cereais iam estar cobertos de manchas brancas e desagradáveis. Por causa do que havia feito, não importando o quão bobo podia ter sido, o impostor tinha sido detido pela polícia e eu não podia deixar de me sentir orgulhosa. Eu tinha passado muito tempo em Avalon como uma donzela em apuros, portanto eu me sentia bem por ter marcado esta pequena vitória. Não importa quão ferozmente Finn franzisse o cenho enquanto me acompanhava novamente para a casa de segurança.

— Se aquele homem tivesse uma arma. — Finn disse em voz baixa uma vez que estávamos na intimidade dos túneis escuros. — Você bem poderia estar morta.

Lutei contra um calafrio.

— Então, boa coisa para mim que ele não tivesse. — respondi com a maior valentia que pude reunir. Se eu pensasse muito no que poderia ter acontecido, estaria totalmente com os cabelos em pé.

Pelo canto do olho, vi Finn balançar a cabeça.

— Esse não é o ponto e você sabe disso. Não pode continuar correndo riscos assim. Sou bom no meu trabalho, mas não sou invencível e agora, você esta tornando o meu trabalho muito mais difícil do que tem que ser.

Encolhi um pouco os ombros pela reprimenda. Se ele tivesse gritado ou

começado a latir ordens, eu teria batido os pés e me defendido. Sua calma, sua tranquila reação era muito mais difícil de combater.

— Desculpe. — murmurei. — Eu realmente não pensei no momento.

Simplesmente vi que ele estava se afastando e reagi.

Ele suspirou.

— E ontem à noite? Você pensou nisso antes de sair para a farra durante a noite sem guarda costas?

Eu estava muito esperançosa que desde a noite anterior tivesse passado muita água por debaixo da ponte. O fato era que no momento que eu havia decidido sair escondida com Keane, sentime segura com ele. Sim, eu sabia que estava me arriscando, mas não me havia parecido um risco particularmente grande. Depois de ver o quão ruim que foi para Keane o confronto com Finn, percebi que eu tinha me arriscado muito mais do que havia percebido. Eu não podia dizer nada em minha defesa, assim, mantive a boca fechada.

Quando voltamos para a minha casa de segurança, Finn não me deixou ir para o quarto, mas insistiu para que eu me sentasse no sofá da sala de guarda. Ele se sentou em uma poltrona em frente, os cotovelos apoiados nos joelhos quando me olhou detidamente com seu verde olhar.

— Seu pai vai estar irritado com você. — ele advertiu.

Bem, uh! Se papai viesse com a sua, eu estaria escondida nesta estúpida caverna 24/7, então eu esperava que ele se alegrasse que tivéssemos assumido o risco de perseguir os impostores. É provável que ele não ficasse muito feliz em saber que eu havia chegado a conhecer o Erlking, se bem que não foi minha culpa.

— Ele tem sido uma pessoa poderosa por toda a vida. — Finn continuou. — Trabalhando como um guarda costas, eu estou intimamente familiarizado com o quão difícil é para alguém que não está acostumado a estar em perigo, se ajustar. Proteger a si mesmo é uma segunda natureza do seu pai e ele tem problemas para entender que não é para você.

Pisquei confusa para Finn, sem saber aonde ele ia com isto. Havia

esperado uma conferência, mas não parecia ser o que eu estava recebendo.

— O que esta tentando me dizer? — perguntei.

— Acho que estou tentando te preparar para a reação dele e me assegurar que você veja seu ponto de vista. Entendo que você vá cometer erros. Tenho cuidado de muitas pessoas durante muitos anos e eu não esperava isto, mas ele não vai entender, pelo menos não de imediato. É por isso que eu não vou dizer para o seu pai sobre a aventura da noite anterior. Lembre apenas que ele esta tentando te manter a salvo, mesmo que o faça de uma maneira que não te agrada.

Acho que eu nunca ouvi Finn falar tantas palavras seguidas. Quase me deu vontade de fazer o que ele dizia e dar ao papai um pouco de paz, mas se papai viesse aqui e começasse a gritar comigo, eu sabia que não seria capaz de ajudá-lo a não ficar louco.

* Passaram-se várias horas antes que eu tivesse que confrontar meu pai e sua ira.

Aparentemente ele tinha algum poder com a polícia e tinha ficado ao redor enquanto eles interrogavam o impostor.

Acabou que o impostor era um mercenário do submundo que oficialmente era um cidadão de Avalon, mas tinha sangue suficiente de Fae nele para que passasse grande parte do seu tempo em Faerie. Ele tinha sido contratado por minha tia Grace para me sequestrar.

Grace tinha dado a ele uma espécie de amuleto escrito que havia lhe permitido eliminar Finn e tinha esperado a oportunidade perfeita para utilizá-lo. Então teria me agarrado e arrastado para dentro de Faerie, onde me entregaria para Grace. Isso fedia todo o tempo já que Grace queria me usar como uma arma para matar Titânia e usurpar o trono Seelie. Além do mais, ela me odiava e o sentimento era mútuo.

Para a minha sorte, o mercenário foi intimidade por Finn e ele tinha problemas para lidar com um ataque de nervos. Também para a minha sorte o Erlking tinha aparecido e o tinha revelado como impostor. Porque o Erlking tinha feito isso era um mistério, principalmente se ele tinha sido enviado para me matar. Eu tinha a esperança de nunca ter a chance de ouvir a sua

explicação.

Lachlan estava bem, graças a Deus. O impostor tinha usado outro dos feitiços de Grace no Troll, deixando-o paralisado e impotente em seu apartamento. A polícia foi capaz de lançar um contra feitiço que o liberou.

Tentei convencer meu pai que era um caso de: está tudo bem quando acaba bem, mas ele não engoliu. Trancou-me durante uma semana. Nunca tinha estado de castigo antes em minha vida e esta era a segunda vez desde que eu havia chegado à Avalon.

Havia uma parte em mim que queria empurrar, ameaçar uma vez mais em abandonar Avalon quando completasse dezoito anos se meu pai insistisse em fazer isso comigo. Esforcei-me para empurrar essa parte de mim para dentro. Por um lado, se eu continuasse com a ameaça, ele perderia seu poder. Por outro lado, tinha que admitir a contragosto que talvez eu merecesse isso.

* Saber que eu merecia não fez a semana seguinte mais fácil de suportar. Papai me tinha sob uma vigilância severa onde eu não podia nem sequer ter minhas sessões de luta com Keane. Nem em um milhão de anos eu teria me imaginado perdendo, mas eu perdi. Não era por outra razão que isso me ajudou a passar o tempo.

Bem, bem, havia outra razão também. A maioria das vezes, Keane me deixava histérica, mas era agradável passar o tempo com alguém da minha idade. Sim, tecnicamente ele era dois anos mais velho que eu, mas estava muito mais perto da minha idade do que, por exemplo Finn, que foi minha única companhia durante meu cativeiro. Até mesmo o fato de meu pai ficar longe pareceu me provocar.

Esforcei-me para falar com Kimber todos os dias e acho que era a única coisa que me manteve calma. Fizemos planos de ir a um Spa para fazer as unhas assim que eu fosse livre para sair da minha casa de segurança. Eu nunca tinha feito manicure em minha vida, quando eu vivia com minha mãe, sempre estivemos fracas de dinheiro e eu não podia me permitir esse tipo de luxo. Para não falar que eu não havia tido amigas com quem ir. Era uma coisa pequena, mas a perspectiva me ajudou a suportar meu castigo.

Não foram tão agradáveis as chamadas telefônicas de Ethan. Depois de vê-lo na festa de Kimber com a loira, eu realmente não estava interessada em

falar com ele, então quando seu nome apareceu no identificador de chamadas, eu não respondi. Nas primeiras vezes, ele desligou sem deixar mensagem, mas logo começou a me pedir para que ligasse de volta. Até peguei o telefone para fazê-lo uma ou duas vezes, mas nunca cheguei tão longe para marcar seu número. O que eu tinha para lhe dizer? Preocupava-me soar como uma namorada ciumenta, mesmo que não fossemos namorados e provavelmente eu morreria de humilhação se realmente começasse a chorar.

Mas Ethan não é o tipo de pessoa que aceita um "Não", como resposta. Quando o telefone tocou na quarta-feira e o identificador de chamadas dizia que era Kimber, atendi sem hesitar um instante, mas apenas porque a chamada vinha do telefone de Kimber não queria dizer que era ela quem estava ligando.

— Não me ligou de volta. — disse Ethan quando respondi.

Mordi minha língua para não gemer. Se eu tivesse algum juízo teria desligado o telefone e o teria desconectado da tomada. No entanto, já tínhamos estabelecido que eu era um pouco curta de juízo.

— Notícia de última hora. — eu disse. — Se eu não te liguei de volta, significa que eu não quero falar com você. — *desligue Dana*, eu disse a mim mesma. Mas eu não escutava.

Eu quase podia ouvir seu gesto perplexo.

— Por que você não quer falar comigo?

A raiva me alfinetou. Ele tinha que saber que eu estive na festa de Kimber. Claro que ele podia averiguar por si mesmo o porquê eu não desejava falar com ele. Bancar o inocente apenas fez eu me irritar mais.

— Caramba, eu não sei Ethan. — disse com os dentes apertados. — Talvez seja porque eu te vi com a loira na festa de Kimber. Sim, eu estou bastante segura de que isso é tudo. — encontrei-me segurando a respiração, esperando que Ethan tivesse alguma explicação perfeitamente inocente do por que a loira se esfregava nele. Não tenho ideia de qual explicação poderia haver, mas isso não me impedia de ter esperanças.

O silêncio momentâneo de Ethan jogou por terra essa esperança certamente frágil.

— Idiota. — murmurei em voz baixa e uma vez mais dei a mim mesma a ordem de desligar. Pena que eu não era nada boa acatando ordens, inclusive de mim mesma.

Ethan finalmente encontrou a voz.

— Isso não significou nada. Estávamos...

passando um bom tempo na festa. Além do mais, você deixou perfeitamente claro que nós não estávamos saindo, então pensei que não havia nada de errado nisso.

Por um lado, ele tinha um ponto. Eu tinha sido bem clara com minhas palavras de que nós não éramos namorados. Por outro lado, ele tinha sido igualmente claro me dizendo que esperava que eu mudasse de opinião, o que significava que ele não estava se relacionando com outras garotas ao mesmo tempo.

— Você tem razão. — eu disse secamente. — Nós não estamos saindo.

Finalmente encontrei a força de vontade para desligar e apenas resisti a tentação de jogar o telefone pelo quarto. Lágrimas de raiva queimavam meus olhos, mas eu me recusei a deixá-las cair.

Respirei profundamente, tentando me acalmar. Cada osso em meu corpo me dizia que Ethan era má noticia para mim. Era mais velho que eu, era um jogador e um mentiroso. Era exatamente o tipo de garoto com que eu não queria me envolver. E, no entanto, estúpida de mim, queria que ele me perseguisse, fazendo-me sentir uma mulher adulta em vez de uma garota. A ideia de ter um bombom como Ethan me escolhendo entre todas as demais belezas, as garotas mais mundanas que conhecia, fazia com que o meu coração saltasse aos pulos.

Entretanto, alô, a realidade aqui, ele não estava me escolhendo entre todas as outras garotas. De fato, se fosse um dos seus truques habituais, ele não esta se incomodando em escolher ninguém.

Vê-lo com aquela garota na festa, havia me feito mal como uma bofetada na cara, mas provavelmente era bom para mim. Talvez me ajudasse a descer a cabeça das nuvens, me ajudasse a ver Ethan como ele realmente era em vez de como eu queria que ele fosse. O telefone voltou a soar, mas eu

deixei que a secretária eletrônica atendesse.

— Vamos Dana. — disse Ethan depois do sinal. — Fale comigo.

Eu havia cruzados os braços e resisti a tentação de atender ao telefone. Ethan suspirou dramaticamente.

— Você esta fazendo tempestade do nada. — ele disse. — Eu estava dançando com ela. Qual é o problema?

Se eu baixasse minha guarda, essas palavras teriam feito eu me sentir como uma idiota melodramática. Certamente Ethan tinha direito de dançar com outras garotas em uma festa, especialmente quando ele tinha a impressão de que eu não ia estar lá. Ele poderia ter sido capaz até de dizer que eu havia interpretado errado o nível de flerte que havia visto.

Mas, eu estava com a minha guarda alta e não pude deixar de me lembrar das hesitações iniciais de Ethan quando perguntei sobre a garota. Se ele realmente acreditava que o que estava fazendo com ela era tão inocente, não teria reagido assim.

Lembrando a mim mesma, uma vez mais, de alguns dos momentos de Ethan menos nobres, como quando tinha tentado me seduzir com a magia e quando tinha armado com que eu fosse atacada para poder brincar de cavaleiro de brilhante armadura, encontrei a força de vontade para ignorar sua voz na secretária eletrônica.

Finalmente ele se deu por vencido. Pelo menos foi isso que eu pensei.

8

Acabei em um clima desagradável depois de falar com Ethan. Eu tentei manter minha mente longe dele através de ferramentas da Internet.

Então eu tentei assistir TV, mas nunca fui fã de TV durante o dia. Então tentei ler um livro.

Nada parecia ser capaz de distrair meus pensamentos sombrios. Agora, mais do que nunca, eu gostaria de ainda ter minhas aulas com Keane. Quando eu estava treinando com ele, não havia lugar no meu cérebro para outra coisa a senão a sobrevivência.

Percebendo que eu precisava de algo que absorvesse mais de minha energia mental do que qualquer coisa que eu já tentei, decidi tomar mais uma dose de autoaula de magia. Eu tive que abafar a pequena voz na minha cabeça que me disse que era um esforço inútil. Eu estava tentando desde a primeira vez que meu pai tinha me colocado de castigo e, embora eu agora pudesse convocar a mágica para mim com relativa facilidade, eu não sabia como fazê-la dar nenhum resultado.

Eu realmente gostaria de pedir ajuda com isso, mas acreditava que Ethan estava certo e eu estaria melhor mantendo a minha afinidade mágica como um segredo. De acordo com Kimber, que tinha explicado o básico de mágica para mim antes que eu tivesse qualquer ideia que poderia usá-lo, a magia é uma força quase sencientes – uma ideia que ainda me assusta, que é nativa das Fadas. Tanto quanto qualquer um sabia, em se tratando de magia, os Faeriewalkers foram tratados como humanos no passado, significava que Faeriewalkers não poderia sentir a magia, muito menos usá-lo. Mas por alguma razão, a magia parecia ter tomado um gosto para mim. Algo sobre a minha distinta voz com sua pureza e seu vibrato Fae humano, parecia desenhar a magia dentro.

Um monte de pessoas já estava com medo de mim. Bem, não exatamente de *mim,* mas do que eu era capaz de fazer. Não só eu poderia viajar livremente entre Faerie e o mundo mortal, mas eu e aqueles dentro do meu campo de influência também poderíamos levar a magia ao mundo mortal e tecnologia para Faerie.

Grace queria me usar para matar a rainha Seelie porque, comigo ao seu lado, Grace poderia carregar uma arma para Faerie e atirar na Rainha.

Se todos soubessem que eu poderia convocar a mágica a mim, algumas das pessoas que apenas queriam me usar poderiam decidir que eu era muito perigosa e se aliar com aqueles que queriam me matar. Que significava que eu não podia admitir para ninguém, nem mesmo meu pai, que podia sentir que magia que estava no ar. Isso fez o meu interior estremecer ao saber que Ethan sabia o meu segredo, porque eu não poderia confiar completamente nele. E a ideia de que o Erlking pudesse adivinhar...

Sacudi estes pensamentos o melhor que pude, então me fechei no meu quarto o mais longe de Finn que eu poderia ficar. Eu não sabia o quão perto ele teria de estar para sentir a mágica se construindo, mas ele não tinha vindo correndo das vezes anteriores que eu tinha tentado recolher magia, então eu esperava que isso significasse que o meu quarto era longe o suficiente.

Eu respirei fundo para me acalmar, a ideia de convocar a magia automaticamente elevou meu pulso para uma corrida, então começou a série de vocalização que eu costumava aquecer minha voz antes de cantar. (Não me pergunte por que eu ainda praticava quando não tinha uma professora de canto aqui em Avalon).

As primeiras vezes que tentei convocar a magia, eu havia levado um tempo para controlá-la. Eu tinha ido através das vocalizações, então tinha que cantar algumas músicas antes de começar a sentir o formigar da magia na minha pele. Hoje, ele foi muito mais rápido. No momento em que eu terminei o meu primeiro conjunto de escalas, eu já senti uma sensação de algo...

estranho na sala.

Eu não tinha certeza no início do que era, não tinha certeza se não era minha imaginação. Mas quando mudei de escalas para arpejos, o sentimento se intensificou e os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficaram em alerta. Minha voz falhou e eu estava um pouco plana no topo do arpejo, mas a presença de formigamento permaneceu. Aparentemente, não se importava com uma nota ácida aqui e ali.

Esperando construir meu sucesso precoce, eu pulei o resto do meu aquecimento e fui direto para "Brahms Lullaby", uma das primeiras canções

que eu aprendi quando comecei a ter aulas de voz. Era muito mais simples do que as canções e árias que eu estava trabalhando quando tinha fugido de casa, mas a simplicidade e familiaridade tornaram mais fácil para eu ficar concentrada quando a presença da magia fazia minha concentração vacilar.

O ar parecia espesso em torno de mim, difícil de respirar e isso era tudo o que eu poderia fazer para não esfregar meus braços para tentar dissipar a sensação de formigamento. Parecia pezinhos de ratos que estavam competindo para frente e para trás em toda a minha pele, a sensação mais intensa do que nunca. Apesar do meu tom geralmente perfeito, eu estava debatendo agora, a minha voz, por vezes acentuada, agora estava plena enquanto eu lutava para me manter sobcontrole.

Isso era um progresso, eu sabia. A magia que me rodeava era mais forte do que nunca e tinha vindo mais rapidamente ao meu chamado. Agora se eu pudesse descobrir como conseguir *fazer* alguma coisa. Outra coisa que me fazia sentir como uma alucinada paciente mental.

Minha respiração veio mais curta no ar pesado e eu não era capaz de sustentar as notas longas. Minha cabeça girava, e eu percebi que se não fizesse algo rápido, eu estaria hiperventilando e desmaiando.

Eu concentrei minha atenção na porta do meu quarto.

Kimber havia me dito que havia certas magias simples que quase todos os Fae podiam fazer. Um deles era bloquear ou desbloquear portas. Eu tinha nada mais do que um bloqueio pequeno na porta do meu quarto e me concentrei na imagem desse botão sendo pressionado por uma mão invisível.

A canção de ninar estava chegando ao fim e eu estava tendo que esgueirar uma respiração a cada pequena nota. Eu não queria nem saber como soava. Tenho certeza que não era bonita, entre as notas ardidas e os suspiros de ar. Foi ruim o suficiente, agora que até mesmo a magia parecia estar perdendo o interesse. Eu podia sentir isso recuando, o ar se tornar mais fácil para respirar, o formigamento começar a diminuir.

Ainda assim, eu continuei olhando para minha porta, querendo que ela se destrancasse com o poder que foi deixado no quarto. Mas nada aconteceu e momentos depois, quando a canção de ninar chegou ao fim, eu estava sozinha no meu quarto mais uma vez.

* Tentei mais duas vezes chamar a magia durante os dias restantes do meu cativeiro e o resultado foi o mesmo. Muita magia no ar, e nada para mostrar. Fiquei tão frustrada que eu poderia gritar.

Segunda-feira, quando finalmente chegou, eu estava tão pronta para escapar de minha caverna que eu queria que Kimber tivesse programado nossa visita ao Spa para a primeira coisa na manhã. Infelizmente, o nosso horário não foi até as duas horas, o que fez o que parecia ser a mais longa manhã na história do universo.

O Erlking ainda estava ao redor de Avalon, então eu ainda tinha que levar dois guardas comigo sempre que deixava a casa segura.

Eu supus que o meu segundo guarda para este passeio seria Lachlan e que Finn faria algum tipo de “hocus pocus” para confirmar se era realmente antes de deixar-me perto dele, mas acabou que eu estava errada.

Meu pai mostrou-se prontamente ao meio dia, carregando uma sacola de viagem que cheirava celestialmente. Ele sorriu para a minha surpresa.

— Tenho certeza que Lachlan é um segundo guarda perfeitamente capaz. — me disse — Mas eu tenho o luxo de ter algum tempo livre, então eu pensei em substituí-lo.

Você não se importa, não é?

Ele fez a pergunta soar casual, mas ali havia algo como quase...

uma tentativa a sua maneira. Ele estava preocupado que eu guardasse rancor dele por ter me colocado de castigo? Isso era verdade que viver com a minha mãe queria dizer que eu tinha praticamente zero de experiência com a autoridade parental é verdade, mas embora eu não exatamente gostasse de estar de castigo, mas havia algo tão normal e comum nisso que eu achei difícil de ressentir. Pelo menos não por isso.

Dei de ombros, perguntando se o meu gesto parecia mais genuinamente casual do que a dele.

— Por mim tudo bem. O que você trouxe?

Papai levantou o saco de comida para mostrar.

— O almoço da padaria do Lachlan. Eu não tinha certeza do que você gostava então eu trouxe uma seleção.

Nós estávamos na sala de guarda e Finn estava parado do outro lado da sala, tão longe quanto ele poderia estar, de forma que poderíamos ter uma ilusão de privacidade.

Papai não poupou ao Cavaleiro um olhar quando gesticulou para eu precedê-lo em minha suíte.

Eu estava fazendo o meu melhor para aceitar o fato de que meu pai era um esnobe. Os Fae são extremamente consciente das classes e, apesar disso, os Cavaleiros são o braço de espada de Faerie, eles eram tratados quase como servos. Eu duvidava que tivesse alguma sorte trazendo essa atitude do meu pai para o século 21, mas não pude deixar de tentar.

— Você não trouxe nada para Finn? — perguntei ao meu pai, de pé.

Papai arqueou uma sobrancelha para mim, depois voltou sua atenção para Finn.

— Você ainda não almoçou?

Finn piscou surpreso. Para dizer a verdade, eu estava meio que surpreendida também. Eu tinha certeza que papai empinaria o nariz ante a minha sugestão. Talvez eu pudesse trazê-lo para o século XXI depois de tudo.

— Eu já comi. — disse Finn, deslocando desconfortavelmente de pé para pé. A cor que subiu para seu rosto gritava que ele estava mentindo.

— Não, você não comeu! — eu disse. — Tenho certeza que meu pai tem comida suficiente ai para três pessoas. — inclinei uma olhada no meu pai, cujo rosto estava completamente impassível. — Talvez até mesmo quatro, com base no tamanho desse saco.

A cor nas bochechas de Finn escureceu e ele baixou a cabeça ligeiramente.

— Vá em frente e coma o seu almoço, Dana. Eu não estou com fome.

Eu balancei minha cabeça, assim não conseguindo resolver o problema.

Eu olhei para o meu pai com os olhos apertados.

Ele levantou um ombro em uma dica de um encolher de ombros.

—Não é só comigo. — mais uma vez, ele apontou para a porta da minha suíte.

Eu não consegui entende-lo imediatamente.

— *O que* não é só você? — perguntei enquanto me dirigi para a porta.

Papai não respondeu, e enquanto caminhávamos pelo corredor fortificado da minha suíte, comecei a entender.

— Você quer dizer que essa coisa toda de classicismo que vocês Faes tem em curso vai em dois sentidos.

Papai concordou.

— Finn é um Cavaleiro e enquanto que ele pode aceitar missões em Avalon - muitas vezes - ele nasceu e cresceu em Faerie. Ele tem experiência suficiente para compreender que os seres humanos têm uma atitude muito mais igualitária do que os Faes, mas ele ainda é um Fae. Ele nunca estaria confortável em se sentar para comer comigo como igual.

Papai fez-se em casa na minha cozinha, colocando para baixo o saco e vasculhando meus armários por pratos. Eu entendi o que ele estava dizendo, mas isso não significava que eu tinha que gostar.

— Eu ainda acho que é uma forma baixa de tratar alguém que está disposto a tomar uma bala para mim.

Papai se virou para me olhar. — Talvez seja. Mas isso não muda a realidade. — ele sorriu — E só porque o protocolo insiste que Finn e eu não socializamos, não significa que o mesmo se aplica a você.

Eu me abstive de dizer que não me importava com o que seu protocolo estúpido dizia. Eu não estava tratando Finn como uma peça de mobiliário como meu pai fazia e eu nunca agiria assim.

Papai parou seus esforços para servir o almoço e me deu um daqueles seus olhares quase vulneráveis .

— Eu não posso deixar de ser quem eu sou. — ele disse — Eu sei que parece terrível, mas é apenas parte de ser um nativo das Fadas. Temos expectativas profundamente arraigadas um do outro. Eu realmente sinto muito fazer você se sentir desconfortável.

Meu pai ainda era um pouco estranho para mim, mas eu acreditava que ele era sincero. Ele nunca me disse quantos anos tinha, mas eu sabia que era muito velho. Não era justo, da minha parte, esperar que ele mudasse, especialmente durante a noite.

Quando eu vim a Avalon para encontrá-lo, eu não tinha ideia do que esperar. Metade do tempo, minha mãe o tinha feito parecer ser o diabo encarnado; a outra metade, ela fez soar como um candidato à santidade. A realidade era que ele estava em algum lugar no meio.

— Pai, eu sei. — eu disse. — E eu estou tentando com todas as minhas forças entender. Honestamente.

Ele sorriu para mim, era impossível de perder o afeto paterno em seus olhos.

Talvez como um Fae de idade, ele não poderia ser tão demonstrativo quanto eu gostaria, mas eu sabia que ele me amava, mesmo tendo me conhecido há pouco tempo.

Apesar de tudo, ele era um pai muito bom, mesmo que houvesse coisas sobre ele que eu gastaria de mudar.

* Encontrei Kimber no átrio do Spa. Sentime estranha andando por aí com o meu pai e Finn atuando como guarda costas. Eu me senti ainda mais estranha entrando no Spa com eles.

O lobby era tão afeminado quanto eu poderia ter imaginado. As paredes, móveis e tapetes eram todos em silenciosos tons pastel e uma fonte de parede encheu a sala com o som da água escorrendo. Velas tremeluziam de arandelas nas paredes e as pequenas bacias de pot-pourri perfumavam o ar.

Meu pai e Finn pareciam completamente fora do lugar e a mulher na recepção olhou para eles com olhos arregalados e assustados. Tenho certeza que eles não foram os únicos homens a colocarem os pés no spa, mas, no momento, meio que me pareceu isso.

Kimber tinha chegado lá antes de mim e ela pulou de pé logo que entrei, deixando cair a revista de moda que estava olhando.

— Bem na hora! — ela declarou, olhando tão animada como uma criança de cinco anos no Natal.

Embora Kimber tivesse apenas dezessete anos, ela começaria seu segundo ano de faculdade no outono. Nós realmente não tínhamos falado sobre isso em detalhes, mas eu tinha certeza que ela tinha tanta experiência sobre fazer amigos de sua idade como eu tinha. O que quer dizer praticamente nada. Não era estranho que nós duas tenhamos tanta afinidade.

Sorri para ela entusiasmada e fiz o meu melhor para ignorar meu pai e Finn.

Fiquei mais aliviada do que poderia dizer quando eles concordaram em esperar por mim no lobby em vez de insistir que tinham que pairar sobre mim enquanto eu tinha as minhas unhas feitas.

Uma bonita mulher Fae (eu sei, redundante) escoltou Kimber e eu nas profundezas do spa e em uma sala privada com duas mesas de manicure.

— Vá em frente e a escolha as cores. — disse a mulher Fae. — Sharon e Emily vão estar com você em um segundo.

Olhei para o enorme conjunto de prateleiras empilhadas com esmaltes de unha e fiquei completamente perdida. Tantas opções!

Eu nunca tinha tido uma manicure antes, mas eu tinha pintado minhas unhas algumas vezes. No entanto, eu escolhi as minhas cores principalmente com base no que estava à venda. Que não foi de muita ajuda aqui. Eu balancei minha cabeça.

— Você vai ter que me ajudar. — disse a Kimber, esperando que eu não soasse tão estranha como de repente eu senti. Talvez *eu* não pertencesse a um Spa de classe mais do que Finn ou meu pai faziam. Ela sorriu para mim, e havia um brilho malicioso nos olhos. — Vai ser uma dificuldade real, mas de alguma forma eu vou administrar.

Eu ri e deixe um pouco da tensão sair dos meus ombros.

— Sim, eu tenho notado como dizem para outras pessoas o que fazer,

não é só com você.

Kimber me deu um falso olhar obsceno.

— Aqui está a cor perfeita para você. — ela disse, pegando um vidro na prateleira mais alta e colocando-o na minha cara.

Era a mais hedionda sombra de vomito verde que eu já vi. Por que eles ainda *fazem* elegantes unhas nessa cor era uma incógnita.

— Ha há. — eu disse a ela, depois eu peguei um vidro de neon laranja. — Que tal esse aqui para você?

Nós demoramos um pouco, cada uma escolhendo a mais feia cor disponível e, deixe-me dizer-lhe, havia uma abundância de cores feias para escolher, antes de nos fixarmos em rosa para Kimber e um cobre brilhante para mim. Em seguida, as manicures vieram para nós com pinças, lixas e empurradores de cutículas, entre outras...

coisas.

Eu esperava ter minhas unhas lixadas e depois pintadas. O resto do ritual foi uma surpresa completa. Eu não gostava muito de ter minhas cutículas empurradas e beliscadas, por isso olhei para Kimber para me distrair.

— Por que você deixou Ethan utilizar o telefone para ligar para mim? — soltei, então desejei que minha mão estivesse livre para que eu pudesse bater-me na testa.

Honestamente, eu não tinha a intenção de soar como se estivesse acusando-a de algo, mas a verdade é que eu estava um pouco irritada com ela por ajudar Ethan a me emboscar.

No entanto, eu realmente queria trazer o assunto do telefone, em vez de estar aqui na frente de uma dupla de estranhos.

Kimber não pareceu perceber que momento era impróprio, no entanto. Ela franziu o nariz e me deu um olhar de desculpas.

— Desculpe por isso. Ele usou o telefone enquanto eu estava na cozinha fazendo chá. Eu o ouvi falando com você, mas aí já era tarde demais.

Kimber tentou me avisar para ficar longe de Ethan desde o início. Eu

deveria ter percebido que ela não tinha vontade de ajudar Ethan me enganar para atender ao telefone.

— Ele não quis me dizer o que ele fez para deixá-la tão brava com ele, — Kimber continuou.

Não, claro que não. Olhei para as duas mulheres que estavam ocupadas com nossas unhas, desejando que se eu tivesse trazido isto à tona, tivesse feito enquanto Kimber e eu ainda estivéssemos sozinhas.

— Vamos lá. — Kimber disse impaciente. — Desembucha.

Relutantemente, eu disse a ela sobre ver Ethan na festa com a ruiva. Minhas bochechas ruborizaram enquanto eu falava. Sentime como uma idiota por ficar chateada com isso enquanto eu e Ethan não estávamos namorando.

Kimber soltou um suspiro exasperado e balançou a cabeça.

— Eu amo meu irmão, na maioria das vezes, mas ele pode ser um total pé no saco.

Engasguei o riso. A mulher trabalhando nas unhas de Kimber sorriu levemente, antes ela tinha sua expressão sob controle. Lembrei-me de que, provavelmente, o pessoal do spa tinha que ouvir um monte de segredos de garotas o tempo todo. Que ainda não me fez confortável falando sobre isso.

— Sim, bem, é por isso que eu não quero falar com ele. — eu disse.

Kimber parecia um pouco sombria.

— Ele também não desiste fácil.

Eu gemi.

— Yeah, eu meio que percebi isso. — ele estava quieto ultimamente, mas eu não esperava que durasse para sempre. Tentei não pensar em como ele poderia estar mantendo-se entretido enquanto eu estava dando-lhe um gelo, uma vez que não importava para mim.

— Por que vale a pena. — Kimber disse, baixando a voz, embora não tenha sido como se as manicures não pudessem ouvi-la.

— Eu acho que ele realmente se importa com você.

Revirei os olhos.

— Sim, eu posso dizer pelo jeito que ele estava praticamente dando uns amassos com aquela garota na pista de dança.

— Eu duvido que algum dia ele vá parar de flertar, mas eu também duvido que ele fizesse muito esforço em falar com você se você não significasse algo para ele.

Mordi minha língua para não dizer nada estúpido. Do que Kimber tinha me falado sobre ele antes, eu sabia que Ethan planejava seguir os passos de seu pai. Inferno, ele era o chefe do *Avalon Student Underground*, que era supostamente um grupo de ativistas políticos subversivos que queriam promover a mudança em Avalon. Digo "supostamente" porque a única vez que eu conheci alguém deste Underground, o encontro tinha sido nada mais do que uma festa de cerveja.

Seja o que for que esse Underground esteja realmente planejando, eu sabia com certeza que Ethan tinha...

ambições. E ter um Faeriewalker do seu lado não poderia ferir essas ambições. O que faziam seus motivos em perseguir-me suspeitos, na melhor das hipóteses.

— Eu acho que gostava mais quando você estava me dizendo que Ethan estava apenas me usando e eu deveria ficar longe dele. — eu disse, soando um pouco azeda.

Um canto da boca Kimber subiu em um sorriso irônico.

— Em outras palavras, você gostaria que eu tivesse falado?

— Não. — eu disse a ela, retornando seu sorriso. — É bom ter alguém para conversar sobre isso. Mesmo se você der conselhos conflitantes.

Kimber examinou a mão perfeitamente polida que a manicure tinha acabado de soltar.

— Eu não virarei você de cabeça para baixo, só por que eu não quero estragar as minhas unhas.

— Idem. — eu disse.

9

Kimber queria visitar uma casa de chá na mesma rua do Spa e eu não estava ansiosa para voltar pra casa de segurança. Tive que pedir permissão para o meu pai e ele ainda teve que vir comigo para atuar como guarda costas. Não me lembro de ter pedido permissão para minha mãe pra nada desde que eu tinha oito anos de idade. Ela geralmente estava muito bêbada para prestar atenção no que eu fazia e embora eu estivesse feliz que seu cérebro já não era mais marinado em um mar de álcool, havia uma parte de mim que realmente estranhava essa certeza de liberdade.

Por sorte, meu pai disse que teria toda a tarde livre, então ele poderia me observar à distância por um tempo maior.

A casa de chá era uma espécie de Starbucks, a Casa de Café dos Estados Unidos, com uma grande variedade de livros para vender e um balcão onde você poderia pedir algo para tomar a qualquer momento. Havia um pátio a direita da loja, que continha várias mesas redondas ao ar livre com guardas chuva. Nos Estados Unidos os guardas chuva seriam para proteger os clientes do sol. Em Avalon, provavelmente foram para impedir a passagem da chuva.

Kimber, que estava em uma cruzada tentando me converter para a Igreja do Chá, insistiu para que eu provasse uma variedade chamada Rosa das Fadas.

— Ele se chama assim porque as rosas utilizadas para fazê-lo vêm de Faerie. — me contou.

— Que nojo! — disse, franzindo o nariz. — Quem quer beber rosas?

Ela me dirigiu um olhar indulgente.

— Confie em mim, as rosas não vão saber.

Se no lugar ela tivesse me oferecido o café, eu me manteria firme, mas não, assim eu deixei-me convencer pela Kimber. O chá era vermelho como o vinho e quando cheirei, quase espirrei pelo forte cheiro das rosas.

— Confia em mim. — disse Kimber novamente enquanto íamos para uma das mesas cobertas. No momento não estava chovendo, mas o céu era de

um cinza escuro e o ar parecia úmido. Se um dia terminasse sem ao mesmo um pouco de chuva em Avalon, esse era provavelmente um sinal do Apocalipse.

Nem meu pai ou Finn haviam pedido o chá, acredito que estava contra o código de um guarda costas e quando nos seguiram para fora, eles estavam andando lentamente para que Kimber e eu pudéssemos conversar em privado, desde que mantivéssemos as nossas vozes baixas.

À medida que soprava meu chá, até que estivesse frio teria mais desculpas teria para não bebê-lo, Kimber olhou para Finn e depois virou para mim com um sorriso. Finn não estava no modo de homem do serviço secreto, ele estava vestindo um terno escuro e óculos tão escuros que escondiam completamente seus olhos. Mas Kimber havia visto algo menos formal e não tinha como esconder que estava apreciando muito a vista. Ela se inclinou para frente, com um pequeno sorriso se transformando em um enorme sorriso.

Se eu não tivesse visto Finn sem esses óculos, perguntaria se Keane foi adotado.

Sorri. Está certo que Keane e Finn eram de polos opostos no departamento da aparência. Principalmente quando Finn estava em serviço, quando seu olhar era super ultraconservador. E eu não podia deixar de pensar que Keane havia adotado seu olhar de bad boy como uma forma de rebelar-se contra seu pai, mas Finn não mostrava nenhum sinal de preocupação.

— Há mais semelhanças do que você pensa. — disse e finalmente tomei um gole do chá, me preparando para um sabor desagradável.

Curiosamente, mesmo com o forte cheiro das rosas, o sabor do chá era de especiarias e mel. Não consegui reconhecer as especiarias, mas ao pensar nisso eu também não conhecia todas as rosas. Tomei outro gole e saboreei em minha boca.

— É bom? — perguntou Kimber com um sorriso satisfeito.

Encolhi meus ombros e engoli a minha bebida.

— Você estava certa, não sei nada sobre as rosas. — não sabia se gostava, mas podia bebê-lo sem sentir náuseas.

— É claro que eu estava certa. Ter razão é a minha especialidade. — ela tomou um gole do seu próprio chá, e logo em seguida continuou olhado para o Finn. — Então, você estava dizendo que existem mais semelhanças do que eu vejo?

Assenti com a cabeça. — Se você ver um do lado do outro e ignorar a parte bad boy do Keane, você pode definitivamente concordar que eles são parecidos.

Parecia pouco convencida.

— Eu os vi juntos na festa. — me lembrou.

Não pude evitar estremecer com a recordação. Faz tempo que eu não via Keane.

Esperava que seu orgulho ferido estivesse se recuperado completamente.

— Você os viu em um clube noturno escuro e Finn estava tão irritado que dava medo. Não acredito que teve como comparar os dois. Ah, também me arrependo de que Keane tenha sido tão idiota com você. Se soubesse que ele se comportaria assim… — deixei minha voz diminuir um pouco porque não sei o que teria feito se eu soubesse.

Minhas opções naquele momento tinham sido ir com o Keane ou ignorar a festa. Não pude deixar de perceber que Kimber estava usando o colar que ele tinha dado, que me fez lembrar o porquê eu havia tomado o risco de ir, em primeiro lugar.

Kimber lambeu os lábios e um toque cor de rosa coloria suas pálidas bochechas.

— Não tem que se desculpar. Na realidade, eu gostei.

Meus olhos se abriram por completo, e deixei cair meu queixo. Estendi minha mão e apertei minha orelha.

— Desculpa, acho que há algo errado com a minha audição. Acabei de ouvir você dizer que gostou dele?

A cor em suas bochechas ficou mais forte.

— Os rapazes muitas vezes se sentem intimidados por mim. —

confessou — Por causa do meu pai ou porque eu sou inteligente. Eu gosto dos que não se intimidam.

Senti uma pequena punhalada do ciúme outra vez. Eu lutei contra isso impiedosamente.

— O que aconteceu com o cara que eu vi na noite em que te conheci?

Tinha sido a primeira e única reunião com a Resistência Estudantil e Kimber estava saindo com um menino Fae, que naquela época eu pensei que era seu namorado.

Embora, agora que penso nisso, se tivesse sido seu namorado, ela teria falado comigo sobre ele em algum momento. E não era como se eles estivessem sempre juntos um com outro nem nada.

Kimber se inclinou sobre a mesa e baixou mais um pouco a voz.

— Acho que está falando de Owain. É um amigo, mas… — ela olhava para o copo enquanto movia o chá. — Todos os membros da Resistência sabem que sou mais nova do que eles e me tratam como uma menina. Owain paquerava um pouco, mas eu sei que ele não levava a sério.

— Você gostaria que fosse?

Ela franziu a testa com o pensamento.

— Não. — disse, com um suspiro de resignação. — É um cara legal, mas não realmente...

não é o cara, se entende o que quero dizer.

Sim eu entendia.

— Mas Keane é? — sugeri com esperança de manter meu ciúme tão desagradável e inadequado profundamente escondido.

Seu sorriso ficou mais malicioso.

— Eu ainda não tenho certeza, mas acredito que seja uma possibilidade.

— Está louca ou é uma masoquista. — Contestei.

— Se eu gostasse de passar um tempo com pessoas que concordassem

comigo, o que eu estaria fazendo aqui com você?

Lancei meu pequeno mexedor de madeira em cima dela. Ela começou a rir e se abaixou. Não tinha porque se preocupar, com a minha péssima pontaria e a pobre aerodinâmica dos mexedores de madeira. Tentei imitar a testa franzida do Keane, mas era difícil quando estava tentando não rir.

Kimber se endireitou ainda rindo. Mas então seus olhos se fixaram em alguém ou algo atrás de mim, e sua risada morreu.

— Merda. — disse.

Olhei sobre os meus ombros para ver o que a tinha preocupado. E foi quando vi Ethan andando entre as mesas, vindo em nossa direção.

Senti uma sensação estranha, meu coração estava oscilando em meu peito e minha respiração ficou presa na minha garganta. Quando o vi pela primeira vez, sua aparência tinha me deixado sem palavras, mas agora já estava há tempo suficiente em Avalon e estava me acostumando com a beleza de outro mundo dos Fae. Então não era sua aparência que estava fazendo meu coração dar saltos mortais.

Provei o sabor do chá Rosa das Fadas com meus lábios e relaxei meu copo. Havia estado preparada para enfrentar Ethan há algum tempo, porque eu sabia que ele não iria se aproximar de mim, mas certamente não estava preparada para enfrentá-lo naquela hora. Por outro lado, havia uma grande possibilidade de que estivesse mentindo pra mim mesma e nunca estivesse preparada.

Pelo canto do olho, eu vi meu pai junto com o Finn. Meu pai tolerava Kimber apesar de ser Unseelie e filha de Alistair. Era menos admirador de Ethan, por razões políticas ou simplesmente porque Ethan era homem. Eu quase esperava que meu pai afastasse Ethan, ou talvez Finn fizesse isso por ele, mas os dois mantiveram suas posições.

Ótimo. Nada de resgate por parte deles. Olhei para Kimber, esperando que ela me ajudasse a assustar seu irmão, mas a traidora me lançou um sorriso triste e depois empurrou sua cadeira para trás e foi até o balcão, dizendo que queria um tipo diferente de chá. Olhei para suas costas enquanto ela me deixava.

Ouvi o barulho do metal sobre a pedra quando Ethan pegou uma cadeira e se sentou, mas me recusei a olhá-lo. Tomei meu chá, só um gole enquanto pensava no que fazer. Ethan suspirou profundamente.

— Tiffany é o nome da garota que você viu na festa e era uma ex. Muito ex.

Soltei um suspiro.

— Sim, percebi pela forma como ela estava pendurada em você. — olhei dentro do meu lindo chá rosa, mas não me atrevi a tomar outro gole. Eu teria que soltar a mandíbula para fazer isso e não iria fazê-lo.

Ethan voltou a suspirar.

— Você tinha bebido. E também se pendurou em três garotos enquanto dançava.

Finalmente encontrei coragem para olhá-lo. Seus olhos verdes azulado tinham um olhar assustado, por meio segundo quase senti pena dele. Talvez eu realmente não tivesse visto o suficiente para justificar todo o meu ciúme. Então me lembrei da forma que Ethan tinha olhado para a ruiva, Tiffany, eu sabia que ele não estava justificando algo do nada.

Deve ter visto minha opinião em meus olhos, porque se mexeu inquieto e baixou seus olhos.

— Provavelmente, eu também tinha bebido muito. — admitiu. — Não pretendo ser um santo, mas confie em mim quando digo que dois meses saindo com a Tiffany foram meses longos demais.

Coloquei meus olhos sobre ele.

— Sim, parecia mesmo que estava odiando cada minuto na pista do baile com ela.

Se este é o melhor que você tem, é melhor ir embora.

Para minha surpresa, Ethan corou um pouco.

— Eu não posso perceber quando uma garota é sexy. Quando comecei a sair com ela, isso era a única coisa que eu percebia. Mas estive tempo suficiente com ela para saber como é debaixo de sua beleza e não é linda

depois de tudo. Não posso evitar que goste do que eu vejo, mas não tenho nenhum interesse nela. Se soubesse que você estava ali… Sua voz sumiu, provavelmente porque meu olhar era muito feroz, o suficiente para ser assustador. Se Ethan pensava que tudo bem ele paquerar outras garotas só porque eu não estava ali, era mais uma prova que eu estava melhor sem ele.

Agora se eu pudesse me convencer de que… Ethan voltou a se apoiar em sua cadeira e cruzou seus braços sobre o peito.

Baixou seu olhar, envergonhado, depois levantou seu queixo e encontrou meus olhos com algo que parecia um desafio.

— E quanto a Keane? — perguntou.

Eu pisquei surpresa com a mudança de assunto.

— O que tem ele? — perguntei.

Ethan me lançou um olhar de reconhecimento, mas eu continuava sem entender.

Ethan negou com a cabeça, e contraiu o músculo de sua mandíbula.

— Não acredito que você ainda percebeu o que acontece com seus olhos, hein?

— Que? — gritei, deixando cair meu queixo.

Ethan parecia irritado.

— Não fique tão emocionada. É um garoto Seelie agradável que vem com a aprovação automática do seu pai. Eu sei que as garotas vão atrás dos meninos maus que é o que ele está representando. Quer dizer que nada aconteceu entre vocês?

Sinceramente, não podia pensar no que dizer. Nunca tinha percebido que Ethan também pudesse ser ciumento. Eu estava muito centrada no meu próprio ciúme para considerar tal possibilidade. E sejamos sinceros, antes de chegar a Avalon, eu tinha sido solitária demais para realmente me interessar pelos garotos. Este era um território desconhecido.

— Ele só está me ensinando autodefesa. — disse, mas soava pouco convincente até pra mim mesma.

— Uh - hum. Agora compare o número de horas na semana que você fica com ele e quantas horas você fica comigo.

Minhas bochechas estavam corando. Tá bom, eu passava muito mais tempo com Keane, mas não era minha culpa. Infelizmente, também me dei conta em mais de uma ocasião de como Keane era sexy. Talvez eu não estivesse em posição de atirar pedras depois de tudo. Isso não queria dizer que eu iria admitir.

— Passo também mais tempo com o Finn. — eu respondi — Você vai ficar com ciúmes dele também? — o aumento de culpa que suas palavras tinham me causado, estava começando a diminuir. — Você está tentando dizer que começou a paquerar aquela garota, Tifanny, porque estava com ciúmes do Keane? Então, você tentou me deixar com ciúmes? Mesmo pensado que eu não estaria na festa?

Não tive a oportunidade de escutar a resposta, porque de repente, o ar estava se enchendo com um ruído ensurdecedor de motocicletas.

10

O Erlking deve ter estado realizando algum tipo de magia para amortizar o ruído das motos, porque quando os ouvi, estavam praticamente em cima da gente. Gritos de alarme encheram o ar quando a Caça Selvagem, sem esforço algum, se moveu pelo meio dos pedestres até o pátio, enquanto as pessoas se dispersavam e tentavam sair do seu caminho. Tanto Ethan quanto eu, derrubamos nossas cadeiras ao saltar sobre nossos pés.

— Dana! — gritou meu pai e o vi tanto a ele como Finn correr para atravessar a curta distância que nos separava.

Eles eram Fae e, portanto, rápidos, mas não tão rápidos como as motos. Antes que eles pudessem me alcançar, a Caça Selvagem lançou seu esquema do pequeno circulo de novo, com as motos apenas a uma polegada de distância, rodeando minha mesa, formando um muro entre mim e meus guarda costas. Papai estava gritando algo, mas não podia ouvir por cima do estrondo das motos.

A magia formigava sobre minha pele, eu estava bastante segura de que procedia de Ethan. Era um prodígio mágico, capaz de lançar feitiços que ninguém de sua idade deveria ser capaz de fazer, mas duvidava seriamente que ele estivesse à altura da Caça Selvagem.

Um pequeno espaço se abriu entre um par de motos em movimento e o Erlking passou através dele. Havia posto os mesmos couros espantosos que tinha usado da ultima vez que o vi, mas tinha deixado o capacete. Lançou-me um sorriso, mas não tinha nenhum entusiasmo nele.

Minha boca tinha ficado completamente seca e acredito que inclusive estava tremendo um pouco. Sem pensar, peguei a mão de Ethan. Sua palma estava suada, mas não me importava. O Erlking notou o gesto e levantou uma sobrancelha, mas não fez nenhum comentário.

Lembrei a mim mesma que por mais assustador que o Erlking fosse, ele não podia me machucar. De alguma maneira, isso não era muito reconfortante quando sua Caça tinha me encurralado e ele se aproximava de mim. Agarrei-me a mão de Ethan um pouco mais forte.

O Erlking curvou sua cintura sem sequer tirar seus olhos de mim.

— Voltamos a nos encontrar, Faeriewalker. — disse.

— Supõe-se que tenho que fazer uma reverência quando você faz isso? — perguntei. O tremor na minha voz acabou com minha tentativa de sarcasmo.

Ethan me deu uma cotovelada nas costelas, mas o Erlking começou a rir como se tivesse dito algo absolutamente hilariante. O sorriso inclusive se estendeu a seus frios olhos azuis, apesar de que seu primeiro sorriso não tinha feito.

— Pode fazer uma reverência se quiser. — disse. Seus lábios ainda enrugados com diversão. — No entanto, não é necessário.

Olhei com ansiedade, mais além dos pilotos e captei uma olhada ocasional de Finn e de meu pai, de pé, sem poder fazer nada de fora do circulo. Não podiam chegar a mim sem tirar fora do caminho os pilotos, eu suspeitava que isso liberasse o geis que os impedia de atacar.

— O que você quer? — perguntei ao Erlking.

— Não fale com ele, Dana. — aconselhou Ethan.

Não desejava falar com ele exatamente, mas se isso o faria desaparecer mais rápido, estava completamente disposta a ele.

— O que você quer? — repeti, fazendo caso omisso do gemido consternado de Ethan.

O Erlking lambeu seus lábios como um cachorro a ponto de mastigar um osso.

— Quero liberdade para caçar como fazia no passado. — disse — Os Fae são uma diversão suficiente, mas as Rainhas os repartem muitas poucas vezes. Tenho sorte se me permitem um punhado de caças ao ano. E também anelo mais variedades. — Agora o sorriso que se estendia nos seus lábios era de pura maldade. — antes que Avalon se separasse de Faerie, podia caçar os mortais daqui cada vez que cansava de caçar somente os Fae que as Rainhas me permitiam. Não tenho caçado um mortal faz um século.

Oh, merda. Não estava gostando aonde se dirigia com isso.

— Assim que o que está dizendo é que você quer meu dom de Faeriewalker para te levar ao mundo dos mortais, para que possa matar muitas pessoas?

Ele inclinou a cabeça para um lado, com um olhar perplexo.

— Se por “dom” você quer dizer “magia”, então sim.

— Hum, me deixe pensar um minuto. — disse, tocando meu queixo. Não sabia onde estava encontrando coragem para me fazer de esperta com ele, especialmente não quando meus joelhos estavam tremendo e era um milagre que conseguisse ficar de pé.

Neguei com a cabeça.

— Não. Não acredito que possa fazer isso. Desculpa.

Pensei que ao negar poderia enfurecê-lo, mas de novo me surpreendeu com um sorriso. Quando ele deixou que esse sorriso se estendesse a seus olhos, era, de alguma maneira, belo. Uma beleza aterradora, mas beleza em todo caso.

— Ah, bom. Não perdia nada por perguntar.

De alguma maneira não acredito que ele tivesse a intenção de renunciar tão facilmente.

— Acredito que não temos mais nada do que falar, então. — disse, tratando de parecer confiante.

O sorriso do Erlking se ampliou e ele me olhou de cima a baixo lentamente. Um arrepio se estendeu pela minha coluna vertebral. Seus olhos diziam que ele estava mentalmente me despindo e tive que olhar pra baixo para me convencer de que sua magia não tinha tirado minha roupa. Minha cara ardia de vergonha, como se realmente estivesse de pé ali nua na frente dele.

— Já basta. — disse Ethan, soltando minha mão e ficando entre mim e o Erlking.

Uma vez mais, senti o comichão da magia de Ethan. Não gostava de ter o Erlking me olhando lascivamente dessa forma, mas não queria que Ethan

me protegesse de tudo e se metesse em problemas. Os garotos Fae sofrem de envenenamento por testosterona tanto ou pior que os humanos.

Estendi a mão e a coloquei no braço de Ethan, dando um pequeno puxão, suficiente para que estivesse de pé junto a mim, em vez de na minha frente. Olhou-me com assombro, mas não discutiu.

— Tem certeza de que não pode ser persuadida a vir comigo? — perguntou o Erlking. E sua voz estava estranha e diferente agora, mais baixa e rouca. Inclusive sexy, ainda que de uma maneira que me dava arrepio. — Pode ser que encontre a viagem mais agradável do que espera. — ele levantou uma sobrancelha sugestivamente.

Ao meu lado, Ethan ficou rígido, seus músculos ficaram tensos abaixo minha mão.

Dei-me conta, exatamente, do que o Erlking estava fazendo e foi quase um alivio entender.

— Não morda o anzol, Ethan. — disse, mantendo meus olhos no Erlking. — Tem a esperança de que faça algo estúpido para que possa te ferir.

O Erlking negou com a cabeça, fazendo uma careta exagerada de pesar.

— Ai de mim, você me descobriu, Faeriewalker! Minha astucia se desperdiça contigo.

Terminou exalando um grande suspiro. Então a expressão de rosto mudou, voltando-se fria e ameaçadora uma vez mais.

— É uma pena que não possamos chegar a um acordo. — disse. Para meu horror, levantou sua mão a cima de seu ombro e agarrou o cabo de sua espada. — Nascem poucos Faeriewalker e é uma pena perder a uma.

A espada fez um assobio sinistro, enquanto se deslizava fora da bainha. O metal brilhava como se tivesse uma luz em seu interior e a lamina era tão comprida como minhas pernas. Parecia pesar uma tonelada, mas o Erlking a segurava em uma mão como se não pesasse mais que uma faca para passar manteiga.

Neguei com a cabeça, tratando de manter minha coragem.

— Não pode me fazer mal. — disse, esperando soar mais segura do que me sentia. — O geis não permitirá.

Ele me lançou outro de seus sorrisos, desses que não chegavam a seus olhos.

— Ah, sim? — perguntou. Então balançou a espada até o meu pescoço.

Gritei e me agachei. Ao meu lado, Ethan gritou com o que parecia mais raiva do que medo. Em vez de desviar a espada, como faria qualquer pessoa sensata, se impulsionou pra frente. Gritei novamente quando vi a faca de prata na sua mão. Ele e Kimber sempre levavam facas escondidas. Kimber dizia que era porque sua associação com os Estudantes Subterrâneos os colocava em perigo. Tratei de agarrar o braço de Ethan para detê-lo, mas meu primeiro instinto de agachar, fez com que fosse muito lenta.

Um canto da boca do Erlking se alçou em um sorriso triunfal quando sua espada passou, sem causar nenhum dano, por cima da minha cabeça. Não sei por que tinha agachado, já que ele tinha falhado de propósito, nunca tinha tido nenhuma intenção de me fazer dano. Mas Ethan não sabia disso.

O Erlking me deu uma piscada e continuou levantando seu braço para evitar o ataque de Ethan. Nem sequer fez uma careta de dor quando a faca de prata de Ethan atravessou sua jaqueta de couro e traçou uma linha de sangue em seu antebraço.

Acredito que no ultimo segundo, Ethan se deu conta de que tinha sido enganado, mas era muito tarde e não pode frear a tempo.

— Muito fácil. — disse o Erlking, mas não soava nem um pouco triste a respeito.

Pôs a espada de volta na bainha com uma mão e casualmente golpeou a Ethan com a outra.

Sangue fluiu da bochecha de Ethan quando o golpe o deixou fora de combate.

Balançou-se durante um momento e logo suas pernas se dobraram. Corri a seu lado enquanto o Erlking examinava os respingos de sangue na parte posterior de sua luva.

Cai de joelhos junto a Ethan, aliviada ao ver que seu peito ainda subia e baixava com sua respiração. Quanto tempo ia resistir, não sabia. Minha mente se agitava freneticamente, tratando de averiguar como poderia salvar Ethan sem fazer nada que permitisse ao Erlking me atacar. Deu-me um branco.

Mas quando o Erlking ficou se agachou ao outro lado de Ethan, não fez nenhum movimento hostil. A arrogância se foi e quando se encontrou com meus olhos por cima do corpo de Ethan, pensei vislumbrar um toque de algo triste neles. Sua voz foi surpreendente gentil quando falou tão suave que só eu pudesse ouvir.

— Ele é meu agora, Faeriewalker. — ele se agachou e tirou longe o sangue que espalhara por um lado do seu rosto e uma mecha cumprida e loira do cabelo de Ethan.

— A ferida se curará em menos de uma hora, mas não será o mesmo homem que uma vez conheceu.

As lagrimas se derramavam pelas minhas bochechas enquanto ele levantava o corpo inerte de Ethan e se colocava de pé. Estendi a mão, querendo pará-lo, mas não estava segura de como fazer isso.

Ele fez um gesto com o queixo e a Caça Selvagem deixou de nos rodear. Inclusive deixaram suficiente espaço entre eles para que meu pai se deslizasse ate o interior.

Queria me lançar nos seus braços e chorar, mas temia que se me movesse ou tirasse os olhos do Erlking, ele desaparecia com Ethan.

O Erlking ficou de pé, justo ali, com o corpo de Ethan completamente inerte em seus braços, enquanto meu pai chegava ao meu lado. Em um de seus momentos extrademonstrativo, papai pôs seu braço ao redor de meus ombros e os apertou.

Durante um momento, me perguntei se papai se alegraria que o Erlking levasse Ethan do campo de jogo. Como disse, nunca tinha gostado dele. Mas esse momento foi passageiro.

Senti um pequeno tremor no braço que cobria meus ombros e fui capaz de retirar meus olhos do Erlking para olhar o rosto do meu pai.

Sua mandíbula estava tão firmemente apertada que podia ver os contornos de seus ossos e nunca antes tinha visto tanta fúria em seus olhos. Suas bochechas estavam vermelhas, eu estava meio convencida de que realmente existissem alguns olhares que pudessem matar.

O rosto de meu pai não é o que eu chamaria de expressivo, mas estava tão afetado pelo que tinha ocorrido que estava totalmente indefeso. Debaixo dessa ira assassina, tinha tal carga de dor e tristeza que meu próprio peito doeu com ele. Não sabia de onde vinha tudo isso, mas sabia que não podia ser só por Ethan.

O Erlking lançou a meu pai um desses frios sorrisos que não alcançavam seus olhos.

— Lutará contra mim essa vez, Seamus? — perguntou — Na verdade para minha Caça seria uma honra que alguém como você estivesse entre a gente.

O braço do meu pai se deslizou fora do meu obro, e suas mãos se apertaram em punhos na frente dele.

— Deixa a minha filha em paz, Arawn. — contestou meu pai rangendo os dentes.

O Erlking, aparentemente Arawn, franziu o cenho com fingida perplexidade. — Não fiz nenhum mal a sua filha. E este...

— levantou e abaixou brevemente o corpo de Ethan. — não é seu parente.

Papai tragou saliva, para meu horror, eu podia jurar que tinha um brilho de lágrimas nos seus olhos.

O Erlking não fez nenhum gesto visível, mas um dos Caçadores tirou o pé do suporte de sua moto e desmontou. Manteve-se de costas para meu pai e a mim enquanto abria o capacete e depois tirou e o colocou no banco da moto. O cabelo comprido e loiro caiu em cascata pelas suas costas. Então ele se virou.

Meu pai fez um horrível som de afogamento, e eu estendi a mão o agarrei pelo braço, temendo que estivesse a ponto de desmaiar.

As botas do Caçador faziam um barulho metálico contra o chão, enquanto se aproximava para ficar de pé ao lado do Erlking. O caçador ficou olhando fixamente a meu pai, sua atenção estava tão concentrada que qualquer um teria pensado que não tinha mais ninguém ao redor.

Meu coração bateu contra o meu peito e durante um momento esqueci-me de respirar, enquanto ficava olhando o Caçador desmascarado. Era um pouco mais baixo que meu pai e seu peito era muito mais amplo. Mas seus olhos eram iguais e a forma de seu rosto era o suficientemente similar como para fazer o parecido inconfundível. Uma versão menor da tatuagem de Erlking se curvava ao redor de sua testa e por baixo do olho.

O Erlking entregou Ethan ao Caçador, que o pegou sem tirar os olhos de meu pai.

Não tinha muita expressão nos olhos do Caçador, mas um olhar enfeitiçado.

— Connor. — disse meu pai, sua voz cheia de pesar.

O Erlking sorriu amplamente, logo deu umas palmadinhas na cabeça de Connor, como se fosse um cachorro.

— Tenho certeza de que seu filho estaria feliz de te cumprimentar. — disse. — Mas, como você sabe, meus Caçadores não falam.

Apesar de que tinha começado a adivinhar o que estava acontecendo, não podia deixar de respirar com dificuldade.

Eu tinha um irmão. Pelo menos, um meio-irmão. Não tinha forma de que Connor tivesse algo de sangue mortal. Parecia muito Fae para isso.

O Erlking se girou para olhar Connor. Connor inclinou sua cabeça para o Erlking, então lançou um ultimo e longo olhar a meu pai antes que colocasse Ethan na parte de trás de sua moto. Ethan ainda não tinha recuperado a consciência. Não sabia como Connor ia conduzir sua moto com um homem inconsciente sobre ela, mas não tinha divida de que conseguiria.

O Erlking centrou sua atenção em mim uma vez mais. — É possível que você queira lembrar a teu pai que ainda tem uma filha que proteger Faeriewalker. — disse — Apesar de que me alegraria de que ele se unisse a

minha Caça, dificilmente seria cavalheiresco de minha parte o levar agora.

Agarrei o braço do meu pai justo enquanto ele começava a dar um passo pra frente. Estava tremendo de raiva e o olhar era tão não humano, que uma parte de mim queria deixá-lo ir e sair correndo.

— Não, pai. — disse — Por favor. Preciso de você. — senti que as lagrimas corriam pelas minhas bochechas, e nem sequer sabia por quem estava chorando. Ethan, Connor, meu pai, por mim mesma. Talvez por todos.

Papai vacilou, mas pude sentir seu desejo de se afastar na rigidez dos seus músculos. Olhou-me brevemente, logo se centrou no Erlking uma vez mais. Sabia com cada célula do meu corpo que ele estava a apenas um micro segundo de mandar tudo para o alto com um ataque inútil. Assim que fiz a única coisa que me ocorreu para poder detê-lo. Coloquei meus braços ao redor da cintura de meu pai e logo afundei meu rosto contra seu peito e deixei que meus soluços se liberassem. Durante um longo e agonizante momento, simplesmente ficou rígido, mas pelo menos não me afastou. Logo, lentamente, seus braços se fecharam ao meu redor.

Não levantei a vista quando o repentino rugido dos motores me disse que o Erlking e sua Caça estavam indo embora.

11

Havia muito barulho e comoção depois que a Caça Selvagem se foi, mas eu estava em uma espécie de estado de choque e não lembro muito sobre isso. Eu me lembro de Kimber ter ataques histéricos, ela e Ethan brigavam constantemente, mas ele era seu irmão, depois de tudo. Eu não estava em condições para confortá-la, eu duvidava que ela queria meu conforto de qualquer maneira. Foi por minha causa que o Erlking tinha tomado Ethan e um sentido esmagador de culpa quase sobrepôs a minha dor.

Papai e eu acabamos indo para sua casa enquanto Finn escoltava Kimber para casa. Papai sentou-me no sofá da sala, então se dirigiu para cima para liberar a minha mãe de seu quarto/prisão e dizer-lhe o que aconteceu.

Eu estava sem lágrimas até então, uma espécie de dormência tinha tomado conta de mim. Infelizmente, o entorpecimento não afastou a culpa para longe de mim. O Erlking me usou para provocar Ethan a atacá-lo e isso era tudo por minha culpa. Pior, não pude deixar de pensar que o interesse de Erlking em Ethan era inteiramente por minha causa, em primeiro lugar.

Ouvi minha mãe e meu pai descerem, mas eu estava muito miserável para me incomodar em olhar para eles. Papai veio para se juntar a mim na sala e eu podia ouvir minha mãe fazendo barulho na da cozinha, o que significava que ela estava fazendo chá.

Ugh. Se eu nunca visse outra xícara de chá de novo, seria muita sorte.

Ninguém disse nada por um longo tempo. Eu tirei os sapatos, em seguida, coloquei meus pés no sofá e abracei meus joelhos. Papai se sentou na poltrona, olhando para suas mãos. Minha mãe trouxe a bandeja de chá e serviu três xicaras em silêncio. Eu ignorei a minha.

— Conte-me sobre Connor. — eu disse a meu pai quando o silêncio se tornou demais para suportar. O fato de que eu tinha um irmão que eu nunca tinha sequer sabido não tinha afundado em mim, no entanto, que talvez tenha sido bom.

Papai suspirou pesadamente e balançou a cabeça. No início, pensei que significava que ele não ia falar sobre isso, mas ele me surpreendeu.

— Meu primogênito. — ele disse, com os olhos fixos no vapor que se levantou do seu chá. Sua voz era áspera. Ele limpou a garganta e tomou um gole de chá, mas não soou nada bem quando ele continuou.

— Há muito tempo atrás, quando o Erlking caçava clandestinamente em Faerie, eu era consorte de Titânia.

Eu engasguei. Meu pai tinha sido descrito para mim, antes de eu conhecê-lo, como "um dos grandes Senhores Seelie". Eu sabia que isso significava que ele era uma figura importante no Conselho Seelie embora, tecnicamente, como um cidadão de Avalon, ele supostamente não devia fidelidade ao Conselho, mas nunca me ocorreu que ele tinha sido consorte da rainha.

— Ela raramente mantém um consorte mais de um século, mas aqueles que lhe deram a prole tendem a durar mais tempo. Eu sei que ela estava cansada de mim, já estava procurando o meu substituto. Mas então ela teve Connor e eu fui elevado em sua estima, mais uma vez.

— Meu filho me deu mais um século ao lado de Titânia. Mas então ela decidiu que era hora de pôr um fim aos saqueadores Erlking. Ela enviou um contingente de cavaleiros, liderado por Connor, para caçá-lo e matá-lo. Só que, como eu já disse o Erlking não pode ser morto. Ele e seus Caçadores mataram todos os cavaleiros do exército de Connor, mas ele decidiu enviar uma...

poderosa mensagem para Titânia ligando Connor a Caça Selvagem. Foi o rapto de Connor, que finalmente convenceu as duas Rainhas que tinham que fazer um acordo com o Erlking.

— Um acordo que não inclua deixar Connor ir? — eu perguntei com minha voz se levantando, apesar da dormência. Eu teria pensado que libertar seu filho teria sido o principal motivo de Titânia fazer um acordo com o Erlking. Então, novamente, os Faes não são humanos, e os que vivem em Faerie nem mesmo fazem questão disso.

Papai fechou os olhos com óbvia dor.

— Eu sei que ela tentou tê-lo de volta. — ele disse. — Mas o Erlking não desistiria dele.

Abriu os olhos e olhou para mim e embora eu ainda pudesse ver a dor em sua expressão, havia uma simpatia também.

— É motivo de orgulho para ele nunca mais liberar qualquer um que ele tenha capturado.

Minha garganta apertou e meus olhos ardiam, insinuando que talvez eu não tenha chorado tudo afinal.

— Tem que haver uma maneira...

— eu comecei a dizer antes do aperto da minha garganta parar a minha voz.

— Titânia não conseguiu encontrar uma maneira de fazê-lo deixar Connor. — meu pai disse, balançando a cabeça. — Ethan se foi, também, e não haverá como salvá- lo.

Eu engoli o protesto que queria subir aos meus lábios.

Talvez a Rainha Seelie não tivesse tido o tipo de começo que tive com o Erlking.

Afinal, ela não era uma Faeriewalker.

Ela não podia dar-lhe acesso ao mundo mortal.

Meus pensamentos chegaram a um ponto insuportável. Sim, eu poderia ter algo que o Erlking queria. Mas eu já tinha determinado que fosse algo que eu nunca poderia lhe dar. Eu tinha visto a facilidade e a falta remorso com que Erlking matava. Eu não poderia libera-lo aos seres humanos indefesos do mundo mortal. Nem mesmo para salvar Ethan.

— Eu sei o que ele quer de você, Dana. — meu pai disse e acho que não é difícil para ninguém descobrir que eu era um Faeriewalker para. — Você não deve dar a ele.

— raiva brotou no meu peito e eu provavelmente teria dito alguma coisa que, mais tarde, me arrependeria se minha mãe não tivesse me assustado, colocando seus braços em volta de mim e me puxando para um abraço.

— Dê a nossa filha mais crédito do que isso, Seamus. — ela disse e parecia tão irritada como eu me sentia. — eu não posso mesmo acreditar que

você poderia considerar a possibilidade de que ela ajudaria a Caça Selvagem entrar no mundo mortal.

Senti a mão do meu pai brevemente tocando o topo da minha cabeça, embora eu não o tivesse ouvido mover-se da poltrona.

— O Erlking é um antigo mal. — ele disse e acho que ele quis dizer aquelas palavras para nós dois. — Ele é um mestre no sentido de conseguir o que quer e uma menina de dezesseis anos de idade, não importa o quão sensata que ela poderia ser, não é páreo para ele.

Eu me afastei dos braços de minha mãe e olhei para ele.

— Parem com isso, ok? Eu não *quero* ser sensata agora mesmo! Você não pode pelo menos esperar até amanhã para tentar me convencer que você está sempre certo sobre tudo?

Eu sabia que não era o que ele estava tentando fazer, mas neste momento, eu não me importei. Eu não queria a lógica ou a realidade ou a moralidade.

Eu só queria ser consolada, ser dito que tudo ficaria bem, mesmo que não ficasse.

Os Fae são reservados por natureza e ver Connor tinha abalado o meu pai o suficiente para que ele realmente me deixasse ver como ele estava se sentindo um pouco. Mas não foi o suficiente. Eu queria o pai que eu sempre sonhei em ter, aquele que iria me proteger e me nutrir e me amar. Não aquele que iria tentar explicar-me após o pior dia da minha vida que seria errado para eu deixar um maníaco homicida solto no mundo mortal.

De repente, eu não poderia ficar mais diante da sua presença. Eu levantei do sofá, sacudindo o braço do meu pai quando ele tentou me alcançar. O quarto em cima não era mais meu, mas de minha mãe, no entanto, era o único lugar que eu poderia pensar em ir para ficar longe de meu pai.

Com uma nova rodada de lágrimas já a caminho, eu abri a porta para a escadaria e subi os degraus de dois em dois.

* Demorou um pouco para eu me controlar novamente. Toda vez que eu pensava que as lágrimas iam acabar, vinha uma nova rodada de razões pelas

quais tudo o que tinha dado errado era culpa minha. Se eu tivesse encontrado a força necessária para lidar apenas com a minha mãe e seu problema, eu nunca teria vindo para Avalon e Ethan nunca teria sido capturado pelo Erlking.

A única coisa que finalmente me permitiu parar a festa de pena era a minha absoluta determinação em não desistir de Ethan. Meu pai poderia pensar que era impossível salvá-lo da Caça Selvagem, mas caramba, eu ia encontrar uma maneira . *Sem* deixar que o Erlking fizesse uma matança.

Entrei no banheiro para espirrar um pouco de água fria no meu rosto, em seguida, cometi o erro de olhar para mim mesma no espelho. Eu não era uma visão bonita. Meus olhos estavam vermelhos e inchados e cabelos estavam presos nas trilhas de lágrimas na minha bochecha. Eu tomei uma respiração profunda, em seguida, limpei-me o melhor que pude. Meus olhos ainda pareciam uma porcaria quando eu acabei, mas pelo menos consegui escovar os emaranhados no meu cabelo e puxá-los para trás em um rabo de cavalo.

Meu plano era descer e pedir desculpas ao meu pai por explodir com ele. Eu ainda achava que ele deveria ter imaginado que eu não conduziria a Caça Selvagem para o mundo mortal para sua versão de diversão e jogos, mas eu sabia que exagerei. Afinal, era óbvio que ver Connor o tinha machucado. Tanto quanto perder Ethan me machucou, eu duvidava que pudesse comparar com a dor de perder um filho.

Minha mãe me interceptou antes que eu pudesse ir falar com meu pai.

Ela estava esperando por mim quando saí do banheiro.

— Eu sei que você não tem aprendido a amar o chá. — ela disse; segurando uma caneca. — Por isso fiz-lhe um café.

Droga, minha garganta começou a apertar novamente. Engoli em seco e consegui segurar as lágrimas.

— Obrigada. — eu disse, tomando a caneca dela e envolvendo as minhas mãos em torno dela. O único café que meu pai mantinha em casa era instantâneo, mas era melhor do que nada. Eu tomei um gole e consegui não fazer uma careta. Pelo menos era quente e reconfortante.

Mamãe se sentou na beirada da cama, em seguida, bateu no colchão ao

lado dela para indicar que eu deveria sentar. Apesar da minha intenção de pedir desculpas a meu pai, eu não podia dizer que estava com alguma pressa, então eu estava perfeitamente feliz em obedecer. Ela pôs a mão nas minhas costas e esfregou de cima a baixo, enquanto eu tomava meu café. Normalmente, eu teria parado o carinho, mas agora, eu estava muito desesperada por conforto.

— Você realmente gosta deste menino, não é? — ela perguntou em voz baixa.

Eu me contorci um pouco. Mamãe e eu não tínhamos exatamente um relacionamento caloroso e carinhoso. Eu nunca tinha falado de meninos com ela, eu certamente não lhe tinha dito muito sobre Ethan. Eu não tinha exatamente vontade de falar agora, mas minha mãe estava estendendo a mão para mim de uma maneira que nunca tinha feito quando estava bebendo. Se eu me encolhesse, ela poderia nunca tentá- lo novamente.

— Eu acho. — eu disse a ela. — É meio complicado, no entanto.

Eu não olhei para ela, mas eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Sempre é.

Fiz um pequeno som que era quase uma gargalhada e, em seguida, tomei outro gole do terrível café enquanto eu reunia os meus pensamentos.

— Eu não acho que faria diferença se eu o odiasse. — eu disse. — Eu ainda me sinto terrível que ele tenha sido ferido por minha causa.

— Não é culpa sua, querida.

Eu balancei minha cabeça.

— Sim, é. A única razão do alvo de Erlking ser Ethan foi por minha causa. Se eu tivesse escutado você quando você tentou me avisar sobre Avalon...

Isso mostrou um pouco sobre meu estado de espírito atual, já que eu realmente fiz esse argumento. Minha mãe havia me dito tantas histórias conflitantes sobre o meu pai e sobre Avalon que eu não tinha ideia de no que acreditar. Eu finalmente decidi que eu teria que ver por mim mesma e foi isso que começou este pesadelo todo.

Com o canto do meu olho, eu vi minha mãe estremecer.

— Isso não é culpa sua. — ela disse, parecendo infeliz. — Eu sei que não torna mais fácil para você saber em que acreditar. Talvez se eu não tivesse tentado embelezar a história para fazer você não querer vir...

Talvez ela esperasse que eu fosse deixá-la fora do gancho por isso, mas eu não ia fazer. Nós estávamos tendo uma recepção calorosa, momento mãe / filha aqui, mas isso certamente não significa que eu estava pronta para perdoá-la por destroçar sua vida e a minha. Ela balançou a cabeça e continuou como se não esperasse me dizer nada.

— Então, novamente, se você não tivesse vindo você nunca teria conhecido seu pai. Eu sei que ele não é perfeito e eu odeio que você teve que passar por tanta coisa, mas estou feliz que você o conheceu. E que ele a conheceu. Eu sempre me senti tão mal por esconder você dele...

— Você sabia sobre Connor? — eu perguntei, vendo seu rosto cuidadosamente em busca de uma mentira. Eu não sei se, saber que eu tinha um meio-irmão teria tido qualquer efeito sobre mim, seja crescendo ou desde que vim para Avalon, mas seria ainda um outro ataque contra ela, se ela soubesse e não tivesse me dito.

E vendo como ela não tinha dito a meu pai que teve uma filha, eu não poderia deixar de suspeitar dela.

— Não. — ela respondeu e algo sobre o olhar triste em seus olhos me convenceu de que ela estava dizendo a verdade.

— Ele nunca falou sobre isso. Eu sabia que ele tinha perdido alguém que importava para ele para a Caça Selvagem, mas eu não sabia quem era, e eu não sabia se "perdido" significava morto ou capturado.

— Será que você me diria se soubesse?

Quando ela estava bebendo, minha mãe não hesitou em mentir para mim. Não importava o quanto a mentira descarada era, ou como, obviamente, eu não acredito nela, se era uma escolha entre dizer a verdade desagradável ou fazer alguma coisa, ela ia fazer alguma coisa. Eu suspeito que esta questão específica tenha merecido uma mentira em sua mente naquela época, agora ela me disse a verdade com uma careta.

— Provavelmente não, querida. — ela admitiu. — Que propósito possivelmente, teria servido?

Por um lado, eu estava feliz que ela estava sendo honesta comigo. Por outro lado, ela foi honesta me dizendo que não teria me contado a verdade.

Eu balancei a cabeça para ela.

— Por que isso teria que servir a um propósito? Será que não tenho o direito de saber que eu tinha um irmão? Eu não sou uma garotinha, mãe. Você não precisa proteger minha delicada sensibilidade, ou qualquer que seja o inferno que você acha que precisa fazer.

Eu não poderia perder a dor nos olhos da minha mãe. Ótimo. Em primeiro lugar eu comecei uma briga com o pai, agora eu estava indo para a segunda rodada com minha mãe. Eu mal podia esperar em ser a Pequena Raio de Sol[2] dadas as circunstâncias, mas eu sabia melhor do que a atacar.

— Desculpa. — eu murmurei, desviando o olhar do sofrimento em seus olhos.

Ela estendeu o braço e acariciou minhas costas.

— Está tudo bem, docinho. Eu sei que você está zangada comigo. Você tem todo o direito de estar.

Mordi a língua. Rígida. Ela ainda não tinha a menor ideia por que eu estava zangado com ela. Afinal, nós já tínhamos estabelecido que ela não fosse admitir que ela tivesse um problema com a bebida. Se ela não têm um problema com a bebida, então eu não poderia estar zangado com ela sobre isso, certo?

Algum dia, eu estaria perdendo totalmente a paciência e íamos ter um motivo para gritar sobre ela beber, mas eu não tinha a energia para isso hoje. Eu só queria ir para casa, rastejar na cama e colocar as cobertas sobre minha cabeça. E assim eu continuei com a minha boca fechada e empurrando minha raiva de volta para baixo em seu esconderijo, onde ele poderia apodrecer mais um pouco.

12

Meus pais quiseram passar a noite na casa de papai. Suponho que eles pensavam que estava necessitada de suas comodidades ou algo. Se ficasse, provavelmente esperariam que os deixassem me mimar e tinha medo de perder o controle do meu temperamento frágil e fazer com que a tarde fosse inclusive mais desagradável do que já era. Além disso, embora meu pai obviamente tivesse dinheiro, sua casa não era exatamente enorme e minha mãe estava no único quarto que sobrou. Mamãe se ofereceu para dormir no sofá, assim eu poderia ter seu quarto, mas me recusei.

Papai poderia ter me feito ficar, claro. Mas acredito que ele é o tipo de homem que prefere ficar sozinho quando está triste, assim, entendi onde eu estava chegando.

Qualquer que fosse a razão, estive de acordo em voltar para minha casa segura.

Finn nos encontraria ali, quando papai se foi, me recolhi a minha habitação para ficar só com meus pensamentos.

Sabia que deveria chamar Kimber para comprovar e ver como ela estava se sentindo. Mas eu sabia como estava se sentindo e isto era fatal.

Chamá-la seria o correto, mas essa noite, não estava em *mim* fazer o correto. Não queria enfrentar a culpa que sua dor causaria, já não queria chorar mais, o qual sabia que eu faria no momento em que escutasse sua voz.

Inclusive, olhar minhas mãos recentemente manicuradas praticamente me quebrava, se houvesse algum removedor de esmalte, provavelmente o teria usado.

Pensei em tentar chamar a magia de novo como uma forma de me distrair, mas não estava certa de que pudesse cantar nem sequer “Rema, rema, remador” justamente agora. Fui para a cama cedo, logo estive ali estendida completamente desperta me perguntando se havia algo que poderia ter feito para salvar Ethan.

Eventualmente devo ter adormecido, porque despertei ao som de alguém batendo a porta do meu quarto. Gemi e tentei me acomodar novamente nas

cobertas.

Dormir era a maior invenção na historia da humanidade. Quando eu estava dormindo, não me sentia culpada, ou miserável, ou triste.

As batidas na porta continuaram, até que me dei conta de que dormir não estava entre minhas opções. Tenho um desses relógios despertadores que brilham gradualmente de manha, assim não tinha que me levantar na escuridão de toca de lobo da cova. Quando finalmente me obriguei a abrir os olhos, vi que a luz do relógio estava mais brilhante, assim quem ainda me levou um momento para focar meus olhos nublados, imediatamente supus que era de manha.

As batidas em minha porta eram implacáveis. E desagradáveis.

— Está bem! — gritei. — Já estou de pé. — porque não podia Finn apenas me deixar dormir? Não é como se houvesse algum lugar aonde tivesse que estar.

— Sinto muito te acordar. — Finn disse através da porta. Ele não soava muito arrependido. — Keane tem te esperado por quase uma hora, supus que era o bastante.

Levou-me uns cinco minutos para processar o que Finn disse.

Então lembrei que era manhã de terça, o qual é um dos meus dias de aula regular com Keane. Uma olhada ao relógio me disse que havia muito passado das dez e minhas aulas normalmente começavam as, inoportunas, nove horas.

Empurrei meu cabelo emaranhado fora dos meus olhos e reprimi uma maldição.

Não tinha esperado que Keane se apresentasse hoje. Sei que a vida segue e tudo isso, mas ainda assim...

eu havia tentado foder com a lição, mas conhecia muito bem Keane.

Ele teria vindo ao meu quarto e me arrastaria fora da cama se tivesse que fazê-lo, então me levaria sobre seus ombros até as lonas de pratica.

— Diga que saio em alguns minutos. — disse resignada.

Geralmente me banho antes das nossas sessões de treinamento, ainda que me arraste para a ducha logo que acabe a aula. Apenas que hoje, não me sentia bem para isso. Estava muito certa que não estava fedendo, embora uma olhada no espelho do banheiro fosse quase o suficiente para me assustar. Sim me via mal assim.

Escovei os dentes, lavei meu rosto, em seguida puxei o emaranhado do meu cabelo e o recolhi em um nó frouxo na parte de trás da minha cabeça. Então, ainda bocejando, coloquei umas pantalonas de ioga e um top apertado de exercícios. Quando tinha começado a treinar, primeiramente, tinha usado camisetas folgadas, cômodas.

Rapidamente tinha descoberto que as camisetas não cumprem o grande trabalho de me manterem coberta quando se passa a metade do tempo ao contrario ou sendo arrastada através dos colchonetes. Eu ainda corava ao pensar na olhada pessoal que Keane tinha conseguido através do meu sutiã. (Graças a Deus eu estava usando um! Sou plana o suficiente para que possa ir sem.) Keane esta me esperando na sala de estar. Os móveis já tinham sido retirados para o lado e ele estava nos colchonete. Era a rotina comum, mesmo quando consegui dar uma olhada em seu rosto, vi que ao menos parte da rotina usual estava valendo.

Keane era todo *arrogância e atitude*, seu catálogo de expressões faciais ia desde sorrisos desdenhosos, a satisfeitos consigo mesmo e olhar com fúria. Hoje ele parecia diferente. O que fosse que estava sentindo, não o chamaria de uma emoção feliz. Isto era porque sabia o que havia acontecido com Ethan ontem? Ou era porque ainda estava mal humorado pela forma que seu pai tinha chutado seu traseiro na minha frente? Seja o que for, não queria tratar com isso. Inferno, não queria tratar com nada.

Dei-me um tapa mental na parte de cima da cabeça. Ethan não queria ser capturado pela Casa Selvagem, de qualquer forma. O que queremos da vida e o que conseguimos são duas histórias totalmente diferentes.

Perguntei-me o que estava acontecendo a Ethan exatamente agora. Estava sua ferida completamente curada? O que lhe tinha feito o Erlking?

Aparentemente Ethan estava destinado a se converter em um membro da Caça Selvagem, mas o que implicava isso? Lembrava-me do Erlking dizendo que seus Caçadores não falam, me estremeci enquanto minha mente tentava

me enviar imagens do que ele podia fazer para mantê-los calados.

Maldição, as lágrimas estavam queimando meus olhos de novo. Pisquei furiosamente, determinada a mantê-las presas. Chorar não ia salvar Ethan e não ia me fazer sentir melhor.

Keane me provou uma vez mais que era todo coração.

Enquanto eu estava parada ali na entrada tentando me controlar, ele cruzou a distancia entre nós em um par de largas passadas. Estava vindo me dar um abraço ou condoer-se comigo, ou me dizer que tudo ia ficar bem?

Não exatamente.

Antes que tivesse a oportunidade de raciocinar, havia me agarrado e me jogado para frente, me empurrando, desequilibrando e me derrubando. Eu estava completamente surpresa pelo ataque, já imaginando meu rosto bater no chão de pedra, uma vez que não tínhamos sequer chegado aos colchonetes ainda. Instintivamente coloquei minhas mãos para deter minha queda, mas Keane agarrou-me por baixo dos braços e me arrastou sobre meus pés antes de bater no chão. Então ele me empurrou com força para as lonas.

Elegante como um rinoceronte ferido, eu tropecei com a borda dos colchonetes e cai esborrachada. Tinha tido lesões o suficiente com Keane, por agora, para saber que não ousaria ficar ali e conter minha respiração, assim que rolei rapidamente para a direita, evitando que Keane atacasse. Não tinha amarrado meu cabelo suficientemente bem e uma mecha se soltou afrouxando para cobrir meu rosto.

Levantei-me, meu corpo já em piloto automático agora que a aula tinha começado, assim estivesse pronta para isso ou não.

Keane estava franzindo o cenho e sacudindo a cabeça.

— Quantas vezes tenho que advertir para que não ponha suas mãos assim? — ladrou fazendo sua melhor personificação de um sargento instrutor. — Poderia ter quebrado seus malditos pulsos!

Tentei não recuar. Havia pensado que tinha me acostumado com a maneira que gritava quando treinávamos, mas suponho que estava em um estado mental frágil. Era verdade, ainda que Keane houvesse passado muito

tempo ensinando-me como cair e absorvendo o golpe completamente com minhas mãos estendidas não era a lição planejada.

Normalmente teria tido algum tipo de resposta rápida.

Bom, ao menos uma resposta pobre que poderia pretender que fosse rápida.

Hoje, me mantive calada e gostaria de ter ficado na cama.

Keane não teria sido capaz de vir e me arrastar fora se tivesse batido o botão de pânico e descido as portas de segurança da entrada.

Keane deve estar em um estado de ânimo tão horrível quanto eu estava.

Ao invés de esperar que eu dissesse algo ou me corrigisse, ele jogou seu punho para minha cabeça. Uma vez mais, meu corpo estava em piloto automático, sem pensar, detive o golpe, retardando seu impulso, enquanto movia meu braço para cima para bloqueá-lo. Era muito lenta para bloqueá-lo completamente e acabei recebendo o golpe em meu ombro.

Sei que Keane se reprime durante nossas sessões de treinamento, mas isso não significa que não sentir dor a cada golpe. No início, quando tínhamos começado, a dor frequentemente tinha me afetado até a imobilidade, ao menos por um instante. Hoje apenas me fazia enjoar. Eu contra-ataquei com um chute em seu joelho que, com certeza, teria quebrado algo se não fosse por seu feitiço de proteção.

Estávamos lutando a serio agora, meu ser inteiro concentrado em bloquear seus golpes e esquivar dos seus agarres, enquanto ainda tentava, infrutiferamente, um caminho para conseguir atravessar suas defesas. Não tinha nenhuma esperança real, não agora, de qualquer forma. Se meu cérebro não estivesse tão ocupado tentando me manter de pé, poderia ter perguntado o que tinha acontecido com Keane essa manhã.

Eu estava fazendo um bom trabalho me defendendo, mas cada vez que bloqueava um golpe ou um chute, a dor me colocava mais e mais furiosa, até que finalmente dei meu primeiro golpe.

Minhas aulas com Keane eram todas de autodefesa, não de ataque. Sim, tinha aprendido a chutar, golpear e agarrar, mas sempre com o objetivo de

aprender a desarmar momentaneamente ao meu atacante, assim poderia escapar. Supunha-se que apenas atacava as partes mais vulneráveis de seu corpo com as partes menos vulneráveis do meu. O que pegou a ambos de surpresa quando meu punho fez contato com sua mandíbula.

Se ele fosse, na realidade, um garoto mal, esta teria sido uma terrível decisão. Não sou forte o suficiente para fazer algum dano com um golpe, a menos que seja em algo realmente delicado. Além do mais, certa que, quando você bate seu punho contra algo duro, este lamenta, e os ossos da mandíbula tendem a ser malditamente muito duros. O mesmo acontece com o feitiço escudo que os lutadores Fae usam para se proteger.

Senti o impacto desde meu braço até meu ombro e por um momento meus dedos estiveram completamente intumescidos. Tive meio segundo para registrar a surpresa na cara de Keane e sentir um malicioso estremecimento de triunfo, antes que o intumescimento se fosse e minha mão gritasse de dor.

Meio que esperei que Keane tomasse vantagem da minha distração, não estava me sentindo exatamente fácil hoje, já que não podia recuar minha mão contra meu corpo e apertando meus dentes contra a dor. Fiquei completamente indefesa, mas nesse momento não me importava.

Keane soltou um suspiro dramático e se aproximou de mim.

— Me deixa ver. — disse em um tom de grande sofrimento.

Afastei-me do seu alcance, a raiva ainda fervendo a fogo lento por minhas veias.

— Não me toque! — meus dedos batiam ao ritmo do meu coração. Não vi evidências de que meu golpe realmente o tivesse machucado.

Surpreendê-lo parecia ser o melhor que eu poderia fazer. De alguma forma, isso não era o bastante para satisfazer.

Keane rodou seus olhos.

— Não seja uma rainha do drama. Deixe-me ver a mão. Se estiver somente ferida posso curá-la. Quebrou-se algo, preciso lhe levar ao pronto socorro.

— Não quebrei nada. — ao menos esperava que não.

— Então me deixe curá-la.

Inclusive o menos poderoso dos Fae tinha poder suficiente para curar feridas pequenas de golpes. Keane, com sua herança de Cavaleiro, podia curar algumas mais sérias que os Fae menores, mas remendar ossos quebrados estava muito além das suas capacidades. Era um sinal de genialidade mágica que Ethan pudesse curar ossos quebrados embora ele não fosse um curador, nem um lutador.

Pensar em Ethan me fez perder a última parte da luta e submissa, entreguei minha mão para que Keane a examinasse. Os dedos ainda palpitavam e meu dedo médio estava começando a inchar. Tencionei em antecipação enquanto Keane corria seus dedos suavemente sobre o dorso da minha mão, examinando o dano. Considerando o quão duro que ele era como mestre, era surpreendentemente gentil agora comigo enquanto apalpava, empurrava e forçava meus dedos a se moverem. Suave ou não, ainda doía e ocupava toda minha força de vontade não retirar minha mão do seu agarre.

— Nada quebrado. — declarou finalmente assentindo com a cabeça.

Deixei escapar um suspiro de alivio. Precisava de uma viagem a sala de emergências como precisava de outro inimigo para me matar. Esperava sentir o formigamento da magia de Keane reunindo-se, mas em troca soltou minha mão e foi separar a mesa de café do sofá.

— Vai querer sentar para isso. — disse em resposta ao meu olhar duvidoso. — A menos que queira ir ao hospital depois de tudo. Um verdadeiro curador pode fazer que sua mão adormeça antes de reparar o dano, mas eu não posso.

Encolhi os ombros e me encaminhei para o sofá.

— Você tem curado meus ferimentos antes e eu não desmaiei. — coloquei meu pulso a minha frente na clássica posição de donzela fraca em perigo.

Os lábios de Keane se torceram em um quase sorriso, imagine isso! Mas ele não mudou sua opinião. Sentou-se no sofá e deu tapinhas no assento ao seu lado.

— Isto é diferente. Tem mais danos e os dedos estão supersensíveis.

Não durará muito, mas doerá como o inferno.

Fantástico. Logo o que eu preciso para me tirar do abatimento.

Mas se eu deixei Keane cuidar disto, tudo terminou em alguns minutos. Se eu insistisse em ver um verdadeiro curador, talvez não fosse capaz de conseguir uma visita e reunir um séquito que meu pai aprovasse, seriam horas.

Deixei-me cair pesadamente sobre o sofá, agarrando uma almofada jogada e apertando-a contra meu peito com meu braço esquerdo enquanto uma vez mais deixei Keane pegar minha mão direita. Segurando meu pulso firmemente com uma mão, repousou minha mão sobre seu colo. O toque poderia ter sido embaraçosamente íntimo se eu não estivesse tão dolorida.

A dor não melhorou quando Keane usou sua outra mão para incitar meu dedo inflamado a esticar-se tanto quanto podia. Provavelmente deveria ter fechado meus olhos, ou ao menos olhar para outro lado, porque ver os hematomas e a inflamação fez eu me sentir um pouco enjoada. Ainda assim, não pude deixar de observar com fascínio mórbido enquanto seus dedos pressionavam levemente os meus.

— Dana.

Quase saltei ao som de sua voz. Afastei o olhar da minha mão ferida e me encontrei com os deslumbrantes olhos esmeraldas de Keane.

— Sinto muito. — ele sussurrou; seus olhos se estreitando em uma careta de dor inclusive enquanto mantinha seu olhar. Com certo atraso me dei conta de que tinha me distraído de propósito, mas a dor bateu antes que tivesse oportunidade de ficar tensa em antecipação.

Tinha pensado na dor quando a primeira tinha me golpeado tão forte. A cura era muito, muito pior. A formicação elétrica da magia de Keane picava e logo senti como se um carro houvesse acabado de passar sobre minha mão, quebrando cada osso em pequenos fragmentos. Não podia lutar com meu instinto que gritava para me afastar, mas Keane agarrou minha mão e a apertou contra seus músculos enquanto sua magia perfurava minha carne.

Se isso tivesse sido um milésimo de segundo mais tarde, não teria sido capaz de aguentar um grito. Como isto ia, consegui me limitar a um gemido

lastimoso.

A dor parou tão repentinamente como tinha começado, embora Keane não soltasse minha mão. Deixei sair um suspiro tremulo enquanto ele corria a ponta dos seus dedos através da minha pele. O toque era quase como uma carícia, agora que a dor tinha parado, não podia ajudar-me a dar conta de que minha mão estava quase ao alcance de tocar algo que não tinha desejado tocar. Graciosa como um elefante, eu me afastei quando me dei conta disso inclusive.

Dei uma olhada no rosto de Keane, mas era incapaz de dizer o que ele estava pensando. Estava tocando minha mão dessa forma porque estava procurando sinais de mais feridas? Seu toque parecia muito mais que uma carícia. Mas eu era como uma garotinha melequenta para ele, assim porque seria uma carícia?

Não tinha forma de ele estar gostando, disse a mim mesma firmemente enquanto soltava minha mão e eu lutava com o desejo de deixá-la justamente onde estava. Keane nem sequer me agradava, muito menos gostava. E que tipo de vagabunda eu havia me transformado, pensando nele quando Ethan acabava de ser sequestrado? Talvez o ciúme de Ethan não estivesse tão errado como tinha pensado...

levantei minha mão em frente meu rosto e examinei meus dedos agora curados, mexendo-os experimentalmente. Todos eles se moviam em ordem e não tinha dor residual.

— Tão bons como novos. — disse um pouco sem respiração. Mas estava sem respiração porque a cura tinha doído muito, não porque estava reagindo ao toque de Keane. Essa era minha história e estava me agarrando a ela.

— Bom. — ele disse, então cruzou seus braços sobre seu peito e me deu uma de suas olhadas de professor desaprovador. — Agora, quer me dizer o que foi tudo isso?

Meus olhos abriram em espanto.

— Ainda me pergunta? Não sou eu que saio atacando sem sequer dizer oi.

Deu-me uma das suas olhadas satisfeitas, do tipo que odiava.

— Acredita que os tipos maus vão lhe advertir antes de lhe atacar? — descruzou seus braços e adotou uma postura de homem viril, fazendo sua voz comicamente profunda. — Perdoe-me senhorita, mas pensei que devia adverti-la que estou tentando matá-la, por favor, se prepare para se defender.

— Dificilmente vai. — grunhi. — É tão engraçado que vou morrer de tanto rir. — lembrei-me do estranho olhar em seu rosto a primeira vez que entrei no quarto, levei um tempo acreditando que estava me dizendo a verdade, apenas a verdade e nada mais que a verdade. Algo o tinha impulsionado a ser especialmente agressivo hoje e isto não era parte do seu programa de aprendizagem.

— E...

— ele continuou. — O que aconteceu com a representação de Muhammad Ali? — esfregou a mandíbula próxima de onde o tinha batido, mas duvidava que fosse porque o tinha ferido. Tanto como ele tinha me machucado, tinha que admitir que foi minha culpa sair ferida. Sabia que era melhor que batê-lo na cara.

Tínhamos lutado por cinco minutos, provavelmente menos e eu tinha cometido dois grandes erros, ambos dos quais poderiam facilmente ter sido fatais em uma luta real. Não sou o que você poderia chamar de uma profissional nesse assunto de autodefesa, mas isso era mal, inclusive para mim.

— Não posso fazer isso hoje. — disse negando com minha cabeça. — Não posso agir normalmente. E qualquer coisa que você tente me ensinar vai entrar por um ouvido e sair pelo outro.

Houve um longo e incomodo silencio, o olhei novamente. Seus olhos estavam fechados, e um músculo pulava em um lado da sua mandíbula. Porque ele estaria tão fora de si pelo fato de que eu não queria minha lição era um mistério.

Quando falou, soou como se estivesse forçando as palavras a sair através de seus dentes apertados.

— Os tipos maus não vão esperar ate que esteja com ânimo para lutar.

Fiz um som entre um suspiro de exasperação e um grunhido.

— Estou cansada até a morte desse argumento. Não me importa o que você pense. Preciso de um dia livre depois de ver meu...

— minha voz se quebrou, porque eu havia estado a ponto de chamar Ethan de namorado, isso deixaria claro tanto para ele como para mim que isso não era tal coisa. Traguei duro — ...

Meu amigo ser capturado pela Caça Selvagem porque estava tentando me defender.

Se estava esperando que falar do meu trauma faria Keane se compadecer de mim, estava tristemente equivocada.

— Sinto muito pelo que aconteceu. — ele disse. — Não desejo isso a ninguém.

Mas se acredita que Ethan Leigh é seu amigo, esta enganando a si mesma.

O olhei boquiaberta. De onde tinha vindo tudo isso?

— Me diz que não caiu apaixonada pelo seu encanto e cortejo. — Keane continuou dando-me um olhar intenso que me fez retorcer.

— Oh, pelo amor de Deus! Não me diga que está com ciúme. — não era como se Keane tivesse algum motivo para estar ciumento. Ele e eu não éramos sequer amigos, muito menos estávamos saindo. E não poderia imaginar que Keane estivesse com ciúme do sucesso de Ethan com as garotas. Eu suspeitava que as garotas caíssem aos pés de Keane de forma regular.

— Está bem, não estou com ciúme. — Keane disse e soou como que isso fosse o que queria dizer, apesar da maneira com que seus olhos brilhavam perigosamente.

— Você nem sequer o conhece! — disse ignorando sua reivindicação. Conhecia ciúme quando o via e estava buscando em seu rosto.

Keane me deu um olhar incrédulo.

— Quem lhe disse?

Gaguejei, porque, claro, não tinha nem ideia se eles conheciam um ao outro.

Apenas tinha presumido que não o faziam.

— Tem exatamente duas escolas secundarias em Avalon. — disse; sua voz soando com fúria contida. — Eu tive a má sorte de frequentar a mesma que seu “amigo” Ethan. Pode ter tido algumas meninas da nossa classe que não conseguiram, mas apenas porque elas eram feias. Logo que conseguia o que queria de uma, partia para a seguinte. Inclusive se seu próximo alvo já tinha namorado. Isso apenas fazia mais desafiante para ele. Seu ego era muito mais importante para ele do que o sentimento de qualquer uma. Está enganando a si mesma se acredita que é a que vai fazer dele um homem honesto. Isso é o que ele quer que todas suas conquistas acreditem.

Não soube o que dizer. Sabia que Ethan tinha uma reputação como paquerador. E tinha visto por mim mesma quão facilmente se voltava encantador e quão determinado era para seguir seu caminho uma vez que ele colocava os olhos em alguém. Mas tinha mais que isso nele, estava certa disso. Muito mais.

— Ele salvou minha vida. — disse em um sussurro rouco. — Ele pulou no fosso quando Grace me jogou. Sabia tudo sobre as bruxas da água e pulou de qualquer forma.

Keane fez um som de frustração e se levantou, virando-se rapidamente me dando as costas. Lembrei como tinha falado em me visitar enquanto estava no hospital recuperando-me do ataque das bruxas de água. Eu tinha ficado perplexa por um momento, mas agora me perguntava se talvez ele tivesse estado incomodado porque tinha ido com Ethan. Não que houvesse algo romântico nisso, embora supusesse que Keane não poderia saber disso.

— Teria preferido que ele deixasse as bruxas da água me apanharem? — perguntei as costas de Keane.

Ele se voltou e me olhou novamente.

— Claro que não. Estou contente de que estivesse ali e contente que te salvou. O desprezo, mas não expressaria que não tem características que o salvam. Eu só...

— negou com a cabeça, logo se agachou para começar a enrolar os colchonetes.

— Você só o que? — perguntei.

Ele continuou enrolando.

— Deixa Dana.

— Não. Foi você que veio a minha casa e começou a dizer coisas desagradáveis de um garoto que foi capturado pela Caça Selvagem porque estava tentando me defender.

Se for começar algo, tem que estar certo como o inferno de que vai terminá-lo.

Empurrou o colchonete enrolado fora do caminho tão forte que esta quicou na parede. Ele ainda estava ajoelhado sobre o piso enquanto voltava a me olhar. Era uma expressão estranha, porque tão incomodado como se via, tinha também um mundo de dor em seus olhos, dor que não compreendia.

Algo vestiu em meu cérebro e fiz uma careta em súbita simpatia.

— Uma dessas garotas das quais Ethan foi atrás na escola era sua namorada, verdade? — isso certamente explicaria o nível de rivalidade que tinha entre eles.

Keane nem confirmou nem negou minha suposição, mas supus que estava correta. Finalmente, a intensidade dos seus olhos era muita e baixei meu olhar. Quando levantei o olhar novamente, foi para ver as costas de Keane enquanto se afastava sem dizer uma palavra.

13

Depois que Keane me abandonou, quisera eu, tivesse mantido minha boca fechada e tivesse minha aula, ainda se isso significasse obter um chute no meu traseiro e cometer, de maneira vergonhosa, erros estúpidos. Enquanto que nós tínhamos sido adversários, não tinha tido tempo suficiente, para mim, para pensar sobre Ethan. Além disso, apesar do que doía, tive que reconhecer que em meu atual estado de ânimo sentia-me bem em bater nas coisas.

Uma vez que Keane tinha ido, não podia conseguir que meu cérebro se calasse.

Onda onda de culpabilidade me golpeou, sobretudo porque ainda não tinha conseguido pegar o telefone e ligar para Kimber. Éramos as melhores amigas e ela tinha que estar sofrendo. Não era um segredo o fato de que seu pai gostava mais de Ethan porque ele era um mágico prodigo. Duvidei de que ela tivesse tendo muito consolo paterno agora.

Ela precisava de mim, mas eu era muito covarde para lhe fazer frente.

Era uma tentativa de manter minha mente ocupada com nada mais que Ethan, tentei uma vez mais aprender a usar a magia. Minha voz fraca e tremente, mas senti a magia chegar até mim antes mesmo de ter terminado a primeira escala. Tentei me sentir animada pela melhoria, mas era muito forte para ficar impressionada quando não podia lançar ainda o feitiço mais simples.

Ao final me rendi ao desgosto. Talvez minha afinidade com a magia não fosse mais além de ser capaz de poder sentar e chamá-la. Talvez toda a prática no mundo fosse inútil. Eu queria ter decidido confiar em Ethan e perguntar-lhe se me ensinaria magia. Agora já não teria a oportunidade...

Sacudi minha cabeça tentando apagar esse pensamento da minha mente. Ethan não ia ser um membro permanente da Caça Selvagem. Seu pai era um homem poderoso.

Talvez fosse capaz de encontrar uma forma de negociar com o Erlking onde meu pai não pode. Ali teria que ter algo que alguém pudesse fazer.

Tendo crescido como o único membro responsável da minha casa, uma

lição que aprendi cedo foi que realmente não se podia contar com ninguém além de você mesma.

Se quisesse me assegurar que tivéssemos eletricidade, teria que pagar a fatura por mim mesma. Se minha mãe se machucasse eu tinha que levá-la ao pronto socorro.

Lembro uma vez quando tinha seis ou sete anos que minha mãe teve um horrível caso de intoxicação alimentar. Estava muito doente e pensei que ia morrer. Queria chamar 911, mas mamãe disse que não estava tão doente. Até então, era muito jovem para pensar que tinha que fazer o que disse.

Tentei conseguir que um dos nossos vizinhos amistosos nos levasse ao hospital, mas ela não quis. Não lembro a desculpa para isso, mas ainda suspeitei que a verdadeira razão pela que havia se negado era porque não queria que minha mãe vomitasse em seu carro.

Finalmente tive que chamar um táxi e no final tive praticamente que arrastar minha mãe escada abaixo. Estava fora de si, acredito que tão bêbada como doente para pagar o motorista e quando busquei o dinheiro dentro da sua bolsa, encontrei apenas alguns dólares. Ainda lembro-me do som da voz do motorista quando gritou, nos amaldiçoando e furioso por ter sido “enganado” por sua tarifa.

Quando vim para Avalon, tinha esperado que encontrasse em meu pai alguém com quem finalmente poderia contar, alguém que poderia se encarregar e resolver meus problemas. Mas me dei conta, em um desses peculiares momentos de lucidez, que já era tarde, que se alguém ia salvar Ethan da Caça Selvagem, deveria ser eu.

Surpreenderia agradavelmente, se o pai de Ethan conseguisse fazer por ele mesmo, mas não era o momento para me deter com a esperança de que alguém mais o colocaria em uma bandeja.

Era o momento para começar a planeja a Operação de Resgate de Ethan.

Isso soava realmente bom, agora, se apenas tivesse algumas pistas de como agir...

Como iria eu, uma garota de dezesseis anos, supostamente derrotar ao antigo chefe da Caça Selvagem? Um líder inclusive, do qual as rainhas de

Faerie tinham medo? Lutei para não me afogar na aparente desesperança da tarefa.

Passei um montão de horas refletindo sobre o problema, sem nenhuma conclusão útil. Minha mente se mantinha insistindo que a única forma para convencer ao Erlking de libertar Ethan, era oferecer levar a Caça Selvagem ao mundo real. Não conseguia dizer que não, não era o momento, estive tentada a fazê-lo, mas sabia que nunca ficaria bem comigo mesma se o fizesse. O Erlking com sua magia intacta devido a minha presença, faria que Jack o Estripador, o rei do terror virasse algo de pequena escala.

O telefone soou na última hora da tarde. Olhei o identificador de chamadas, mas não mostrava o nome e eu não reconhecia número. Pensei que deveria ser engano, mas não podia deixar a esperança de que fosse Ethan, que tinha escapado das garras do Erlking, talvez estivesse chamando de um telefone público ou de um telefone emprestado.

— Alô? — disse, sabendo que em minhas ilusões, tinha uma esperança, mas incapaz de reprimi-la. Contive minha respiração, esperando pelo autor da chamada falar.

— Olá, Faeriewalker. — disse o Erlking, e fiquei de boca aberta em estado de choque.

— Como conseguiu esse número? — exigi, apesar de que pouco importava.

— Meus caçadores não têm segredos para mim. — respondeu, soando divertido.

Meu coração sacudiu em meu peito. Eu não sabia exatamente o que ocorria com as pessoas que eram capturadas pelo caçador, o que Erlking fazia a eles para mantê-las vinculadas, mas devo ter adivinhado que Ethan não sabia nada sobre mim que agora o Erlking não conhecia. Como meu número de telefone.

Graças a Deus que Ethan não sabia a localização da minha casa de segurança.

Oxalá pudesse pensar em algo inteligente para dizer, algo que o colocasse abaixo e mostrasse que não tinha medo. Ao invés disso, apenas

fiquei ali como uma idiota, mantendo o telefone em meu ouvido e minha língua pregada no céu da boca.

— Seu Ethan está totalmente capturado. — Erlking disse — Não tão exaltado como seu irmão, mas sua linhagem é mais que respeitável e seus poderes são formidáveis.

Minha mão apertou ao redor do telefone.

— Ligou apenas para se vangloriar ou tem algo importante para dizer? — minha voz saiu rouca e áspera.

— Um pouco de ambos. — ele respondeu. — Mas então suspeito que você saiba por que liguei, ou não sabe Faeriewalker?

— Meu nome é Dana! — disse bruscamente, sem estar certa do porque me preocupava como ele me chamava.

— Dana. De acordo. Sabe por que liguei, Dana?

Havia apenas uma razão que pudesse pensar.

— Agora que tem Ethan como refém, quer fazer uma oferta. — minha consciência não me permitia montar um circo, sem importar o quanto queria salvar Ethan.

— Muito bem. Nos velhos tempos, antes que Avalon se separasse de Faerie poderia ter conseguido pela força. Embora, nos velhos tempos, eu era livre para caçar em Avalon para alegria do meu coração, então eu não precisaria. Nestes tempos modernos, nem eu nem meus caçadores podemos lamentar ainda que ligeiramente, assim que não posso lhe utilizar para entrar no mundo mortal sem seu consentimento.

Dê-me esse consentimento e Ethan será livre para ir. Seria a primeira pessoa a ser libertada da Caça Selvagem viva.

Respirei fundo para acalmar meus nervos. Se tivesse algum sentido, teria terminado a ligação imediatamente. Não sei se alguma vez havia tomado alguma determinação para negociar com o Erlking, mas não estava pronta nesse momento. A dor e o choque de perder Ethan continuavam sendo feridas abertas.

— Você sabe que não posso fazer isso. — forcei a mim mesma dizer.

— Não sei quase nada. Talvez não fosse capaz de tolerar conceder um acesso ilimitado, mas seria feliz de negociar. Não sou um homem irracional.

Não, porque realmente ele não era um homem de tudo.

— Faça-me uma oferta. — ele disse.

— A menos que seu plano seja ir para o mundo mortal fazer turismo, eu não posso fazê-lo. Eu vi você matar esse homem quando entrou em Avalon. De forma nenhuma. — minha voz afogou quando tentei bloquear a imagem do Erlking, sua espada levantada e preparada para atacar o Fae fugindo.

— Sou um caçador Faerie, Dana. — o Erlking disse com sua voz amável. — É o núcleo essencial do meu ser. Não tenho interesse em visitar o mundo mortal para fazer turismo. Se nós fizermos um trato para ir lá juntos, caçarei e matarei. Não há ilusão entre nós.

Um pequeno som, quase como um gemido, subiu por minha garganta.

— Lamento lhe angustiar. — ele continuou. — Não lhe cai bem a malevolência.

Mas não acredito que embelezar a verdade a fará mais saborosa. Estou disposto a considerar a possibilidade de fazer certas concessões a fim de lhe convencer a andar comigo, mas a caça não é um jogo se a presa não morre no final.

— Então não temos nada o que falar. — disse, ainda que fosse praticamente me matar. O quão mal tinha me sentido, culpando-me sobre o que tinha acontecido a Ethan.

Agora o Erlking estava esfregando em minha cara o fato de que poderia salvá-lo, se não pensasse nas vítimas, se pensava como tantos estrangeiros com privilégios.

— Talvez precise de algum tempo refletindo. Não estou lhe exigindo que tome uma decisão imediatamente. Agora tem meu numero de telefone. Se decidir que quer negociar, não duvide em ligar.

Uma vez mais me encontrei perdida por palavras. Esperei o Erlking

desligar, ou talvez der uma risada demoníaca ou algo. Mas, evidentemente, não tinha terminado ainda, porque não fiz nada.

— Lembre-se o que lhe disse quando me conheceu. — disse — Não sou seu inimigo, embora às vezes nos encontremos com diferentes finalidades.

Recordei-me dele dizendo isso, ainda também havia sinalizado que não era meu amigo tampouco.

Pensando em nosso primeiro encontro, recordei do Erlking alertando a Finn e a mim que tínhamos um impostor entre nós. Um “sinal de boa vontade” ele chamou.

— Foi um prazer falar contigo. — ele disse e me dei conta que estava a ponto de desligar.

— Espera! — disse, surpreendendo-me.

Pensava que fosse tarde, mas um momento depois o Erlking disse.

— Diga.

— Por que me avisou sobre o impostor no outro dia?

— Suspeito que você é o suficientemente inteligente para descobrir por si mesma. Mas então, lhe coloquei em uma situação estressante e eu acho que não favorece ao pensamento claro. — ele conseguiu dizer sem soar particularmente condescendente, embora não acredito que tentasse.

— Quero algo de você Dana. — continuou. — O quero maldosamente. Se seus inimigos quiserem lhe matar, arruinariam meus planos de lhe ter. Estou muito motivado para lhe manter viva. — sorriu um pouco. — Você não pode sentir, mas estará mais segura agora do que tem sido desde o momento em que você colocou, pela primeira vez, seus pés em Avalon. Eu nao vou deixar você se machucar.

Que demônios eu tinha a dizer sobre isso. Obrigada?

Oh, não.

Não pensei até depois que ele desligou, que o Erlking estava sugerindo que minha vida tinha estado em perigo quando estive fora com o falso Lachlan. Mas o impostor tinha como propósito me sequestrar e levar para tia

Grace. A tia Grace me queria viva, assim poderia usar meus poderes para usurpar o trono de Seelie.

Ou bem o Erlking estava mentindo ou os planos da tia Grace tinham mudado

14

Nos dias seguintes, tentei agir o mais normal possível, dada as circunstâncias. Na manhã de segunda-feira tive a minha lição regular com Keane. Eu ainda sentia um pouco de tensão entre nós, mas não era assim tão ruim. Pensei em vários motivos para deixar minha casa de segurança uma vez por dia, desejando a luz do sol e o ar fresco.

Bom aqui era Avalon, sendo assim tive chuva e neblina no lugar de ar fresco. Ainda não tinha encontrado coragem para ligar para a Kimber e a cada dia que passava sem falar com ela a distância entre nós se tornava mais profunda.

Nos meus momentos mais difíceis, me perguntava se não tinha me enganado quando culpei minha mãe e seu vicio vergonhoso por minha incapacidade no passado de fazer amigos. Talvez eu não fosse uma boa pessoa como amiga.

Na manhã de sexta-feira fui para a Starbucks, para repor meu suplemento de café. Ainda que o Erlking já tivesse feito o pior, meu pai insistiu que não me deixaria sair da casa de segurança sem os guardas. Então Finn e Lachlan teriam que vir comigo.

Perguntei-me ressentida se alguma fez meu pai pensou que eu tinha os guardas comigo quando Erlking tinham levado o Ethan e que esses guardas tinha sido inúteis.

Meu estado de ânimo chegou ao nível mais baixo. Passei horas tentando descobrir como ajudar Ethan e não tive nenhuma ideia viável de como ajudá-lo.

Minha mente continuava dando voltas, as mesmas ideias sem cessar em meu cérebro. Não sabia a quem eu estava enganando, como eu pensava que podia derrotar o Erlking quando ninguém mais podia. Tudo parecia estar sem esperança.

Enquanto esperava a agradável senhorita da Starbucks anunciar a minha compra, ouvi um ruído de motocicletas se aproximando e meu dia foi de mal a pior. Meu estômago estava atado de medo.

Como o Erlking continuava me encontrando? Avalon é pequena, mas não tão pequena assim. Não pode ser coincidência que todas as vezes que deixei a minha casa desde que ele havia chegado, eu o tinha encontrado três vezes.

Os clientes ficaram em silêncio assim como os atendentes da cafeteria. Todos se viraram para olhar as janelas com vista para a longa estrada principal de Avalon. A magia de Finn formigava em minha pele enquanto Lachlan e Finn se fechavam em minha volta.

— Não se preocupe, Dana. — disse Finn. — Lachlan e eu não cairemos em nenhum truque que ele possa lançar.

Não era por isso que eu estava preocupada, mas não tentei corrigi-lo. Meus instintos me diziam que o Erlking não iria atacar ninguém hoje. Ele realmente fez seus movimentos quando capturou o Ethan. E eu sabia o que ele estava vindo esfregar na minha cara, me lembrando que se eu me recusasse a fazer um acordo com ele eu estava perdendo o Ethan.

Deveria ter fechado os olhos, dado meia volta e me trancado no banheiro das mulheres. Qualquer coisa para evitar que a estratégia do Erlking funcionasse. Em vez disso, eu fiquei imóvel perto da janela, enquanto observava a Caça Selvagem aparecer.

O Erlking estava à frente do seu bando como de costume, mas não estava usando seu capacete. Seu cabelo voava livre pelo vento e mesmo sendo meu inimigo, não importava o que ele dizia, não podia evitar notar sua beleza selvagem, masculina e perigosa.

Logo meus olhos foram para os seus caçadores. Ao contrário de seu líder, todos estavam de capacetes, seus rostos ofuscados pelas viseiras escuras. Meus olhos percorreram freneticamente um por um, me perguntando se um desses rostos anônimos de caçadores poderia ser Ethan. No início todos pareciam iguais, mas mesmo com a diferença de altura e peso isso não era o suficiente para identificá-los. Mas então meus olhos pararam no motociclista esperando na parte traseira. A altura e o peso correspondiam ao de Ethan, mas isso não foi o que atraiu os meus olhos para ele. O que atraiu os meus olhos foram as mechas de cabelo loiro que escapavam de baixo do seu capacete.

Não havia nenhum indicio de pele ou cabelo dos outros motociclistas. Seus corpos estavam completamente escondidos embaixo do couro e se algum deles tinha o cabelo comprido estava escondido dentro do capacete. Exceto por esse motociclista.

Não era uma coincidência.

A Caça conduziu lentamente. O Erlking me deu uma saudação alegre enquanto passava, mas não parou e o resto dos caçadores olhava fixamente para frente. Menos o último que virou a cabeça para a janela enquanto conduzia.

Minha garganta doía. Esse era realmente Ethan? A menos que levantasse a viseira do capacete não tinha como ter certeza. Senti a pressão de seus olhos em mim, ainda que eu não tivesse como vê-lo. Ele não fez nenhum gesto e não parou, sua motocicleta se manteve em perfeita e uniforme distância dos que estavam antes dele.

Quem eu estava enganando? Claro que era o Ethan! O Erlking havia saído do seu caminho confiando que como um caçador ele deixaria seu cabelo para fora do capacete, dando-me a pista que eu precisava para diferenciar Ethan dos demais.

Ethan virou a cabeça para frente novamente. Mesmo sem ver seu rosto, sabia que esse olhar tinha sido um pedido de socorro. Talvez eu pedido de ajuda que o Erlking o tinha obrigado a fazer, mas um pedido que eu não podia recusar.

Todos na loja seguraram a respiração por um minuto ou mais depois que

a Caça passou, perguntando se eles iriam voltar e causar algum problema, mas não voltaram.

Finn e Lachlan estavam visivelmente aliviados que o Erlking e os seus caçadores tinham ido embora. Não sei se algum deles percebeu o jogo do Erlking ou sequer percebeu que um dos motociclistas era Ethan. Eles poderiam pensar que o Erlking se foi sem atacar ninguém, mas eu sabia que não.

Ver o Ethan ligado com a Caça dessa maneira foi um choque para mim, um choque que me despertou, que me tirou do meu desespero.

Não estava tendo sorte em descobrir como vencer o Erlking. Aparentemente, seria correto eu apontar a mim como a única pessoa confiável, mas obviamente não poderia fazer isso sozinha, não importa o quanto eu quisesse isso.

Enquanto Finn e eu voltávamos para a casa de segurança, pensei muito sobre quem poderia me ajudar. Meus pais estavam, naturalmente, fora de consideração. Meu pai tinha falado sobre a situação com falta de esperança e nem ele nem minha mãe me deixariam correr nem que fosse o menor risco para ajudar Ethan. Finn e Lachlan estavam fora de questão pelas mesmas razões. Depois de que Keane me dissera exatamente como se sentia sobre Ethan, dificilmente poderia esperar que ele iria me ajudar ou até mesmo iniciar um plano de resgate. Isso me deixava com uma só opção.

Depois de voltar para a casa de segurança, me retirei para o meu quarto, fechei a porta atrás de mim e logo fui para o canto do meu dormitório. Peguei o telefone e sentei na cama com as pernas cruzadas e comecei a fazer a chamada que eu tanto temia.

Levei muito tempo para acalmar os nervos, mas peguei o telefone e disquei o número da Kimber. Ficaria satisfeita se ela não estivesse em casa, mesmo tendo passado horas e horas lutando contra uma pilha de nervos, mas o destino, mais uma vez, teve pena de mim.

Kimber respondeu ao terceiro toque, mesmo ela não tendo dito nada, ela tinha identificador de chamadas e então sabia que era eu. Seu silêncio acusador me abalou e no começo eu não conseguia me forçar a falar.

— Oi. — disse finalmente, logo me xinguei por ser tão patética.

Infelizmente, meu cérebro resolveu ficar de folga e não podia pensar em nada mais para falar.

— Oi. — ela respondeu soando fria e distante Quando eu a conheci, ela atuou como a princesa de gelo Fae, assim como nesse momento.

As palavras finalmente se formaram em minha mente, mesmo elas não sendo menos patéticas.

— Desculpe não ter te ligado antes. Eu… — minha voz se apagou. Tudo o que eu disser para explicar o meu silêncio seria uma desculpa muito dolorosa.

Kimber suspirou.

— Eu também poderia ter te ligado. — disse. E soava um pouco mais como ela.

Neguei com a cabeça, mesmo ela não podendo me ver.

— Eu devia ter ligado primeiro, eu não fiz. — *por favor, não me deixe arruinar nossa amizade,* rezei em silêncio.

— Não, eu acabei. Você tem passado um inferno desde que colocou os pés em Avalon e eu deveria ter sido sua amiga. Eu só… não sabia se eu podia suportar você me culpando pelo que aconteceu.

Culpá-la? Com certeza ela estava brincando.

— Acho que temos uma má conexão. — disse — Pensei no que ela tinha acabado de dizer, que estava preocupada porque eu a culpava pelo que aconteceu. Mas isso era a coisa mais estúpida que eu já tinha ouvido em toda a minha vida, então eu devo ter entendido errado.

— Quer dizer que você não me culpa? — sua voz estava tão hesitante, que isso doeu em meu coração.

— Lógico que não te culpo! Por que diabos eu iria te culpar quando foi graças a mim que o Erlking levou o Ethan?

Porque ninguém estaria ali se não fosse por mim. Eu viajei para o Spa e

foi minha ideia visitar a Loja de Chá. E logo os deixei sozinhos. — suas palavras vinham freneticamente. — Se eu tivesse ficado poderia ter impedido Ethan de pensar que era um herói. Você não queria ficar sozinha com Ethan, mas eu achei que seria melhor. Eu...

Eu dei uma gargalhada desesperada.

— Todo esse tempo...

— comecei, então o riso voltou, estava à beira da histeria e ela sabia que eu não conseguiria parar de rir.

— Tinha medo de te ligar. — soluços juntaram-se os risos.

— Pensei que me odiava porque foi minha culpa que levaram o Ethan. — Kimber pegou um pouco da minha histeria e começou a rir.

— De jeito nenhum. — disse ela — Você não tem culpa de tudo!

A risada morreu tão rápido como havia começado, o que foi bom porque era difícil rir e falar coerentemente ao mesmo tempo.

— Claro que foi minha culpa. O Erlking não teria se interessado por ele se não fosse por minha causa.

Kimber ficou séria ao mesmo tempo.

— Isso não foi culpa sua. — me disse com a voz baixa. — Vai culpar a sua mãe também? Porque se ela não tivesse dado a luz, você não estaria aqui e o Erlking não estaria interessado no Ethan e Ethan não teria sido capturado. Então tudo isso é sua culpa, certo?

— Se você colocar dessa maneira… — Além disso. — continuou. — Se acredita que é tudo sua culpa só porque você existe então uma parte da culpa é minha por ter ajudado Ethan a chegar perto de você.

Coloquei-o em perigo.

—Mas você não fez isso de propósito.

— Exatamente.

Oh. Escutá-la expondo tudo desse jeito, fez-me sentir estúpida por ter

ficado chateada. Kimber suspirou profundamente.

— Ethan também não está livre de culpa. — disse.

— Ele sabia que o Erlking não podia ferir ninguém em Avalon a menos que a pessoa o atacasse primeiro. Por que ele tinha dado a oportunidade ao Erlking?

— Tenho certeza que ele não teve tempo de pensar no que estava fazendo.

Ela bufou suavemente.

— Isso não importa. Ethan está tão cheio de si mesmo que é biologicamente incapaz de resistir a oportunidade de salvar o dia.

Suas palavras eram firmes, mas ouvi um pouco de dor em baixo delas. Ethan a deixava louca, mas era seu irmão e ela o amava.

— Eu não vou abandoná-lo. — eu disse.

— Todo mundo já o abandonou. — disse com amargura.

— Pode até ser. Mas eu não e espero que você também não. Na verdade essa ligação era para saber se você poderia me ajudar com algumas ideias, para ver se encontramos uma maneira de ajudar Ethan. — ela vacilou por um momento.

— O que nós duas poderíamos fazer contra o Erlking? Estamos em desvantagem.

— Talvez. — admiti. A paranoia me dizia que discutir os possíveis planos de resgate por telefone não eram uma boa ideia.

— Posso ir à sua casa para conversarmos sobre isso pessoalmente?

— Eu não sei. — falou com um sorriso na voz. — Poder?

Consegui responder com uma risada fraca. Ela nunca resistiria de zombar do meu mau uso da palavra poder e isso tinha se tornado uma piada entre nós duas.

— Desculpe. — eu disse.

— Esqueci que estava conversando com a nazista da gramática. Posso ir?

— Claro.

— Saiba que eu vou com meus guarda costas. — adverti.

— Vou fazer um chá. Eles podem esperar na sala e vamos conversar no meu quarto. Você tem direito a esse espaço?

— Sim. — imaginei, embora tivesse que usar um pouco de persuasão. — Posso demorar um pouco para chegar. Tenho que esperar o Lachlan e decidir a aonde vou primeiro. Te ligo assim que souber como será a minha agenda.

— Estarei te esperando.

Convenientemente e totalmente por acidente, cheguei à casa da Kimber justo na hora do chá. Se fazendo de anfitriã graciosa, serviu Finn e Lachlan com uma variedade de pequenos sanduíches com chá. Finn não esta muito confortável sendo tratado como convidado, mas Kimber estava ignorando isso, praticamente empurrando o chá no seu rosto, então ele foi obrigado a tomá-lo. Logo me levou para o seu quarto e serviu um chá muito diferente para nós duas.

Não pude evitar sorrir no momento em que entrei na sua casa e senti o cheiro no ar.

— Posset quente? — perguntei esperançada. Nunca tinha ouvido falar de posset quente antes de vir para Avalon, mas Kimber me deixou viciada nessa bebida quente de leite e mel.

— Claro. — disse. — Se alguma vez tivesse uma situação que exigisse posset quente é esta. — Kimber o tinha descrito como uma cura para tudo e com certeza era uma bebida reconfortante. Pena que ela não poderia curar o mal que nos desanimava.

Nós nos sentamos na cama de Kimber e tomei uma xícara. Havia aprendido com a dolorosa experiência do passado, tomei pequenos e cuidadosos goles antes de mergulhar completamente. Não estava completamente surpresa ao descobrir como o gole queimou a minha garganta

até o meu estômago. Pisquei e balancei a cabeça.

— Quanto uísque você colocou nisso? — eu perguntei. Quando fazia posset para mim, eu só colocava um toque de uísque para dar sabor, mas eu sabia que ela gostava da bebida forte o suficiente para deixar um elefante bêbado.

Ela sorriu sobre sua xícara fumegante.

—Não queira saber. Agora beba — olhei para minha xícara com dúvida.

— Não quero que Finn e Lachlan tenham que me levar alta para casa. — odiava admitir, mas graças a minha mãe, eu tinha um pouco de medo do álcool. Não queria ser a bêbada estúpida e descuidada que a minha mãe tinha se transformado. Para mim aquele mundo não tinha novidades.

— Confia em mim, não tem muito uísque. Eu sei o que é melhor, se lembra?

Relaxei e tomei outro gole. Kimber, de fato, sabia o que era melhor. Não era bom confiar nas pessoas e Kimber nem sempre tinha sido clara comigo no passado. Mas eu confiava nela agora. Só trataria de não beber o posset rápido demais e estaria bem.

— O Erlking me ligou. — eu disse e quase engasguei com a boca cheia de posset quente.

— Desculpe. — disse enquanto tossia e abaixava a taça.

— Te ligou? — perguntou ela horrorizada.

Concordei. Agora vinha a parte difícil. Realmente esperava que Kimber estivesse de acordo comigo que não podia fazer um pacto com o diabo, porque do contrário, isto ficaria muito estranho.

— Ele queria fazer um acordo. Eu o levo e seus caçadores para uma matança no mundo mortal e ele libera Ethan.

Kimber estava naturalmente pálida, mas ficou mais ainda quando a cor das suas bochechas desapareceu.

— Você não está pensando em fazer isso de verdade?

Concentrei-me em minha xícara com medo de encontrar seu olhar.

— E se essa for a única maneira de libertar Ethan?

— Então ele só tem que viver sendo parte da Caça Selvagem. — disse. Houve um ligeiro tremor na sua voz, mas ela conseguiu soar forte e decidida.

Arrisquei olhar para o seu rosto, não havia nenhuma expressão de dúvida nele.

— Tem certeza? — perguntei e ela concordou.

— Tenho certeza. Ethan não iria querer ser livre se isso custasse a vida de outras pessoas. Ele pode ser um bastardo egoísta, mas tem um bom coração. E se alguma vez você falar pra ele o que eu acabei de dizer, eu não volto a falar com você nunca mais.

— Seu segredo está a salvo comigo. — prometi aliviada ao ver que estávamos de acordo. — Então dar ao Erlking o que ele queria estava fora de cogitação. Mas devia ter algo que ele queria algo que só um Faeriewalker poderia dar. Só que eu não podia adivinhar o que poderia ser por nada na vida.

— E é ai que eu entro, né?

Dei-lhe um sorriso de desculpa.

— Bem você sabe que é o cérebro da equipe.

15

Kimber e eu falamos mais de uma hora, quando terminamos, tínhamos elaborado algo que vagamente se parecia um plano. Um horrível, estúpido e provavelmente inútil plano, mas era melhor do que tinha me ocorrido antes, o qual era nada.

Sentime melhor do que tinha me sentido durante dias e desejava ter chamado Kimber antes. Não tinha me dado conta do muito que tinha chegado a contar com ela, ou o quanto ansiava o contato humano, bom, Fae na realidade.

A viagem de volta a minha casa segura foi sem complicações, ainda que estivesse tensa todo o tempo, pensando que Erlking pudesse querer esfregar no meu nariz um pouco mais o fato de manter Ethan em cativeiro. Meus ouvidos atentos ao som das motos, mas Erlking já tinha marcado seu ponto e me deixou sozinha.

A coisa mais inteligente para mim uma vez que cheguei a casa, foi me dar ao menos uma noite para dormir dentro o meu plano. Qualquer coisa sobre o que Kimber e eu discutimos em uma hora não poderia ser exatamente a ideia mais genial do mundo.

O problema era que tinha medo de que se dormisse nisso, eu me acovardaria e me odiaria para sempre.

Nesta noite depois do jantar, mais uma vez voltei para o meu quarto para fazer uma ligação. Só que não era pra Kimber para quem eu estava ligando.

As mãos úmidas de suor, escorregando através do registro de identificação de chamadas até que encontrei o numero do Erlking. Meu estômago se sentia apertado e nervoso, minha boca estava tão seca que seria um milagre se pudesse falar.

Ele atendeu no primeiro toque, como se tivesse sentado ao lado do telefone antecipando minha ligação. Talvez realmente tivesse estado. Não era como se soubesse tudo sobre seus poderes, mas além do fato de que se cortasse sua cabeça ele poderia pegá-la e colocá-la de novo no lugar.

— Então, mudou de ideia sobre a negociação? — disse. Tinha um pouco

de triunfo na sua voz. Deve ter percebido que Ethan desfilando na minha frente esta tarde tinha me quebrado e me feito ver as coisas a sua maneira. Não tinha nenhum sentido discutir essa suposição.

Traguei o nó de medo na minha garganta.

— Sim.

— Estou contente de escutar isso. — disse. — Tenho certeza de que Ethan também estará. Formar parte da minha Caça pode ser bastante pra qualquer um, muito mais pra alguém tão acostumado ao poder como ele.

— Se o machucar...

— queria estapear a mim mesma pela patética e vazia ameaça.

Se Erlking quisesse machucar Ethan, o faria e não tinha nada que eu pudesse fazer a respeito. Por sorte, o Erlking deixou passar a oportunidade que eu o havia dado para gozar de mim sem piedade. No entanto, o que disse no lugar não foi muito melhor.

— Estou pronto para me reunir contigo e discutir os termos que melhor lhe convêm. — disse. *Reunião?* Oh, diabos, não!

— Estou pronta, também. — disse. — E podemos falar muito bem por telefone.

— Prefiro que minhas negociações sejam cara a cara.

— Bem, *eu* prefiro por telefone.

— Se chegarmos a um acordo e libero a Ethan de minha Caça, ele necessitará de sua ajuda. Estará fraco. Tão fraco que não poderá ser capaz de caminhar ou ficar de pé, inclusive, sem ajuda.

Fechei os olhos e tratei de não imaginar o que Erlking tinha feito com ele para deixá-lo nessa condição. Sem duvida, Erlking ou um de seus Caçadores poderiam levar Ethan em casa uma vez que fosse liberado. Oh infernos, apenas poderiam chamar um táxi. Meu instinto me disse que Erlking não ia ceder nesse ponto, por isso propus uma exceção que pensei que seria mais provável que tivesse êxito.

— No caso de que não tenha notado, estou sobvigilância 24horas aqui.

De alguma maneira não acredito que meu pai ou meus guarda costas vão concordar que me reúna com você.

Ele riu entre dentes.

— Não, não imagino. No entanto, devo insistir em que nos encontremos pessoalmente. Enviarei um feitiço que te permitirá caminhar despercebida para seus guardas. Também a levarei a minha casa.

— Você tem que estar brincando. As pessoas estão tentando me matar, já sabe.

— Sim, sim, sei. Meu feitiço não só te protegerá de seus guardas. Ninguém te verá, nem amigo nem inimigo.

Não podia contar o suficientemente alto como para enumerar todas as formas em que essa ideia era ruim.

— Isso está tão longe de acontecer. — disse, tratando de soar forte e firme em lugar de medrosa e fora do controle.

— Se quiser libertar Ethan, tem que vir até mim. — disse e soou firme como se me apontasse o dedo. — Não te farei mal, nem vou permitir que ninguém mais te faça mal.

— O que é que tem contra telefone? — houve um indício de desespero na minha voz.

— Não estou fazendo isso para ser cruel. — respondeu ele, seu tom voltando a ser suave. — O telefone é um meio inadequado para as negociações. É muito...

impessoal. Prometo-te que estará a salvo comigo e que não vou usar nenhuma coerção, mágica ou de outro tipo, para te dobrar a minha vontade.

E o que, exatamente, valia a promessa do Erlking? Não tinha nem ideia. Muitas das velhas lendas diziam que os Fae são incapazes de mentir, mas eu tinha visto mais do que suficientes evidências de que isso não era verdade.

— Como posso acreditar que vai me oferecer algo se não está disposta a se encontrar comigo cara a cara? — perguntou.

Maldito seja! Odiava admitir, mas tinha razão. Qualquer acordo que

fizesse exigia me confrontar a ele de uma maneira ou outra. Tremendo com um medo supersticioso, disse: — Muito bem. Pode ganhar essa rodada. Irei te ver. — *oh, Deus*. — Que tão grande era o erro que eu estava cometendo? — Você disse que enviaria um feitiço. Como pensa fazer isso exatamente? Não é como se o serviço postal servisse aqui. — minha correspondência teoricamente passava pelo meu pai, ainda que não fosse como se tivesse qualquer correspondência do que falar. Ainda, duvidava que meu pai fosse dar qualquer coisa que viesse do Erlking.

— Você vai ver. — disse, e pude ouvir o sorriso na sua voz. — Eu te verei em breve, Dana Faeriewalker. — desligou sem dizer adeus.

* Custou-me muito conciliar o sono esta noite. Continuava pensando. Mantinha-me repetindo a conversação com o Erlking uma e outra vez, me perguntando se não tinha uma maneira a qual eu poderia ter chegado a um resultado diferente, duvidava. Ele tinha todas as cartas.

Lógico, também me perguntei o quão louca tinha que estar para considerar sequer sair escondido de minha casa de segurança para ir ao encontro do inimigo, de quem, se supõe que deveria estar me escondendo. Bom, um deles, de todos os modos.

Mas a alternativa era dar as costas a Ethan, e eu não poderia fazer isso.

Talvez não quisesse Ethan como um namorado, minha promessa ainda estava de pé, mas não podia negar que me preocupava com ele. Por não falar desse pequeno detalhe de como tinha se arriscado para salvar a minha vida. Se tivesse que me colocar em perigo para salvá-lo, então só ia ter que aguentar e fazê-lo.

Rolei na cama, sem poder conciliar o sono até depois das três. Pensei que significava que dormiria bastante, já que não esperava Keane esta manhã, mas apesar de meu cansaço, despertei pouco depois das seis. Gemi.

Meu despertador brilhava a metade de sua força, o que significava que estávamos em algum lugar próximo da madrugada. Não era uma hora a qual tivesse muito carinho ou inclusive me fizesse sentir descansada. Deixei-me cair e fechei os olhos, esperando me fundir de novo ao sono. Mas no momento em que deitei, escutei: um suave, tap,tap,tap. Foi esse som que tinha me acordado.

Ainda estava tentada a voltar a dormir, mas o som causou um arrepio que desceu pelas minhas costas. Não tinha ideia do que poderia ser, mas estava muito perto de mim para ser cômodo.

Decidindo que tinha que ser algo completamente inócuo, me virei para o barulho e abri os olhos.

No inicio, não vi nada fora do comum. Não sou a pessoa mais limpa no mundo, assim que minha mesinha de noite estava coberta de lixo, só o pouco espaço na frente do relógio estava limpo para poder ver à hora. Tap, tap, tap.

Pisquei. O barulho vinha da minha mesa de noite, tinha certeza disso. Sentei; meus olhos escanearam os livros empilhados, papéis, presilhas de cabelo e outras coisas que estavam espalhadas ao azar na mesa. E foi então quando vi algo entre a desordem que definitivamente não era meu.

Era uma pequena estátua de prata de um cervo, talvez de uns três centímetros de altura. Seu corpo era elegante e com curvas, quase como um galgo inglês[3], seus chifres, quase tão grandes como seu corpo, eram o suficientemente pontudos para extrair sangue.

Meu coração retumbou e outro estremecimento desceu pela minha coluna vertebral. Lembrei-me dos chifres da máscara do Erlking, de seu capacete e me lembrei da tatuagem que ele e seus acompanhantes levavam. Não tinha oportunidade no inferno de que isto pertencesse a ele. Mas como demônios, tinha chegado até aqui?

Tap, tap, tap.

Pisquei, me perguntando se talvez estivesse tendo um sonho ruim. Mas não, o cervo fez isso de novo, levantou uma delicada perna e bateu seu casco contra a mesa de madeira. Logo inclinou sua cabeça para cima como se me buscasse e, logo, olhou por cima do ombro até a porta de meu quarto.

— Santa merda. — disse em um sussurro afogado.

O cervo repetiu o gesto, batendo sobre a mesa, me olhando, e logo olhando a porta. Chame-me de louca, mas acredito que queria que começasse a me mover. Meu coração batendo, as palmas de minhas mãos pegajosas, deslizei meus pés fora da cama.

O cervo assentiu com a cabeça, logo saltou de minha mesinha de noite ao chão, suas patas fazendo um barulho quase cristalino quando aterrissou. Correu uns passos até a porta, uma vez mais, olhou por cima do seu ombro para mim.

Respirei fundo e tratei de conseguir um pouco de controle sobre mim mesma. O Erlking tinha dito que mandaria um feitiço. Supus que o estava olhando agora. Ele tinha dito que o feitiço me levaria até ele fazendo com que ninguém me visse. Se eu realmente planejava seguir adiante com nossa reunião, teria que seguir a pequena estátua sombria.

— Espera um minuto. — disse, me sentindo ridícula por falar com o que deveria ser um objeto inanimado. — Não vou sair de pijama.

Inclinou a cabeça para um lado, logo assentiu como se entendesse. Talvez entendesse mesmo, mas não tinha certeza de quanto tempo teria que esperar. Tão pronto como sai da cama e me dirigi a meu armário, começou o pequeno tap-tap-tap de rotina novamente.

Estava assustada e horrorizada, mas ainda estava tão cansada que não podia deixar de bocejar enormemente. Perguntei-me se o Erlking tinha decidido me levar com ele nesta hora intempestiva porque pensou que teria vantagem nas suas negociações.

Também me perguntei se poderia ter razão.

Tão aturdida estava que ainda não era completamente consciente da presença do cervo no meu quarto até que puxei o suéter de lã sobre minha cabeça.

— Oh, merda! — disse quando puxei a roupa, o que colocou meus pelos em pé em um êxtase estático.

Fiquei olhando o cervo prateado, que continuava movendo todo seu casco com impaciência. Meus joelhos se sentiam instáveis e me agarrei a minha cômoda para não perder o equilíbrio.

— Ele sabe aonde vivo. — disse em voz baixa, sem ter certeza de se estava falando com o cervo ou comigo mesma.

O Erlking não só sabia aonde vivia, senão que também tinha sido capaz

de fazer com que seu pequeno feitiço passasse por todas as defesas e entrasse no meu quarto sem sequer levantar um alarme. Aqui se foi minha casa “segura”.

Tomei um par de respirações profundas para não perder o equilíbrio. Não estava nem remotamente contente de que o Erlking soubesse aonde vivia e que pudesse chegar ate mim neste lugar, mas não tinha nada que pudesse fazer a respeito. Se podia me encontrar aqui, o mais provável é que pudesse me encontrar em qualquer lugar. Não tinha me machucado até o momento e tratei de me convencer de que seu conhecimento de minha localização não importava.

Meti meus pés no meu par de tênis favoritos, depois, olhei ao redor do meu quarto, me perguntando se tinha algo que deveria levar nesta reunião que não fosse eu.

Nada me ocorreu, a exceção de um guarda-chuva. Não tinha idéia do quanto teria que caminhar para chegar à casa do Erlking, em Avalon, sempre tinha uma probabilidade de cinquenta por cento de chuva. O agarrei, me perguntando se ia terminar precisando dele como arma antes do que o dia tivesse terminado. Logo assenti com a cabeça para o cervo.

— Estou pronta. — disse.

16

Contive a respiração enquanto seguia o cervo através do meu quarto, logo pelo quarto de segurança. Podia ouvir Finn batucando ao redor da sua cozinha, pensei que estava fazendo o café da manhã. Esperava que o encanto de Erlking tivesse funcionado da forma que ele disse, porque ia odiá-lo se chegasse a ter que dar explicações a Finn.

O cervo continuou no quarto de segurança, sem vacilação e me obriguei a segui-lo. Finn estava fritando algo em seu aquecedor, não tinha um fogão, via-se tão desperto e alerta, como se fosse a metade da tarde. Mantive-me esperando que me visse, mas não o fez. O cervo caminhava direto passando para a porta de entrada, então passou através da porta como se não estivesse ali. Contive um calafrio.

Mantive o olhar em Finn, facilitando a porta aberta. Não prestou nenhuma atenção e me perguntei quais eram as probabilidades de que tudo isso fosse um sonho.

Dei-me conta tardiamente que deveria ter pegado uma lanterna. Os túneis eram escuros, inclusive se o cervo pudesse me guiar através da escuridão, provavelmente morreria de medo antes de chegar à superfície. Voltei ao quarto de segurança para conseguir uma lanterna.

Tap, tap, tap.

Olhei o cervo, me perguntando se teria a paciência de me esperar e se Finn me veria indo com ele. Mas quando dei uma olhada mais de perto, vi que o cervo brilhava tenuamente, uma luz branca como uma pequena estrela. Começou a trotar pelo túnel, a luz brilhando enquanto se movia mais longe da luz que saía do quarto de segurança.

— Isto tem que ser a pior ideia do mundo. — murmurei a mim mesma enquanto abria a porta e emergia na escuridão depois do feitiço de Erlking.

O brilho do cervo era suficiente apenas para guiar o caminho. Vi luzes da noite mais brilhantes que isso. Caminhei tão perto como pude, forçando meus olhos na escuridão. O solo do túnel era predominantemente plano, mas a escuridão confundia minha percepção de profundidade e me fez tropeçar um milhão de vezes.

Quando estávamos em minha casa segura, o cervo tinha esperado por mim, embora impacientemente, mas uma vez que tinha virado um par de curvas nos túneis, acelerou o ritmo. Acredito que sabia que eu estava completamente comprometida a segui-lo agora, já que minha alternativa era tentar encontrar o caminho de volta a casa segura através dos túneis negros. Inclusive quando tropecei feio, quase caio de cara, o cervo seguiu seu caminho. Coloquei-me de pé com presa, desesperada para estar perto da minha única fonte de luz.

Ao final, nos aventuramos a sair em um dos túneis mais usados com iluminação elétrica. Dei um suspiro de alivio, inclusive quando o cervo acelerou mais. Já não precisava da sua luz, mas não encontraria a casa de Erlking por mim mesma, assim que me apressei em segui-lo.

Avalon é um lugar muito estranho, mas inclusive aqui uma pequena estátua animada pulando atraía a atenção, assim que quando o cervo fez seu caminho passando pelas pessoas sem chamar atenção, eu sabia que estava funcionando sua magia.

Tentando não sentir como se houvesse luzes de neon me apontando e dizendo “carne fresca”, continuei.

Não tinha muita gente essa hora, embora as ruas não estivessem desertas por completo, tampouco. Contudo, inclusive depois de sair do sistema de túneis, ninguém parecia nos notar. Estava úmido e chuvoso fora, embora não o suficiente para utilizar o guarda chuva, que continuava passando de mão em mão enquanto eu esquentava a mão livre em meu bolso.

A umidade adicionou algo frio à temperatura da manhã, e no momento em que o cervo pulou um lance de escadas de pedra para um alpendre coberto, meus dentes batiam, eu suspeitava que meus lábios estavam tingidos de azul. Não estava desejando ver como era Avalon no inverno. Mas lembrei a mim mesma alegremente, possivelmente não viveria tanto tempo de todas as formas.

Teria gostado de ter um momento para me recolher antes de tocar a campainha, mas não tinha a oportunidade. Antes que tivesse chegado até a escada mais alta, a porta se abriu. Cheguei ao topo e tive sorte de não cair pelas escadas e quebrar o pescoço.

O Erlking vestia-se um pouco menos extravagante que habitualmente, em um par de calças de couro negras apertadas e uma camisa negra com botões por fora que brilhavam fracamente a luz. Tinha o cabelo solto sobre os ombros, com exceção das duas tranças finas que emolduravam seu rosto. Se não fosse a coisa mais pesada, pensaria que ele estava realmente quente.

Sorriu-me, logo se agachou e estendeu a mão para o cervo. Este saltou em sua palma e ele se colocou de pé, fechando sua mão ao redor da pequena estatua. Lembrei-me com nitidez dos chifres e me perguntei como o Erlking conseguia para mantê-los sem sangrar.

Quando esteve totalmente de pé novamente, o Erlking abriu a mão, já não tinha estátua. Em troca tinha um broche de prata delicada em forma de cervo saltando. Não coincidia exatamente com a marca do Erlking, mas estava próxima.

— Meu presente para você. — disse levantando a mão, indicando que devia pegar o broche.

Naturalmente hesitei. Não tinha vontade de pegar nada dele, muito menos algo que era basicamente seu emblema.

Um canto de sua boca formou um meio sorriso.

— Não tem que usá-lo. Mas pode ter ocasiões que o encontrará útil. — girou o broche, me mostrando o passador. — Se precisar ficar invisível, pica o dedo aqui. — tocou a ponta e uma mancha de sangue saiu de seus dedos. — O feitiço desaparecerá em trinta minutos, mas enquanto está ativo ninguém vai lhe ver, ouvir ou sentir, embora tropece contigo. — colocou o dedo na boca, chupando a gota de sangue e me ofereceu o broche outra vez.

Ainda não queria pegá-lo, mas não pensei que fosse encarar amavelmente se me negava. O peguei com cautela, como se temesse que mordesse, logo o enfiei no bolso dos meus jeans. Se ele pensava que ia lhe agradecer por seu presente bonito, estava muito enganado.

Abriu mais a porta.

— Entra, entra. — disse — Deve estar gelada.

O poder da sugestão tinha meus dentes trementes de novo e eu entrei na

casa de Erlking. Tinha que sair do meu embasbacar tão logo pudesse. Casa não era a palavra correta para o edifício que tinha entrado. Palácio provavelmente se ajustaria melhor, embora não era como nenhum palácio que tivesse visto nunca.

O chão da entrada era de mármore negro, brilhante como vidro, nem uma marca de desgaste a vista. As paredes estavam cobertas por papel negro e listras prateadas que tinham a textura de seda. Do teto penduravam cristais em diversas formas e tamanhos, tão grosso que era impossível ver a fonte de luz que brilhava atrás deles. O Erlking estendeu a mão e roçou sobre os cristais, mostrando que ele era o suficientemente alto para alcançar o teto. Os cristais tilintaram como campainhas de vento, o som rebatendo no mármore.

Passado o hall de entrada, o teto se levantou em uma abóboda, pintado de negro noite e salpicado de pequenas luzes brancas como estrelas. Uma grande escadaria como a que possivelmente você viu em “E o vento levou” levava a um balcão do segundo piso, quase completamente oculto na sombra. O interior deste edifício parecia muito maior que o exterior tinha indicado e os corredores escuros do alto das escadas o faziam parecer positivamente imensa.

— Acolhedor. — murmurei em voz baixa, e o Erlking sorriu.

— Este é minha casa e de todos os meus caçadores, sempre que estamos em Avalon. Acolhedor não nos cola.

Meu coração deu um pulo ao compreender que Ethan tinha que estar aqui, escondido nas profundidades dessa casa. Perguntava-me se estava instalado em uma habitação cômoda em alguma parte, ou se ele e o resto dos caçadores residiam em quartos de serventes fora de moda. Ocorreu-me por tudo que eu sabia, o Erlking poderia mantê-los encarcerados em um calabouço, decidi abandonar essa linha de pensamento.

O Erlking me conduziu por um corredor largo de mármore para um quarto que eu suspeitava que ele chamasse de “sala”. Gostei de tudo que tinha visto até agora, que estava decorado em sua totalidade em preto e prata, se não foi pela cor de pele de Erlking e seus olhos, poderia me perguntar se não tinha me voltado repentinamente daltônica.

Estremeci novamente, o frio se fundiu até o fundo dos meus ossos. O

Erlking franziu o cenho e logo fez um gesto para a lareira, que de repente estalou em chamas.

Pulei, a continuação, me ruborizei pela minha reação. Dã, uma criatura mágica e mítica que pode fazer magia! Que surpresa.

— Venha, sente-se junto ao fogo e se aqueça. — disse, assinalando para um sofá coberto de seda negra com prata bordada. — Vou fazer com que tragam um café. — sorriu, seus olhos brilhando com a luz do fogo — Não é muito amante do chá, conforme me disseram.

Fiquei rígida, sabendo exatamente de onde tinha tirado esse pouco de conhecimento.

— Obrigada. — disse com os dentes apertados. Odiava mostrar que ele tinha me ferido, mas minhas emoções eram muito puras para esconder. Virei-me de costas para ele, para que não pudesse ver meu rosto e me encaminhei para a cadeira enquanto tentava me recompor.

Quando me sentei, o Erlking ocupou o outro assento de frente ao fogo, tirando uma mesa de ébano pequena que estava entre nós. Passos ressoou na sala atrás de mim, me virei para ver quem vinha. Mas o olhar predador do Erlking me disse tudo o que precisava saber, inclusive antes que Ethan dobrasse a esquina e entrasse na habitação.

Ia vestido como um caçador agora, usando nada exceto preto, da cabeça aos pés.

A marca de Erlking destacava marcada contra sua pele pálida. Em suas mãos ele levava uma bandeja de prata em que havia um jogo de chá. Ele encontrou brevemente meus olhos, e o desespero em sua expressão enviou uma dor aguda esfaqueando através do meu coração, justamente como o Erlking sem duvida planejava.

Ethan quebrou o contato visual e logo sustentou a bandeja com um braço e começou a descarregar o chá sobre a mesa. Podia sentir o Erlking me olhando, absorvendo a minha dor. Fiz meu melhor esforço para manter minha expressão neutra, mas duvido que ele caiu.

Ethan pegou um último objeto da bandeja e me deu. Era uma taça de café, tal como Erlking tinha prometido. Tentei encontrar o olhar de Ethan

novamente com a esperança de transmitir sem palavras que eu ia tirá-lo daqui. De alguma forma. No entanto, manteve sua cabeça baixa e não me olhou.

— Isso é tudo. — Erlking disse. — Pode ir.

Odiava deixar Ethan fora da minha vista, mas não era como se tivesse escolha.

Agarrei com força a xícara de café que tinha me entregado; isso me ajudou a resistir à tentação de estender a mão e agarrá-lo, evitar que saísse.

Ainda se negando a me olhar, Ethan se inclinou diante do Erlking, continuou saindo da habitação. Ouvi o Erlking pegar uma xícara de café, mas eu não podia suportar olhá-lo, temerosa do que poderia ver em meu rosto.

— Está são e salvo. — o Erlking disse suavemente, atraindo meus olhos para ele contra minha vontade. — Infeliz, mas são e salvo. — houve simpatia e tristeza em seus antigos olhos azuis, mas não acreditei.

— Quando terminar de insistir, podemos falar sobre o que tenho que fazer para que Ethan volte?

Ele arqueou as sobrancelhas no que parecia surpresa.

— Não estou “insistindo”, como disse. Eu estava assinalando que está são e salvo.

Estava destinado a ser reconfortante.

Soltei um bufar.

— Sim, claro.

Recostou-se em sua cadeira e cruzou as pernas, sustentando a xícara de chá de porcelana negra da china em seu colo.

— Acredite em mim ou não, como queira. Tão impaciente está para começar nossas negociações, por favor, diga-me o que propõe.

Dei uma respiração profunda, coletando os restos dispersos da minha dignidade.

É fundamental que diga toda a frase com perfeição. Kimber e eu acreditamos que qualquer acordo que fizesse com o Erlking seria feito cumprir por magia, assim que tinha que ser muito cuidadosa em não deixar espaço para manobras.

— Meu pai me disse que você e a Rainhas Faerie estiveram em guerra uma vez.

— lhe disse começando pouco a pouco.

O Erlking inclinou a cabeça para mim. Supus que estava tentando adivinhar aonde ia com isso.

— Estivemos. No entanto, isso faz muito, muito tempo. Nossas relações têm sido pacificas durante muitos séculos.

— Devido ao acordo que alcançou com elas. O que lhe impede de caçar Fae ao menos que as rainhas lhe deem permissão.

O entendimento clareou em seus olhos, e riu baixinho.

— Está pensando em me oferecer uma alternativa para me tirar do mundo dos mortais, frente a uma das diretrizes de negociação de caçar ali.

— Sim, essa era a ideia. — disse. Porque não importa o quanto mal me sentia por Ethan, não poderia soltar a Casa Selvagem no mundo dos mortais.

O Erlking assentiu com a cabeça e baixou sua xícara de chá, sentando reto.

— Diga-me exatamente o que é que propõe. — não podia ler a expressão do seu rosto. Talvez fosse entusiasmo, embora pudesse ter sido facilmente ceticismo.

Falei com cuidado e pausadamente quando respondi.

— Uma das habilidades Faeriewalker é levar a tecnologia Faerie. Minha tia Grace quer me sequestrar, para assim poder ter uma arma para matar a Rainha Seelie e tomar o trono.

O Erlking assentiu com a cabeça, como se fosse de conhecimento geral.

— Sim. Uma bala mortal pode matar a uma Rainha Faerie.

— E quanto a você? — deixei escapar as palavras totalmente não planejadas.

Ele me sorriu.

— Se pudesse morrer por uma bala mortal, não esperaria que lhe dissesse a verdade?

Senti o rubor em minhas bochechas. *A forma de se fazer de idiota Dana.*

— Mas em resposta a sua pergunta...

— continuou. — Não, eu não posso ser assassinado por uma bala mortal. Muitos têm tentado, e, no entanto aqui estou.

Ele poderia estar mentindo entre dentes, claro. Como disse, se uma bala mortal pudesse matá-lo, não haveria publicidade disso. Por outro lado, obviamente tinha caçado em Avalon antes de se separar de Faerie, era difícil acreditar que sua presa humana nunca houvesse tentado matá-lo, em própria defesa, sem nada mais.

— Sua proposta é que vai viajar comigo a Faerie, permitindo-me utilizar uma arma para matar as Rainhas e por tanto remover a géis que eles colocaram sobre mim.

Está correto?

Reprimi um estremecimento e me obriguei a olhá-lo nos olhos com toda a sinceridade que poderia projetar.

— Basicamente.

A ideia era arriscada ao extremo. Se eu o fizesse e o Erlking era liberado de seu géis, não colocaria ninguém no mundo mortal em perigo, mas os Fae seriam presas fáceis. Razão pela qual eu tinha que ser tão cuidadosa como podia em nosso acordo, porque tinha toda a intenção de me assegurar que qualquer que fosse a arma que Erlking traga com ele contra Faerie não funcionaria. Kimber tinha me assegurado que os enlaces mágicos eram muito literais. Se eu tivesse que ajudar o Erlking a ter uma arma Faerie, então todo o tempo que o ajudasse a fazer uma arma de fogo, eu ficaria acima de qualquer suspeita. Não tinha nenhum requisito que fosse uma arma funcional.

Eu estava praticando na minha mente como ia dar minha oferta formal, quando Erlking a converteu em um ponto discutível.

— É uma proposta inteligente. — disse com um sinal de aprovação. — Ela me obriga a trabalhar por meu objetivo final, em uma tarefa que seria inclusive difícil com armas mortais, se tenho êxito, não é seu próprio povo que sofrerá por isso. — ele sorriu.

— Os Fae podem se valer por si, não é?

Levantei meu queixo tentando não fraquejar. Sabia que a oferta ia me fazer soar muito cruel, como se não pudesse me importar menos com o que aconteceria aos Fae porque não era "meu povo". Mas eu precisava que o Erlking acreditasse que era realmente tão insensível para suspeitar de mim.

O Erlking negou com a cabeça.

— Não importa. A resposta é não.

— O que? — claro, sempre soube que poderia se negar, mas pensava que tinha ao menos uma oportunidade de êxito. E eu certamente não tinha esperado que o dispensasse sem nem sequer tentar negociar.

— Não tenho nada contra Mab ou Titânia — disse. — O acordo a que nós três chegamos é mutuamente vantajoso, embora os espectadores não possam adivinhar que eu poderia ter ganhado.

Fiquei estupefata com a negativa instantânea de Erlking. Meu coração caiu. Essa tinha sido minha primeira e única ideia do que poderia oferecer ao Erlking em lugar do que queria. Lágrimas chegaram aos meus olhos, apesar dos meus esforços para detê-las.

Erlking deixou a xícara de chá na bandeja para por a mão levemente sobre meu pulso. Teria me afastado bruscamente se o desespero não pesasse tão fortemente.

— Não chore. — disse e roçou o polegar sobre a palma da minha mão. — Nem tudo está perdido ainda. Tenho uma contra oferta.

Suas palavras foram suficientes para me despertar do estupor, finalmente tirei a mão debaixo da dele, o que provocou que de repente caísse a xícara de café sem tocar da minha outra mão. O Erlking se colocou de pé e

tirou a xícara da minha mão, deixando-a sobre a mesa. Logo se ajoelhou diante de mim, pano em mão, eu não tinha ideia de onde tinha vindo. Começou secando a mancha de umidade das minhas calças.

Seu toque era impessoal, seus movimentos enérgicos e sérios, nada sexual ou inapropriado. No entanto, a sensação da sua mão em minha coxa era...

desconcertante.

— Eu faço isso. — disse, tentando alcançar o pano, meio que esperando que ele insistisse em fazer ele mesmo. Mas deixou-me ter o pano.

— Se queimou? — perguntou, sentando-se sobre seus calcanhares.

Neguei com a cabeça, envergonhada da minha reação exagerada ao seu toque. Ele não estava me ameaçando e não estava tentando ser sedutor. Não é grande coisa.

E, no entanto, de alguma forma se sentia como uma grande coisa, os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Tentei tirar essa sensação.

— Qual é esta contra oferta? — lhe perguntei.

Ele me deu um olhar que somente posso descrever como avaliativo, continuando se colocou de pé e tomou a cadeira que tinha estado sentado, tirando ela ao redor da mesa para estar encarando-me. Logo se sentou, as pernas apenas polegadas das minhas.

Lutei contra a tentação de afundar novamente em minha cadeira. Era tão grande, que tinha sido difícil não me deixar intimidar por ele, inclusive se não soubesse quem, e o que era. Mirei seus olhos e me surpreendi ao ver a quantidade de calor que existia nesse frio azul. Talvez ele não pudesse deixar de ser intimidante, mas estava tentando não sê-lo.

— Lhe advirto de antemão que minha proposta não é nada do que está esperando. — disse. — E que vai te assustar tanto como frustrar.

Oh, muito bem. Como se tivesse que estar ainda mais assustada e incomoda do que já estava.

— Muito bem, me advertiu. Agora o que é?

Seus olhos pareciam penetrar em mim.

— Vou liberar Ethan da Caça Selvagem. Se você se comprometer a me dar sua virgindade.

17

Meu queixo caiu e eu pisquei para ele incrédula.

— Desculpe-me, o que você acabou de dizer?

— Você me ouviu, e eu te avisei.

Eu balancei a cabeça, sentindo como se eu tivesse, de alguma forma, deslizado em um sonho. Repeti as palavras do Erlking em minha cabeça e elas ainda não faziam sentido.

— Você é jovem. — o Erlking disse. — Talvez muito jovem para isso ainda. Pelo menos por seus modernos padrões humanos. Antigamente, você deveria ter sido uma velha mulher casada com um punhado de crianças. Mas não sou nada se não paciente.

Vou dar-lhe liberdade para escolher quando estiver pronta para cumprir nosso trato.

— E você manterá Ethan com você, até eu fazer isso? — eu disse, ainda muito atordoada para absorver o que estava acontecendo.

— Não, não. — ele respondeu. — A sua promessa estará amarrada e a menos que, você pretenda viver uma vida de celibato, eventualmente terá de vir a mim.

— Você não pode estar falando sério.

Eu não seria falsamente modesta com a alegação de que não sou atraente ou nada, mas não sou nada especial, especialmente quando comparado a beleza sobrenatural dos Fae. Quando conheci Ethan e ele imediatamente começou a flertar comigo, eu sabia no fundo do meu coração que havia algo não muito certo sobre isso.

Algumas garotas são realmente tão bonitas e/ou sexys que elas têm caras caindo aos seus pés direito e esquerdo, mas não sou uma delas. Não havia nenhuma maneira que o Erlking deixaria o Ethan ir apenas pelo prazer de me ter em sua cama.

— Eu lhe asseguro, sou muito sério. — ele disse. — Se você não vai

andar com a minha Caça no mundo mortal, então há somente uma maneira de ganhar a liberdade de Ethan.

Eu sentei-me lá e fiquei boquiaberta com ele.

— Eu não entendo. O que você vai ganhar com isso?

Ele levantou uma sobrancelha para mim, eu corei furiosamente, certa da deixa.

Eu tinha estado tão focada em minha descrença que não tinha absorvido inteiramente que de fato eu estava sentada aqui discutindo minha virgindade com um homem.

— Minhas desculpas. — disse o Erlking suavemente. — Eu não deveria provocá- la sob as circunstâncias.

Ele parecia genuinamente aborrecido, mas isso não fez meu rubor ir embora. Eu nunca tinha conseguido passar minha primeira base com um cara. Sou cautelosa por natureza, não muito boa em confiar nas pessoas, então isso faz da intimidade uma dificuldade para mim. Você pode até mesmo dizer que me faz puritana. A ideia de realmente fazer...

isso...

com o Erlking, me faz irromper em um suor frio.

— Não vou te machucar. — ele me disse. — Posso até mesmo torná-lo agradável para você, apesar de qualquer receio que possa ter.

Isso me fez olhar para ele bruscamente. Ethan tinha contado a ele sobre ter tentado lançar aquele feitiço para *apagar*[4] em mim?

— Não vou fazer isso sem permissão. — o Erlking disse, e seu olhar me disse que ele sabia o que eu estava pensando. — Se você prefere ter sua mente completamente limpa, então respeitarei seus desejos.

— Por que você está fazendo isso? — encontrei a mim mesma sussurrando, sentindo mais jovem e mais perdida do que eu jamais pudesse me lembrar de ter sentido. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que havia mais nesta oferta do que realmente parecia a primeira vista. Ele estaria recebendo algo além de um pouco de diversão se eu concordasse. Eu só não tinha ideia

do que.

— É tudo uma questão do quanto a liberdade de Ethan vale para você. — ele disse ao invés de responder minha pergunta. — Virgindade não significa tanto para as mulheres hoje como significava antigamente. Dando-a a mim não prejudicaria suas chances de encontrar um marido, nem causaria a você ser banida ou caso contrário tratada como mercadoria danificada. É um destino tão terrível que vale a pena sacrificar o resto da vida imortal de Ethan para evitar isso?

As lágrimas vieram e desta vez não fui capaz de impedi-las de transbordar. Eu me senti presa, e impotente, e culpada tudo ao mesmo tempo. Havia muitas garotas da minha idade que estavam tendo relações sexuais por anos e não pensavam nada sobre isso. E ainda lá estava eu, com medo de concordar com os termos do Erlking mesmo quando o futuro inteiro de Ethan estava em jogo.

O Erlking estendeu a mão e pegou ambas as minhas. Fiz uma tentativa meio sem coragem de afastá-lo, mas como eu esperava, ele não largou. Seus polegares acariciaram as costas das minhas mãos, seu toque surpreendentemente gentil.

— Você está com medo agora porque não está pronta. — ele disse. — Isso é o porquê estou te deixando escolher o tempo. — ele largou uma das minhas mãos, alcançando o curso de uma lágrima de minha bochecha. — Quando você estiver um pouco mais velha e tiver tempo para se acostumar com a ideia, você pode encontrar a perspectiva de vir para minha cama mais atraente do que pode imaginar.

Ele estava sorrindo para mim novamente, apesar da minha angústia, não pude deixar de notar a beleza de seus profundos olhos azuis com a moldura de seus longos cílios. Sim, provavelmente havia muitas meninas que caíram para trás com a chance de estar em sua cama. Pena que eu não era uma delas.

— E se você achar que estou errado...

— ele continuou. — Se você achar que não pode suportar me deixar tomá-la, então essa escolha será sempre sua.

Sim, se eu nunca quiser fazer sexo a minha vida inteira! Talvez eu não

estivesse pronta agora, talvez eu estivesse um pouco do lado recatado, mas isso não significava que eu queria ficar virgem para sempre.

Mas como eu poderia simplesmente dizer não e abandonar Ethan? Como eu poderia encarar Kimber novamente, sabendo que eu poderia ter salvado ser irmão, mas era muito mais para uma galinha fazer isso? E como eu poderia viver comigo mesma, sabendo que Ethan estava preso por minha causa e não levantar um dedo para ajudá- lo?

Eu me senti como uma marionete, balançando nas cordas do Erlking. Eu sabia que havia mais neste acordo do que ele estava dizendo. E eu sabia que algum dia iria enfrentar as consequências da minha decisão. Se o Erlking tivesse exigido que eu tivesse sexo com ele agora mesmo, eu poderia não ter sido capaz de reunir a coragem necessária, não importa o quão horrível eu me sentia por isso. Mas talvez ele estivesse certo, talvez em um par de anos, não pareceria como um acordo tão grande.

— Inclua Connor, e você tem um acordo. — eu disse, mesmo enquanto meu interior se encolhia com o que eu estava prometendo.

O Erlking parecia surpreso, como se nunca havia lhe ocorrido que eu poderia querer libertar meu irmão também. Ele soltou minha mão, então se encostou a sua cadeira, testa franzida em pensamento. Então, ele assentiu.

— Vou liberar Ethan imediatamente após sua promessa. — ele disse. — Então, quando a promessa estiver cumprida, vou liberar Connor também.

Eu não conseguia encontrar minha voz para concordar em voz alta, então apenas acenei com a cabeça ao invés. Eu tinha certeza que eu me arrependeria muito um dia, provavelmente muito em breve.

O Erlking ficou em pé, estendendo suas mãos para mim.

— Então, vamos selar no acordo.

Eu não sabia o que ele queria. Fiquei em pé, mas não lhe dei minhas mãos, ao invés o observei com cautela.

— Vamos selar nosso acordo com um beijo. — ele me disse, roçando um fio do meu cabelo longe do meu rosto. Comecei a protestar, mas ele falou antes de mim. — O acordo será reforçado pela mágica, para que nenhum de

nós possa quebrá-lo. Você sentirá a mágica se construindo, mas não se assuste.

Eu balancei minha cabeça.

— Não vou beijá-lo! — eu disse.

Ele encolheu os ombros.

— Nós poderíamos selar o acordo com sangue, mas um beijo seria muito mais agradável. Para ambos. Além disso, como vou acreditar que vá cumprir o acordo se você não está disposta a participar de um único beijo?

Engoli em seco e tentei dizer a mim mesma que estava sendo covarde. Um beijo não tinha nada a temer, mesmo quando quem fornecia isso era um assassino a sangue frio. Eu não disse nada, e o Erlking tomou isso como consentimento.

— Você sentirá a mágica começando a se reunir assim que eu falar os termos do nosso acordo. — ele disse. — Isso vai intensificar quando eu beijá-la, mas não vai te machucar. Isso também fará o beijo...

muito agradável.

Eu sufoquei um arrepio. Eu não queria aproveitar.

— Não quero você invadindo minha cabeça.

— Eu não vou. É apenas um efeito colateral da magia. Se selássemos o acordo com sangue, seria intensificada a dor ao invés, assim você vê porque prefiro o beijo. — ele sorriu para mim, uma expressão quase infantil que parecia toda errada para seu rosto.

Eu poderia dizer pelo calor em minhas bochechas que eu estava corando novamente, e odiava isso.

— Tudo bem. Que seja. — Se a magia só iria intensificar o que já estava lá, então eu somente tinha que ter a maldita certeza que não me deixaria levar por qualquer prazer do beijo do Erlking.

Ele inclinou sua cabeça graciosamente, divertido com minha resposta grosseira.

— Então, eu juro que se você me prometer sua virgindade, eu irei libertar Ethan da Caça Selvagem neste mesmo dia e a liberação de Connor no dia em que você cumprir sua promessa.

A magia picando minha pele me fez ofegar. Era muito mais forte do que qualquer coisa que eu já senti antes, todos os pelinhos do meu braço se levantaram. Eu não ficaria completamente chocada se os cabelos da minha cabeça estivessem em pé, também. Se isso ficaria mais intenso quando o Erlking me beijasse, eu não tinha certeza como eu sobreviveria. Já me sentia como se tivesse emperrado meu dedo em uma tomada elétrica.

— Está avisada. — o Erlking continuou. — Que se você falhar em preservar sua virgindade até cumprir sua promessa, Ethan se juntará a Caça outra vez e nenhuma força no Céu ou na Terra me fará libertá-lo novamente. Você concorda com os termos que falei?

A mágica era tão espessa que eu mal podia respirar, minha pele se arrepiou com isso. Eu não tinha certeza de como poderia forçar as palavras da minha boca, mas o Erlking estava olhando para mim com expectativa, esperando por minha resposta. E quanto mais rápido eu respondesse, mas rápido acabaria.

— Sim. — eu disse, não tendo certeza se minha voz era audível. A magia agora era um rugido em meus ouvidos, somando um formigamento em minha pele.

Os olhos do Erlking faiscaram com triunfo, ele deslizou sua enorme mão ao redor do meu pescoço até estar ninando minha cabeça em sua palma. Ele se inclinou e levou cada pedaço da minha vontade para não me liberar de seu aperto e correr para minha vida.

Seus lábios estavam surpreendentemente gentis quando tocaram os meus, senti um momento de alívio, pensando neste puro varrer de lábios fazer o truque. Em seguida a magia lanceou através de mim. De repente, eu já não sentia o formigamento na minha pele, parecia estar vindo de dentro de mim, ao invés.

Eu arfei e o Erlking arfou também. Então ele esmagou seus lábios nos meus e puxou meu corpo contra o seu. Fui sem resistência para seus braços enquanto a magia formigava em meu peito e barriga. Eu abri minha boca,

quase implorando pelo gosto da língua do Erlking e ele me deu isso.

Ele me beijou tão forte que quase doeu, eu não tinha o menor pensamento de resistir a ele. Eu passei meus braços ao redor de seu pescoço e me pressionei contra ele, sentindo o calor, a dura evidência de que ele estava pronto e ansioso para cumprir o acordo nesse exato momento. Eu gemi em sua boca enquanto o prazer vigorava da minha cabeça aos pés e vice versa. Foi a coisa mais gloriosa que já senti e eu queria mais. Não havia parte de mim, mente ou corpo, que me lembrava que estava beijando o cara mau e que realmente não queria estar fazendo o que eu estava.

A magia atingiu um crescente que me faria gritar se a língua do Erlking não estivesse em minha boca. Eu agarrei um duplo punhado de seu cabelo, segurando-me como se fosse uma corda de segurança e estivesse me afogando.

Então, abruptamente, tudo parou.

Meus joelhos curvaram, eu teria entrado em colapso se o Erlking não estivesse me segurando. Seus lábios demoraram-se nos meus apenas um segundo mais antes de ele quebrar o beijo, suas mãos em meus ombros me firmando. Sentime tonta e fraca, atordoada demais para me lembrar exatamente onde estava e o que estava fazendo. Eu tive problemas para desenredar meus dedos dos cabelos do Erlking, não resisti quando ele me guiou até uma cadeira e me fez sentar.

Meus lábios se sentiam machucados e inchados da força do beijo do Erlking. Ele se agachou em minha frente, olhando para meus olhos enquanto acariciava meu cabelo longe do meu rosto.

— Você está bem? — ele perguntou, soava como se ele realmente se importasse.

— Eu machuquei você?

Suas pupilas estavam enormes e escuras, sua respiração vinda em curtos arquejos. Eu suspeitei que aquela calça de couro apertada ainda estivesse saliente, mas apesar de seu entusiasmo óbvio, ele não fez nenhum movimento para tirar vantagem de mim.

— Estou bem! — eu consegui dizer, embora eu não tivesse certeza se

era verdade.

Ele apertou minha mão.

— Desculpe-me se fui tão áspero. Foi mais intenso do que eu esperava.

Eu não sei por que, mas acreditava nele. Talvez porque ele apenas parecia muito preocupado agora.

Eu ainda estava tentando me recompor e me lembrei da maneira quando Connor entrou na sala, carregando um Ethan inconsciente e todos os pensamentos do beijo desapareceram da minha mente.

18

Eu acho que subconscientemente eu nunca esperava que meu plano tivesse sucesso. Caso contrário, talvez eu tivesse colocado alguns pensamentos do que fazer depois que eu conseguir Ethan de volta. O Erlking tinha me avisado que ele estaria incapacitado, depois de tudo. Eu sou mais forte do que uma garota totalmente humana do meu tamanho seria, mas eu certamente não era forte o suficiente para levar Ethan em qualquer lugar.

Connor atravessou a sala até chegar a um sofá antiquado, em seguida, delicadamente deitei Ethan nele. Com minhas pernas ainda frágeis da overdose de magia, eu fiz o meu caminho ao lado de Ethan, mal ousando acreditar que eu realmente consegui sua liberdade.

— Não tenha medo por ele. — disse Erlking bem atrás do meu ombro e eu pulei.

Um cara tão grande não tinha direito de se mover tão silenciosamente! — Ser liberado do Hunt o enfraqueceu, mas ele vai recuperar sua força ao longo do tempo.

— Quanto tempo? — perguntei. Ele encolheu os ombros.

— Ele é o primeiro homem que eu liberto. Não posso dizer exatamente quanto tempo sua recuperação vai demorar.

No sofá, Ethan gemeu baixinho e suas pálpebras flutuavam como se ele estivesse tentando abri-las.

— Ethan! — eu disse, sentado no sofá ao lado dele e pegando uma de suas mãos na minha. — Você consegue me ouvir?

Seus lábios se moviam um pouco, mas nenhum som saiu, ele não abria os olhos.

Como diabos eu ia levá-lo para casa?

E como eu ia explicar a todos como eu tinha conseguido ganhar a sua liberdade?

De jeito nenhum eu estaria divulgando que eu tinha concordado em dar

a Erlking minha virgindade! Eu também não estava muito animada com a ideia de deixar meu pai ou Finn saber que eu tinha conseguido fugir da minha casa segura.

Mas, vamos por ordem: eu tinha que tirar Ethan daqui, e Erlking não estaria se voluntariando para ajudar.

— Posso usar seu telefone? — perguntei a ele.

Ele arrancou um telefone sem fio fora de seu carregador e entregou-me sem comentários. Eu tentei fingir que as minhas mãos não tremiam quando eu disquei o número de Kimber e rezei para ela atender. Ainda era bem cedo pela manhã, ela não iria reconhecer esse número em seu identificador de chamadas, se ela verificasse antes de responder.

Para meu alívio, ela atendeu e disse com um grogue som: — Olá?

— Kimber. É Dana. Você está acordada?

Ela fez um som, sonolento e intrigado, eu ouvi-a movendo-se na cama.

— Dana? Onde você está? Está tudo bem?

— Eu estou bem. — cruzei meus dedos quando as palavras saíram da minha boca, um velho hábito infantil que às vezes eu revertia em tempos de stress. — Estou, uh, na casa do Erlking.

Kimber engasgou. Eu suspeitava que ela agora estivesse bem acordada.

— O quê?

— Ele concordou em deixar Ethan ir, mas Ethan está fraco demais para andar e não tenho nenhuma maneira de levá-lo para casa.

— Espere um minuto. O quê? Você acabou de dizer que Erlking o deixara ir?

— Yeah. Mas eu preciso de sua ajuda.

— Assim, o Erlking realmente aceitou a oferta que pensamos? — ela parecia incrédula, eu não podia culpá-la. Eu acho que nenhum de nós tinha realmente acreditado que isso funcionaria. Isso tinha acabado de fazer-nos sentir melhor em ter a ilusão de que poderíamos fazer a diferença.

— Er, não. Nós decidimos outra coisa. Mas eu não quero falar sobre isso, não agora. Você pode me ajudar chegar em casa com Ethan?

— Eu vou estar lá em 15 minutos. — ela disse, ouvi seus passos quando ela saiu da cama e começou a correr ao redor.

— Espere um segundo, eu vou te dar o endereço.

— Não se incomode. Eu sei onde ele está.

Achei que fazia sentido que o povo de Avalon sabia onde o Erlking vivia. Não era como se ele e sua Hunt fossem imperceptíveis.

— Okay. Vejo vocês em breve.

— Sim. — ela disse, em seguida, desligou.

Abracei-me para suprimir um arrepio, mesmo que o fogo fizesse o quarto aconchegantemente quente. Por pouco tempo, Kimber ia estar tão feliz por ter seu irmão de volta que ela não iria me incomodar muito sobre que tipo de negócio eu tinha feito com o Erlking. Mas eu sabia que não ia durar, eventualmente ela começaria a me pressionar para contar. Eu só não sabia se eu estava disposta a compartilhar os detalhes, melhor amiga ou não.

Eu decidi que isso era um caso de "cruzar essa ponte quando chegar a ela" e tentei empurrar esses pensamentos de lado.

Ethan parecia mais pálido do que o habitual e havia sombras sob seus olhos. A marca do Erlking estava surpreendentemente escura contra a sua pele. Eu me perguntei se era uma tatuagem normal e Ethan poderia removê-lo, ou se estaria preso a ele para o resto de sua vida. Não que isso parecesse ruim, a seu modo selvagem e exótico, mas eu imaginava que Ethan preferia não ser constantemente lembrado de seu tempo na Caça Selvagem.

O Erlking sentou em uma cadeira de espaldar reto, cruzando as pernas enquanto me observava segurar a mão mole de Ethan.

— Eu lhe disse ao telefone antes que está em meus melhores interesses protegê- lo. — disse o Erlking. — Ainda mais agora que nós temos um acordo. Devido a isso, eu deveria avisá-la que me foi dado permissão pela Titânia para caçar sua tia Grace.

— O quê? — a declaração veio de tão longe no campo da esquerda que no início eu não conseguia descobrir o que ele estava falando.

— Palavras chegaram a Rainha que Grace tinha a ambição de assumir o trono. Ela não aceitou de bom grado à informação.

Seus lábios enrolaram em um sorriso irônico.

Não era como me senti, mesmo remotamente, mal por tia Grace. Se ela mesma conseguir se matar foi porque ela colocou em sua cabeça me usar para matar Titânia, isso era apenas difícil. Eu não sabia se eu era mesquinha o suficiente para dizer que eu ficaria feliz se tia Grace morresse, mas eu não derramaria uma lágrima.

— O que isso tem a ver com a minha segurança? — perguntei.

— Grace está condenada. Se ela for esperta, ela pode ser capaz de fugir de mim por um tempo razoável, não importa o quão poderosa possa ser, eu *vou* pegá-la. Isso, claro, se as pessoas da Rainha não pegá-la em primeiro lugar, naturalmente. Sua tia sabe disso. Mesmo se tivesse sucesso no sequestro e forçasse você em Faerie, os guardas da Rainha estariam em alerta para o perigo, então Grace não conseguiria chegar perto o suficiente para fazer a matança.

— Okay. Eu ainda não entendi o que isso tem a ver comigo.

— Tenho experiência de que quando uma pessoa não tem nada a perder e nada a ganhar, é esperado que ele ou ela ataque.

Ele me deu um olhar significativo, me lembrei da sugestão anterior que Grace já não estava tentando raptar-me, mas estava tentando me matar. Eu não poderia dizer que eu conhecia tia Grace muito bem, mas eu não tinha dificuldade em acreditar que ela era capaz disso. Minha chegada em Avalon e suas tentativas falharam em me transformar em seu próprio Faeriewalker de estimação e me jogado no fundo do poço.

E ela me pareceu o tipo de pessoa que me culparia pela bagunça que havia feito de sua vida.

Eu suspirei.

— Se ela quer me matar, ela pode entrar na fila atrás de todas as outras

pessoas que querem o privilégio. — se eu não tivesse cuidado, com todas essas pessoas que querem me matar eu ia me machucar.

Ele balançou a cabeça em aprovação.

— Admiro a sua coragem, Faeriewalker. Muito rara em alguém tão jovem.

— Er, obrigada. E eu pensei que você ia parar de me chamar assim. Meu nome é Dana.

— Minhas desculpas, Dana. E o meu nome é Arawn. Poucos ousam usá-lo, mas você pode fazê-lo com a minha bênção.

Eu fui salva de ter que responder quando a campainha tocou. Kimber estava aqui.

O Erlking-Arawn pegou Ethan e levou-o tão facilmente como se fosse um bebê. Sem outra palavra para mim, ele se dirigiu para a porta e eu corri para alcançá-los.

* A minha mente meio que entorpeceu um pouco depois disso. Kimber estava um tanto emocionada e apavorada quando Arawn entregou o corpo inerte de seu irmão para ela. Como um puro sangue Fae, ela foi capaz de lidar com seu peso, embora não tão facilmente como Arawn poderia.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, não havia sinal do mau humor que ela normalmente exibia em torno de Ethan. Provavelmente, ainda bem que ele estava apenas esporadicamente consciente, ou ele nunca teria deixado-a fazer isso.

Ela estava distraída o suficiente pelo seu alivio e pela liberação de Ethan que ela não me pergunte como eu consegui. Eu senti como se tivesse me esquivado da bala, mas eu esperava que ela começasse a atirar balas mais do que eu poderia evitar quando recuperasse a compostura.

Nós fomos por nossos caminhos separados, depois disso, Kimber levando Ethan para a casa de seu pai, enquanto eu voltei para a minha casa segura. Eu hesitei um longo tempo antes de fazê-lo, com medo de que pudesse haver consequências que Arawn deixou de mencionar, mas, eventualmente, eu piquei o dedo sobre o broche que ele tinha me dado.

Sem guarda costas, com apenas cerca de metade da minha inteligência disponível, eu era um alvo fácil para qualquer um que queria me prejudicar, então eu percebi que era absolutamente necessário que eu me escondesse.

Meu senso de direção é uma porcaria, mas eu viajei para trás e para frente da minha casa segura muitas vezes, então fui capaz de encontrar o meu caminho sem ajuda. Eu não tive um veado mágico para iluminar meu caminho neste momento, mas Arawn tinha pensativamente me dado uma lanterna.

Finn estava sendo muito ele mesmo quando entrei sala da guarda, a cabeça inclinada sobre uma arma que ele meticulosamente limpava. Várias outras armas estavam sobre a mesa, assim como um par de facas de prata. Prendi a respiração enquanto eu caminhava para perto, mas ele não me viu. Eu odiava admitir, mas o dom de Erlking fez um agradável passe-de-saída-da-cadeia. Tanto quanto eu poderia dizer, Finn nunca sequer soube que eu tinha ido embora.

Uma vez eu estava em segurança na minha suíte, de novo, eu debati entre beber grandes quantidades de café e me recolher para a cama. Desmoronar na cama ganhou, e eu estava tão exausta que cai instantaneamente no sono.

Infelizmente, não era um sono sem sonhos. O momento que eu relaxei, encontrei-me mantida firmemente nos braços de Arawn, enquanto ele me beijava. Foi um beijo tão profundo e apaixonado como o verdadeiro que nós compartilhamos, só que desta vez não foi influenciado pela magia. Eu apertei-me contra ele, deixando-me sentir a intensidade de sua excitação contra a minha barriga. Isso deveria ter me assustado, mas isso não aconteceu.

Abri-me a ele com abandono, deixando sua língua explorar a minha boca, não protestando quando suas mãos deslizaram até a minha bunda e me puxou ainda mais contra ele. Eu estava desatenta com prazer e necessidade.

Arawn quebrou o beijo e eu soltei um miado de protesto. Ele sorriu para mim, seus olhos escuros e brilhantes, então ele me pegou e me deitou na minha cama. Uma pequena parte de mim registrou o fato de que isto não poderia ser real. O resto de mim não se importava.

Arawn se posicionou em cima de mim, com cuidado para não esmagar-me sob o peso de seu enorme corpo. De alguma forma, minhas pernas acabaram se espalhando, uma de suas coxas pressionada entre elas. Eu arqueei minhas costas e soltei um gemido.

Eu mal podia respirar pela minha necessidade e minhas mãos levantaram por vontade própria para os botões de sua camisa.

Eu não sei o quão longe o sonho teria ido se eu não tivesse sido despertada por Finn batendo na minha porta.

— Dana. — gritou, como se não fosse a primeira vez que ele chamou meu nome.

— Responda-me agora, ou eu entrarei.

Grogue e desorientada, eu me sentei.

— Um minuto. — eu consegui responder.

— Seu pai quer falar com você. — Finn disse. — *Agora.*

Ugh. Isso não soava bem.

— Vou em apenas um segundo.

Eu esfreguei, mal-humorada, os meus olhos e fiz meu caminho para o banheiro.

Eu queria, pelo menos, escovar meu cabelo e jogar um pouco de água fria no meu rosto antes de enfrentar meu pai, que deve ter ouvido falar que Ethan estava livre e sabia que eu era de alguma forma responsável.

Eu congelei quando vi meu reflexo no espelho. Meu rosto estava corado, e eu notei tardiamente que minhas bochechas estavam extremamente quentes.

Minhas pupilas estavam dilatadas, tanto que parecia que eu estava usando drogas e meu cabelo era uma bagunça.

Corei mais quando me lembrei o que estava sonhando. Eu *não* queria pensar sobre o Erlking dessa forma. Sim, ele era lindo, ele tinha aquele apelo especial de bad-boy - bad boy real, ao contrário de Keane, mas ele era perigoso, cruel, e cerca de um zilhão de ano mais velho também.

Distraidamente, eu esfregava meus dedos sobre meus lábios, lembrando a força de seu beijo da vida real. Eu tinha gostado na hora, mas lembrando agora me fez contorcer. Eu tinha sido beijada em um total de duas vezes em toda a minha vida, e ambas as vezes eu estava sob a influência mágica de alteração da mente. Fiquei imaginando como um beijo verdadeiro seria, e preocupada que a sensação seria pálida em comparação.

Sacudi-me fora dessa linha de pensamento e empurrei as memórias, tanto do beijo real e o do sonho para o fundo da minha mente para ser tratado mais tarde.

Era hora de enfrentar a música proverbial.

19

Não havia nenhuma possibilidade de contar para o meu pai o que eu fiz para conseguir a liberdade de Ethan e naquele momento eu tinha conseguido me acalmar o suficiente para poder sair do quarto, eu tinha inventado uma desculpa que me salvaria de dizer a vergonhosa verdade.

Meu pai estava me esperando na sala de estar, caminhando impacientemente de um lado para o outro na frente do sofá. Um segundo antes que ele reparasse em mim, vi que seu rosto estava tenso, suas bochechas extremamente pálidas mesmo para alguém como ele. Eu esperava que ele estivesse furioso comigo, mas ele não parecia irritado.

Parecia… com medo.

Não tive a oportunidade de examinar o seu rosto por muito tempo, porque logo ele levantou o olhar e me viu. Eliminou a maioria das expressões do seu rosto e, apesar do que estava errado, ele estava preocupado o suficiente para deixar de lado a sua rispidez habitual. Seus olhos encontraram os meus e ele balançou a cabeça na minha direção.

— Dana, o que você fez? — perguntou. Sua voz estava tão triste e por meio segundo me perguntei se ele suspeitava da verdade. Logo descartei essa ideia. Eu estava bastante segura de que ele estaria furioso e não assustado, se ele soubesse que eu tinha prometido minha virgindade ao Erlking.

Levantei meu rosto e tentei não corar.

— Fiz o que eu tinha que fazer para resgatar o Ethan da Caça Selvagem.

— E o que foi isso, exatamente?

Dei a volta, a minha mãe tinha me ensinado com muita prática, tanto a inventar mentiras como dizê-las de forma convincente. Tinha aprendido que sempre é melhor contar uma mentira simples e adicionar um pouco da verdade, sempre que for possível.

Ah, e não evitar o contato visual, o que faz parecer que você não está mentindo, mesmo se você estiver.

Sendo assim, olhei diretamente nos olhos do meu pai enquanto mentia.

— Não fiz nada. Só prometi fazer algo pra ele no futuro. E antes que me pergunte, ele colocou uma Geis em cima de mim para não poder contar a ninguém o que é.

Meu pai parecia estar com o corpo cansado, por isso deixou se cair no sofá.

Parecia que eu tinha acabado de dizer que alguém tinha morrido. Como ele não tinha dito quase nada, eu não tinha certeza do que eu tinha dito que o deixara tão preocupado.

Atrevi-me a entrar um pouco mais na sala, mas não me sentei. Eu estava muito agitada para isso.

— O que está errado, pai?

— O que está errado? — ele riu amargamente. — O que poderia estar errado quando minha filha promete algo para o Erlking que o faz querer tanto a ponto de liberar um dos seus caçadores para conseguir? — soltou um suspiro profundo. — Você não sabe o suficiente sobre ele ou sobre os Faerie em geral para tomar esse tipo de decisão.

Qualquer coisa que você tenha prometido, não se atreva a dar. Mesmo que isso faça com que ele pegue Ethan de volta. — ele me olhou resignado, como se esperasse que eu o ouvisse.

Pensei na promessa que eu tinha feito, eu sabia que não estaria cumprindo ela em breve. Nenhum sonho erótico ia me fazer sentir vontade de ter relações sexuais com o homem do saco. Além disso, meu pai estava certo. Eu não havia tomado uma decisão com conhecimento suficiente. Não tinha nem ideia de quais seriam as consequências de cumprir o nosso trato, até que ele descobrisse, não havia nenhuma possibilidade no mundo que eu fosse cumpri-lo.

Era lamentável ter que fingir que um Geis estava me impedindo de revelar a minha promessa e também estava me impedindo de perguntar a alguém o que poderia estar em oculto nesse trato com o Faerie.

— Não tenho que fazer nada de imediato, se isso faz você se sentir melhor. — eu disse ao meu pai.

— Não. — disse e por fim vi um vislumbre da raiva que eu estava esperando.

— Ouça, Dana, você não vai dar o que ele está pedindo e ponto.

Contive a minha resposta imediata.

— Você sabe o que ele está pedindo? — eu perguntei, desejando saber se isso explicaria a intensidade da sua reação.

— Não tenho que saber. — disse. — Não há nada em Titânia ou no Reino Seelie, que possa oferecer ao Erlking que o tentaria a liberar o Connor. Você pode imaginar que ele não entregaria o Ethan se não fosse por algo que teria consequências devastadoras?

Não, eu não sabia quais eram essas consequências, mas eu sabia que elas tinham que existir.

— Eu não podia deixar que ele ficasse com o Ethan. — eu disse. — Não quando eu poderia salvá-lo. Eu só vou ter que encontrar alguma maneira de evitar as consequências. Como eu disse, não é algo que eu tenha que fazer de imediato. Só tinha que descobrir como. Era o que eu esperava.

Meu pai estava muito longe de se convencer, mas voltou atrás por um momento. Eu não tinha a ilusão de que não iríamos falar novamente sobre isso nos próximos dias.

Ele cerrou os punhos novamente e me olhou.

— Espera um pouco, disse que o Erlking pôs um Geis em você? — seus olhos se arregalaram com o que parecia terror. — Como você conseguiu encontrá-lo sem que o Finn descobrisse?

— Eu não o encontrei. — disse, sem perder o ritmo, apesar de que não estava esperando essa pergunta. — Ele me ligou. — mais uma vez, um pouco de verdade, mesclada com a mentira para criar uma desculpa acreditável. De maneira nenhuma meu pai poderia saber sobre o broche. Certamente ele o levaria e eu tinha a sensação de que ele poderia ser útil de novo algum dia.

— Ele colocou um Geis em você pelo telefone?

Oops. Isso soava um pouco improvável. Mas por outro lado, eu tinha a

impressão de que nada estava seguro quando se tratavam das limitações do poder do Erlking, assim confirmei a minha história.

— Sim, mas não me pergunte como é isso. Não entendo por completo as coisas da magia. — infelizmente, isso não era nada mais que a verdade.

Não tinha certeza se meu pai estava convencido disso, mas não me fez mais perguntas. Talvez a suposta capacidade do Erlking colocar um Geis em mim pelo telefone não era mais difícil de acreditar do que a verdade de como ele havia conseguido me tirar da casa de segurança sem que o Finn percebesse.

Eu não estava nem um pouco surpresa por minha mãe ter me ligado pouco tempo depois da conversa que tive com meu pai. Embora meu pai já tivesse me dado sua versão de prisão domiciliar, eu não ficaria completamente incomunicável. Ela não tinha ideia do que eu tinha prometido ao Erlking em troca da liberdade do Ethan, mas como meu pai, supôs que era algo terrível. A diferença entre ela e meu pai, é que ela não era nada boa em manter a calma durante uma crise. Eu sempre pensei que fosse a bebida que causava seus repentinos episódios de histeria, mas aparentemente não.

Eu fiz o melhor que pude para tranquilizá-la, mas ela ainda estava chorando quando eu desliguei. Fiquei feliz que o meu pai tinha tirado todo o álcool da casa dela, onde sem duvida ela teria bebido tudo até cair de tão bêbada.

Eu fiquei muito mais surpresa de receber uma chamada telefônica do Alistair, o pai do Ethan e da Kimber. Apesar da sua rivalidade com meu pai. Eles estavam trabalhando em algo que se assemelhava uma associação para assegurar que eu sobreviveria até a idade adulta. A associação era próxima o suficiente para que meu pai permitisse que Alistair tivesse meu número de telefone, mas não tão próxima para que ele tivesse alguma pista de onde era a minha casa de segurança.

Alistair era um Fae relativamente jovem, tinha nascido em Avalon. Ele era mais reservado do que um americano médio, mas muito menos do que o meu pai. Se bem que ele também me disse que eu não devia dar para o Erlking o que eu havia prometido e me agradeceu tanto que quase foi embaraçoso. Acredito que o Ethan acha que seu pai o ama principalmente por causa das suas habilidades mágicas e o que ele pode fazer pela ambição do

Alistair, mas com certeza não era o que me pareceu.

Mantive a esperança de que o Ethan me ligasse, mas não aconteceu. Eu pensei que era porque ele estava muito fraco e indisposto depois do tempo que passou com a Caça, mas não estava convencida e nem segura disso. Kimber milagrosamente não tinha colocado a culpa sobre os meus ombros, mas talvez não ocorresse o mesmo com o Ethan.

O que o Erlking tinha feito com ele nos dias em que ele ficou preso dentro da Caça?

Com certeza tinha sido mais do que simplesmente ficar passeando pela cidade com as motocicletas. E o Erlking tinha me prometido que o Ethan tinha estado “são e salvo”, mas eu sabia que isso não significava o mesmo que “ileso”.

À noite eu dormi com visões do Ethan sendo torturado pelo Erlking e seus Caçadores. Mesmos com essas imagens horripilantes, elas não me impediram de sonhar com o Erlking. Acordei de manhã com lembranças confusas do sonho, mas sabia que tinha incluído uma grande quantidade de pele nua, e tinha certeza que tinha passado da primeira base.

Não era como se nunca tivesse tido um sonho erótico antes, mas nunca um como esse. Nunca tão intenso e nunca tão parecido com o mundo real. Meu corpo também recordava o que havia sentido quando estava pressionado contra o peito do Erlking enquanto sua língua acariciava o interior da minha boca. Embora eu não quisesse que fosse assim, a memória ainda estava quente.

Eu ainda estava muito concentrada no sonho quando deram nove horas e estava na hora da minha lição com o Keane. Perguntei-me se ele sabia sobre o Ethan, mas no momento em que vi o seu rosto, soube a resposta. O olhar que ele me deu era escuro e com raiva. Eu teria tentando acalmar as coisas, mas ele não estava com humor para conversas.

Foi a sessão de treinamento mais intensa e brutal que eu tinha tido. Sem dúvida ele estava se contendo para evitar o risco de me causar algum dano e que eu ficasse em pedaços no momento em que ele terminasse, mas isso não era nem um pouco divertido.

Como se isso não fosse o suficiente, seus insultos e o seu sarcasmo também estavam intenso. Segundo ele, não fiz nenhuma coisa certa durante todo o treinamento.

Normalmente táticas de sargento me incomodavam, mas hoje me incomodavam de uma maneira mais profunda, até que fiquei mais magoada do que zangada.

Duvidei que tivéssemos ficado nisso por mais de dez minutos quando decidi que era o suficiente. Claro que Keane não se importou com o que eu tinha decidido e me ignorou quando eu disse que queria parar. Ele girou seu punho para o meu rosto, mas eu estava decidida a por um fim na nossa sessão neste mesmo segundo. Sendo assim lutei contra o meu instinto de autoproteção, obrigando-me a permanecer imóvel em vez de bloquear, agachar ou esquivar.

Keane se deu conta que eu não estava me defendendo no último segundo e seus olhos se abriram de uma maneira que poderia ter sido engraçada se eu não estivesse contraindo o meu rosto e apertando os dentes em antecipação ao seu golpe. Se ele fosse humano, não teria como deter o impulso do seu golpe, mas era uma coisa muito boa ele não ser humano.

Ele parou tão perto que os nós dos dedos dele encostaram meu queixo quando ele parou completamente. No entanto, não foi forte o suficiente para me machucar, eu deixei escapar um suspiro silencioso de alivio. Estava preparada para receber o golpe se isso era o necessário para fazer o Keane parar, mas não estava esperando ansiosamente por isso.

— Que merda é essa? — gritou, com o punho ainda no ar.

— Disse que já tinha sido o suficiente. — eu disse, estava satisfeita em como a minha voz soou firme e tranquila. Talvez eu tivesse um futuro como atriz, porque estava tudo menos firme e tranquila.

Keane soltou um som incoerente de frustração, mas deixou cair seus braços de lado.

— Você acordou de mal humor? — perguntei com uma imitação muito boa de uma de suas piadas.

Seus olhos estavam frios. Não era um olhar que já tivesse visto alguma

vez em seu rosto antes. Sua ira sempre tinha sido quente, do tipo que ardia e se apagava repentinamente. Esta parecia diferente e uma parte de mim queria dar um passo gigante para trás.

— Você está brincando? — ele disse, sua voz era tão fria como seus olhos.

— Suponho que tudo isto é para você só um grande jogo e leva o seu treinamento tão a sério como leva as aulas de educação física na escola.

— O que? De onde veio tudo isso? — ele balançou a cabeça.

— Você sabe o que é? Você não vale o meu tempo.

Sem outra palavra, caminhou pisando fortemente para fora do colchonete e praticamente o puxou debaixo dos meus pés e começou a enrolá-lo.

—Caramba. — disse, levantando minhas mãos. — Eu sabia que você não gostava do Ethan, mas não esperava que você tivesse em acesso de raiva como um bebê.

Ele se levantou e em seguida deu um chute no colchonete enrolado.

— Acredita que isso é sobre o Ethan? — ele já não parecia tão frio, mas não podia dizer que isso fosse uma grande melhora. Eu pisquei, confusa.

— Se não é sobre o Ethan, então o que é?

— Você está completamente louca. — ele passou a mão em seu cabelo, e acredito que arrancou uma mecha no processo. Ele respirou fundo e falou lentamente, como se eu fosse uma idiota que ele teria que explicar tudo nos mínimos detalhes: — Não se trata do Ethan e sim de você. Que diabos, vale a pena eu te ensinar a se defender se você simplesmente vai sair correndo e se entregar aos seus inimigos?

Eu vi um monte de coisas nos seus olhos nesse momento, muitas das quais eu não estava segura de que deveria existir.

Ele era meu amigo e meu professor, como amigo sem dúvida ele teria todo o direito de se preocupar comigo, mas não sabia até que ponto ele teria que se preocupar.

Mas pela intensidade da sua reação, a angústia em sua expressão… Isso era mais do que um amigo se preocupando com o outro.

Maldição! Eu absolutamente não precisava de outra complicação na minha vida.

O que você faz quando alguém em quem você pensa como um amigo permite que você veja que ele quer ser mais do que isso? Fiz a única coisa que poderia fazer no momento: o ignorei.

— Eu não me entreguei para meus inimigos. — lhe disse. Eu sei que corri riscos quando negociei com o Erlking, mas isso eu tinha que fazer. Não podia deixar que ele ficasse com o Ethan quando eu sabia que poderia salvá-lo. Teria feito o mesmo por você.

Talvez eu devesse ter mantido a última parte para mim mesma, mas era verdade. E isso não significava que eu tinha algum interesse em sair com o Keane. Também estava disposta a fazer um acordo se fosse a vida de Kimber que estivesse em perigo.

Eu gosto do Keane, mas eram raras a ocasiões em que ele não se comportava como um idiota. Ele era bonito e, tinha que admitir, extremamente sexy. E sim, o interesse óbvio de Kimber por ele, causou em mim um ciúme inesperado. Mas eu já tinha um cara muito complicado na minha vida e agora também tinha um homem ainda mais complicado. Adicionar Keane a mistura seria mais do eu poderia lidar. E também, Kimber era minha melhor amiga. Que tipo de amiga eu seria se me envolvesse com o cara que eu sabia que ela estava interessada?

— Não me faça nenhum favor. — Keane disse rosnando, mas tinha perdido muito da sua intensidade.

— Eu não sou uma pessoa que simplesmente se senta e deixa que os outros cuidem dos seus problemas por ela. — eu disse. — Eu nunca vou ser. Se você acha que me ensinar autodefesa é um desperdício do seu tempo, então com certeza eu posso encontrar outra pessoa para me ensinar.

Ele estremeceu como se eu tivesse digo alguma coisa cruel. Mas eu não acho que fiz.

—Não, não é uma perda de tempo. — admitiu, baixando a cabeça. —

Quando mais você entrar nessa merda estúpida, mais você vai precisar se defender.

Fiz um som entre uma risada e uma respiração.

— Que maneira de ser sutil e solidário. Com amigos como você, meus inimigos podem simplesmente se sentar e desfrutar do espetáculo.

— Vou ter os cabelos brancos antes de ter vinte anos.

Eu encolhi os ombros.

— Você sempre tinge o seu cabelo, assim eu nunca vou notar.

Ele sorriu por isso.

— Então voltamos a ser amigos? — eu perguntei, estendendo a mão para que ele a sacudisse.

Ele me deu um olhar insondável, logo tomou minha mão e meu deu um apertão no lugar de uma sacudida.

— Sim, amigos.

Ele conseguiu dizer isso sem soar sarcástico, eu consegui aceitar as palavras, mesmo sabendo que ele realmente não acreditava nelas.

20

Cada dia acordava esperando ouvir Ethan, mas não ligou. Tinha que dizer a mim mesma que ainda estava em seu apartamento se recuperando, exceto que quando perguntei a Kimber como estava, disse que estava muito melhor. Estive altamente tentada a perguntar se sabia por que não me ligava, mas tinha soado exausta e distraída, assim decidi me manter em temas com menos carga emocional. Nem sequer me questionou sobre o meu trato com o Erlking. Não sabia se isso significava que já tinha escutado falar sobre o "Geis", ou se não se importava, ou outra coisa.

Quase passou uma semana sem nenhuma palavra de Ethan. Vi ou ao menos ouvi de minha mãe e meu pai todos os dias, o que talvez tivesse sido agradável se tudo não estivesse tão tenso. Papai ainda estava evidentemente preocupado, e mamãe estava...

bem, mamãe estava destroçada. A sobriedade não estava se dando bem com ela, não durante os momentos de estresse. Ela inclusive me levou a parte para uma conversa privada um dia quando estava visitando a casa de papai e ele terminou preso em alguma importante ligação.

Sua inquietude era pior do que tinha sido uma vez, inclusive em seus primeiros dias depois de que a desintoxicação tinha passado, notei com um sobressalto que tinha perdido peso. Sua roupa caia solta sob seu corpo, vi que já não estava usando o Anel de ouro de Claddagh[5] que nunca antes a tinha visto tirar. Ainda podia ver a marca ao redor de seu dedo. Deu-se conta do meu olhar e esfregou o lugar inconscientemente.

— Continuava escorregando. — disse. — Terei que ver se posso ajustá-lo.

— Está de dieta? — perguntei, ainda que já soubesse a resposta. Ela sempre tinha estado só a um fio de cabelo do lado pesado, mas nunca tinha se importado e não acredito que agora lhe importe, tampouco.

— Não intencionalmente. — disse com um sorriso. — Simplesmente não tenho muita fome ultimamente. — tocou seu estômago. Sempre parece que perco meu apetite quando estou estressada.

Assenti. Agora entendia. No passado, quando tinha ficado estressada, poderia ter perdido o apetite por comida, mas não pelo álcool. Talvez não seja o que você chamaria de nutritivo, mas sim tinha calorias. E, agora que penso nisso, é provável que reduza o estresse, também, ainda que a um terrível custo.

Estendi a mão e lhe dei, meio sem jeito, uma palmadinha sobre seu ombro.

— Por favor, não se estresse por mim, estarei bem.

— Lógico que estará. — aceitou com falsa alegria, então caiu em silêncio e voltou a sua inquietação.

Esperei para ver se ia dizer mais alguma coisa, mas não disse.

— Tem alguma coisa que queira me dizer? — indiquei finalmente, sem ter certeza de querer saber.

— Você entende que sei pai está me mantendo aqui contra a minha vontade, não?

— perguntou.

Fiz uma careta. Sim, sabia disso. Ela e eu éramos suas prisioneiras de certa maneira.

— Sabe por quê?

Essa pergunta me surpreendeu. *Lógico* que sabia por quê. Papai estava forçando a mamãe para se manter sóbria, era uma das poucas coisas realmente boas que tinha ocorrido desde que tinha chego a Avalon. Naturalmente, mamãe não via dessa forma, especialmente já que não admitia que tivesse um problema com a bebida em primeiro lugar.

— Está te mantendo aqui para que permaneça sóbria. — disse, me preparando para outra rodada de negação de sua parte.

Mamãe negou com a cabeça.

— Não. Está me mantendo aqui porque pensa que é isso que você quer.

— Huh?

— Está me mantendo aqui porque pensa que sou uma alcoólatra e acredita que me mantendo trancada sem álcool te fará feliz.

Nunca tinha pensado dessa maneira, mas supus que era verdade. No entanto, me condene se ia sentir-me culpada sobre isso.

— Seu ponto é? — minha voz adquiriu um indicio de frieza, mas mamãe o ignorou.

— Meu ponto é que se você pedir a teu pai para que me libere, provavelmente ele o faria. Sou tanto sua prisioneira quanto do teu pai.

Ri, mas foi um som amargo, raivoso.

— Quer que convença papai para que te deixe ir, assim você pode voltar à normalidade. Isso é fantástico, mamãe. Simplesmente fantástico. Você quer voltar a ser uma patética perdedora bêbada.

Ela deu um passo atrás como se eu a tivesse estapeado.

— Dana!

Antes, quando ela tinha estado bêbada todo o tempo, eu tinha trabalhado muito para manter minha raiva selada no meu interior. Gritar ou inclusive tentar racionar com ela quando estava bêbada era um exercício inútil. Mas ela não estava bêbada agora, assim que deixei sair tudo. Talvez agora que estava sóbria, ainda que fosse a força, ela seria capaz de entender o quão mal tinha me ferido seu alcoolismo.

— Quer que eu finja que estou de acordo que você prefira se embebedar e sair a passar um tempo comigo?

— Isso não é...

— Ou que tudo esteja tudo bem que fique tão bêbada todo o tempo que nem sequer possa se preocupar em manter as contas pagas? Acredita que não me importava ter que mentir por você ano após ano?

— Suficiente!

— Não, *não* é suficiente! — a raiva estava ganhando vida própria. Meus punhos estavam tão apertados que meus dedos estavam ficando adormecidos, e sentia como se fosse explodir. — Você foi uma vergonha como mãe minha

vida inteira, mas durante as duas últimas semanas, pensei que talvez fosse capaz de melhorar. E agora está me pedindo que te ajude voltar a ser...

Minha mãe me deu um tapa e me mantive em um silencioso choque. Ela nunca tinha me batido antes em toda a minha vida. Estava com tanta raiva que tremia. Mas o brilho de lágrimas em seus olhos dizia que tinha dor atrás de tanta ira.

— Disse que era suficiente. — disse com voz rouca. Então se levantou, girando-se para me dar as costas e se afastou rigidamente.

* Deveria ter me sentido feliz por ter conseguido salvar Ethan da Caça Selvagem, apesar da promessa que tive que fazer. Em vez disso, me sentia péssima. Papai estava preocupado por mim. Mamãe estava furiosa comigo. Keane parecia querer algo de mim e eu não era capaz de lhe dar. E Ethan, aparentemente, não me ligaria.

Finalmente me cansei de esperar que ele me ligasse então, eu liguei pra ele. Ele não respondeu, ainda que tenha deixado uma mensagem, não me ligou de volta.

Lembrei-me um pouco do tratamento frio que lhe dei depois de tê-lo visto com Ashley na festa, mas eu não tinha feito nada para merecê-lo. Não que eu soubesse, ao menos.

Quando ligar pra Ethan não funcionou, liguei pra Kimber em seu lugar. Só tinha falado com ela uma vez desde o dia que tinha ido à casa do Erlking e aquela conversa tinha sido breve. Estava determinada que isso, de qualquer forma, me ajudasse a chegar ao fundo do que fosse que estivesse acontecendo a Ethan.

De nenhuma maneira tinha passado pela minha mente que Kimber não tinha tido a oportunidade de me interrogar sobre como tinha conseguido liberar a Ethan. Ela me lembrou do fato imediatamente.

— Então, você teve que por em pratica com o Erlking algo diferente do que planejamos juntas? — disse, eu fiz um gesto de desgosto que me alegrei de que ela não pudesse ver. — O que foi? Ninguém parece saber.

Sim, e esse era justamente do modo que eu queria. Assim que, ainda me senti um pouco culpada por isso, disse a Kimber a mesma mentira que tinha

dado a meu pai.

— O Erlking colocou o Geis em mim, assim que não posso dizer a ninguém o que fiz.

Houve um longo silêncio.

— Ah. — disse finalmente, escutei o ceticismo em sua voz forte e claro.

Remexi-me. Não tinha me sentido mal por mentir para meu pai. Quero dizer, ele podia ser meu pai, mas apenas o conhecia. Não tinha maneira de falar sobre sexo com ele. Ponto.

Mas Kimber era minha melhor amiga, se ia me abrir com alguém sobre isso, deveria ser com ela. Disse a Kimber o vergonhoso segredo de minha mãe e apenas a tinha conhecido como por vinte quatro horas. Agora éramos mais próximas, assim que deveria ser capaz de confiar a ela meu novo vergonhoso segredo.

Mas admitir na frente de alguém que minha mãe era uma alcoólatra, não era nem a metade ruim do que admitir a promessa com o Erlking. Honestamente, como chamaria alguém que promete sexo em troca de um favor? Eu sei muito bem e minha cara ardia só de pensar.

— Pode me dizer, você sabe. — disse Kimber tranquilamente, escutei a dor na sua voz. — Seja o que for, não vou pensar menos de você por isso. Resgatou Ethan quando ninguém mais estava disposto a tentar.

Traguei o nó que estava se formando na minha garganta. Kimber provavelmente pensaria que tinha prometido ajudar ao Erlking a matar a alguém. Alguém que não fosse as Rainhas Faerie, isso é. Até onde todos podiam supor, isso era o que ele estava interessado na realidade. No magnífico esquema das coisas, matar alguém era muito pior que usar meu corpo como troca, mas penso que tinha sido mais fácil admitir isso que dizer a verdade.

— Não posso falar disso, Kimber. — disse. — Desculpa. Simplesmente não posso.

— Tudo bem. — disse num tom que significava que estava longe de estar bem. — Como quiser.

— Kimber...

— Disse que está tudo bem! Não quer falar disso, não vamos falar disso. Ainda estou grata de por ajudar Ethan. — as palavras eram as corretas, mas o tom seguia sendo gelado e distante.

Desejei poder pensar em algo que dizer para fazer tudo melhor, mas nada passou pela minha mente. O melhor que podia fazer agora era mudar de tema e esperar que, com o tempo, Kimber pudesse me perdoar. O que eventualmente pudesse reunir coragem para lhe dizer a verdade, mas não estava segurando minha respiração por isso.

— Como está Ethan? — perguntei — Não soube dele em absoluto.

Houve um longo silêncio durante o qual não tinha ideia do que Kimber estava pensando. Então ela respondeu, já não parecia mais fria, só preocupada. — Psicologicamente, ele está simplesmente tentando voltar à normalidade. Mas...

não é o mesmo. Não quer falar do que aconteceu, continua dizendo que está bem, mas não está.

Minha consciência se retorceu um pouco mais. Realmente deveria ser ruim para Kimber estar no meio dos dois lados. Isso significa que iria ter que mudar de ideia e contar a verdade? Uh, não.

— O que quer dizer?

— É que fora essa tatuagem estúpida, ele parece Ethan, mas não é *Ethan*. Ele já não tem aquele sorriso rachado desde que voltou, está todo silencioso e melancólico.

Nunca pensei que eu diria isso, mas sinto falta do bastardo arrogante.

Quase me fez rir, mas não completamente.

— Ele não parece querer falar comigo. — disse. — Liguei umas duas vezes, mas ele não atende e não retorna minhas ligações. Será que ele...

ele me culpa pelo que aconteceu?

Kimber podia estar brava e sentida de que não confiasse nela, mas acredito que ela ainda seguia sendo minha amiga, porque me defendeu

depressa.

— Lógico que não! Quantas vezes tenho que dizer que não é sua culpa?

— Sim, bem, inclusive se não é assim, isso não quer dizer que ele não pudesse me culpar por isso.

— Te juro que chutarei o traseiro dele se te culpar.

Desta vez não pude evitar a pequena risada que me escapou.

— Pagaria dinheiro para ver isso.

— Apostaria. Mas serio, Dana. Não sei por que não retorna as ligações, mas me surpreenderia se fosse porque te culpa. Ele simplesmente não é ele mesmo esses dias e está mal, não sei como solucionar isso, e tampouco nosso pai.

— Sinto muito. — disse, ainda que não estivesse muito segura do por quê. Talvez por tudo.

Depois de desligar, decidi que ia fazer o que Ethan tinha feito por mim. Ele não estava disposto a retornar minhas ligações? Bem. Simplesmente teria que ir vê-lo em pessoa. E, graças ao atencioso presente do Erlking, seria capaz de ir ver Ethan sem ninguém atrás de mim. Não era o tipo de risco que correria normalmente, mas já tinha visto o quão bem o broche do Erlking funcionava. Quando invocava seus poderes, era completamente invisível. Por isso, podia sair da minha casa de segurança sozinha e sem estar em nenhum perigo. Essa era a teoria, ao menos, e era hora de colocá-la à prova.

21

Minha melhor oportunidade de chegar até Ethan sem que ninguém soubesse que deixei casa segura, era ir à noite, depois que se supunha que eu tinha que estar na cama.

Finn raramente colocava um pé em meu quarto, sempre se mantinha calado, a menos que eu começasse um contato, mas eu não confiava em minha sorte. Se decidisse ir durante o dia, esse seria o único dia em que Finn decidiria ir me checar por alguma razão.

Sentime como uma completa idiota por fazer isso, mas gastei uma boa meia hora pensando no que vestir para minha excursão proibida. Duvidava que Ethan se importasse com minha roupa em circunstâncias normais e era até menos provável que ele se importasse agora. Mas isso não me impediu de mudar de roupa três vezes.

Finalmente decidi usar jeans combinados com uma fina camisa branca de botões e um lindo suéter de cashmere cinza que minha mãe tinha me comprado.

O vestido não parecia terrivelmente especial, o que era mais ou menos o ponto. A última coisa que eu queria era que Ethan pensasse que eu havia me vestido para ele, mesmo se eu tivesse feito. O lado positivo, se Ethan decidisse me dar um abraço, eu não poderia evitar que ele gostasse da deliciosa textura do cashmere.

Revirei meus olhos enquanto parava em frente ao espelho do banheiro, trançando meu cabelo para que não se prendesse ao meu suéter. Isto não era um encontro, ou mesmo algo remotamente parecido. Ia falar com Ethan para ver se podia verificar o que estava errado e isso significava que as chances de que ele desfrutasse da suavidade do cashmere estava perto de nenhuma.

Esperei até depois das onze horas para furar meu dedo com o broche do Erlking.

Estava certa de que Ethan ainda estaria acordado, mas era tarde suficiente para que Finn assumisse que eu estava dormindo. Tomando uma respiração profunda para ter coragem, caminhei na ponta dos pés pela minha sala de estar e abri a porta suavemente até o quarto de guarda.

Lógico, com a magia do broche do Erlking, eu não precisava andar na ponta dos pés. Finn estava sentado em sua poltrona reclinável lendo uma revista enquanto a TV estava ligada sem som ao fundo. Ele não levantou os olhos da revista quando a porta se abriu, também não me notou quando caminhei bem ao seu lado e abri a porta para o sistema de túneis. Seja lá o que o feitiço do Erlking fazia, não só me tornava invisível como também imperceptível.

Respirando profundamente para ter coragem, liguei minha lanterna e comecei a descer o túnel.

Havia uma entrada para o sistema de túneis no pátio em frente ao apartamento de Ethan, mas eu não tinha ideia de como chegar lá da minha casa de segurança. Nem como, já que estamos pensando, teria sido capaz de levantar o portão que escondia a entrada da vista. O que significava que eu tinha que pegar o caminho longo. O Erlking tinha dito que os efeitos de seu broche durariam uma meia hora, então me mantive em movimento com um passo enérgico.

Eu tinha tempo mais do que suficiente, mas com meu sentido de direção, tinha que me permitir um ou dois giros equivocados ao longo do caminho.

Havia um par de lugares noturnos da moda, como The Deeps, em Avalon, mas quase todas as ruas estavam praticamente desertar depois do anoitecer. Enquanto eu saía do sistema de túneis e começava a traçar meu caminho pela avenida principal de Avalon, só via um carro ocasional e pouquíssimos pedestres. As ruas nunca tinham estado tão vazias a noite, mas acho que agora estavam até mais, quando todo mundo sabia que a Caça Selvagem esta na cidade.

Fazia um bom tempo e pela primeira vez não me perdi. Tive alguns bons dez minutos livres para o momento em que virei uma esquina do complexo de moradia de estudantes no qual tanto Ethan quanto Kimber moravam. Havia luz no apartamento de Ethan e uma sombra se moveu pela cortina da janela frontal. Ele estava definitivamente em casa e acordado. Agora que eu estava aqui, no entanto, lutei contra uma quase insuportável urgência de dar meia volta e fugir.

E se Ethan definitivamente não quisesse me ver? Que ele não tivesse retornado minhas ligações já doía o suficiente, mas se ele me dissesse que

fosse embora, acho que eu poderia morrer ali mesmo. E então um pensamento ainda pior me ocorreu: E se ele não estivesse sozinho? Se ele abrisse a porta e eu visse outra garota lá...

— Oh, basta! — grunhi para mim mesma. Realmente, eu não acreditava que tivesse uma garota lá, não depois do que Kimber havia dito; do modo sombrio que estava agindo. E eu não tinha me arrastado até aqui, no meio da noite só para parar no pátio e olhar para sua janela como um cachorro precisando de amor.

Com dúvidas e preocupações clamando por atenção em minha cabeça, forcei meus pés para frente, depois escalei as escadas de concreto para o segundo andar. Dei a mim mesma outra silenciosa injeção de energia enquanto parava na porta de Ethan, meu estômago fazendo nervosas subidas e descidas e meu coração batendo no dobro de sua velocidade.

Bati na porta silenciosamente no inicio, depois, quando ninguém respondeu, bati um pouco mais forte. Segurei minha respiração, certa de que Ethan havia me ouvido desta vez, mas ele não veio até a porta. Estava prestes a bater novamente pela terceira vez, mas notei o pequeno botão da campainha e toquei. A campainha soou e momentos depois eu escutei passos vindo a caminho. Uma vez mais, segurei a respiração.

A porta se abriu repentinamente e Ethan parou emoldurado pela luz de seu apartamento. Ele estava usando uma amassada, gasta camiseta sobre uns jeans rotos.

Seu cabelo estava gravemente emaranhado e a palidez de sua pele fazia com que a tatuagem de cervo azul quase em preto ficasse em contraste. E, no entanto, ele ainda tirou meu fôlego. Tinha estado impossivelmente perto de perdê-lo para sempre, sem ao menos ter a oportunidade de decifrar como eu me sentia em relação a ele e eu não estava planejando cometer o mesmo erro duas vezes.

— Olá. — eu disse com um sorriso nervoso, minhas mãos suando. — Desculpe-me por passar aqui tão tarde, mas...

Exceto que Ethan olhou através de mim, como se eu não estivesse ali. Os cantos de sua boca foram para baixo em um franzido e sacudiu a cabeça. Depois fechou a porta sem dizer nem uma palavra.

A dor que me atravessou por sua inequívoca rejeição foi como nada do que jamais eu havia sentido. Pensei que vê-lo no baile com outra garota tivesse sido ruim, mas ele me rejeitando sem sequer uma palavra era insuportável. Eu logo o odiaria, quando pensasse no que eu havia feito para salvá-lo da Caça Selvagem e o totalmente mal agradecido que ele era, mas por hora eu não sentia nada exceto uma dor ardente.

Dei meia hora, determinada a não chorar e comecei a me dirigir para as escadas.

Chequei meu relógio para ver quanto tempo eu tinha até que a magia do broche do Erlking se desfizesse e foi aí quando a realidade me golpeou na cabeça e fez com que eu soltasse uma risada quase histérica.

Duh! Arawn tinha dito que seu encanto me esconderia das pessoas, inclusive se eles batessem contra mim, que não apenas era invisível. Ethan tinha olhado através de mim desse jeito porque ele não podia me ver ou me ouvir.

Sentime enjoada de alivio e por um momento pensei que meus joelhos fossem me abandonar. Inclinei-me contra a parede do lado de fora da porta de Ethan e respirei lentamente para dentro e para fora, me acalmando pouco a pouco. Logo, observei a segunda marca do meu relógio fazer tic-tac até que a hora do feitiço do Erlking acabasse.

Quando os trinta minutos terminaram, esperei um pouco mais, apenas para o caso da duração do feitiço ser aproximada, mas estar parada a vista completa de qualquer pessoa que tivesse a chance de me ver me deixava nervosa. As probabilidades de que algum dos meus inimigos me visse aqui pelos poucos minutos em que eu era visível, eram extremamente escassas, mas eu não tinha exatamente nervos de aço.

Apertei a campainha mais uma vez. Desta vez quando os passos de Ethan se aproximaram, seus passos soavam pesados como se estivesse pisando forte em vez de só estar andando. Abriu a porta e a magia arrepiou minha pele. Seu rosto estava contorcido em um feroz cenho franzido, uma expressão que eu nunca o havia visto usar e suas mãos estavam fechadas em punhos ao seu lado. A sensação de magia se intensificou e minha boca caiu aberta enquanto eu percebia que ele estava prestes a lançar algum tipo de feitiço. Eu não acreditava que ia ser nada bom, também.

Os olhos de Ethan se fecharam em meu rosto e não havia dúvida de que desta vez ele me viu. A magia fez um ruído sibilante e morreu, o cenho franzido desvaneceu em uma expressão mais neutra e reservada.

— Dana? — perguntou, como se não pudesse acreditar no que seus olhos viam.

Os nervos fizeram com que eu enfiasse minhas mãos nos bolsos e encolhesse os ombros.

— Em carne e osso.

Ele piscou algumas vezes, depois observou o corredor, percebendo que não havia guarda costas a vista.

— Idiota. — ele disse debaixo de sua respiração, então agarrou meu braço em um aperto forte o suficiente para me fazer um hematoma e me puxou por cima do batente da porta, fechando-a atrás dele.

Eu estava muito surpresa com seu comportamento para protestar. Pensei que de certo ele ia se desculpar por me maltratar desse modo, mas em vez disso ele me empurrou contra a parede do vestíbulo e sacudiu seu dedo em meu rosto.

— Fique aqui! — ele ordenou, depois pisoteou até a sala e empurrou as cortinas, tentando fechar a diminuta fresta entre elas.

Kimber não tinha estado brincando quando disse que não estava agindo como ele mesmo. Ignorei sua ordem e o segui até a sala, resistindo a urgência de esfregar os que logo seriam hematomas em meu braço.

— Pare de mexer nas cortinas. — eu disse. — Ninguém vai me ver através desse espaço.

Ele largou as cortinas com um grunhido irritado. Virou-se de frente para mim, mas seus olhos estavam focados sobre meu ombro esquerdo como se não pudesse suportar me observar.

— O que demônios você esta fazendo aqui? — rosnou.

Definitivamente esta não era a recepção que eu estava esperando e senti cada fibra de minha autoconfiança deslizar pelos dedos dos meus pés.

Sentime como se fosse alguma garota nerd da escola que tinha uma patética paixonite por um garoto muito fora do meu alcance. Tentei não deixar isso transparecer em meu rosto.

— Você não retornava minhas ligações. — eu disse e depois me odiei por soar tão necessitada. Ele havia me dado uma pista não muito sutil quando se recusou a retornar minhas ligações.

Porque eu não tinha prestado atenção?

— Jesus, Dana! A metade do mundo gostaria de te ver morta e você decide que é um bom momento para ficar vagabundeando pelas ruas de Avalon sozinha durante a noite? Você tem desejo de morrer ou simplesmente esta louca?

Cada palavra que ele dizia era como uma faca em meu coração. *Ele devia estar brincando comigo todo este tempo*, eu percebi. Não tinha maneira de que ele pudesse ser tão horrivelmente cruel comigo se alguma vez eu tivesse lhe importado. Vim aqui esperando que ele estivesse chateado comigo, mesmo que tivesse assumido que teria algo a ver com o Erlking. Nem por um momento eu tinha esperado que ele se comportasse assim.

Eu poderia ter me defendido e dizer-lhe sobre o feitiço do Erlking. Não me agradava que ele acreditasse que eu era estúpida o suficiente para abandonar meu guarda costas sem nenhuma outra forma de proteção. Mas explicar-lhe teria significado ter que estar ao seu redor e eu não tinha estomago para isso.

— Se eu soubesse que ia ser dessa forma, teria deixado que o Erlking acabasse com você. — eu disse, e tive a satisfação de ver Ethan fazer uma careta de dor. Eu não falava sério, claro. Uma vida imortal de escravidão era um castigo um pouco duro por ser um idiota. Mas ultimamente eu tinha um hábito detestável de devolver as patadas e agora mesmo não tinha nenhuma inclinação de deixar de fazê-lo.

— Perdão por te incomodar. — continuei, virando-me para a porta. — Tentarei chegar em casa sem fazer com que me matem, mas você já sabe, como sou uma idiota com desejo de morrer, não posso fazer nenhuma promessa.

Agarrei a maçaneta da porta, mas antes que tivesse uma chance de girá-la, Ethan rapidamente cruzou a distancia entre nós e me agarrou. Uma vez mais, ele me pressionou contra a parede, só que desta vez ficou bem ali, em meu espaço pessoal, uma mão plantada na parede em cada lado da minha cabeça. Ele abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, pelo olhar em seu rosto, não ia ser algo que eu quisesse ouvir, mas nenhuma palavra saiu.

Meu coração ainda doía por sua nada amável recepção, mas mesmo assim, eu não podia evitar notar a suave essência amadeirada que emanava dele. Também não pude evitar notar o calor de seu corpo tão perto do meu, ou o intenso olhar azul claro dos seus olhos. Ele se inclinou mais perto de mim e no inicio eu pensei que ele estava prestes a me beijar, meu pulso começou a martelas por outras razões além da raiva.

Mas, em vez de me beijar, ele apenas tocou sua testa contra a minha e fechou os olhos. Eu não sabia o que fazer exatamente com este gesto. Eu disse a mim mesma que estava aliviada de ter me enganado com suas intenções, mas meu corpo não acreditava nisso. Minha pele formigava e meu pulso continuava ecoando. Sem pensamentos conscientes, de alguma maneira minhas mãos fizeram seu caminho até a cintura de Ethan, o toque tentativo no caso de estar mal interpretando seus sinais.

Ele se moveu para mais perto de mim, tornando mais fácil para meus braços deslizarem todo o caminho ao redor dele. Levantou a cabeça e nossos olhos se encontraram, Havia muito desejo em sua expressão, mas também havia algo mais, algo que eu não entendia, mas que eu instintivamente não gostei.

Eu ia lhe perguntar o que estava errado, mas antes que eu tivesse a chance, ele estava aproximando sua cabeça da minha de novo, seus lábios ligeiramente separados telegrafando suas intenções não deixando dúvidas em minha mente. Nem dúvidas e nem pensamentos, ponto. Esqueci o porquê de eu ter vindo em primeiro lugar, me esqueci de todos os meus sentimentos confusos sobre ele, esqueci que ele havia me tratado tão rudemente.

Quando seus lábios tocaram os meus, não pude evitar o pequeno suspiro que escapou de mim. Seus lábios eram tão suaves e quentes, seu toque delicado sem ser tentador. Era o mais rápido dos beijos, apenas um roçar de lábios e de qualquer modo, formigou através de cada nervo do meu corpo.

— Mais. — eu sussurrei contra sua boca e ele me respondeu aprofundando o beijo. Meus braços se apertaram em torno dele, meus dedos acariciando suas costas enquanto abria minha boca e o convidava a entrar.

O pequeno gemido que escapou dele quando teve sua primeira prova de mim, enviou um calafrio da minha cabeça aos pés. Suas mãos já não estavam na parede, uma estava em um lado do meu rosto, segurando minha cabeça justamente no ângulo adequado para receber seu beijo, a outra descansava em minha cintura, bem encima do cós do meu jeans. Enquanto sua língua começava a explorar o interior da minha boca, a mão em minha cintura começou a se mexer para cima e para baixo em minhas costas, Seu polegar batia contra um lado do meu seio com cada subida e nem sequer pensei em me irritar.

Sentindo-me extraordinariamente valente, deslizei minhas mãos por suas costas até que encontrei a barra de sua camiseta, depois as deslizei por baixo dela até que encontrei a pele nua. Seu corpo estava deliciosamente quente, sua pele suave como seda. Ele segurou a respiração ao toque, mas não foi nada que parecesse nem sequer vagamente com um protesto.

Suponho que Ethan também estava se sentindo bastante valente, porque sua mão se moveu das minhas costas até minha testa. Ele ainda a estava deslizando para cima e para baixo, movendo-a lentamente, assegurando-se que tivesse muito tempo para eu perceber para onde estava indo essa mão e eu colocasse um fim nas coisas, mas eu não o fiz.

Minhas costas arquearam quase contra minha vontade quando sua mão alcançou meu seio. O toque era atenuado pelo suéter, a camiseta e o sutiã, mas isso não evitou que os mamilos endurecessem e ficassem como pequenos botões duros, nem deteve o calor que se acumulou em meu centro.

Os movimentos de Ethan eram menos controlados agora. Seus lábios pressionavam contra os meus quase forte demais e já não estava satisfeito em me sentir com tantas camadas entre nós. Suas mãos agarraram o suéter e a camisa, subindo ambos praticamente até meu queixo, expondo meu sutiã.

Ele se moveu um pouco rápido demais para mim, rápido suficiente para permitir que minha mente clareasse por meio segundo enquanto eu tentava decidir se isto estava indo muito longe. Esse meio segundo foi tudo o que eu precisei para trazer de novo meu bom senso.

Alguma coisa estava errada com Ethan, lembrei-me repentinamente. Kimber havia notado e eu também tinha visto quando ele abriu a porta para mim da primeira vez. Este não era o momento para explorarmos nossa mútua situação, não importando o que nossos corpos quisessem. Ethan tinha tentado levar vantagem sobre mim antes e eu me preocupava com seu estado atual, ele talvez não pudesse se controlar muito bem se eu deixasse as coisas saírem das minhas mãos.

Suas mãos haviam deslizado para as minhas costas enquanto tentava abrir meu sutiã, mas mesmo que uma parte de mim estivesse disposta a dar outro passo para o lado selvagem, a parte mais sábia de mim manteve o controle. Eu não podia falar com sua língua em minha boca, então me conformei colocando minhas mãos em seu peito e lhe dando um empurrão.

Ethan fez um som profundo com sua garganta, meio grunhido, meio gemido e ainda que ele tivesse parado de lutar com o feixo do meu sutiã, não tirou suas mãos e nem parou de me beijar. Eu não podia negar a excitação com que meu sangue fluía, mas agora que eu havia começado a pensar de novo, não podia calar essa parte do meu cérebro.

Eu tinha muitas razões para não confiar completamente em Ethan, mas mesmo assim, não acreditei que ele me forçaria a fazer algo que eu não quisesse fazer. Meu medo era que seus poderes de persuasão e meus próprios desejos enviassem para longe meu bom senso e eu me esquecesse do porque tinha que parar. E eu tinha que me controlar. Além do mais, meu acordo com o Erlking significa que eu não posso ir por todo o caminho sem perder Ethan para sempre.

Foi apenas nesse momento que eu realmente entendo quão ardiloso era o acordo.

Se, de alguma forma todos os problemas entre nós se desvanecessem e eu quisesse dormir com Ethan, teria que ir para a cama de Arawn primeiro. Chame-me de louca, mas eu não acreditava que Ethan ou qualquer outro garoto, de fato, gostasse da ideia.

Eu estava tão ferrada, modo de dizer.

Empurrei mais forte o peito de Ethan, meu humor agora completamente arruinado pelo tamanho do meu pensamento. O gesto provavelmente teria

sido mais convincente se eu pudesse ter me detido em lhe devolver os beijos, mas eu me sentia tão infernalmente bem...

Este, eu decidi, era meu primeiro beijo real, manchado ou não pela magia.

Fiz um murmúrio de protesto enquanto continuava tentando empurrar Ethan. Se ele persistisse mais um pouco, eu tinha certeza de que encontraria a força de vontade necessária para virar a cabeça, mas ele finalmente decidiu que meu sinal de “pare” tinha prioridade ao meu sinal de “continue”. Ele afastou sua boca da minha e eu tive um segundo para registrar o olhar frustrado e de raiva em seu rosto enquanto ele dava um passo para trás e se afastava de mim.

Eu estava tentando, mesmo que não fosse minha intenção fazê-lo. Abri a boca para dizer algo para acalmar as coisas, mas nenhuma palavra veio a mim. Não acreditava que explicar o sacrifício que eu tinha que fazer para ganhar a liberdade de Ethan melhoraria a situação.

— Desculpe. — eu finalmente disse, sentindo-me miserável enquanto descia minha camisa e suéter.

Ethan virou para mim bruscamente, seus olhos arregalados de surpresa.

— Porque na terra você se desculparia?

Pisquei estupidamente. Ele parecia estar falando sério, mas eu não tinha imaginado a raiva que tinha visto antes em seu rosto quando virou de costas para mim.

— Não era minha intenção me comportar assim. — eu disse em uma voz baixa que dificilmente soava como a minha. Não era como se eu fosse assim, mas nada na minha vida até agora havia me preparado para lidar com Ethan.

Ele se aproximou e colocou as duas mãos em meus ombros, apertando-os firmemente.

— Você não fez nada errado. — novamente, ele irradiava sinceridade.

— Então porque você estava tão irritado?

Ele tirou as mãos dos meus ombros e se inclinou contra a parede oposta a mim.

— Eu não estava irritado com você. — assegurou-me. — Olha, eu sei que você não é...

experiente. Sei que não devo ir tão rápido.

Minhas bochechas ferveram e eu fiquei incapaz de encontrar seus olhos.

Continuava me esquecendo de quão fora do meu alcance Ethan estava. Ele estava acostumado com mulheres maduras e experientes e justo agora eu me sentia como uma criancinha, muito mais do que dois anos mais nova que ele.

Ethan não estava me olhando nesse momento, portanto não viu a vergonha que me tomava e continuou falando.

— Nem sequer deveria ter te beijado, não no estado em que estou agora.

A ideia de que ele pensava que me beijar foi um erro deslizou dolorosamente por meu peito, mas eu me forcei a focar na parte mais importante do que ele havia dito.

— Em que estado você esta agora? — esta era, depois de tudo, a razão pela qual eu tinha vindo vê-lo apesar do sinal virtual de NÃO PERTURBE que ele havia colocado.

— Eu só...

não sou eu mesmo. — ele disse de modo evasivo, seus olhos não encontrando os meus.

— O que você quer dizer?

Ele parou ereto, se afastando da parede.

— Hey, gostaria de beber alguma coisa? Não tem razão de estarmos parados no corredor assim. Entre e sente-se.

— Sutil. — eu disse, mas quando vi o olhar de quase pânico em seus olhos, eu me afastei.

— Tomarei uma Coca-Cola se tiver.

— Sim, claro. Sente-se, eu já volto.

Ele entrou na cozinha antes que eu pudesse responder. Fiquei tentada a segui-lo, mas senti que seria mais sábio dar-lhe um pouco de espaço. Ele podia ter acabado de bater na minha cara a porta da conversa, mas o fato de que ele queria que eu ficasse por aqui, me deu esperança. Talvez não estivesse de todo pronto para me dizer o que estava errado, mas não era impossível que ele me dissesse antes que a noite acabasse.

Alisando meu suéter para baixo para me assegurar que minha roupa estava novamente em seu lugar, deslizei para a sala e me sentei no muito masculino sofá de couro.

22

Ethan levou muito mais tempo para conseguir as bebidas do que esperava e eu pensei em ir até a cozinha atrás dele. Decidi não fazê-lo porque percebi que eu precisava de tempo para me recompor tanto quanto ele.

Aparentemente, não importava o que meu lado lógico e prático me dizia de Ethan e todas as minhas razões para duvidar. Quando ele estava perto de mim, quando me tocava, a lógica era inútil. Eu tinha recuado esta noite, mas era vergonhoso pensar no quão difícil tinha sido e se alguma vez acabasse tendo um encontro real com ele, quem sabe o que eu iria acabar fazendo. O garoto virava meu cérebro e era ridiculamente perigoso para os dois.

Claro, Ethan não sabia que era perigoso para ele, eu duvidava que o Erlking lhe tivesse deixado saber do nosso acordo.

Ethan parecia um pouco melhor quando finalmente voltou para a sala de estar, trazendo uma Coca Cola em uma dessas garrafas de vidro fora de moda e uma garrafa de algo chamado Old Peculier para ele. Era uma espécie de cerveja escura e eu suspeitava que não fosse nada barata. Sua garrafa estava quase pela metade e eu pensei que não era um bom sinal.

Entregou-me a Coca Cola depois se sentou ao meu lado no sofá e tomou um gole de sua cerveja. O silêncio entre nós ficou incômodo.

Tentei pensar em uma maneira sutil de perguntar a Ethan de novo, o que estava errado, mas a sutileza não é meu forte. Ethan estava girando a garrafa entre as mãos, olhando sem ver. Kimber tinha razão, obviamente, alguma coisa estava errada. Talvez não fossemos próximo o suficiente para que eu me intrometesse, mas isso não me deteve.

— O que o Erlking te fez? — perguntei baixinho.

Ethan piscou e saiu de suas divagações. Levantou a garrafa até os lábios novamente e tomou o resto. Não sou conhecedora de cerveja em nenhum lugar da imaginação, mas eu suspeitava que o Old Peculier estivesse destinado a ser bebido e não para fazer fundo branco.

— Eu não quero falar sobre isso. — disse Ethan, largando a garrafa vazia na mesa de café diante dele, olhando-a um pouco mais.

— Tenho uma ideia. — retruquei. — Mas se você não falar disso, como vai superar, seja lá o que for “isso”? — mesmo neste momento, eu sabia que tinha que aplicar essas palavras a minha própria situação, mas ainda não estava pronta para falar com ninguém sobre a minha negociação com o diabo.

Ele negou com a cabeça. — É uma dessas coisas com a qual vou ter que lidar por minha conta.

— Esta é uma dessas coisas de homens, certo? Você acha que se não falar sobre os seus problemas, eles vão desaparecer?

Por fim, ele me olhou e a expressão em seu rosto foi severa.

— Quando eu disse que não quero falar sobre isso, eu disse a sério.

Talvez eu devesse ter dado marcha ré. Se nossas posições se invertessem e ele me perguntasse como eu havia conseguido que o Erlking o deixasse ir, eu teria me irritado bastante por suas perguntas. No entanto, algo dentro de mim me instou a continuar perguntando, insistindo sobre o segredo que Ethan não queria falar.

— Sabe, eu praticamente vendi minha alma para o diabo para que você voltasse.

— eu disse e vi que havia lhe tocado um nervo. — Arawn me disse que você estaria sã e salvo e eu acho que tenho o direito de saber se ele estava mentindo ou não, porque se ele estava mentindo sobre isso, poderia estar mentindo sobre outras coisas também.

Meu argumento era bastante forte, mas pela forma em que Ethan apertava os punhos em seu colo, eu deduzi que me comunicar com ele era uma espécie de duro caminho de amor. Ele refletiu um ou dois minutos, então afrouxou os punhos e agitou as mãos, se aproximou e tocou a tatuagem que demarcava seus olhos.

— Eu fui liberado da Caça Selvagem. — ele disse, ainda acariciando a tatuagem.

— Mas não é o mesmo que ser livre. — deixou a mão cair e finalmente se virou para mim, sua expressão assombrada. — Ainda estou atado a ele, Dana. Não tenho que viajar com a Caça, mas sou uma criatura dele agora e

sempre serei.

— Eu não entendo. — eu disse, mesmo suspeitando que eu entendesse sim.

— Quando ele me atou a Caça, quando colocou sua marca em mim...

— Ethan tocou a tatuagem nova. — Eu não posso desobedecê-lo para sempre. Sua magia não vai me deixar.

Com um grito onde se misturavam o desespero e a frustração, Ethan se largou em seu assento, deixando que a cabeça caísse no encosto na parte traseira do sofá. A dor em seus olhos era tão intensa que eu tive que afastar os olhos.

— Tenho sido uma maldita marionete a minha vida toda. — ele disse; sua voz misturada com uma amargura que eu nunca tinha ouvido nele antes. — Sempre fui um bom filho fazendo o que meu pai queria que eu fizesse. Pediu-me que eu tentasse ganhar mais, mesmo tendo que ser um filho da puta para conseguir isso e nem sequer me ocorreu dizer que não. Então quando eu te conheci realmente...

— sacudiu a cabeça sem levantá-la do sofá. — Você é você mesma, Dana. Sei que seu pai quer te controlar como o meu me controla, mas você não permitirá que isso aconteça. Toma suas próprias decisões e não deixa que ninguém te pressione. Eu pensei que talvez...

talvez eu pudesse tentar ser assim também. Talvez se meu pai me pedisse que eu fizesse alguma coisa que me parecesse errado, eu diria que não da próxima vez. Você pode apostar que ele não estava contente comigo por tentar te ajudar a sair de Avalon. É a primeira vez que eu o desafiei abertamente assim e parecia bem. Mas Agora...

— ele riu, mas não era um som feliz. — Agora que finalmente encontrei coragem para me defender do meu pai, acabo com as garras do Erlking enfiadas em mim tão profundamente que eu nunca poderei me libertar.

Apertei os dentes pensando no quão idiota eu tinha sido. Sabia que meu acordo com o Erlking tinha sido redigido com muito cuidado, que ele ia cumprir apenas a letra da lei. Tinha pensado que a liberação de Ethan da Caça Selvagem significaria ele estar liberado de Erlking, mas agora olhando para

trás, vi a estúpida suposição que eu havia feito.

— Eu sinto muito Ethan. — eu disse enquanto carregava em grande parte a culpa sobre os meus ombros.

Ele se sentou com as costas retas e então se inclinou e colocou o braço em volta dos meus ombros, me atraindo para o seu lado.

— Você não tem nada do que se desculpar. Eu teria sido escravo do Erlking por toda vida se você não tivesse me salvado. — colocou o braço ao meu redor e me abraçou.

Fui suavemente descansando a cabeça contra seu peito, ouvindo o pulsar constante do seu coração.

— Não posso deixar de me perguntar como você conseguiu convencê-lo a fazer isso. — Ethan disse enquanto estava abraçado comigo. Seus braços apertados ao meu redor. — O que você teve que dar a ele, Dana? — sua voz se afogou com a pergunta.

Eu queria dizer alguma coisa suave, algo que aliviasse a culpa que ouvi em sua voz. A verdade não ia fazer isso e se eu fosse capaz de pensar em uma boa mentira, eu a teria usado para acalmar a todos.

Acho que o silêncio foi longo o suficiente para que Ethan imaginasse que eu não ia responder a sua pergunta por que ele deixou escapar um profundo suspiro e perguntou: — É verdade o que Kimber disse? O Erlking colocou um *geis* sobre você?

Meu primeiro instinto foi mentir. Eu tinha mentido tanto sobre isso que quase já estava começando a sentir que era verdade, mas eu não podia fazer isso, não quando Ethan tinha aberto seu coração para mim. Não estava disposta a lhe dizer a verdade, mas isso não significava que eu tinha que mentir.

— Não existe *Geis*. — eu disse. — Por favor, não diga a ninguém. Não é algo do que eu possa falar. Eu disse a todos que era um *geis* para que parassem de me perguntar.

Seu queixo se apoiou na parte superior da minha cabeça, esfregando distraidamente minhas costas. Ainda estava consciente do seu calor e da

minha atração, mas este contato parecia mais tranquilo.

— Talvez o que seja para o ganso seja bom para a gansa? — ele sugeriu suavemente.

Suspirei.

— Talvez seja, mas eu não posso falar disso. Não agora. — talvez nunca, mas eu não sentia necessidade de dividir isso.

— Muito bem. — ele disse. — Não vou te pressionar, mas se algum dia quiser falar, eu estou aqui.

Meu coração se apertou com gratidão e eu supus que todas as minhas dúvidas e preocupações sobre Ethan eram inúteis. Eu estava perdida e enquanto ele me quisesse, eu seria sua.

* Fiquei com Ethan durante aproximadamente uma hora. Não falamos muito, mas não fizemos muito também. Estaria decepcionada se me aninhar em seus braços no sofá não tivesse me feito sentir tão bem apenas por isso. Poderia ter ficado assim por toda a noite, mas com o tempo comecei a bocejar.

— Devemos ir para a sua casa. — disse Ethan e eu sabia que ele tinha razão. Ele se levantou e me levantou junto com ele. — Ainda não posso acreditar que você esteve perigosamente sozinha por toda a cidade. — ele disse com voz tensa de desaprovação.

— Como passou por Finn de qualquer modo? Pensei que ele estava parado entre o banheiro e a porta.

Com o cenho franzido eu olhei no rosto de Ethan. Pelo que eu podia me lembrar, nunca havia descrito a ele o formato da minha casa de segurança. Imaginei que ele estivesse supondo, mas não soava assim.

Ele leu a confusão em meu rosto e me explicou sem eu ter que fazer perguntas. — O Erlking sabe onde você mora.

Sim, eu imaginei isso quando encontrei o encanto dele em minha mesinha de cabeceira.

— E ele te disse? — não podia imaginar porque e não me agradava

muito a ideia de que Ethan soubesse. Posso ter estado na metade do caminho de fazer amor com ele, mas ainda não confiava plenamente. Não é que ele me faria mal e nem nada, mas não podia deixar de ter medo que ele dissesse a alguém a quem não devia.

Ethan ficou olhando para seus sapatos.

— Sim, ele me disse. Disse que não era inconcebível que tivesse necessidade de me enviar lá algumas vezes. Ele esta decidido a se assegurar que não te matem, pelo menos não até que você tenha dado o que ele quer.

Neguei com a cabeça.

— Não acredito que dizer a ele que eu não quero sua proteção fará algum bem.

Ethan bufou.

— Não, não creio que faça e não creio que ele esteja me deixando de fora assim facilmente. Como você passou por Finn?

Abri a boca para dizer a Ethan sobre o broche e logo pensei melhor antes que as palavras saíssem. Havia qualquer quantidade de razões pelas quais ele poderia decidir que queria o broche longe de mim, não menos importante era o fato de que provinha do Erlking. Ele também podia ter na cabeça que era para me proteger e para ele ter certeza que eu não poderia sair despercebida da minha casa de segurança nunca mais. Ele era muito maior e mais forte que eu e mesmo com o meu treinamento de defesa pessoal, duvidava que eu fosse capaz de evitar que levasse o broche se realmente quisesse.

— Escapei enquanto ele estava no banheiro. — eu disse, esperando que Ethan não percebesse minha hesitação. — Todo mundo pensa que sou sensível, portanto não é como se estivessem me olhando o tempo todo e nem nada. Pelo que Finn sabe, estou dormindo em meu quarto.

Ethan não parecia completamente convencido, mas não se opôs a história também.

— Vou andar com você até a sua casa. — me informou e seu tom de voz disse que não haveria nenhuma discussão.

Mordi o lábio. De fato, seria muito mais seguro se Ethan não me acompanhasse, porque então poderia usar o broche, mas eu sabia que não seria capaz de discutir com ele sem mais explicações das quais eu estava disposta a dar. Sim, seria um pouco perigoso andar por Avalon só com Ethan como proteção, mas decidi que era um risco aceitável.

* Sentime mais segura com a minha decisão quando Ethan me levou diretamente ao sistema de túneis através do ponto de acesso escondido no pátio. Percorrendo as ruas de Avalon mesmo a esta hora da noite, era possível, ainda que pouco provável que um dos garotos maus me visse. Mas tão vasto como o sistema de túneis era, só havia algumas poucas áreas povoadas, as que seriam fácil evitar agora que eu tinha o meu guia nativo comigo.

A entrada que ele utilizou conduzia diretamente a uma das áreas completamente despovoadas do sistema de túneis, onde não havia eletricidade. Eu tinha a minha lanterna, mas Ethan estava usando uma tocha real que ligou por arte da magia. Criou muito mais luz que minha lanterna, mas eu não pude deixar de achar sua chama vacilante e as sombras em movimento sombrias.

Ethan abriu caminho segurando a tocha ao seu lado porque o teto era muito baixo para tê-la erguida. Nossos passos ecoavam estranhamente contra as paredes de pedra e o complemento ocasional e o crepitar da chama colocou meus nervos no pico.

Por outro lado, estar nestes túneis tendia a ter esse efeito em mim. Pelo que eu sabia, não havia sido claustrofóbica antes de ter chegado a Avalon, mas agora eu era.

Nenhum dos dois falava muito, o silêncio dos túneis era muito opressivo, mesmo os ecos dos nossos sussurros eram desconcertantes. Sempre tinha sentido um pouco de medo dos túneis, mas o efeito era pior do que nunca esta noite. A estreiteza dos ombros de Ethan e a forma cautelosa com que agia me disseram que ele sentia isso também.

Disseme que era apenas a nossa imaginação, que não podíamos deixar de estar ao menos um pouco assustados por viajar nestes sombrios, confusos e desertos túneis na escuridão da noite. Isso não impediu que os pelos da minha nuca arrepiassem.

Ethan se virou e pegou minha mão, seus dedos entrelaçados com os meus, sua palma estava suada e não fez muito para aliviar meus medos. Engoli saliva, tentando me convencer que era ridículo, mas não funcionou e alguns momentos depois, Ethan parou.

— Alguma coisa simplesmente não parece certo. — ele murmurou baixinho.

Eu não podia deixar de concordar com ele.

— O que devemos fazer? — perguntei na voz mais baixa que pude fazer, mas não podia imaginar o que fazer, além de nos manter em movimento.

Os olhos de Ethan se estreitaram enquanto olhava na escuridão diante de nós. Os Fae tem melhor visão do que os humanos, mas parece claro que ele não via nenhum motivo para alarme. Olhando com determinada seriedade, ele deu outro passo para frente com a mão apertando a minha um pouco mais forte. Ia cortar a circulação dos meus dedos se não afrouxasse, mas eu me sentia ansiosa suficiente para não reclamar.

Algo no túnel diante de nós fez um som seco e houve um pequeno brilho de luz.

Ethan gritou e a tocha caiu de sua mão.

Virei-me para ele alarmada.

— Ethan! O que está errado? — foi difícil ver a luz irregular da tocha caída, mas havia uma mancha de umidade que manchava seu ombro direito, bem encima da clavícula.

Ele caiu de joelhos, os dedos soltando a minha mão.

— Corre Dana. — ele disse e tentou me dar um débil empurrão na direção de onde tínhamos vindo. A mancha na camisa continuou se espalhando e ele balançou.

— Corre! — disse outra vez.

— Claro que não! — respondi, agarrando seu braço bom e tentando arrastá-lo sobre os pés. Não estava totalmente segura do que estava

acontecendo ainda, mas eu sabia que não ia correr sozinha e deixar Ethan. Quando puxá-lo não funcionou, cobri meu ombro com seu braço. — Vamos!

Passos ecoaram no túnel diante de nós e uma bola de luz pouco a pouco se formou e expandiu perto do teto. Esforcei-me para conseguir que Ethan ficasse de pé, mas a maior parte do seu peso se apoiava em mim e ele mal estava consciente, muito ferido para usar sua magia curativa. Não íamos chegar longe assim, mas isso não significava que eu não ia tentar.

Eu nos girei e dei alguns passos, mas estava me preparando para o som de outra arma de fogo, porque, o que outra coisa podia soar assim? E para a dor de uma bala batendo em minhas costas. Não aconteceu isso, mas sim algo pior, o feitiço de luz alcançou sua máxima intensidade, iluminando o túnel por metros nas duas direções.

De pé no meio do túnel, bloqueando minha fuga e segurando uma arma grande o suficiente para qualificar como um canhão, estava a minha tia Grace.

23

Quando eu conheci a tia Grace, ela reforçava a cada estereótipo que eu já tinha dos Fae. Bonita demais para ser humana, reservada ao ponto da frieza, e arrogante como todo o inferno. Ela ainda era todas essas coisas, mas com uma acumulada dose de loucura para cobrir isso. Seu sorriso era brilhante e triunfante quando ela apontou aquele maldito canhão na minha cabeça.

O cara desgrenhado e meio Fae, que havia posado enquanto Lachlan ficava ao seu lado. Imaginei que ela tinha pagado a fiança, ou ele ainda teria estado na cadeia. Ele também tinha uma arma.

Olhei por cima do ombro, mesmo sabendo que havia outro inimigo armado lá atrás. Com certeza, um extremamente grande, o homem humano de aparência desagradável estava bloqueando o caminho. Ele era construído como um jogador de futebol - um daqueles gordos, mas poderosos tipos de homens de linha - e fez tudo mais intimidador por seu corte de cabelo e a cicatriz irregular que cortava seu rosto. Sua arma era muito menor do que de Grace, mas seu cano estava prorrogado por um silenciador.

Estávamos presos.

Coração batendo na garganta, eu cuidadosamente baixei Ethan para o chão. Sua respiração era irregular, o seu rosto com caretas de dor, mas pelo menos ele estava consciente. E o sangramento parecia ter abrandado, então talvez se eu pudesse milagrosamente nos tirar disso, ele não iria morrer. Mas ele não seria de muita ajuda, também.

Levantei-me devagar, colocando minhas costas contra a parede do túnel para que eu pudesse manter um olho em Grace e seu enorme capanga.

— E então nós nos encontramos novamente, minha sobrinha querida? — Grace disse com um sorriso cheio de dentes como um tubarão.

— Oh, alegria. — respondi, embora soubesse que eu deveria manter minha boca fechada. Desde a primeira vez que eu coloquei os olhos sobre ela, Grace tinha me inspirado a reaver qualquer conversa que eu poderia entrar, parecia que ela ainda tinha esse efeito em mim.

Seu sorriso diluído e seus olhos me perfuravam, enviando um arrepio na espinha.

— Ainda não aprendeu a respeitar os seus superiores, eu vejo.

Eu levantei meu queixo e encontrei seu olhar, tentando projetar confiança enquanto minha mente procura qualquer possibilidade de escapar. "Aquele é simplesmente muito fácil," eu disse. Talvez se eu pudesse fazê-la perder completamente o seu temperamento, ela me daria algum tipo de abertura que eu pudesse aproveitar.

Sim, isso era uma esperança pateticamente pequena, mas eu não estava chegando com algo melhor.

— Eu vou ter que cantar uma música muito diferente quando eu estiver acabado com você. — ela disse, com bom humor restaurado pelo que ela tinha em mente. — Se eu tivesse alguma ideia do que você faria a minha vida, eu teria matado você quando te conheci. Teria sido tão fácil. — ela balançou a cabeça para si mesma.

Arawn havia me dito que ela não queria mais me usar contra Titânia, que ela provavelmente iria me matar. O fato de que eu ainda estava viva agora sugere que ou Arawn estava errado, ou que ela tinha algo pior do que uma morte rápida em mente.

Pavor reuniu em meu intestino, porque eu não acho que Arawn estava errado.

— Por quê? — eu perguntei a ela, ganhando tempo. — Eu nunca fiz nada para você. Por que está tão excitada em me matar? Eu sou apenas uma garota. Filha do seu irmão.

Não que Grace tivesse mostrado qualquer sinal que ela estava ligada ao meu pai, embora eu pensasse que ele tivesse estado pelo menos um pouco ligado a ela.

Grace riu.

— Antes de você vir para Avalon, eu era um dos os principais candidatos para Cônsul. Eu era rica, respeitada e poderosa. Agora eu estou exilado da minha casa, eu tenho um preço na minha cabeça por toda Faerie e

a Caça Selvagem está no meu rastro.

Tudo – Por – Sua - Causa.

Yep. Ela foi confiante. E, obviamente, determinada a me culpar por toda a porcaria estúpida que ela tinha feito.

— Ninguém forçou você a raptar-me em primeiro lugar. Se você não parasse de viver a sua vida normalmente, nada disso teria acontecido.

Naturalmente, eu sabia que não ia falar com Grace sobre sua vingança. Na batalha entre lógica e loucura, loucura sempre vence. E, no entanto, tudo o que a doce Grace pode ter pensado que sua vida era antes de eu vir para Avalon, ela não tinha ido de perfeito e ajustado membro útil da sociedade á puta assassina psicopata durante a noite. O que estava errado com ela, tinha sido inflamado a um longo tempo. Minha chegada foi apenas o gatilho.

Tia Grace não poderia refutar minha acusação, o que ela ignorou em vez disso.

— Eu teria ficado chocado se você tivesse vivido este ano, mesmo se eu não fosse atrás de você eu mesma. Seamus era um tolo por trazer uma criança estúpida e mortal aqui, quando ele sabia que problemas você traria.

Eu lutei contra a minha vontade de dizer que eu não era estúpida, visto que ela tinha me prendido aqui. Se eu tivesse estado disposta a dizer para Ethan sobre o broche Erlking, eu estaria perfeitamente segura agora e Ethan não teria levado um tiro.

Tentando parecer completamente casual, eu escorreguei minha mão no bolso do meu jeans. O broche estava ali, e era muito provável que, se eu picasse meu dedo, nem a tia Grace nem seus capangas seriam capazes de me ver, mesmo que eles soubessem que eu estava aqui. Era tentador, mas eu não tinha certeza de como a tia Grace reagiria se eu de repente desaparecesse.

Disfarçadamente, eu olhei para Ethan. Ele estava se inclinando contra a parede do túnel, os olhos fechados, o rosto pálido.

Eu não acho que ele estava inconsciente, mas ele definitivamente não estava em boa forma. Se eu desaparecer, eu sabia, sem dúvida Grace iria usá-lo como um refém e desde que eu não poderia fazer o charme parar de

trabalhar, isso significava que Ethan iria morrer.

— Aquele menino é o seu calcanhar de Aquiles. — Grace disse. — Eu sabia que se mantivesse uma estreita vigilância sobre ele, você apareceria na sua porta eventualmente, mas nunca sonhei que você seria tão complacente em mostrar-se sozinha.

Ela inclinou a arma e apontou-a para Ethan.

Eu nem sequer pensei nisso, eu só saltei entre eles, bloqueando o tiro de Grace.

Ela sorriu.

— Você não pode protegê-lo de mim e Fred ao mesmo tempo. Mas eu não estou planejando matá-lo. Não a menos que você me faça. E não, eu não estou planejando deixar meus amigos matá-lo, também. Eu quero que ele viva.

— Por quê? — eu perguntei, porque eu não podia imaginar o que ela teria a ganhar, deixando Ethan ir.

Seu sorriso se alargou. — Vou explicar em um momento.

Ethan tentou dar um aviso, mas já era tarde demais. Eu comecei a me virar, mas antes que eu pudesse esquivar ou bloquear ou mesmo chutar, o punho do atacante Fred estava conectado com o meu queixo e me mandou voando para a parede oposta. O mundo inteiro parecia se inclinar para o lado, e as paredes do túnel se fecharam em mim.

* Eu acordei para encontrar que a minha situação não tinha melhorado. Minha cabeça latejava ferozmente e meu estômago embrulhou. Eu pisquei e empurrei-me para cima em uma posição sentada.

Eu ainda estava no chão do túnel, a cerca de onde eu tinha desembarcado quando Fred tinha me batido. Ele ficou lá parado, elevando-se sobre mim, os braços cruzados sobre o peito barril. Ele era tão grande que praticamente enchia o túnel, mesmo que minha cabeça não estivesse rodando, eu não teria sido capaz de desviar em torno dele.

Eu me virei para olhar na outra direção e meu estômago deu outra guinada.

Enquanto eu estive fora, Grace e seu outro amigo tinham arrastado Ethan cerca de dez metros para baixo do túnel.

Seu amigo erguia o corpo flácido de Ethan para acima, com os braços preso às suas costas, enquanto Grace sustentava a arma apontada para sua cabeça. Ela sorriu para mim novamente. Ela estava tendo um grande momento.

— Como eu disse, o seu calcanhar de Aquiles. — ela lambeu os lábios. —Você estava disposta a arriscar muito quando o Erlking levou-o, agora não estava?

Eu realmente não acho que essa pergunta exigia uma resposta, então eu só olhava para ela. Como diabos eu ia sair dessa?

E tirar Ethan disso, também? Eu não tinha passado por tudo o que tinha passado apenas para deixar a tia Grace matá-lo.

— Você sabe quantos anos eu tenho? — ela perguntou, e eu estava totalmente surpresa com a pergunta que parecia vir de lugar nenhum. Eu balancei minha cabeça.

Eu poderia ter mencionado que eu não me importava, tampouco, exceto que eu ainda estava meio dopada depois desse golpe na minha cabeça.

— Estou com quase dois mil. — ela disse.

Minha mente não poderia abranger isso. Eu sabia que ela era velha, mas de alguma forma o pensamento de sua idade contado em séculos, não milênios era assustador.

— Quando eu era jovem, todos os Faerie estavam praticamente sobcerco.

— Até o Erlking. — eu disse, porque eu não poderia imaginar qualquer outra razão para ela estar me dizendo isso.

— Na verdade...

— ela confirmou com um aceno. — Ele e sua Caça foram criaturas de pesadelo, mesmo para o Conselho Unseelie, que são pesadelos em si.

Ninguém gostava de admitir, mas ele era páreo até mesmo para as

Rainhas e seu poder foi crescendo cada vez mais. Até que um dos espiões de Mab descobriu seu poder secreto, o poder que estava lhe ajudando a se tornar mais forte e Mab espalhou em toda a Faerie.

Seus olhos brilhavam sob a luz artificial do seu feitiço de luz, eu poderia dizer que ela estava realmente, realmente se divertindo. O que significava que qualquer que seja o ponto desta história, eu estaria indo odiá-lo.

Foi nessa época que Titânia lançou sua grande campanha contra o Erlking e aprenderam da maneira mais difícil que ele tinha se tornado muito forte para ela derrota-lo. Ele roubou o meu sobrinho, forçou-o a se tornar parte da Caça. Foi uma jogada ousada e brilhante, provando tanto as Rainhas que tinha o poder de tirar-lhes até mesmo aqueles que estavam mais próximos a elas. No entanto, os Conselhos agora sabiam o seu poder secreto e podiam se proteger contra ele. E assim o Erlking propôs uma trégua as Rainhas. Ele nunca mais mataria qualquer membro dos respectivos Conselhos, sem a sua permissão. E elas prenderam os seus Tribunais em sigilo, para ocultar o seu poder secreto das gerações futuras.

Isto foi muito mais do que meu pai já tinha me contado sobre o negocio de Erlking com as Rainhas. Ele tinha me dado a impressão de que as engrenagens não permitiriam que ele falasse sobre isso, mas aparentemente isso não foi o caso, pelo menos não para Tia Grace.

— Devo dizer-lhe qual o segredo de Erlking? — Grace perguntou, rindo.

Eu pisquei para ela. Meu coração estava batendo como um coelho assustado, e minha boca estava completamente seca. Qualquer coisa que a fazia tão feliz, não era uma coisa boa para mim. Não ao todo.

— Você não pode...

— eu disse; minha voz quase um sussurro enquanto o terror tentava roubar minha respiração. — O *Géis*.

Ela riu, o som ecoando surdamente contra a pedra.

— Oh, mas eu posso, minha cara. Você vê, o *Geis* só se aplica para aqueles que são filiados com os Conselhos. Aqueles de nós que nasceram em Faerie foram dedicados a nossos tribunais, enquanto crianças ainda, se não

realizarmos um ritual para formalmente cortar os nossos laços, ainda estamos sujeitos a elas. Avalon pode ter acordos com Faerie, mas se as Rainhas queriam chamar de volta seus súditos, a maioria dos Fae obedeceria a sua chamada.

— Mas graças a você, minha rainha ordenou a minha própria amada execução e enviou a Caça Selvagem atrás de mim.

Seu rosto se contorceu em um rosnado, o ódio em seus olhos era tão intenso que senti quase como um golpe físico.

— Com a minha vida perdida de qualquer maneira, não significava nada para eu cortar meus laços ao Conselho Seelie. E quando eu cortei os laços, o *Geis* perdeu seu poder de silêncio de mim.

Minha mente vacilava enquanto tentei entender tudo. As coisas estavam começando a se encaixem no lugar na parte dentro da minha cabeça. Eu podia sentir isso acontecendo, mas eu não conseguia envolver o meu cérebro nisso e eu tinha certeza que eu não queria.

— Deixe-me dar um palpite sobre o que você prometeu a Erlking em troca da liberdade do seu namorado, — ela continuou, com os olhos brilhando. — Você comprou qualquer promessa de oportunidade em troca de dar-lhe a sua virgindade?

Eu realmente queria negar isso, mas eu estava muito chocada para dizer qualquer coisa. Mesmo com tanta dor, Ethan conseguiu levantar a cabeça e olhou para mim com os olhos arregalados. Eu odiava a minha própria covardia quando deixei cair meu olhar.

— Claro que você fez, porque não há nada que ele pudesse querer de você mais do que isso. Porque, veja, é aí que reside o seu poder secreto. Quando uma virgem dá-se a ele de livre e espontânea vontade, ele pode tirar de tudo o que ela tem, tudo o que ela é. Toda a sua força torna-se dele, toda a sua força de vida torna-se dele, quando acabar ela não será nada mais que uma concha vazia que uma vez fora uma pessoa, mas jamais será novamente.

24

Tudo o que tinha acontecido desde que o Erlking chegou a Avalon, agora repentinamente tinha uma espécie de sentido nauseante. Eu tinha assumido que o que o Erlking queria de mim era que eu o levasse para o mundo dos humanos com sua Caça Selvagem para que ele pudesse se divertir com suas perversões de matar os mortais.

Mas agora, eu percebia que tinha estado jogando comigo desde o princípio. Ele supôs corretamente que eu não estaria disposta a levá-lo ao mundo dos mortais, assim ele fez uma grande representação sobre como queria isso e o que ele queria era errado. O que me fez pensar que minha andança com a Caça era seu objetivo final, o Grande Mal.

Quando passasse mais tempo, ele iria querer mais. Muito mais.

— Então o que você esta dizendo é que se eu, hum, cumprir meu trato com o Erlking, ele se transformará em um Faeriewalker? — perguntei, apenas para me assegurar de entender totalmente o que Grace estava me dizendo. Eu sabia que havia pelo menos uma pequena possibilidade de que ela estivesse mentindo para mim, mas suas palavras tinham o devastador anel da verdade.

— Exatamente. — disse Grace que parecia muito satisfeita consigo mesma. — E assim começaria um reinado de terror tal que o mundo dos mortais nunca viu. Mab e Titânia foram, do mesmo modo, capazes de adivinhar a intenção do Erlking de fato. Ele teria um resultado dramático no mundo dos mortais, mas as Rainhas devem estar horrorizadas ante a ideia de que ele absorva a capacidade de um Faeriewalker para trazer tecnologia a Faerie, Elas estariam mais dispostas a te matar agora. — disse. — É uma pena que elas não vão ter a oportunidade.

Sim, isso era uma verdadeira pena. Mas, eu ainda não estava morta e cada palavra que Grace me dizia, eu me assegurava cada vez mais que não era nada bom. Ela passou a língua pelo lábio superior como se estivesse, literalmente, saboreando o sabor da vitória.

— Lógico, eu poderia te matar agora. — ela disse casualmente, tirando a arma da cabeça de Ethan e apontando para mim. Tive a ideia imprecisa de

que eu deveria aproveitar o fato de que Ethan não estivesse já tão perto da morte, mas eu não podia imaginar como. — Mas, onde estaria a diversão se eu fizesse isso? — Grace continuou e Fred, o Homem Montanha, riu.

A arma se moveu de novo para a cabeça de Ethan. Pelo canto do olho vi Fred esfregando as mãos com antecipação.

— Naturalmente eu não sei os termos exatos do seu acordo com o Erlking. — disse Grace. — Mas eu posso fazer algumas suposições. Ele liberou o seu namorado da Caça Selvagem, já que ele deve ter se sentido completamente seguro da sua cooperação.

O que significa que ele deve ter colocado no assunto algum tipo de cláusula de que terá consequências desagradáveis se você não preservar a sua virgindade para ele.

Meu estômago revirou quando me dei conta do que Grace acabara de expressar.

— Ele não pode matar ninguém a menos que tenha a permissão de uma das Rainhas, portanto ele não pode ter você sobcontrole com ameaças de matar os seus entes queridos. Suponho que ele poderia ter ameaçado matar o seu irmão, já que ele não pertence às Cortes, mas você nem sequer conhece Connor, então não acho que essa ameaça fosso potente o suficiente.

Ela se virou e olhou para Ethan. — Mas este é uma história diferente. Este ainda carrega a marca do Caçador e eu apostarei que se você perder a sua virgindade com uma pessoa que não o Erlking, isso invalidará o acordo e o seu amante estará obrigado a voltar para a caça Selvagem.

Tentei disfarçar as minhas emoções, meu medo e o meu horror. Eu não queria dar a Grace nenhuma prova de que ela estava certa, além do mais, não queria dar a ela esta satisfação. Falhei miseravelmente. Meu estômago revirou de novo e desta vez eu não pude controlá-lo. Vomitei tudo o que eu tinha no estômago e depois continuei com algumas golfadas.

— Criatura repugnante. — disse Grace, enrugando o nariz delicadamente. — Tem certeza que você a quer Fred?

Fred riu, um som desagradável e malévolo.

— Na verdade, ela não é o meu tipo, mas pelo que você está me pagando, eu estou feliz de fazer tamanho sacrifício. — pude ouvir quanto sacrifício ele pensava que seria.

Cuspi algumas vezes, tentando tirar o sabor ruim da minha boca, mas não funcionou. Lancei para Grace o meu mais patético e suplicante olhar, apesar de saber que não tinha nenhuma maldita chance de que funcionasse.

— Você não tem que fazer isso. — eu disse fracamente. — Está furiosa comigo, não com Ethan. Simplesmente deixe que ele vá embora, por favor.

Eu estava dando a Grace justamente o que ela queria e suas bochechas ruborizaram de prazer. Mantive forçadamente minha boca fechada e resisti a tentação de suplicar-lhe um pouco mais.

Não dando importância a arma que estava apontada para a sua cabeça, Ethan lutou contra o domínio do outro homem. Acho que nesse momento ele teria considerado uma benção se Grace atirasse nele, o qual era a razão de ela provavelmente não fazê-lo...

Ele estava muito ferido para ter alguma esperança de fugir e seu rosto estava carregado de dor.

Grace franziu o cenho para Ethan.

— Eu não quero que me distraia. Quero saborear cada momento disto.

Em vez de atirar, ela golpeou com a coronha da arma a ferida de Ethan. Ele gritou e sem em seguida ficou imóvel.

O amigo meio Fae de Grace largou o corpo desmaiado de Ethan no chão, depois colocou um pé nas costas dele e apontou a arma contra sua cabeça.

— Eu o manterei sobcontrole. — disse a Grace. Não havia nenhuma emoção em sua voz, como se ele não se importasse com o que fosse acontecer de um jeito ou de outro.

Grace focou sua atenção em mim e se tivesse ficado alguma coisa em meu estômago, eu teria vomitado de novo. Fred agarrou meu braço e me puxou para eu ficar de pé com tanta força que eu teria caído de novo se ele não tivesse mantido seu aperto em mim. Então me jogou contra a parede,

tirando todo o ar dos meus pulmões.

Enquanto eu ainda estava lutando para respirar, ele agarrou meus pulsos e jogou por cima da minha cabeça, fixando-os na parede com um mão grande, me apertando tão forte que eu podia sentir meus ossos se apertando juntos. Ethan gritou em protesto, mas ferido e estirado no chão como estava, ele não podia me ajudar.

Ninguém podia me ajudar. Ou a Ethan. Ninguém exceto os maus que sabiam que estávamos aqui e não estávamos em nenhum lugar perto das regiões mais povoadas do sistema de túneis. Fred ia me violentar e ao fazê-lo, prenderia Ethan na Caça Selvagem mais uma vez. E então Grace me mataria.

Apesar de todas as minhas aulas com Keane, supus que meus movimentos de autodefesa não iriam ser suficientes contra Fred. Ele era muito maior que eu, o melhor que eu podia esperar era deixá-lo mais lento.

Meu terror era como uma criatura viva se retorcendo em meu peito e meu ventre.

As lágrimas escorriam por minhas bochechas, mas eu não me importava; as aparências não me preocupavam, ou quanta satisfação meu terror e minha dor davam a Grace.

Agora eu sabia o que o ódio nos fazia sentir. Era uma sensação de ardência gelada em minhas entranhas. Era um grito raivoso que arranhava em seu caminho até a minha garganta. Era uma redução do meu mundo até que não existisse mais, exceto eu, o ódio e seu propósito. Fred colocou sua mão sobre o meu peito e ele o apertou brutalmente, eu senti e minha parte humana se encolheu, mas o ódio havia tomado o controle e Fred era apenas digno de seu interesse.

Girei minha cabeça para olhar para Grace, que me culpava de cada erro que ela havia cometido. Grace, que não estava satisfeita em conseguir sua vingança simplesmente me matando, tinha que me torturar e condenar Ethan.

Eu estava no que só poderia ser descrito como um estado alterado e tudo o eu que fazia, fazia por puro instinto.

Comecei a cantarolar em voz baixa, só um ruído desafinado a principio, mas minha fúria buscava a canção mais ameaçadoramente eu conhecesse e o

murmúrio se transformou em “O Fortuna” de carmina Burana. Fred estava levantando a parte de cima do meu suéter, mas eu o ignorava, todo meu ser estava concentrado na canção que eu estava cantarolando em voz tão baixa que ninguém podia ouvir.

Quase de imediato, senti o primeiro formigamento da magia. Eu não tinha nem ideia do que ia fazer com ela, já que, na verdade, eu nunca tinha conseguido nada remotamente parecido com um feitiço, mas eu não tinha nada melhor para fazer do que tentar.

Minha absoluta falta de resposta ao seu avanço tinha deixado Fred delicado, seguro de que eu estava completamente abatida e indefesa. Eu podia dizer pela dura protuberância que aumentava por trás de seu zíper, que ele gostava do desamparo.

Talvez eu realmente estivesse indefesa. Talvez, apesar de tudo, eu não pudesse conseguir que a magia fizesse algo útil. Mas eu não ia perder tudo sem apresentar uma batalha. A magia ainda estava se reunindo, mas eu sabia que podia convocar mais e quanto mais convocasse mais eu poderia lançar o feitiço hipotético mais poderoso.

O que significava que eu tinha que encontrar uma maneira de paralisar o processo antes que Fred chegasse ao ato principal.

Era difícil cantarolar e lutar ao mesmo tempo, mas todas essas aulas com Keane haviam gerado uma grande quantidade de memória muscular, de forma que eu funcionava com um mínimo de pensamento consciente.

Desde que Fred tinha se movido descuidadamente, o suficiente para me deixar um pequeno espaço para me mexer, consegui pisar fortemente o peito do seu pé.

Ele tinha me prendido com firmeza suficiente, por isso eu não podia conseguir o máximo aproveitamento do pisão. Creio que o surpreendi mais do que lhe feriu, mas eu consegui o propósito, interrompendo sua agitação e o retardando. A magia ainda estava se fortalecendo e eu tinha a maldita esperança de que Grace estivesse longe o suficiente para poder senti-la ou ela se asseguraria de destruir minha última oportunidade.

Eu podia ter machucado muito Fred, mas aparentemente ele não

apreciou meu forte pisão em seu pé. Ele revidou com um tapa que fez minha cabeça girar, apesar de que ele não havia sido capaz de bater com toda a força, pelo menos não enquanto estivesse me segurando.

O sangue encheu minha boca e meu cantarolar se interrompeu. A magia começou a recuar e eu desesperadamente cheguei até ela, com a canção se elevando mais uma vez em minha garganta.

Fred estava me lançando um olhar divertido, o que provavelmente queria dizer que eu estava cantarolando alto suficiente para que ele me ouvisse. Ele devia estar pensando que eu havia perdido a cabeça, mas isso não diminuiu seu entusiasmo em me violentar. Sua mão desceu até as minhas calças e começou a manusear o botão.

O pânico tentou se apoderar de mim, mas eu o combati com todas as minhas forças. Se eu permitisse que o pânico me dominasse, estaria condenada, assim como Ethan estava. Nós, provavelmente estávamos de qualquer modo, mas eu estava determinada a fazer esta única, última e desesperada tentativa.

A magia estava por todo lado agora, tão denso que o ar quase não se podia respirar. Fred estava tão ansioso para chegar ao ponto que estava sendo rude ao abrir minhas calças. Tanto o tempo quanto a intensidade da magia continuava crescendo, continuei cantarolando, decidida a aguentar até o último momento, até que tivesse atraído cada pedaço que eu pudesse, para mim.

O zíper da minha calça fez um ruído brusco ao descer e eu me dei conta de que não me restava muito tempo. A magia era tão forte agora que eu não acreditava que pudesse respirar o suficiente para continuar cantarolando e eu estava começando a ficar enjoada.

Fred era minha ameaça mais urgente, mas não era a quem eu tinha que eliminar, ao menos não em primeiro lugar. Provavelmente eu só iria ter uma chance, supondo que eu tivesse algo como um tiro depois de tudo e só havia uma pessoa que eu quisesse absorvesse essa explosão de fúria.

Ele estava tentando baixar minha calça quando desatei toda a magia que havia acumulado dentro de mim, enviando-a para Grace com um incoerente grito de fúria, um grito de tanta intensidade que teria quebrado vidros se

tivesse algum ao redor.

Meu grito fez com que todos parassem por um momento. Inclusive Fred, que esqueceu seus esforços de baixar minha calça e ficou parado me olhando boquiaberto.

A explosão da magia se chocou contra Grace, forçando-a a dar um passo para trás.

Seus olhos se arregalaram com alarme e perplexidade. O feitiço de luz que ela havia lançado havia se desintegrado deixando o túnel, simplesmente, iluminado pela tocha caída de Ethan.

Eu queria acabar com a existência de Grace, que ela derretesse em uma poça de baba, ou que explodisse em chamas. Algum sinal de que minha magia a tivesse machucado, destruindo-a mesmo se no final não pudesse salvar a mim mesma ou a Ethan. Mas, além do passo para trás e a desintegração do feitiço de luz, não aconteceu nada.

Grace balançou a cabeça e deu um passo para frente para se colocar, mais uma vez, de pé junto ao seu escudeiro e Ethan. Houve uma suspeita de preocupação em seus olhos, mas não pareceu ter acontecido nada de ruim com ela e então sorriu novamente, com seu sorriso malvado.

Fechei os olhos com desespero. Eu havia falhado.

25

Fred voltou sua atenção a mim, eu estava tão arrasada pela falha no meu feitiço que apenas tinha vontade de lutar. Qual é o ponto? Lutar só podia alongar o inevitável.

De todas as maneiras, eu sou uma das pessoas mais teimosas que conheço, ainda quando meu coração não estava nisso, continuava lutando, o suficiente para maldizer a Fred. Abri meus olhos o necessário para vê-lo retrair seu punho para me bater.

— Agora! — gritou uma profunda e familiar voz, o som do eco era tão forte que era difícil saber de onde vinha a voz.

Todos estavam surpreendidos pelo som e começaram a olhar ao redor, tentando buscar a fonte da voz. Grace imediatamente começou a cantar algo, imaginei que era um dos seus desagradáveis feitiços ofensivos.

Mas uma pessoa ao parecer não estava surpresa pela voz. Ethan se aproveitou da distração momentânea de seu captor para agarrá-lo pelos pés e lançar fora ao bastardo.

Em um momento de dejá vu, vi o brilho da prata em suas mãos, me dei conta de que a faca na sua mão tinha aparecido do nada, outra vez.

Grace voltou-se a olhar e gritei uma advertência. Vi o que a magia de Grace pode fazer, a tinha visto esmagar um carro. Mas, ainda que agora Grace estivesse gritando as palavras de sua maldição, nada parecia estar acontecendo e Ethan foi ao seu encontro.

Sua faca encontrou um espaço entre suas costelas e ele empurrou o cabo até o fundo.

Isso foi a ultima força de Ethan, logo soltou a faca, caindo sem forças ao chão.

Grace ficou parada em choque, olhando a faca que agora estava incrustada em seu peito.

Sua mão tremia enquanto a estendia para agarrar o cabo e tirá-lo. Enquanto tirava, chorava de dor, quando a faca saiu, o sangue começou a

brotar da ferida.

Uma figura encapuzada se materializou na escuridão tão só a uns metros de mim e Fred. Fred decidiu que o recém chegado era mais uma ameaça que eu, assim me deixou ir e foi até ele com um grito de guerra que provavelmente deveria ser intimidante, se seu objetivo fosse capaz de se intimidar. A mão de Fred buscou sua arma escondida na parte de trás de sua calça.

—Não! — gritou Grace, mas ainda que Fred escutasse, a ignorou, disparando um tiro certeiro que atingiu Arawn na cabeça e o deixou fora de combate momentaneamente. Mas o Erlking tinha sobrevivido com sua cabeça decapitada e a bala não parecia incomodá-lo muito. Deixou cair o capuz para que Fred visse sua cara machucada.

Ou Fred não era muito brilhante, ou estava completamente desesperado, porque, ainda que tivesse visto que sua bala não tinha ferido o Erlking, nem muito menos matá- lo, continuou disparando. Até que a espada do Erlking acertou na parte direita do peito, não se deteve. A luz nos olhos de Fred se foi e a arma caiu de seus flácidos dedos. O Erlking calmamente colocou sua mão no ombro do homem morto e tirou sua espada sangrenta.

O outro cúmplice de Grace era muito mais sensato que Fred e começou a correr como louco, rapidamente desaparecendo na escuridão. Eu estava apostando que tinha uma lanterna com ele, mas não a acendeu. Melhor correr cegamente que com a luz de um farol, suponho.

— Não vai chegar longe. — disse Arawn enquanto o corpo de Fred caia a seus pés. — A Caça está esperando por ele.

Grace tinha caído sobre seus joelhos, sua cara ficando mais branca enquanto o sangue continuava saindo da ferida da faca. Ela estava pressionando a ferida com ambas as mãos, mas parecia não estar causando muito efeito. Ethan se afastou dela.

Obviamente continuava fraco e com dor, mas estava em melhor forma que Grace.

Inclusive o esforço de lutar para tentar parar e esfaquear Grace não tinha feito sua ferida começar a sangrar outra vez.

Ou Ethan tinha acertado um ponto vital, ou meu feitiço tinha tido mais efeito em Grace do que eu tinha pensado. Lembrei seu feitiço de luz saindo e lembrei sua falha quando tentou lançar algo a Ethan antes que ele a tivesse ferido.

Arawn chutou o corpo de Fred para tirá-lo do caminho e ir até Grace, quem se esqueceu de continuar estacando seu ferimento para gesticular.

— Não! — rogou, mas Arawn continuava avançando.

Perguntei-me o que estava acontecendo. Arawn tinha sido capaz de matar Fred porque ele o atacou, mas Grace estava só sentada ali, indefesa e sangrando. Pensei que talvez ele estivesse tratando enganá-la para atacar em defesa própria, como tinha enganado Ethan, mas francamente, ela não parecia estar em forma para atacar ainda se quisesse.

— Por favor. — tentou Grace outra vez, mas esta vez, para minha surpresa, sangue começou a sair pela boca, começou a fazer um barulho entre tosse e choque.

Deveria ter tomado mais que uma pequena facada, sem importar o local da facada, para matar a um Shide, inclusive se meu feitiço tivesse tirado a cura mágica. Então porque parecia como se ela tivesse recebido uma ferida mortal?

A espada do Erlking silvou no ar, movendo-se cegamente rápido. Em um limpo corte se deslizou através do pescoço de Grace sem sequer se deter.

Dei um rápido olhar no que aconteceu, porque o Erlking ficou entre ela e eu, seu manto tampou por completo minha visão. Mas este breve olhar foi mais que suficiente para ter pesadelos nos próximos anos. Essa deve ter sido uma morte muito rápida, mas tinha certeza de que não foi bonita. Inclusive a cara de Ethan ficou verde.

Com o sangue ainda correndo pela espada, o Erlking se voltou para mim.

— Está bem? — me perguntou, a pergunta foi tão absurda que uma risada histérica começou a sair de mim.

— Oh, claro, só um pouco sobrecarregada. — lhe disse entre risos. —

Quase fui violada, te vi apunhalar a um garoto e cortar a cabeça da minha tia, oh, fui um pouco golpeada, mas fora isso, estou me divertindo.

Continuava rindo, mas tinha lágrimas no meu rosto e estava tendo problemas em encher meus pulmões de ar. Está bem, assim talvez o som que saia de mim era mais como soluços do que risos.

Era difícil ler a cara do Erlking na irregular luz das tochas. Seus olhos estavam escondidos na sombra, mas senti a pressão de seu olhar enquanto tirava um trapo de algum lugar debaixo do seu manto e começava a limpar o sangue da espada.

— Sinto não ter chego antes para te poupar do que aconteceu com você. — disse, soando como se de verdade sentisse.

A tranquilidade da sua voz e sua maneira chegou a borda da minha histeria, e ainda que já tivesse acabado, comecei a tremer outra vez.

— Como você chegou aqui?

Estava muito escuro para ter certeza, mas pareceu que ele sorriu.

— Como Ethan te deve ter contado já, ele ainda está ligado a mim, inclusive ainda que já não esteja vinculado a minha Caça. Quando foi ferido, senti. Logo utilizei nosso laço para encontrá-lo.

—E comunicaste com ele. — disse, porque lembrava de Erlking gritando “Agora”, o que obviamente tinha sido um sinal para Ethan, um que estava esperando.

Arawn assentiu.

— E me comunicar.

— Mas, como conseguiu assassinar Grace? Ela é uma cidadã de Avalon, não está autorizado a matar a ninguém em Avalon a não ser que te ataquem.

— Existem outras condições que me permitem matar em Avalon. — disse.

Claro que tinha. Ambos, ele e Grace tinham mencionado que ele a estava caçando, e meu pai tinha dito que tinha permitido seguir a sua presa até Avalon. Tinha assumido que o Erlking tinha vindo a Avalon na

perseguição do Fae que o tinha visto matar no primeiro dia, mas agora me dei conta que o Fae tinha sido só um extra e que Grace era sua presa.

Ethan se forçou a sentar com um rosnado de dor. Arawn se despediu por um momento e se ajoelhou junto a seu antigo Caçador. Não seu com certeza será de propósito, mas conseguiu ficar em uma posição na qual seu corpo tampou o corpo decapitado de Grace da minha linha de visão.

— Deite-se. — lhe ordenou o Erlking a Ethan e ainda que vi uma chispa de rebelião nos olhos de Ethan, ele obedeceu. Suponho que não tinha outra opção.

O Erlking colocou suas mãos sobre a ferida de Ethan, logo a pressionou com força. Ethan gritou de dor e tentou ficar de pé. O que eu poderia fazer para ajudar a Ethan contra o Erlking era uma incógnita. Mas logo depois de um grito, o corpo de Ethan ficou totalmente flácido.

Por um terrível minuto, pensei que estava morto. Logo o Erlking levantou a mão que tinha colocado no peito de Ethan, segurando algo entre seu dedo polegar e o indicador. Era uma bala.

— Tinha que tirá-la antes que pudesse curar apropriadamente. — disse.

Estabilizei-me com uma mão na parede.

— Podia simplesmente levá-lo a um curandeiro. Um curandeiro poderia ter resolvido sem feri-lo.

Ele assentiu.

— Ainda assim. Durante o tempo da intervenção, ele teria estado em constante dor. Melhor terminar rápido, não acha?

Queria estar em desacordo com ele, mas isso me transformaria numa hipócrita.

Depois de tudo, eu tinha deixado que Keane curasse minha mão ainda quando era muito doloroso, por essa mesma razão.

Tirando a bala, Arawn ficou nas sombras e sua capa negra o fazia parecer ainda maior do que realmente era.

— Suponho que agora entende os termos do nosso acordo.

— Sim. — disse fracamente. Poderia ter mentido, mas Ethan tinha escutado a grande revelação de Grace, era bastante obvio que não tinha nada que Ethan soubesse que o Erlking não.

Fechei meus olhos para deter as lágrimas que lutavam para sair. Sabia desde o momento que Arawn tinha feito a oferta, que isso ia mais além de somente sexo, que entregar a ele minha virgindade poderia ter algum tipo de desagradável consequência.

Então porque doía que essas consequências poderiam trazer minha morte? Ele era um cara mau, um assassino a sangue e coração frios. Sim, acabava de salvar minha vida, mas o tinha feito por seus próprios propósitos. Não poderia levar acabo seus planos se estava morta. Por isso, não deveria haver nenhuma surpresa de que ele estava planejando me usar e me matar da mesma forma em que Grace tinha planejado.

— Eu não teria tomado sua vida. — disse o Erlking e eu pulei porque estava muito mais perto do que pensava.

Abri meus olhos e lhe disse.

— Sim, claro.

— Dana, não tenho necessidade de sua vida. É só tua magia Faeriewalker o que desejo.

— Bom, não a está conseguindo tampouco. — parecia que estava tomando um voto de castidade para toda a vida. Essa realidade poderia me golpear muito forte mais tarde, eu sabia, mas com tudo o que sabia agora, não tinha forma na qual eu fosse ter sexo. Fazer com o Erlking seria literalmente a morte pra mim e quem sabe para quanta gente inocente e fazer com alguém mais significaria que Ethan teria que voltar a Caça.

Ele me sorriu.

— Nunca se sabe o que o futuro pode lhe trazer.

Seu olhar estava cheio de confiança e vaidade.

— Fala com a certeza de uma jovem. Vamos ver se com o tempo posso encontrar o incentivo adequado para te fazer mudar de opinião. Prometo-te neste mesmo momento que se cumprir nosso trato, não tomarei sua vida.

Inclusive estaria de acordo com um geis nesse sentido.

— Um que necessitaríamos selar com um beijo ou sangue, verdade? — ele assentiu. — Não obrigada. — Não mais sangue, não mais dor, não mais beijos.

Ele se encolheu de ombros.

— Então acredito que vai ter que confiar na minha palavra. — a expressão de sua cara endureceu. — Confia na minha palavra nisso também. Se revelar meu segredo a alguém que não o saiba, vou fazer seu irmão sofrer cada dia de sua vida imortal.

Traguei a bola de medo que se formou na minha garganta. Não tinha duvida na minha mente de que o Erlking ia manter essa promessa. Nem sequer conhecia a Connor, mas não podia deixá-lo tomar o castigo no caso de que eu abrisse minha boca grande.

— Não direi nada. — lhe sussurrei.

Sua expressão se suavizou em um sorriso.

— Sei que não o fará— disse com seu tom estranhamente gentil. — É por isso que não posso fazer a ameaça com a consciência tranquila. É muito protetora daqueles que te importam, te toma muito pouco querer as pessoas.

Não tinha uma resposta para isso, assim que só fiquei em silêncio.

26

Ethan levou cerca de cinco minutos para recuperar a consciência. O feitiço de cura de Erlking era impressionante e Ethan não mostrou sinais de estar dolorido. Bem, não dor física, pelo menos. Parecia estar tendo problemas para fazer contato visual comigo. Perguntei-me se ele havia me rotulado como uma vagabunda agora que ele sabia o que eu havia prometido, mas eu não ia lhe perguntar. Se for assim, eu não queria saber.

Outros cinco membros da Caça Selvagem se apresentaram pouco tempo depois de Ethan despertar. Pela primeira vez, nenhum deles usava mascara ou capacete, assim eu pude ver seus rostos. Todos eles tinham a típica beleza dos Fae, mas havia um olhar assombrado nos olhos de todos, o que me disse que eles estavam felizes em ser escravos do Erlking.

Um deles estava levando outro cúmplice de Grace sobre seu ombro. O sangue cobria seu rosto e a ferida aberta que atravessava toda a sua garganta me disse que ele não estaria passando mais tempo no cárcere. Apesar de saber bem, ele deve ter sido enganado pelos Caçadores para dar o primeiro golpe. O Erlking assentiu em sinal de aprovação.

— Bom trabalho. — disse ele, dando ao seu Caçador uma palmada no ombro. — Escoltarei Dana para casa. — fez um amplo gesto que abrangia tanto Fred como Grace.

— Descarregue estes e depois volte para casa. — olhou para Ethan. — Você deveria ir para casa. Dana estará a salvo comigo.

Ethan parecia assustado e zangado ao mesmo tempo.

— Realmente estará?

O Erlking riu.

— Mais segura do que ela estava com você, meu garoto. — ele disse, uma vez mais sinalizando nossos inimigos mortos.

O rosto de Ethan enrijeceu até a raiz do seu cabelo e ele baixou seu olhar.

Suponho que eu estava muito surpresa pelas consequências do que havia

acontecido para experimentar qualquer sentido comum de autopreservação, porque chutei Arawn na canela como se ele não fosse a pessoa mais perigosa em toda Avalon.

— Não fale assim com Ethan! — soltei. — Não é culpa dele que recebesse um tiro e não pudesse me ajudar.

Arawn sorriu para mim.

— Você acaba de me atacar, Faeriewalker?

Toda essa questão de instinto de preservação se precipitou novamente e meu estômago caiu como se eu estivesse em um elevador em rápido movimento. Mas Arawn ainda estava sorrindo e havia um brilho de diversão em seus olhos. Ele não estaria me olhando assim se eu apenas tivesse lhe dado um desculpa para me jogar na Caça e utilizar dos meus poderes ele mesmo. Perguntei-me se foi o *inofensivo* do meu chute o que me salvou ou se foi o *ser mulher*. Além de tudo, não havia mulheres Caçadoras, pelo menos até onde eu podia dizer.

Arawn me surpreendeu explicando-me.

— É a intenção. — ele disse. — Você na verdade não tentou me machucar, seu chute foi nada mais do que uma reprimenda. Portanto não conta como um ataque. É como me permitir te bater para ganhar este. — apontou Ethan com sua cabeça. — Se eu tivesse a intenção de te machucar, não teria sido capaz de deter a espada.

Assenti, perguntando-me se talvez eu fosse capaz de absorver todo o enredo da magia Fae. E perguntando-me sobre isto, fez eu me lembrar do meu próprio feitiço, o ataque desesperado que eu havia lançado sobre Grace. Meu primeiro pensamento tinha sido que este havia falhado completamente, mas agora não estava tão certa disso.

Meus olhos baixaram para o corpo de Grace, mesmo não tendo nenhum desejo de vê-lo.

Felizmente, a parte superior de seu corpo e a sua cabeça cortada estavam ocultos em alguma parte das sombras. Meu asco aumentou de qualquer forma e eu rapidamente afastei os olhos.

Era aterrador quão bem Arawn podia me ler. Ele responder a pergunta que eu não estava disposta a colocar em palavras.

— Nunca encontrei antes magia como a sua. — ele disse. — Sou muito mais velho do que sua tia Grace e ainda assim nunca ouvi falar de tal poder.

— Hmm, que poder seria esse, exatamente?

— É uma suposição, eu diria que você de alguma forma a tornou mortal.

— O que? — gritei. Até Ethan e os Caçadores pareceram se assustar com isso.

— Sua conexão com a magia estava completamente danificada quando você lançou o feitiço. — explicou o Erlking. — Seu feitiço ativo morreu e ela parecia incapaz de lançar outro, apesar de seu considerável poder. A ferida que Ethan lhe infringiu era séria, mas não fatal, não para um dos Sidhe. E a evidência sugere que podia ter matado ainda que eu mesmo não tivesse lhe dado o golpe de misericórdia.

Se realmente era isso o que eu havia feito, então eu era até mesmo mais ameaçadora para as Rainhas de Faerie do que elas sabiam. Como se elas precisassem de mais uma razão para me matar! Ter o poder para tornar um Fae imortal em mortal...

Tentei não deixar que os meus pensamentos transparecessem em meu rosto, mas o Erlking não tinha vivido tanto tempo como havia vivido sem aprender uma ou duas coisas sobre ler a pessoas. Ou talvez fosse só que ele estava pensando a mesma coisa.

Ele baixou os olhos para mim com uma expressão que era tanto sério como ligeiramente sinistro.

— Existem algumas coisas que você deve ter em mente se ficar tentada a usar esse feitiço em mim. Você o lançou desta vez em um momento de extremo estresse.

Quão segura você estaria de que seria capaz de lançá-lo duplamente? Não é exatamente algo que você possa praticar, a menos que você seja muito mais cruel do que aparenta.

E, é claro, apenas porque este funcionou em sua tia Grace não é garantia

de que funcionaria em mim. Eu não sou Sidhe.

— Se você não é Sidhe, o que é? — perguntei, mesmo que dificilmente essa fosse a pergunta mais importante para fazer nesse momento.

Um canto de sua boca se curvou para cima.

— Eu sou Erlking. Sou o único de minha espécie. — de alguém mais isso poderia ter parecido arrogante, mas Arawn o apresentou como a simples constatação de um fato, sem traço de orgulho em sua voz.

— Estou segura de que tanto seu mundo como o meu estão agradecidos. — eu disse e ele riu novamente. Parecia me achar divertida, considerando que estávamos no processo de discussão de como eu podia ser a sua *criptonita*, a única pessoa no universo que realmente podia ser capaz de matá-lo.

Novamente, ele pareceu ler os meus pensamentos.

— Não tenho medo de você, Faeriewalker. Você não tentaria me destruir por maldade e eu não me colocaria a sua disposição para me dar uma boa cauda para que você desenrole seus poderes sobre mim. Além do mais, se você tentar e falhar, então se unirá a minha Caça porque isso constituiria um ataque.

Na verdade acreditei que não ele não estava preocupado e infelizmente, pensei que seu raciocínio foi no ponto. Eu poderia ter desatado esse feitiço sobre Grace se não estivéssemos no calor da batalha? Mesmo o quanto eu a odiava, eu poderia tê-la matado a sangue frio? Eu duvidava.

— Agora venha. — ele disse. — Vamos te levar para casa.

Estava mais que pronta para sair dali, para me afastar do sangue e dos corpos.

Pensei que certamente Ethan ia vir conosco, depois de tudo, o Erlking tecnicamente não havia lhe ordenado ir para casa, mas ele murmurou alguma desculpa e se afastou, levando sua lanterna antes que eu tivesse a chance de protestar.

Arawn retirou uma do corpo de Fred, entregando-a a mim antes de lançar um feitiço de luz que fez com a lanterna acendesse. Depois colocou a mão sobre meu ombro para me guiar para frente enquanto seus Caçadores

juntavam os corpos. Ele cruzou na primeira esquina que encontrou e eu suspeitei de que foi mais para me afastar da carnificina do que para pegar o caminho que precisávamos ir.

— Se você puder apenas me levar até algum lugar que eu reconheça, posso usar seu feitiço. — eu disse. — Como desejava ter feito em primeiro lugar.

— Não é necessário. — ele disse. — Eu te levarei durante todo o caminho.

Fiz uma parada.

— Não, você não fará isso. Ninguém sabe que eu saí da minha casa de segurança e isso vai ficar desta forma.

Arawn se virou para me enfrentar com uma sobrancelha erguida.

— Então seu plano não é dizer a ninguém sobre a morte de Grace e sua participação nela?

Senti meus olhos se arregalarem.

— Oh, diabos que não! As pessoas já estão alienadas em volta do quarteirão querendo me matar. A última coisa que eu preciso é lhes dar ainda outra razão, sem mencionar que o meu pai ficaria completamente louco se soubesse que eu fugi. — e considerando o que quase havia me acontecido por causa disso, ele estaria perfeitamente justificado.

— Você subestima suas próprias forças. — disse Arawn e eu poderia ter jurado que ouvi admiração em sua voz. — Você não é tão fácil de matar.

— Eu teria sido carne morta se você não tivesse se apresentado esta noite.

— Mas eu o fiz. E já te disse que não deixarei que ninguém te machuque. Seu poder consiste não só no que pode fazer por si mesma e sim no que outros podem fazer por você. Não sou uma má pessoa para ter ao seu lado quando as duas Rainhas de Faerie desejam a sua morte.

— Sim, bem, eu não sou tão boa contando com os outros. — não sei o que me moveu a ser tão franca com ele. Uma pessoa inteligente seria extra

supercuidadosa em relação a cada palavra que sai de sua boca quando fala com alguém como o Erlking, mas eu estava conversando com ele como se nós fossemos melhores amigos.

Ele assentiu, concordando.

— Você sempre deve contar com você mesmo primeiro, mas sem esquecer os seus amigos e aliados.

Encontrei-me com seus olhos azuis, azuis.

— Mesmo os aliados que me tomam por boba e planejam me matar uma vez que eles consigam o que querem?

Ele não se intimidou diante do meu olhar.

— Eu nunca planejei te matar. Só porque seja capaz de fazer uma coisa não significa que vá fazê-la. Como que para te enganar...

— encolheu os ombros. — Você fez um trato com o único e verdadeiro Rei de Faerie. Possivelmente não pode ter esperado sair ilesa disso. De fato, sei que você não esperava. Joguei minha parte e você a sai. E por mais que você sinta que eu te enganei, liberei Ethan da Caça.

— Mas não o liberou de si mesmo.

— O que é uma coisa boa. — ele retrucou. — Nesta noite alguém mais teria terminado muito diferente.

Deixei meus ombros caírem, cansada de discutir.

— Conclusão, você não vai me deixar voltar escondida para casa e manter tudo sob os panos, certo?

Arawn apoiou as costas contra a parede, cruzando os braços sobre o peito. Seus olhos olhavam para longe como se estivesse pensando muito sobre algo. Parou assim por um bom minuto, longo suficiente para que o silêncio começasse a atacar meus nervos.

— Você não é da Caça Selvagem. — ele finalmente disse. — Não cabe a mim julgar se você deveria ou não compartilhar suas...

aventuras com seus guardiões. Mas como seu aliado eu posso te

aconselhar e meu conselho é que você não mantenha tantos segredos com aqueles que têm o poder de te ajudar. Seu pai e seu guarda costas são bem substanciais e você faria bem em não manter coisas em segredo, coisas que poderiam destruir sua confiança em si mesma quando, inevitavelmente, a verdade vier à tona.

Infelizmente, eu temia que fosse um pouco tarde para isso. Finn havia me perdoado por fugir com Keane e havia me feito um enorme favor de não dizer ao meu pai. Mas, se ele soubesse que eu havia saído furtivamente mais duas vezes depois disso, teria ficado enormemente desiludido comigo. O mais provável é que ele nunca confiaria em mim de novo.

Também, provavelmente, diria ao meu pai sobre o primeiro incidente e isso causaria todo tipo de problemas. Papai estaria irritado comigo, claro, mas aposto que também estaria irritado com Finn por ele não lhe dizer em primeiro lugar e com Keane por ser meu cúmplice. E não vamos nem mesmo falar sobre do que pensariam se soubessem sobre minha magia!

Podia ver totalmente o ponto de Arawn de que manter tantos grandes segredos deles poderia voltar a chutar meu traseiro. Mas havia cruzado o ponto de *sem volta* faz tempo e se eu ia ter sequer um pouco de liberdade, teria que manter esses segredos escondidos.

— Não posse deixá-los saber que eu fugi. — disse a Arawn. — Por favor, só me guie na direção correta e me deixe usar o feitiço para escapar de volta.

Ele franziu o cenho como se estivesse aborrecido com minha decisão. Então encolheu os ombros.

— Muito bem, se é isso o que você quer.

— É sim. — eu disse.

No último momento, eu podia ter jurado que peguei um brilho de satisfação nos olhos de Arawn e me ocorrei que ele podia estar me enganando de novo. Mas eu estava muito cansada e atormentada para me importar, portanto só o deixei brilhar.

27

Enquanto o Erlking me guiava através do labirinto de túneis retorcidos, ficamos quietos sem conversar. Em nenhum momento ele demonstrou dúvida sobre o caminho, enquanto que eu não estava muito segura da diferença entre um túnel ou outro.

De repente, o túnel em que estávamos passando foi ficando aceso, e logo cheguei a um terreno familiar, a entrada que geralmente era usada para ir até a cidade. Dali em diante, poderia encontrar com facilidade o caminho para casa de segurança.

Tirei do meu bolso o feitiço do Erlking. Queria desesperadamente chegar a casa, na calma e segurança da minha cama, mas para dizer a verdade, não queria mergulhar no escuro, sozinha.

— Não tenho que te deixar aqui. — disse Arawn, mais uma vez lendo os meus pensamentos.

— Eu posso te acompanhar e posso anunciar a mim mesmo como seu guarda costas.

Respirei profundamente para reunir a coragem.

— Eu aprecio seu gesto, mas posso ir sozinha a partir daqui. Estarei em casa em alguns minutos.

Ele sorriu e sacudiu a cabeça.

— Tão apegada a sua independência.

Sim, eu concordei. Essa era eu. Mas eu tinha o pressentimento que se eu me deixasse me acovardar agora a andar sozinha pelos tuneis, talvez tivesse problemas de abandonar os meus medos.

— Obrigada. — eu disse, apesar de que as palavras pareciam desconfortáveis em relação ao Erlking.

— Você salvou a minha vida esta noite. Não me esquecerei disto.

Ele recusou a minha gratidão com um gesto.

— Não precisa agradecer por eu agir por conta própria a favor dos meus próprios e melhores interesses. — ele disse, e eu me lembrei que ele não tinha me salvado para o meu próprio bem, ele me ajudou para colocar a situação em uma nova perspectiva.

Abri o broche, expondo a agulha fina. Era só a terceira vez que eu usava o feitiço, mas eu estava me sentindo mal de me cortar. Mesmo assim eu o fiz.

Quando eu tinha usado o feitiço antes, não havia nenhum sinal exterior do que tinha acontecido, nenhum zumbido mágico que me fizesse saber que ele estava funcionando. Desta vez, no entanto, senti um zumbido debaixo do meu ombro esquerdo, um zumbido que rapidamente se tornou uma picada. Levantei meus olhos para o Arawn com medo. Ele me cercou e tomou minha mão, dando um apertão firme.

— Passará em um momento. — ele disse docemente enquanto a picada se intensificava e trazia lágrimas para os meus olhos.

— O que você me fez? — perguntei atrás dos dentes apertados. Havia uma acusação na minha voz, mas mesmo assim eu estava apertando a sua mão como se essa fosse a minha salvação.

— Nada que você deva ter medo. — ele respondeu e a dor desapareceu tão rápido como tinha começado.

Eu finalmente acordei para o fato de que estava segurando a mão dele e a soltei com um puxão, dando um passo para trás.

— O que você me fez? — perguntei de novo e desta vez quase como um grito. Depois de tudo que eu havia passado nesta noite, tinha começado a pensar que já tinha usado toda a adrenalina disponível no meu corpo, mas meu impulso rapidamente me provou o contrário.

Ele levantou as mãos num gesto de paz.

— Nada terrível, eu te garanto. Algumas das magias mais complexas podem ser utilizadas pelo sangue e o Poder de Três. Agora você ativou o encanto pela terceira vez com o uso do seu sangue e isso ativou o feitiço secundário que eu coloquei no fecho do broche.

Merda, merda, merda! O bastardo me enganou de novo! Medo e raiva

lutavam dentro de mim enquanto esperava que o Erlking me explicasse o que ele tinha feito.

— Você vai descobrir que agora tem a minha marca no seu ombro. Não tem o mesmo poder que a marca que meus Caçadores têm, mas me permitirá te encontrar onde você estiver. Não no mundo mortal, lógico, mas pelo menos em Avalon ou em Faerie.

Abri minha boca, para xingá-lo por todos os nomes sujos que eu conhecia e por mais alguns outros, mas ele me surpreendeu a fazer silêncio colocando seus dedos contra os meus lábios.

— Não é um feitiço mal intencionado, Dana. Se alguma vez você precisar de ajuda, simplesmente alimenta sua marca com um pouco de magia, que eu irei até você o mais rápido possível. Nem sempre posso contar que o Ethan esteja do seu lado para me alertar que você está em algum tipo de perigo.

Eu empurrei minha cabeça para o lado e ele deixou cair seu dedo.

— Está me dizendo que isso é para o meu próprio bem? É isso que você está me dizendo?

— É uma maneira de falar.

Bufei e sacudi minha cabeça, desgostosa comigo mesma por acreditar tanto. Sentime muito vulnerável quando soube que ele sabia onde eu morava e poderia chegar ali, mesmo com todas as minhas proteções, mas isso era muito, muito pior. Eu nunca poderia escapar dele, nunca poderia me esconder, o instinto me dizia que um dia eu precisaria.

— Você estava tão convencido que era para o meu beneficio que decidiu fazê-lo sem me dizer o que aconteceria se eu usasse o broche pela terceira vez.

— Não sou idiota e você também não.

Esse ponto era discutível, tanto que eu estava preocupada.

— Esse feitiço não é malicioso, você pode usá-lo em seu beneficio. Sua Tia Grace foi só uma ameaça menor comparada com os seus verdadeiros inimigos. Posso te ajudar contra eles se você precisar. Mas não fingirei que o

feitiço também não é útil para mim, sei que você não teria usado o broche pela terceira vez se soubesse o que aconteceria.

Ele tinha razão sobre este último, isso era lógico. Eu me senti como um cachorro a quem acabaram de implantar em microchip. Talvez no futuro, eu me lembraria de ter cuidados com os presentes de transporte dos Reis Faerie. Eu segurei o broche, por um momento eu pensei que ele iria pegá-lo como eu esperava. Mas em vez disso, envolveu meus dedos ao redor dele mais uma vez.

— Funcionará como sempre. — ele disse. — E não tem outro feitiço para ativar.

— Sim. E você acha que eu vou acreditar?

— Quando você me pegar em uma mentira, você tem permissão para duvidar da minha palavra. Mas eu não menti nenhuma vez, exceto por omissão e nunca vou mentir.

— OK, se o broche funcionará como sempre. Então como você consegue me ver?

Ele estava se divertindo.

— Porque você está usando minha própria magia. Não funciona contra mim, apesar de funcionar com meus Caçadores e contra o Ethan.

Wow. Informações voluntárias. Obviamente, ele estava muito ansioso para que eu ficasse com seu estúpido presente.

Eu queria permanecer firme, decidir que nunca cometeria o erro de acreditar em nada do que ele me dissesse de novo. Queria jogar o broche no chão, a seus pés e em seguida sair de cabeça erguida.

O problema era que eu não podia suportar ir sem ele. Ele era o meu bilhete para a independência, pelo menos o mais parecido que eu teria dela. Sem ele, nunca seria capaz de deixar minha casa de segurança de novo sem os guarda costas ao meu lado e essa não era a maneira que eu queria viver minha vida.

Olhei para ele, só para ele saber o quando infeliz eu estava com toda essa situação, logo voltei a colocar o broche no meu bolso. Ele assentiu

ligeiramente, mas não disse nada, enquanto ele virava as costas e ia pelo túnel que me dirigia para casa.



Cheguei em casa sem nenhuma outra aventura, graças a Deus. Cheguei depois das duas da manhã e o Finn estava deitado no sofá. Dormia encarando a entrada, eu tinha certeza que ele despertaria com mais leve som, mas o broche do Erlking me permitia entrar sem acordá-lo.

Uma vez que eu estava de novo em minha própria casa, queria entrar em colapso na cama e dormir por uma semana, mas não podia resistir a urgência de ver a marca do Erlking no meu ombro. Tirei meu suéter e a camisa, logo eu estava no banheiro, parada de costas para o espelho, girando minha cabeça para conseguir ver.

A marca era menor que as que usavam nos Caçadores, mas era idêntica, um estiloso cervo a meio salto. Se eu não soubesse o que é ou o que significava, quase diria que era bonita.

Nunca iria ativá-la, decidi. Não podia a fazer desaparecer e eu não podia fazer que deixasse de ser um farol para o Erlking, mas isso não significava que eu tinha que usá-la.

Na verdade, se eu pudesse evitar ter que vê-lo ou falar com ele de novo, isso seria o melhor que poderia acontecer. Eu não tinha defesa contra sua astúcia, não importa o quão cuidadosa e precavida eu pensei que fosse. Se eu não podia me defender dele, então o melhor que eu podia fazer era evitá-lo.

Mas evitá-lo era mesmo uma boa ideia? Ele era de longe o meu aliado mais poderoso, mesmo seus motivos estando longe de ser puros. Inclusive os Reinos Faerie tinham medo dele, enquanto ele quisesse algo de mim e tivesse esperanças de conseguir, ele me defenderia com o melhor de suas consideráveis habilidades. Lógico, que eventualmente ele se daria conta de que eu nunca daria o que ele queria, e sua máscara de pseudoamigo

desapareceria e ele me enfrentaria como no Pesadelo de Faerie.

Eu não consegui pensar em nenhuma resposta satisfatória. A falta de respostas não parou de fazer minha mente girar, quando subi na minha cama e tentei dormir, os giros aumentaram.

Foi quando eu estava me sacudindo, girando e me sentindo miserável que realmente comecei entender tudo o que Grace tinha me dito com a intenção de me torturar antes de me matar.

Grace tinha idade o suficiente para se lembrar dos tempos antes que o Erlking tivesse feito o acordo com os Reinos. Igual o meu pai. A Tia Grace era capaz de falar que sabia o que o Erlking queria de mim, uma maneira de me enganar para eu lhe desse minha virgindade. Igual o meu pai. A Tia Grace sabia exatamente o que eu tinha prometido para o Erlking em troca da liberdade do Ethan. Igual o meu pai.

Ela tinha estado tão empenhada em obter a sua vingança que só me matar não seria o suficiente. Para me fazer a mais miserável possível e me sentir uma completa idiota, ela tinha quebrado os laços com a Corte Seelie só para que pudesse me dizer o poder secreto do Erlking. E era nisso que ela e meu pai eram diferentes.

Sabendo o que estava em jogo, sabendo o tipo de perigo em que eu me encontrava, nem assim ele esteve disposto a romper com sua preciosa Corte Seelie para me advertir.

No lugar disso, permaneceu com suas vagas e inúteis advertências acerca de como não devia fazer o que o Erlking queria, advertências que foram tão vagas que foram muito fáceis de ignorar.

Com certeza, que mesmo sem nenhuma advertência do meu pai, eu sabia desde o começo que o meu trato com o Erlking teria algo mais do que eu pudesse simplesmente ver e eu não teria a intenção de seguir com o trato sem antes averiguar suas ramificações. Ele também garantiu, que meu pai não sabia que mesmo me mantendo debaixo da sua guarda por vinte quatro horas por dia não seria o suficiente para me impedir de ver o Erlking. Talvez meu pai eventualmente tivesse decidido que não teria outra opção senão contar seus vínculos com a Corte para assim poder me dizer o que eu precisava saber. Mas eu não esqueceria, não podia esquecer que, pelo menos dessa, vez

ele tinha decidido me deixar na ignorância.

Agarrei-me a crença de que meu pai me amava, me amava por outras razões além do que eu podia fazer por sua carreira política. Mas ele não era só um Fae, era um Fae antigo e os Faes antigos em particular tinham um sistema de valores muito diferente de nós, meros mortais. Jurei que nunca mais permitiria a mim mesma esquecer isso.

28

Levando em conta os últimos acontecimentos e a reviravolta que eu tinha tido essa noite nos túneis, minha boa vida quase imediatamente voltou ao normal, pelo menos o que era normal nos dias de hoje.

Houve algumas alterações, é claro, como uma pequena troca de roupas para suprir a minha necessidade de manter a marca do Erlking escondida o tempo todo. Não podia mais treinar com o Keane vestindo apenas uma camiseta. Pelo menos em Avalon nunca esteve calor o suficiente para me vestir assim. Se Keane percebeu que minhas roupas estavam diferentes, ele não fez nenhum comentário sobre isso. Ele foi tão grosseiro e desagradável como sempre e quando fiz uma tentativa de suavizar a nossa última discussão, ele me fez cair de joelhos. Isso é típico dos meninos, não querer falar.

Para falar a verdade, foi bom para mim.

Havia muito mais significado do que apenas uma aventura quando o Erlking fez uma visita pessoal ao meu pai. Eu não estava ali para vê-lo, mas depois minha mãe me contou. Ela alegou que nossa briga nunca aconteceu e eu esta feliz com isso. Havia um montão de coisas que eu havia feito desde que eu vim morar em Avalon que me deixavam culpada, mas forçar minha mãe a ficar sóbria não era uma delas.

Arawn informou ao meu pai sobre a morte da Tia Grace. Segundo minha mãe, meu pai recebeu a noticia com um típico sentimento Fae, ainda que sem dúvida ele estava aliviado e entristecido. Apesar de tudo, Grace era sua irmã.

Minha mãe não escutou toda a conversa, mas parecia que de alguma maneira, Arawn logo convenceu meu pai de que não havia perigo na Caça Selvagem. Eu acho que não foi tão difícil. Depois de tudo, meu pai sabia o que o Erlking queria, sabia que eu teria que estar viva para dar e ele também cuidaria para me manter viva com os seus os melhores interesses Erlking.

E o resultado de tudo isso é que eu nunca mais terei que fazer nada grandioso para deixar minha casa de segurança. Mas tenho que levar o Finn comigo aonde eu quiser ir, mas não tenho que pedir permissão para o meu pai e não tenho que me reunir com um segundo guarda costas. Sentime

positivamente liberta. Espantada em como meus critérios tinha mudado desde que eu vim para Avalon.

Inclusive com a minha nova “liberdade”, era um pouco estranho, procurei uma maneira de ficar sozinha com o Ethan durante um tempo, porque ele e eu precisávamos conversar. Eu tentei ligar para ele algumas vezes, mas ele sempre parecia estar no meio de alguma coisa e não podia ficar no telefone por muito tempo. Eu tinha certeza que ele estava mentindo, mas eu não queria começar nossa séria conversa com acusações.

Havia um monte de razões para ele não querer ter nada comigo, agora que sabia sobre o meu contrato com o Arawn, mas eu precisava esclarecer as coisas entre nós de alguma maneira. Apesar de que ele não era e agora nunca poderia ser meu namorado, não tenho como negar sua importância na minha vida.

No final, resolvi que a melhor maneira de fazê-lo falar seria ir mais uma vez na sua casa. Considerei brevemente utilizar o broche do Erlking, mas eu tinha uma sensação desconfortável e não queria que o Ethan soubesse sobre ele. O que significava que eu teria que aguentar o Finn por um tempo. Realmente, não dei uma boa olhada no apartamento do Ethan quando eu estive lá pela ultima vez, mas eu supus que seria igual quando eu fui ver a Kimber e o único lugar em que poderíamos ter uma conversa em particular era no seu quarto. Eu não tinha certeza se Finn viria, mas me lembrei de quando eu e o Ethan fomos ao cinema e Finn foi com um rifle, ele não tinha outra escolha.

Liguei para Kimber, antes de ir e pedi para ela confirmar se Ethan estaria em casa. Estava feliz por ela não me forçar a falar, Ethan não tinha dito pra ela o que tinha descoberto sobre o meu pacto com o Erlking. Ela pensava que eu estava sob um geis para não falar disso. Esse era outro segredo que poderia voltar e me morder. Kimber vai ficar muito triste comigo se alguma vez descobrir a verdade.

Cheguei à casa do Ethan em uma típica tarde de verão em Avalon. O que significava que o dia era cinzento, frio e sombrio. Finn me deu um olhar de desaprovação quando percebeu que eu estava ali para visitar o Ethan e não a Kimber, mas ele não era todo paternal comigo e não poderia começar a me dar ordens.

Kimber devia estar me olhando por que a porta se abriu quando a metade da campainha do Ethan ainda estava tocando. Ela não disse nada, só me deu um sorriso de incentivo e disse.

— Boa sorte!

Gostei do seu ânimo, mas senti outra pontada de culpa. Sem dúvida ela pensava que eu estava ali para tentar animar o Ethan depois de sua terrível experiência com a Caça Selvagem.

Com certeza, ele agora não estava agindo tão normal como antes de encontrarmos com a Tia Grace.

O olhar que ele me deu quando abriu a porta foi tão neutro, que doeu.

Levantei meu rosto e me forcei a enfrentá-lo.

— Oi! — eu disse, depois quis me bater por ser tão rancorosa. Parecia indefesa quase assustada. Tá bom, então talvez eu fosse, mas isso não significava que eu tinha que demonstrar.

— Eu posso entrar?

Ethan olhou rapidamente para Finn, mas ele tinha que saber que nós éramos um único pacote.

— Sem dúvida. — ele disse soando tudo, menos emocionado.

Eu tinha que me lembrar que eu não tinha feito nada de errado. Nada para ganhar seu tratamento frio, pelo menos. Era difícil encará-lo agora que ele sabia os termos do meu trato com o Erlking e eu não podia deixar de me sentir um pouco como uma vagabunda, mas ele sabia que eu tinha feito isso por ele. Não tinha que gostar, mas deveria, pelo menos, estar um pouco agradecido.

Finn e eu entramos no apartamento. Ethan me levou para a sala e Finn ficou parado na porta. Mais uma vez fazendo o melhor para me dar um pouco de privacidade.

Mas um pouco de privacidade não era o suficiente, não para esta conversa. Encarei o Finn, me perguntando o quão difícil isso seria.

— Ethan e eu temos algumas coisas que temos que falar em particular,

existe alguma possibilidade de que você possa aguardar do lado de fora? — eu disse.

Eu estava pensado em usar uma página do livro do Erlking, pedindo algo que eu esperava não ter que pedir um segundo favor, que me deixasse entrar no quarto do Ethan, isso soaria muito mais razoável. Finn me surpreendeu concordando.

— Eu vou esperar lá fora. — ele fixou um olhar penetrante no Ethan.

— Tenho certeza de que você se irá se comportar como um cavaleiro.

Os olhos do Ethan se arregalaram e ele ergueu as mãos em um gesto de inocência.

— Tranquilo. Não tenho ideias engraçadas.

Finn parecia satisfeito com ele, saiu pela porta e me deixou sozinha com o Ethan.

Eu me sentei no sofá, pensando em como começar essa conversa.

— Você gostaria de beber alguma coisa? — ele perguntou, sem nem me olhar.

— Não! — eu disse mais bruscamente do que era minha intenção.

— Eu gostaria que você se sentasse e conversasse comigo.

— Tá bom.

Em vez de se sentir do meu lado do sofá, ele se sentou no extremo do sofá com uma postura inflexível e formal. Este é realmente o cara que eu tinha beijado tão apaixonadamente alguns dias atrás? Ele parecia esperar duramente para escapar de mim. Eu não conseguia decidir se eu estava mais magoada ou com raiva. Com certeza, as duas coisas.

— Então, você vai me tratar a partir de agora como uma espécie de leprosa? — perguntei como esperança de que minha voz mantivesse o mesmo nível.

— Não estou te tratando como uma leprosa.

Woo. Foi um argumento convincente e só tinha me dado mais uma tonelada de quentes confusões.

— Você não me olha, não fala comigo e está sentado o mais longe possível de mim. — assinalei.

Com um gemido de frustração, ele se virou para mim, mas não se moveu do lugar.

Seus olhos que geralmente eram tão quentes e animados estavam gelados.

— Me perdoe por ser tão triste, mas eu descobri que minha namorada prometeu dormir com outro homem.

Olhei para ele.

— Eu não sou sua namorada. — disse, ainda que o protesto soou tão fraco, até mesmo para mim. Considerando que nossos últimos passeios tinham incluído algumas medidas de nudez o que certamente faria sentido se ele tivesse pensado em mim dessa forma, mas eu não estava totalmente convencida que era verdade.

Ethan virou os olhos.

— Se você descobrisse que eu tinha prometido dormir com outra garota, você não ficaria absolutamente incomodada?

Senti a cor inundando minhas bochechas. Eu não podia argumentar seu ponto, não depois de ter ficado com tanta raiva só porque ele dançou com outra garota.

Desta vez, era eu quem estava com problemas em manter contato com seus olhos.

— Você sabe por que eu fiz isso. — Sussurrei, olhando para minhas mãos que estavam apertadas no meu colo.

— Você seria mais feliz se eu tivesse deixado o Erlking te manter preso com ele?

— Eu não sei! — e ele me disse isso assustado o suficiente para eu olhar para ele surpreendida.

— Você não sabe? — Meu coração se apertou em meu peito.

— Você está me dizendo que eu fiz o que fiz por nada? — minha voz aumentou, ficando mais aguda.

— Eu fiz isso, então eu tenho que ficar virgem para o resto da minha vida e você não está agradecido, você está com raiva de mim e não suporta me olhar.

A mágoa e a ira combinada começaram a sair. Era muita coisa para eu absorver o que atualmente era uma boa coisa, porque por isso era impossível que eu chorasse agora. Meus olhos chorariam mais tarde, mas eu não iria fazer isso na frente do Ethan.

— Não estou com raiva de você. — protestou furiosamente.

— Vai para o inferno. Eu fui uma idiota por vir aqui. — eu comecei a me levantar de forma assustadoramente semelhante ao nosso último encontro no seu apartamento.

Ethan segurou meu braço para evitar que eu fosse embora.

— Se vamos falar sobre isso, então poderíamos falar com calma? — disse ainda parecendo irritado.

Eu queria sair correndo dali e atuar como se eu nunca tivesse vindo. Ethan sempre foi muito bom para mim, como eu poderia enfrentá-lo e eu deveria saber que com os recentes acontecimentos seria ainda pior.

— O que ainda temos para falar? — perguntei amargamente.

— Você pensa que eu sou de alguma classe de vagabundas porque eu me preocupei o bastante com você para fazer alguma coisa só para que o Arawn te deixasse livre. Não sinto pelo que eu fiz, mas sinto porque é isso que você pensa de mim, então não quero falar mais nada com você.

Tentei de novo me levantar do sofá, mas Ethan não me deixou ir.

— Será que pode parar um pouco? — perguntou, sua voz um pouco mais tranquila, mas ainda parecia ter que fazer um grande esforço.

— Você está colocando as palavras na minha boca.

— Não preciso que você me diga essas palavras para eu entender a mensagem. Se você pudesse ver a sua cara agora mesmo, você saberia. Estou entendendo alto e claro.

— Alto, talvez, mas obviamente não claro. Permita-me explicar de novo: não estou com raiva de você. — disse com um suspiro.

Abri minha boca para protestar, mas ele falou por cima de mim.

— Para de se fazer de idiota! Estou com raiva de mim e não de você.

Aquilo me surpreendeu o bastante e o suficiente para eu me calar.

Ethan largou meu braço e depois colocou a mão no cabelo, provavelmente, arrumando alguns fios fora do lugar.

— Você não vê, Dana. Eu cai em um truque estúpido do Erlking.

Estava tão cheio de mim e tão ansioso para te impressionar, que tive que saltar e jogar como um herói, quando eu deveria ter feito muito melhor. E devido a esse erro estúpido, agora me vejo unido para sempre com ele e você está presa a um trato com o demônio. Grande forma de salvar o dia, né?

Ele estava tão chateado que se afastou de mim, para dar um golpe no braço do sofá. O lado bom foi que o sofá estava fortemente acolchoado, senão ele poderia ter quebrado a mão.

Minha ira e dor se aliviaram, quando considerei tudo o que ele tinha dito.

Suspeitei que ele não estivesse dizendo toda a verdade, quando disse que não estava magoado comigo, mas eu pensei que isso era totalmente estúpido. Eu engoli de volta algumas emoções e respirei profundamente em busca de mais calma.

— Se não fosse por você, eu estaria morta há semanas, quando minha tia Grace me jogou no poço. — assinalei.

Ele encolheu os ombros.

— Então eu fiz uma coisa boa, mas eu fiz muito mais coisas ruins para me sentir bem sobre isso.

Vacilando, coloquei minha mão em seu ombro e lhe dei um apertão.

— Você sabia que até agora, eu e a Kimber nos culpamos pelo Erlking ter te capturado?

Ele piscou para mim, surpreso.

— O quê?

— Eu me senti mal, porque se eu não tivesse vindo para Avalon, você nunca teria se colocado nessa posição. Kimber se sentia mal porque foi ideia dela nos sentarmos fora do pátio e de nos deixar sozinho. Não me surpreenderia se meu pai e o Finn também se culpassem. Depois de tudo, se eles estivessem mais próximos em vez de tentarem ser agradáveis me dando em pouco de espaço a Caça Selvagem não poderia nos separar como fizeram. Talvez todos nós tivemos alguma culpa nisso tudo.

Ethan pensou sobre isso por muito tempo antes de continuar e deixou escapar um longo suspiro.

— Tudo muito razoável, mas isso é mais fácil de dizer do que de fazer. — ele concordou.

Mostrei um fraco sorriso.

— Me fale sobre isso.

Finalmente ele sentou do meu lado no sofá, em seguida, colocou seus braços em volta de mim e me puxou para mais perto. Fechei meus olhos e aspirei seu cheiro.

Durante alguns minutos fui capaz de me perder no sensual prazer de ser abraçada. A dor e a raiva que tinham se instalado mim foram diminuindo, deixando algo vagamente parecido com a paz. Sabia que seria de curta duração, mas me deleitei com isso de todas as formas.

O rosto do Ethan encostava na parte de cima da minha cabeça.

— Tem certeza de que não é minha namorada? — ele perguntou suavemente.

Essa pergunta fez a minha barriga se mexer agitadamente, mas também dissipou a paz que eu estava sentindo. Afastei-me dos seus braços, assim eu

poderia olhar para o seu rosto.

— Eu não sou tão boa como namorada nos dias de hoje. — eu disse.

Ethan sorriu. Havia calor no seu sorriso, mas não o mesmo calor que havia antes do Erlking o ter capturado. Agora seu sorriso era maior e, de alguma fora, mais triste.

Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Sou eu quem tem que julgar isso. E eu acho que você faz esse papel muito bem.

Minha garganta se apertou com saudade.

— Você diz isso agora, mas nós temo que ser realistas. Eu não posso estar… de todas as formas com você. A menos que eu esteja disposta a saltar na cama com Arawn primeiro e isso é justamente o que não vai acontecer.

— Não, isso não vai acontecer. — Ethan concordou com os dentes cerrados.

— Quanto tempo você pode realmente ficar com uma garota que não pode dormir com você?

Ele ficou com uma expressão obstinada.

— O sexo não é tudo.

Eu realmente acreditava no que ele estava dizendo. Mas também acreditava que eventualmente ele se frustraria e mudaria de opinião. Ele já tinha demonstrado que não estava disposto a me esperar, mesmo quando eu ainda não tinha o trato com o Erlking pairando sobre a minha cabeça. Não importa quantas vezes o Ethan tinha me dito que a Tiffany não importava, mas sempre me lembro da forma sexual como os dois dançaram juntos na festa da Kimber. Ethan tinha estado comigo alguns dias antes e tinha atuado como se eu fosse o amor da sua vida, mas nem isso o tinha parado e ele ficou numa dança lasciva com ela. Esse não era o comportamento de um cara que está satisfeito com uma relação condenada a permanecer sem sexo. Se eu me apaixonasse por ele, tudo seria mais difícil do que era, eu ficaria de coração partido.

Ethan colocou a mão em concha nas minhas bochechas.

— Não me deixe, por favor.

— Não estou de deixando, só...

.

— Então, me diz que vai me dar uma oportunidade. Vai me dar a oportunidade de te mostrar que você é pra mim mais importante do que o sexo. Prefiro ter você sem sexo, mais do todas as outras que eu já estive com sexo.

Suas palavras foram perfeitas, no entanto… eu tenho um coração realista. Não iria enganar a mim mesma acreditando que eu e o Ethan teríamos uma relação a longo prazo. Não importa o que ele me disse, eu sabia que ele não ficaria satisfeito para sempre com essas circunstâncias. Eu salvaria a mim mesma de um futuro de dor se eu pudesse encontrar coragem para terminar com tudo isso agora. Tudo o que eu teria que fazer era ignorar o desejo que o Ethan despertava em mim. Ignorar a forma como ele me olhava que fazia tremer meu coração e esquentar minha pele. Ignorar a realidade de ser intoxicada pelo amor de um menino que eu achava que estava fora das minhas possibilidades.

Não poderia fazer isso. Nenhuma quantidade de força de vontade ou senso comum poderia me convencer a dizer não para Ethan. Talvez eu não pudesse tê-lo para sempre. Mas eu poderia tê-lo por enquanto e teria que ser o suficiente.

Sem responder as suas palavras, me coloquei de novo em seu abraço e girei meu rosto para o seu. Seus ombros caíram de alivio e seus olhos brilharam com emoção. Ele baixou sua cabeça sobre a minha e quando nossos lábios se tocaram, todas as minhas preocupações e cuidados se perderam no fundo da minha mente onde eu poderia fingir ignorá-los. Prometi fazer do tempo em que estivéssemos juntos o melhor de todos e eu disse a mim mesma que eu iria inevitavelmente quebrar meu coração, sem me ferir muito, porque eu estava preparada para isso.

Talvez eu não seja tão realista, como eu gostaria de pensar.

Fim

Em breve: Sirensong.

Notas

[←1]

***Delirium Tremens**: Mudanças neurológicas ou mentais severas e repentinas que aparecem nos casos de abstinência.*

[←2]

Miss sushine.

[←3]

É uma raça canina oriunda do Reino Unido também conhecida por ser a mais rápida do mundo, chegando a atingir os km/h.

[←4]

Conhecido como o “boa noite cinderela”.

[←5]

Anel de Claddagh é popular entre os irlandeses tanto como símbolo de uma amizade e como aliança de noivado.

Table of Contents

Notas